

BENÍCIO DE MELO FILHO

**TURISMO E SUSTENTABILIDADE: ESTUDO DO
VIVAT FLORESTA PARK EM TIJUCAS DO SUL, PR.**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial a obtenção do título de Doutor em Ciências Florestais na área de concentração Manejo Florestal

Orientador: Prof. Dr. Sylvio Péllico Netto

CURITIBA

2006

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Benício e Izabel, por terem me ensinado os primeiros passos, a quem devo todos os meus momentos felizes e estímulo ao caminho de viver. À minha esposa, Lúcia, e aos filhos, Bruno Benício e Izabel Cecília, pelos sorrisos e felicidades de um novo amanhecer, dedico-lhes e agradeço.

*Velle est posse
Rerum omnium magister usus est.*

AGRADECIMENTO

Meu especial agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento do CNPq, pela oportunidade e pelo financiamento do trabalho realizado.

À Universidade Federal do Paraná (UFPR), em especial ao Curso de Pós-Graduação em Engenharia Florestal, pela oportunidade concedida.

Ao professor Doutor Sylvio Péllico Netto, pela oportunidade e confiança no meu trabalho, pela dedicação, pelo estímulo, pela compreensão e pela amizade sempre presentes.

Ao professor Doutor Marcos Aurélio T. da Silveira, pela colaboração e pelas sugestões apresentadas durante a realização do trabalho.

Ao professor Doutor José Manoel G. Gandara, pela compreensão e disponibilidade.

Ao professor Dr. Humberto Ângelo, que muito contribuiu com seu apoio acadêmico, pela dedicação, amizade e confiança desde o período de graduação, sempre incentivando a realização dos trabalhos.

À professora Dr^a. Izabel Cristina Bruno Barcelar Zanetti, por ser uma grande incentivadora, pelo dinamismo e pela dedicação na forma de educar e de tratar seus discípulos.

Aos colegas da Engenharia Florestal e aos funcionários, pelo auxílio nas informações e apoio estratégico no decorrer do curso de Doutorado.

Aos colegas de turma, Mário Menon, Marcos Vinicius Giongo Alves, Keila Mara e Francisca Dionizia, que muito colaboraram, nas discussões nas disciplinas e criação de idéias no desenvolvimento do curso, e especialmente ao Anselmo Cristiano, figura ímpolita e amiga desde a graduação na UnB.

Aos colegas do Vivat Floresta e ProAcção-PUCPR e CETAS, que forneceram toda a estratégia das atividades de campo com toda logística e apoio para as atividades de campo.

Ao funcionário Leandro, pelo fundamental auxílio na coleta de dados, na identificação dos locais e no serviço de condução, como motorista e guia na região.

Em especial, ao Sr. Sergius Erdelyi, que sempre acreditou no sucesso deste trabalho e esteve presente, pelo seu apoio e pelas informações.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

BIOGRAFIA

BENÍCIO DE MELO FILHO, filho de Benício de Alencar Melo e Isabel de Melo Lima, nasceu na fazenda São Luís, Campo Maior, Estado do Piauí, Brasil, no dia 4 de maio de 1949.

Concluiu o Curso Ginásial em 1969, no Colégio Agrícola de Teresina, e o Colegial em 1973, no Colégio Técnico Industrial Cilon Rosa, Santa Maria-RS.

Em 1975, mudou-se para Porto Alegre, onde exerceu atividades de comerciário, balconista e desenhista.

Em 1980, mudou-se para Brasília, onde ingressou no serviço público como nível médio.

Hoje exerce a carreira de Analista Ambiental do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, Sede, Brasília, Distrito Federal-DF.

Em 1985, iniciou o curso de Engenharia Florestal na Universidade de Brasília - (UnB), onde se graduou em 1990.

Em 1992, obteve o título de especialista em Elaboração e Análise de Projetos na Fundação Getúlio Vargas - Escola Brasileira de Administração Pública. Em março de 1994, fez especialização em Planejamento Energético para Desenvolvimento Sustentável na Universidade de Brasília-UnB, concluindo-a em abril de 1995; em 1999, nesta mesma Universidade ingressou no curso de mestrado na área de concentração em Gestão Ambiental, obtendo o título de “Mestre em Política e Gestão Ambiental” em fevereiro de 2000.

SUMÁRIO

	Pg.
LISTA DE QUADROS	vii
LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE FIGURAS	x
LISTA DE ANEXOS	xi
LISTA DE SIGLAS	xii
RESUMO	xv
ABSTRACT	xvi
1. INTRODUÇÃO	01
1.1 Justificativa	03
1.2 Objetivos	04
2. REVISÃO DE LITERATURA	05
2.1 Aspectos econômicos do turismo	05
2.2 Inventário turístico de base local	07
2.3 Etimologia e caracterização do turismo	09
2.4 Classificações e definições do turismo	10
2.5 Turismo e populações locais	13
2.6 Turismo rural	14
2.7 Turismo religioso	16
2.8 Política de turismo e desenvolvimento local	18
2.9 Rota turística e pontos turísticos	20
2.10 Pólos turísticos	21
2.11 Planejamento e implantação - Pólo turístico	22
2.12 Avaliação dos pólos turísticos	22

2.13 Histórico da formação local	25
2.14 Roteiro turístico histórico e cultural.....	27
2.15 O caminho dos Ambrósios.....	27
2.16 Características das tipologias florestais no âmbito regional	30
2.17 Teoria e sistemas integrados ao desenvolvimento do turismo.....	32
2.18 A segmentação do turismo - mercado turístico na atualidade	33
2.19 Instrumentos de medidas do turismo na economia	36
2.20 Turismo como sistema	37
2.21 A potencialidade do turismo religioso em Tijucas do Sul	38
2.22 A imagem do lugar.....	39
2.23 Características da paisagem rural e o potencial turístico.....	40
2.24 Políticas de Turismo no Estado do Paraná.....	42
2.25 O município de Tijucas do Sul	44
2.26 Interpretações de trilhas turísticas.....	47
2.27 Conhecendo as ervateiras.....	48
2.28 Matéria-prima: impactos e resíduos	48
2.29 Turismo e geração de resíduos	51
2.30 VIVAT Floresta para o turismo sustentável.....	53
3. CARACTERIZAÇÃO E PERFIL MUNICIPAL DE TIJUCAS DO SUL	56
3.1 Demografia	56
3.2 Educação.....	56
3.3 Renda	58
3.4 Estrutura etária da população.....	59
3.5 Articulação institucional.....	60
3.6 Políticas públicas em turismo.....	61
4. MATERIAL E MÉTODOS	62
4.1 Material utilizado na pesquisa de campo	62

4.2	Elaboração dos mapas	62
4.3	Área de estudos	66
4.3.1	As atrações do lugar	66
4.3.2	Geomorfologia	67
4.3.3	Aspectos naturais: flora e fauna	67
4.4	Amostra, variáveis e indicadores	70
4.5	Metodologia para identificação dos visitantes do museu.....	71
4.6	Variáveis e infra-estrutura	71
4.7	Análise da paisagem.....	72
4.8	Trilhas turísticas locais e regionais.....	73
4.9	Atrações naturais.....	74
4.10	Coleta de dados	75
4.11	Inventário da infra-estrutura turística e atrações locais	75
4.12	Estrutura geral do questionário	75
4.13	O cenário turístico do lugar	77
4.14	Método para a quantificação de hierarquia.....	79
4.15	Critérios de priorização	82
4.16	Hierarquização dos atrativos turísticos (VIVAT, Município e Região).....	84
4.17	Critérios de hierarquização	84
4.18	Principais igrejas de Tijucas do Sul e distritos.....	87
4.19	Caracterização das espécies da fauna	88
4.20	Resíduos da extração silvicultural - Casca de pinus	88
4.21	Casca de pinus bioestabilizada	88
4.22	Casca de pinus compostada.....	89
4.23	Humoativo	89
5.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	91
5.1	Dados estudados no VIVAT e Museu - Recursos Turísticos utilizados	91

5.1.1 Inventário das atrações culturais do museu Sergius Erdelyi	91
5.1.2 Museu diagnóstico visitante e a origem.....	92
5.2 CETAS e suas características	94
5.2.1 Estudo dos animais do CETAS e paisagens locais	95
5.2.2 Ocorrência da Floresta de Araucária	95
5.2.3 Mapa das trilhas turísticas	96
5.2.4 Atores sociais entrevistados residentes na região - Tijucas do Sul	97
5.2.5 Locais identificados.....	98
5.2.6 Valoração da casca de pinus <i>in natura</i>	101
5.3 Moradores entrevistados.....	102
5.3.1 Locais amostrados.....	102
5.3.2 Caracterização sobre idade e escolaridade	102
5.3.3 Descrição do questionário	105
5.3.4 Mapa – Roteiro Turístico VFSE e municipal.....	106
5.3.5 Trilhas turísticas mapeadas	109
5.3.6 Implicações deste estudo para o ecoturismo	109
6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	115
ANEXOS	129

LISTA DE QUADROS

	Pg.
Quadro 1 - Turismo religioso.....	17
Quadro 2 - Circuito turístico do Estado do Paraná.....	20
Quadro 3 - Demanda turística do Estado do Paraná no período de 1999 a 2003	35
Quadro 4 - Processo de informação, mediante o qual são criados as imagens e conceitos de destino turístico.....	40
Quadro 5 - Categoria analítica e dimensão dos elementos de análise.....	60
Quadro 6 - Políticas públicas em turismo de base local e regional.....	61

LISTA DE TABELAS

	Pg.
Tabela 1 - População por situação de domicílio – 1991 e 2000 (hab/km ²)	56
Tabela 2 - Nível educacional da população jovem, 1991/2000	57
Tabela 3 - Nível educacional da população adulta (25 anos ou mais) 1991/2000(%)	57
Tabela 4 - Relação das pré-escolas e escolas municipais locais	58
Tabela 5 - Indicadores de renda, pobreza e desigualdade. 1991/2000	59
Tabela 6 - Estrutura etária. 1991 e 2000.....	59
Tabela 7 - Indicadores de longevidade, mortalidade e fecundidade. 1991-2000.....	59
Tabela 8 - Índice de desenvolvimento humano. 1991 e 2000	60
Tabela 9 - Indicadores e diagnóstico da infra-estrutura em escala regional	78
Tabela 10 - Hierarquização de recursos e atrativos culturais – índice de implantação.....	85
Tabela 11 - Atrativo prioritário do turismo religioso local	86
Tabela 12 - As principais igrejas e capelas de Tijucas do Sul - PR.....	87
Tabela 13 - Recursos turísticos utilizados VFSE.....	91
Tabela 14 - Atrativos prioritários do VFSE	97
Tabela 15 - Recursos e atrativos turísticos - Tijucas do Sul e entorno	100
Tabela 16 - Entrevistas abertas e semi-estruturadas	105

LISTA DE FIGURAS

	Pg.
Figura 1 - Classificação das tipologias de turismo	12
Figura 2 - História do Paraná - formação territorial	26
Figura 3 - Fotos do Caminho dos Ambrósios	29
Figura 4 - O sistema turístico básico.....	33
Figura 5 - Distribuição do fluxo de turismo no Estado do Paraná/2003	35
Figura 6 - O sistema básico do turismo nos setores produtivos	38
Figura 7 - Caracterização e tipologias de paisagem rural	42
Figura 8 - Entrada do VFSE e do CETAS	54
Figura 9 - Utilização do GPS de navegação, GARMIN, modelo 12 nos levantamento de campo	64
Figura 10 - Localização da área de estudo – VFPSE - <i>Protector Naturae</i>	65
Figura 11 - Identificação de espécies florestais nativas, em parques.....	74
Figura 12 - Vista frontal do museu, centro de visitantes, Praça dos Cronópios.....	83
Figura 13 - Tratamentos e adequação do lixo nas dependências do VFPSE e possível aproveitamento dos resíduos florestais locais	90
Figura 14 - Visitantes do museu	93
Figura 15 - Situação dos animais destinados pelo CETAS – período de 2000/2004.....	94
Figura 16 - Identificação e mortalidade dos animais do tráfico.....	95
Figura 17 - Mapa ligação estrada velha de Curitiba a Joinville	96
Figura 18 - Aplicação das entrevistas nas comunidades/gráfico	102
Figura 19 - Caracterização da comunidade	104
Figura 20 - Mapa de roteiro turístico	107
Figura 21 - Mapa das trilhas, no VFPSE.....	108

LISTA DE ANEXOS

	Pg.
ANEXO A	130
Tabela 1A - Quantificação das tipologias - florestas de araucárias	130
Tabela 2A - Valoração da hierarquia e atrativos (OMT/CICATUR).....	130
Tabela 3A - Espécies floresta ombrófila mista/RMC/PR	131
Tabela 4A - Valoração dos critérios de hierarquização e priorização dos recursos e atrativos do município	132
Tabela 5A - Valoração dos critérios de priorização	132
Tabela 6A - Espécies da fauna ocorrentes na região.....	133
Tabela 7A - Cascas de pinus	133
Tabela 8A - Cascas de pinus bioestabilizada - Condicionadores físicos de solos	134
Tabela 9A - Cascas de pinus compostadas - Informações complementares médias (CRA 45%)	134
Tabela 10A - Humoativo - Informações complementares médias (CRA 35%)	134
Questionário aplicado para identificação, caracterização e conhecimento da população sobre o turismo local.....	135
Tabela 11A - Tabulação da entrevista realizada e observações <i>in loco</i>	136
Quadro 1A - Resumo Turismo/RMC	138
Quadro 2A - Descrição conceitual dos tipos de turismo – classificação das tipologias de turismo, BENI (2004) WILLIAM. F.THEOBALD (2001), BISSOLI (1999) & ACERENZA (2002), EMBRATUR (2001).....	140
Quadro 3A - Espécimes vegetais de valor econômico e medicinal	145
Quadro 4A - Descrição dos locais estudados	148
Quadro 5A - Descrição do mapa turístico municipal e regional	151
Quadro 6A - Eventos, Programas e Acontecimentos.	154
ANEXO B - Memorial Fotográfico	155

LISTA DE SIGLAS

APA - Área de Proteção Ambiental
ABEPET - Associação Brasileira dos Fabricantes de Embalagens de PET
BRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência
BTUs - British Thermal Unit
CDS - Centro de Desenvolvimento Sustentável
CEC - Câmara de Expansão Econômica
CEMPRE - Compromisso Empresarial para a Reciclagem
CETAS - Centro de Triagem de Animais Silvestres
CIUAT - Classificação Internacional Uniforme das Atividades Turísticas
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONAMA - Conselho Nacional de Meio Ambiente
COMEC - Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba
CST - Conta Satélite de Turismo
CEPATUR - Conselho Estadual de Turismo
CICATUR - Centro Interamericano de Capacitación Turística
CIUAT - Classificação Internacional Uniforme das Atividades Turísticas
COMFLORESTA - Companhia Catarinense de Empreendimentos Florestais
C/N - Carbono Nitrogênio
CRA - Capacidade de Retenção de Água
CREA - Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura
DEIP- Departamento estadual de Empresa e Propaganda
ECA - Escola de Comunicação e Artes
ECOPARANÁ - Serviço Social Autônomo vinculado ao Governo do Paraná
EDUSC - Editora da Universidade de Caxias do Sul
EMATER-PR - Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRATUR - Empresa Brasileira de Turismo
EPL - Elementos da Paisagem Local
FESTUR- Fundação de Esporte e Turismo
GLP - Gás Liquefeito do Petróleo
GPS - Sistema de Posicionamento Global (do inglês global position system)
IAP - Instituto Ambiental do Paraná
IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis.
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBT - Instituto Brasileiro do Turismo
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
IEB - Instituto de Ecoturismo do Brasil
IFSE - Instituição Filantrópica Sergius Erdelyi
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPT - Instituto de Pesquisa Tecnológica
IUOTO - União Internacional de Organização de Viagem
MMA - Ministério do Meio Ambiente
MPñU - Matéria Prima não Utilizada
NW - Norte West
OCDE - Organización de Corporación y Desarrollo Económicos
OMT - Organização Mundial do Turismo
OMT - Organização Mundial do Turismo
ONU - Organização das Nações Unidas
PARANATUR- Empresa Paranaense de Turismo
PELD - Programa Ecológico de Longa Duração
PET - Polietileno Tereftalato
PNMA - Programa Nacional de Meio Ambiente
PNT - Plano Nacional de Turismo
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PNUMA - Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas
PRONAF - Programa Nacional de Agricultura Familiar
PRT - Paraná Turismo
PUC-PR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná
RINTUR - Roteiro de Informações Turísticas
RMC - Região Metropolitana de Curitiba
SBT - Students Travel Modalidade
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa
SETU – Secretaria do Estado do turismo
SNUC - Sistema Nacional de Unidades de conservação
SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SEAB - Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado do Paraná
SESI - Serviço Social da Indústria
SPC - Sociedade Paranaense de Cultura

VFSE - *Vivat Floresta* Sistemas Ecológicos - *Protector Naturae*

WCED - World Commission of Environment and Development.

WTTC - Conselho Mundial de Viagens de Turismo

RESUMO

Este trabalho trata da caracterização estrutural de uma área localizada no município de Tijucas do Sul, Estado do Paraná, para fins do desenvolvimento de turismo de base local, como também propõe uma estratégia de avaliação desse potencial. Como base metodológica realizou-se um inventário para observar as variáveis e os indicadores: índice de atração, histórica cultural, física ambiental, socioeconômica, política administrativa, índice populacional de desenvolvimento humano e infra-estrutura, verificando os pontos fortes e os pontos fracos. Foram visitados os 29 distritos municipais, capelas e atrativos turísticos naturais e culturais. Foram avaliados, identificados e hierarquizados os 27 recursos e atrativos culturais e recursos turísticos existentes no município. As áreas e os recursos turísticos estudados apresentam condicionantes para implementação de modelo otimizado de ecoturismo, tomando como variáveis referenciais o “VIVAT FLORESTA SISTEMA ECOLÓGICOS - *Protector Naturae*”- VFSE - e seus potenciais culturais, técnico-científico, como o agroflorestal, manejo florestal e os de outras atividades florestais, rurais, numa tentativa de integrá-las ao desenvolvimento local e regional. A análise dos produtos e recursos turísticos existentes no VFSE foi efetuada, como infra-estrutura adequada à visitação turística integrada à região (como a de maior valor de atrativo cultural, científico e educativo do município), como o Centro de Triagem de Animais Silvestres - CETAS, apreendidos do tráfico mantidos em parceria com o IBAMA; os distritos municipais com ricos atrativos turísticos; turismos rurais, religiosos e histórico-culturais. Três metodologias foram testadas para determinar as diretrizes para o turismo sustentável. Os dados foram coletados através de: I- entrevistas pessoais, que em média levaram de 15 a 20 minutos. II - Aplicação de questionários em todo o município, no período de maio a setembro de 2004. III- As observações das classes de idade apresentam o máximo da capacidade de trabalho e busca de emprego. Os moradores deste município, relativo a escolaridade, detêm um percentual de 39% com nível superior considerado ótimo em relação a outros municípios brasileiros. A infra-estrutura local identificada pelos entrevistados mostra que 81% deles conhece os locais turísticos. Sobre turismo como geração de empregos, 93,2% têm a percepção que é uma fonte de emprego na região; 79,5% acredita ser um setor positivo para a região; 88,6% conhece os locais turísticos, como indicador para implementação do turismo; e 77,35% considera o turismo ideal para o desenvolvimento local. IV - Foram também realizadas a caracterização do perfil municipal, como também inventariado os atrativos turísticos, por meio de visitas a cada um dos locais, para identificar os critérios de valorização e hierarquização dos insumos turísticos. Em Tijucas do Sul foram identificados: recursos e atrativos turísticos; atrativos turísticos religiosos; atrações naturais; atrações culturais; trilhas locais e regionais; turismo rural; e infra-estrutura turística disponível.

Palavras-chave: turismo, desenvolvimento local e regional, infra-estruturas, gestão e estratégias, análise da paisagem.

ABSTRACT

This work deals with the structural characterization of an area located in the municipality of Tijucas do Sul, Parana State, aiming at the development of the tourism in a local basis. It also proposes an evaluation strategy of this potential. As the methodological basis, an inventory was carried out to observe the following variables and indicators: attraction index, historical and cultural, environmental physics, social and economical, administrative policies, population index of human development and infra-structure, verifying strong and weak points. A total of 29 municipal districts, chapels and natural and cultural touristic attractives were visited. The resources and cultural attractives as well as the touristic resources, totaling 27 sites existent in the municipality were evaluated, identified and classified. The touristic areas and resource studied showed restrictions to the establishment of the optimized ecotourism model, taking as reference variables the “VIVAT FLORESTA SISTEMAS ECOLÓGICOS - “**Protector Naturae**”- VFSE (ECOLOGICAL SYSTEMS FOREST VIVAT - Protector of Nature) – and its cultural and technical-scientific potentials such as the agro-forestry, forest management and other forestry and rural activities, in an attempt to incorporate them to the local and regional development. The analysis of the products and touristic resources existent in the VFSE was made, such as a suitable infra-structure for the tourist visitation incorporated to the region (as that with the greatest value of cultural, scientific and educative values in the municipality), such as the Centro de *Triagem de Animais Silvestres* - CETAS (Wild Animals Selection Center), animals which were confiscated from the traffic, and maintained in partnership with the IBAMA (Federal Environment Board); the municipal districts that have the most touristic attractives; the rural, religious and historical and cultural tourism. Three methodologies were tested to determine the guidelines for sustainable tourism. I - Data were collected through personal interviews that took an average period of time of 15 to 20 minutes. II - Application of in questionnaires the municipality, during the period from May to September 2004. III - The observations of age class were representative of that one where people are in their best working capacity and searching for work. A total of 39% of the residents in this municipality have a college level, wish is considered optimal in relation to other Brazilian municipalities. A total of 81% of the interviewed persons know the touristic sites and identify the local infra-structure. A total of 93.2% understand that tourism is an employment generator in the region; 79.55% believe that it is a positive sector for the region; 88,6% know the touristic points, which is an indicator for the establishment of tourism; and 77.355% consider the tourism as ideal for the local development. The characterization of the municipality profile was defined and the touristic attractives were surveyed through visits to each local, to identify the evaluation and classification criteria of the touristic resources. In Tijucas do Sul the following touristic resources and attractives were identified: religious, natural, cultural, rural, local and regional tracks and the available infra structure.

Keywords: tourism, local and regional development, infra-structure, landscapes, tracks, administration and strategies.

1. INTRODUÇÃO

Os avanços das pesquisas em áreas do conhecimento do turismo nos municípios do Brasil estão projetando um cenário novo para o planejamento e desenvolvimento dessa modalidade econômica. O chamado “turismo sustentável” integra as condições naturais, econômicas e culturais de uma determinada região ou localidade.

Nesse contexto, algumas estratégias de desenvolvimento do turismo¹, como principal produto da transformação das atividades econômicas locais e regionais, podem ser consideradas importantes ferramentas na consolidação do desenvolvimento econômico, da educação ambiental, da justiça social, da conservação do ambiente e do bem-estar da comunidade.

No Brasil, as tendências em concentrar os esforços no desenvolvimento da infraestrutura agroflorestal e industrial, muitas vezes, acabam por desestimular as pesquisas e os investimentos tão necessários para a extração consciente dos recursos naturais. É preciso conhecer os cenários econômico, social e cultural dos locais e das regiões que apresentam potencial turístico.

A história da relação do homem com o desenvolvimento das atividades turísticas e os impactos delas resultantes constituem um desafio para os atores sociais dessa atividade mercantil moderna e globalizada, sejam eles turistas, habitantes das comunidades rurícolas receptoras, agricultores, empregados, dona de casa, artesãos, gestores, educadores, técnicos, administradores, fornecedores, investidores, trabalhadores, estudiosos, políticos, comerciantes e receptores, a limpeza pública (catadores, recicláveis, economia informal e lixões).

O desempenho e o desenvolvimento das atividades turísticas e os seus bons resultados constituem um desafio para os atores sociais desse tipo de negócios, sejam eles, empresários, produtores rurais ou artesãos (habitantes das comunidades). A estes últimos está reservada uma posição mais destacada como atividade produtiva.

Órgãos e empresas de administração e planejamento reuniram-se para programar um conjunto de políticas adequadas para incentivar o incremento do turismo em uma área da Região Metropolitana de Curitiba - RMC. As comunidades receptoras devem perceber

¹ A terminologia turística criada por essa atividade é mínima, utilizando-se, em sua falta, conceitos tomados de outras disciplinas, sem que até hoje se tenha feito um balanço desses termos e, muito menos, chegado a um acordo sobre o significado que adquirem ao serem aplicados ao turismo. Há casos em que as palavras provêm de campos onde ainda persistem dificuldades semânticas, como ocorre com o planejamento físico, o urbanismo e o desempenho urbano, de modo que, ao ingressar no turismo, agravam-se umas interpretações conceituais, que ficam à mercê do uso que

que o turismo cuidadosamente planejado e também implementado é premissa para a melhoria da qualidade de vida, como também vem ao encontro da melhoria dos serviços públicos, como saneamento básico, pavimentação, urbanização dos logradouros públicos, estradas, proteção dos ecossistemas, comunicação, sinalização, segurança e educação.

A Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR - integrada com a Instituição Filantrópica Sergius Erdelyi estão apoiando o desenvolvimento do VFSE, através de elementos básicos e fundamentais para o planejamento do turismo direcionado ao manejo florestal e à conservação dos recursos naturais locais, da cultura e, em destaque, o turismo científico, contemplativo, religioso, o ecoturismo, o turismo histórico-cultural, todos eles integrados à área limdeira do VFSE, na região sudeste do Estado do Paraná.

De acordo com a EMBRATUR (2001), os resultados no turismo não são visíveis a curto prazo. O desenvolvimento de empreendimentos bem-sucedidos que resultem em benefícios baseia-se em ações coordenadas e convergentes, executadas por largo espaço de tempo. Interagindo em plano local, elas estabelecem parcerias e promovem mudanças que visam benefícios econômicos, em que caminhos metodológicos e indicadores de certas condições locais podem conduzir à prática de atividades ecoturísticas² com base na sustentabilidade³ ambiental, socioeconômica e cultural; princípios básicos do desenvolvimento de atividades que compatibilize os interesses econômicos com respeito a natureza e as comunidades envolvidas.

As premissas maiores como a divulgação dos atrativos e das condições de uso da área para a atração das atividades turísticas, quando não se conhece a sua delimitação, as características estruturais dos atrativos existentes, os principais equipamentos urbanos e turísticos (infra-estrutura de apoio, os atrativos históricos culturais e naturais, os ecossistemas regionais e a paisagem), serviços e produtos disponíveis.

As premissas de importância para que as formas de turismo sustentável sejam implementadas, estão transparentes em nossa região na lógica do desenvolvimento regional.

cada técnico, texto ou informe lhe queira dar, causando múltiplas confusões e dificuldades de compreensão e comunicação (BOULIÓ, 2002).

² Pólo ecoturístico inclui áreas aonde as atividades ecoturísticas já vêm sendo desenvolvidas com sucesso, sendo promovidas por um número variável de agentes, ou locais com condições naturais especiais, mas com poucas atividades, devido à falta de infra-estrutura e de organização (EMBRATUR, 2001).

³ Segundo IRVING (2002), a visão de sustentabilidade enfatiza a diversidade dos padrões e caminhos do desenvolvimento, dependendo das peculiaridades de uma dada sociedade e o seu "estado da arte" sob a ótica cultural, política e ecológica. Tanto é assim que, em termos globais de avaliação dos países, novos indicadores estão sendo estabelecidos, incluindo os aspectos sociais (como é o caso do Índice de Desenvolvimento Humano - IDH) e ambientais.

1.1 Justificativa

O turismo leva os homens a fugir da rotina, em busca da paisagem⁴ de novos lugares, outros costumes, cultura, louvação aos lugares bucólicos, atividades do meio rural e ecossistemas naturais, pelas diferentes formas de lazer que possam ser compartilhadas com amigos, família e grupos sociais em suas andanças de viagens, pesquisa, negócios e eventos diversos. Visa à busca de liberdade, descanso, informações diferentes e corretas, como amplas diversidades culturais e de variáveis qualitativas e de bens e sua própria memória e cultura.

Atualmente, a literatura sobre turismo é basicamente voltada para os aspectos técnicos da sua gestão econômica, de planejamento e de informações técnicas básicas e confiáveis para todos os atores envolvidos com o tema, ou por ele integrados.

Por causa da vultosa importância dos estudos estruturais aliados aos interesses científicos, as comunidades regionais precisam se envolver e tomar decisões nos empreendimentos de projeto turístico, necessitando de informações precisas sobre os impactos que possam surgir. Além disso, conferem aos consultores especializados, setores públicos, técnicos, pesquisadores, gestores e investidores à implementação de políticas desenvolvimentistas e a responsabilidade ímpar sobre as políticas públicas vigentes.

Há a necessidade de uma linguagem⁵ técnica unificada e padronizada para os sistemas de capacitação do ensino escolar que atuam no setor e para os outros segmentos que participam do funcionamento comercial, como nos ambientes dos que participam do setor de turismo⁶, como empresários, hoteleiros e trabalhadores.

No contexto da globalização do turismo, em que os territórios são ordenados para assumir novas funções, eles podem, na realidade, serem valorizados segundo a lógica de

⁴ A preocupação em retratar o Império por meio de paisagens urbanas, em que o elemento arquitetônico adquire sempre o maior peso, não faz com que se abandone a idéia do Éden, representada pela presença das Palmeiras Tropicais. Nas imagens de Debret, a floresta tropical não era um elemento a ser excluído, mas compunha a identidade da nação em conjunto com outros elementos. Nas suas obras, encontram-se no mesmo plano as variedades da flora tropical e a diversidade da fauna humana que irão compor o imaginário simbólico da nação no império (SÁ; VIANNA, 2002).

⁵ BOULLÓN, Roberto. *Planejamento do espaço turístico* (2002, p. 17).

⁶ As formas de turismo existem desde as mais antigas civilizações; a palavra *turismo* surgiu no século XIX. No século VIII a.C., no mundo helênico, muitas viagens foram empreendidas para que as pessoas apreciassem as competições esportivas, que eram realizadas a cada quatro anos na cidade grega de Olímpia, ou delas participavam. No século XVIII, na Inglaterra, o turismo começou a se desenvolver como atividade econômica e a se fazer conhecido como uma forma de viagem em que as pessoas buscavam o prazer, a satisfação da curiosidade, o tratamento médico, a educação e os motivos culturais. (PADILLA, 1980, p. 13).

um mercado turístico cada vez mais competitivo. Desde meados da década de 1990 o Brasil está presenciando a segunda fase do desenvolvimento do turismo⁷ e vem emergindo como um importante destino, ganhando notoriedade por seus vastos espaços naturais, suas riquezas ambientais e diversidade paisagística (SILVEIRA, 2001).

1.2 Objetivos

O trabalho aborda o turismo, em especial o turismo sustentável no município de Tijucas do Sul, Estado do Paraná e visa transformar o Vivat Floresta Sistemas Ecológicos - *Protector Naturae* - VFSE em um Centro de pesquisas e protagonizar o turismo ecológico científico e de lazer receptivo e informativo para a população da região e do entorno, bem como difundir o uso potencial do espaço rural e da comunidade, compatibilizando as atividades tradicionais com o desenvolvimento sustentável.

Mais especificamente, busca:

- a) diagnosticar o potencial turístico do município de Tijucas do Sul e do VFSE em vistas das novas modalidades do turismo sustentado, propaga um resgate da natureza e da tradição, melhoria da qualidade de vida das comunidades;
- b) hierarquizar os principais atrativos turísticos da região com novas formas de realizar o turismo, concepções visando a integração entre a exploração e conservação;
- c) caracterizar qualitativa e quantitativamente a infra-estrutura turística;
- d) elaborar mapas dos atrativos turísticos da região estudada; e
- e) fornecer subsídios à elaboração de políticas públicas para o turismo sustentável.

⁷ A primeira fase foi no início da década de 1970, com a abertura econômica, e a inserção do Brasil na globalização, os fluxos de turistas cresceram de forma irregular e o turismo externo favoreceu a paridade favorável entre nossa moeda e o dólar WILLIAM (2001).

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Aspectos econômicos do turismo

No contexto econômico, o turismo coloca-se entre os cinco principais itens geradores de receitas de divisas nas econômicas mundiais, liderados pelas exportações de armamentos e de petróleo. Mesmo a partir das recentes crises econômicas (1994, 1997, 1999 e setembro de 2001, o turismo mundial vem registrando taxas de crescimento de receita da ordem de 8% ao ano (período 1980/2000), o que lhe assegura a manutenção de sua participação no total das exportações - oscila, no período, em torno de 7,5%, (RABAHY 2003).

A receita internacional do turismo brasileiro, segundo a EMBATUR⁸, vinha oscilando, desde a década de 1980 até o Plano real, ao redor de US\$ 1,6 bilhão. Nos anos de 1994 e 1995, a receita estimada pela Embratur atingiu o patamar dos US\$ 2 bilhões, elevando-se para US\$ 2,5 bilhões em 1996 e 1997, alcançando os níveis de US\$ 3,8 a US\$ 4 bilhões, nos anos seguintes, até 2001, RABAHY (2003).

O turismo como receita local, no contexto do fluxo estadual e regional de visitas os dados estatísticos indicam perspectivas favoráveis para o turismo de base local e regional pelo menos no que se refere ao número de visitas ao Museu Sergius Erdelyi e aos empreendimentos turísticos implementados na região.

Segundo RUSCHMANN (2001), MORAES e MAUAD (2001), no Brasil os estudos sobre a avaliação dos impactos do turismo nas localidades turísticas não ocorrem sistematicamente. Não existe no País uma metodologia específica para a avaliação de impactos ambientais do turismo. Conforme MORAES (1999), com base na Organização Mundial do Turismo - OMT (1999) pode-se descrever alguns dos impactos positivos e negativos que ocorrem e/ou podem vir a ocorrer em uma determinada área, principalmente nos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais.

A partir da emergência do turismo como atividade econômica, surge expressiva retórica em defesa do seu desenvolvimento. De acordo com BARROS (1998), os argumentos críticos em relação ao seu implemento são numerosos, coerentes, porquanto “a função turística se torna uma via privilegiada de reprodução, ampliação do capital, como também da ecologia”, e política econômica e dos interesses das agências governamentais.

⁸ Segundo EMBATUR (2002). Anuários Estatístico Embratur. Distrito Federal, 1980/2002.

Na atualidade, o turismo é considerado uma das principais atividades econômicas geradoras de renda e de emprego.

É notório saber que analisando o turismo como geração de renda, percebe-se que a participação do turismo no PIB brasileiro vem apresentando bom desempenho e constitui uma alternativa positiva para os países em desenvolvimento. O setor movimenta por ano US\$ 3,5 trilhões, ou seja 10% do Produto Interno Bruto-PIB mundial. Até 2007, o Ministério do Turismo pretende criar 1,2 milhão de empregos, mas para isso, deverão ser investidos R\$ 18 bilhões; deste total 14 bilhões deverão ser financiados pelos bancos. O restante 4 bilhões serão provenientes dos cofres públicos. A geração de postos de trabalhos depende da expansão do turismo no exterior. A meta é atrair 9 milhões de turistas estrangeiros, Ministério do Turismo (2006).

Segundo CARVALHO (2000), a contribuição do turismo no PIB nacional é de 10,7% mas em alguns lugares, como no Caribe, a contribuição do PIB na região cresce para 50%, sendo em países como os Estados Unidos de 10,2%, na Espanha de 17,9%. No Brasil, pode-se perceber que a participação do segmento do turismo no PIB no início da década de 90 apresentou ligeira redução nesse desempenho. Percebeu-se, também, que essa participação no segmento do turismo na economia nacional para os destinos mais procurado pelos os turistas.

No falar - e na percepção da geração de empregos pelo turismo no Brasil, estima-se que este segmento empregou direta e indiretamente, em torno de 9% da população economicamente ativa em 1997, ou seja 6,7 milhões de empregos diretos e indiretos (LAGE & MILONE) 2000 e com bom desempenho em empregos gerados.

Além dos benefícios descritos anteriormente, a atividade turística poderá promover melhoria nas condições de vida da população residente na região onde se encontram os atrativos turísticos. Isso ocorrerá tendo em vista que, para desenvolver o turismo em uma região, torna-se necessário implantar uma boa infra-estrutura básica, como: Saneamento, transporte, comunicação, estradas, segurança, dentre outros serviços. No entanto, esta infra-estrutura, uma vez instalada, em alguns casos, também poderá ser utilizada pela população onde se encontram os recursos turísticos⁹. Pode-se ressaltar que a atividade turística também poderá gerar alguns impactos negativos, como a diminuição da qualidade física do meio ambiente, bem como na qualidade da atividade. Além disso, também poderá

⁹ Exemplificando como afirmativa, o PRODETUR-NE, que prioriza a implantação de infra-estrutura de saneamento básico e de acesso (disposição dos lixos sólidos, transporte, reformas e ampliação de aeroportos,, qualificação da mão-de-obra), não contemplando pelos programas as obras de infra-estrutura turística. Dessa forma pode-se dizer que se trata de uma política de turismo que "faz as vezes"de uma política urbana (CRUZ, 2000).

desencadear nos núcleos receptores o aumento nos preços dos bens de serviços comercializados nestes locais, o que provocará maiores impactos se estes forem também consumidos pela população local, bem como as valorizações excessivas das terras, que serão utilizadas na instalação dos empreendimentos imobiliários¹⁰, porém, esses impactos poderão ser minimizados através de um planejamento adequado das atividades turísticas¹¹.

2.2 Inventário turístico de base local

O presente item trata da revisão de literatura abordando estratégia de desenvolvimento sustentável do turismo e inventário, fase inicial do planejamento de qualquer tipo de empreendimento ou atividade futura, instrumento que antecede a fase de informação do planejamento, ponto onde se procura obter dados e relatos minuciosos das características presentes em determinadas localidades (MORAES; MAUAD, 2001). Como afirma CHACEL (1977), o inventário é o ponto de partida do planejamento paisagístico, seja ele de significado conservacionista, de produção, valorização ou de caráter exploratório em relação ao meio natural.

É notório que o lugar turístico, antes de se tornar destino ecoturístico, deve contar com a participação da sociedade local, pois é possível que os moradores prefiram manter seu *modus vivendi* sem modificá-lo (EMBRATUR, 2001).

No Brasil já integrado ao cenário da globalização¹² (do turismo e da economia), constata-se a “implementação” de conjunto de políticas públicas, fomentando o turismo nos municípios e nos longínquos rincões de belezas dos ecossistemas regionais.

Como o turismo beneficia muita gente e faz movimentar a economia da região, significando movimento da economia, ele envolve diferentes grupos sociais e torna o dinheiro circulante nas diversas camadas. O turismo relaciona-se a outros setores da atividade socioeconômica, como: agrícola, energético, florestal (madeireiro, resíduos), industrial, informação, financeiro, comunicação, transporte, comércio e serviços (EMBRATUR, 2001). O plano de ação para o turismo deve-se organizar respeitando os

¹⁰ Para AULICINO (1994), este é um dos impactos negativos mais significativos que o turismo pode provocar sobre uma localidade qualquer, pois essa valorização das terras pressionará a população residente a vendê-la, o que acaba acontecendo e a mesma fica sem ter onde instalar novamente, principalmente se for em áreas costeiras, onde a maioria vive da pesca.

¹¹ FERRAZ (1992) o planejamento turístico pode ser entendido com uma ação intervencionista, que, por instrumentos legais próprios visa ordenar o patrimônio turístico, os investimentos setoriais, a qualidade dos serviços, e o incentivo do consumo.

¹² SANTOS (2000). A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado da técnica e o estado da política.

princípios da sustentabilidade¹³ e do desenvolvimento econômico local - obedecendo aos princípios econômicos, socioculturais e ecológicos¹⁴.

Segundo RABHY (2003), nas economias planejadas, o turismo integra a estratégia de desenvolvimento e o seu papel vai depender da importância que apresenta para o país; nos preponderantes e receptores, a ele é reservada uma posição mais destacada como atividade produtiva.

Segundo DIPLOMACIA & NEGÓCIOS (2006), nos quatro primeiros meses de 2006 os turistas estrangeiros gastaram no Brasil US\$ 1.559 bilhão, de acordo com o Banco Central, o número é 19,73% maior que o primeiro período do ano de 2005, contribuindo com a entrada de US\$ 344 milhões, com um crescimento de 17% com relação ao mesmo mês do ano anterior (2005), com um montante de US\$ 294 milhões. Março foi o melhor mês da história do turismo receptivo internacional brasileiro, com US\$ 453 milhões. “Isso significa que toda a cadeia do turismo está sendo beneficiada. Com mais recursos, aumentam as possibilidades de investimentos no setor, com impacto na criação de postos de trabalho e no desenvolvimento das regiões turísticas do País”.

Os brasileiros gastaram no exterior, no primeiro quadrimestre, US\$ 1.678 bilhão, o que gerou um déficit de US\$ 119 milhões. No mês de abril os brasileiros gastaram com viagens ao exterior US\$ 432 milhões, com um déficit de US\$ 88 milhões. Segundo chefe de departamento econômico do Banco Central, o gasto dos turistas brasileiros no exterior tem crescido muito porque existe aumento de renda real, com o controle da inflação e um câmbio que favorece o turismo emissivo. Segundo a EMBRATUR (2006 - Instituto Brasileiro de Turismo) o crescimento é muito expressivo e representa a continuidade do processo de consolidação da receita cambial. Apresenta um aumento percentual com relação a todos os meses do ano de 2005. Isso permite afirmar que ter-se-á um grande recorde em 2006.

Nos Estados das regiões Sul e Sudeste - Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, a saber - a espacialização do turismo é acentuada pelos destinos turísticos consolidados, tal como em outros estados brasileiros e em países do continente sul-americano e europeu, como Argentina, Chile, Guatemala, México, Espanha, Portugal, França e Itália. Diversos trabalhos vêm desde muitas décadas sendo produzidos sob a

¹³ A sustentabilidade analisada sob óticas diversas torna-se um conceito claro de fácil entendimento; sustentabilidade do desenvolvimento foi vista como processo de mudanças contínuas na estrutura social das nações, em que as variáveis tecnologia e organização social podem ser aprimoradas a fim de proporcionar uma nova ordem no crescimento econômico - Relatório Brudtland: O Nosso Futuro Comum (1998)

¹⁴ EMBRATUR. Sustentabilidade Econômica assegura que o desenvolvimento é economicamente eficiente e que os recursos serão geridos de maneira que possam manter gerações futuras. Guia para Oficinas dos Agentes Multiplicadores de Turismo - EMBRATUR, 37, 2001.

égide do “**turismo de base local**” [grifo meu], ou seja, de acordo com as referências expostas neste trabalho.

O Estado do Paraná está localizado em uma posição estratégica em relação aos demais estados brasileiros da região sul, assim como as cidades, que disponibilizam de infra-estrutura urbana e de transporte. Essa infra-estrutura e os recursos devem ser aproveitados para uma exploração turística efetiva, como uma estratégia de desenvolvimento.

... estratégia a ser seguida requer ação em fases diferenciadas. A luta para o desenvolvimento é um processo de construção de estruturas, portanto, implica na existência de uma vontade política orientada por um projeto. Essa é a lição que podemos tirar dos decênios onde crescimento que vive a partir do imediato pós-guerra. Se o Estado Brasileiro é o instrumento privilegiado para enfrentar problemas estruturais, cabe indagar a estrutura turística existente ofertada com o processo de desenvolvimento na região. Objetiva em longo prazo ser uma mudança estratégica de estrutura visando à educação e desenvolvimento locais.

A estratégia a seguir requer ações pertinentes ao turismo regional planejado, visando inverter o processo de desigualdades sociais, econômicas na região e entorno. (FURTADO, 1999, p. 36-37).

2.3 Etimologia e caracterização do turismo

Uma vez vistos alguns dos aspectos históricos e técnicos do termo turismo, é oportuno voltar para a palavra turismo caracterizada etimologicamente, ou seja, a descrição em diferentes estados de línguas anteriores por que passou até remontar ao étimo. Portanto, antes de preocupar com ele (o turismo) na leitura, nas lendas, nos ditos e costumes, importa investigar, mesmo que superficialmente (na língua portuguesa), suas origens etimológicas e variações de significado. O objetivo não é perseguir precisão conceitual, mas buscar, através das variações de significados, elementos para sustentar a argumentação que o desenvolve, ou seja, pistas semânticas.

Deve ficar claro, outrossim, que, como foi dito, na atualidade de desenvolvimento, a palavra só aparece a partir da década de 1960 com uma demanda ampliada, mas há atividades desde meados do século XIX, com viagens organizadas.

TURISMO: deriva do latim HOUAISS (2004); *tour* do latim *tornare* e do grego *tornos*, o que significa: “uma volta ou círculo; o movimento ao redor de um ponto central ou eixo”. Significado: no inglês moderno mudou passando a indicar “movimento em círculo de uma pessoa”. Há divergências no tocante à primeira vez que a palavra apareceu. Pode-se argumentar que um círculo representa uma linha que, partindo de um ponto, retorna ao ponto inicial. Assim como um círculo, um *tour* (1643) representa uma viagem circular, isto é, o ato de partir para posteriormente regressar ao ponto inicial. Para WILLIAM (2001) a

combinação da palavra *tour* e dos sufixos *ismo* e *ista* sugere a ação de um movimento em círculo.

2.4 Classificações e definições do turismo

Segundo BENI (2004), a demanda por turismo apresenta uma especificidade própria, consoante às diversas motivações, necessidades, preferência pelo produto que imprime ao Núcleo Receptor sua vocação turística e, conseqüente, poder de atração, permitindo-lhe uma afluência auto-determinada e dirigida.

O turismo é uma prática social da vida humana e encontra seu dinamismo enraizado numa experiência da pessoa, do nomadismo e do anseio de separação. O ser humano é movimento, comunicação, expressão e presença. O fenômeno turístico como acontecimento forma um sistema aberto e orgânico, uma rede hologramática através de fazeres tecnológicos recheados de um saber próprio, expresso na diversidade cultural e histórica, geradora de possibilidades, de um sistema local de produção econômica, objetivando, demarcando a diversidade local como atrativo, dentro de um fluxo internacional temporal e comunicacional, que, ao reproduzir-se no atendimento dos desejos subjetivos do turista, de diversão e imaginários construídos na aventura do cotidiano, reproduz ideologicamente “doces desterritorializações” (BENI *apud* MARUTSCHKA MARTINI MOESCH, ECA/USP, 2004, & BENI, 2004).

Para BISSOLI (2002) turismo é uma atividade que, quando alcança um nível elevado de desenvolvimento, pode servir de base econômica para uma região ou local, requer especial atenção para os impactos ambientais que provocam as atividades que consomem espaço geográfico, exige infra-estrutura, utiliza-se de recursos (naturais), integra a população nativa e pode degradar o ambiente.

Turismo, citado por BENI (1991), apresenta três tendências de definições: econômicas, técnicas e holística.

Há o turismo como forma de viver a natureza – assim surgiu o Ecoturismo; que “consiste no turismo desenvolvido em áreas naturais, onde seus consumidores procuram usufruir ao máximo os impactos que possam causar, além de desenvolver uma consciência ou compreensão ecológica, MAGALHÃES (1994). Portanto, é um produto turístico de real potencial econômico-social e seu desenvolvimento propiciará a divulgação do patrimônio ambiental” (Figura 1).

Na Figura 1 estão apresentadas todas as definições dos tipos de turismo, referentes às 39 definições conceituais encontradas na literatura, com identificação dos conceitos e, seqüencialmente, as suas derivações e divisões.

A necessária classificação dos tipos e conceitos de turismo exige uma linguagem que seja uniforme, para evitar dúvida interpretação; exemplificando: turismo ecológico, ecoturismo, rural, agroturismo, aventura, climático hidrotermal, paisagístico hidrotermal, desportivo, cultural, ético-histórico-cultural, temático, educacional, cívico, institucional, religioso, empresarial ou de negócios, congressual, incentivos, científico, eventos fixos, sazonais, de oportunidades e monotemáticos, urbano, megaeventos, saúde, esotérico ou esoterismo, recreação e entretenimento, rodoviário, habitacional, sócio familiar, terceira idade, hedonista, alternativo, especializado para novos segmentos de consumo, sexual, excentricidades, jogos ou cassinismo, endógeno, virtual e ferroviário*¹⁵, entre outros.

Segundo BENI (2004), essas 39 classificações elencadas requerem muitos debates para a necessária classificação e catalogação conceitual dos tipos de turismo, conforme figura 1.

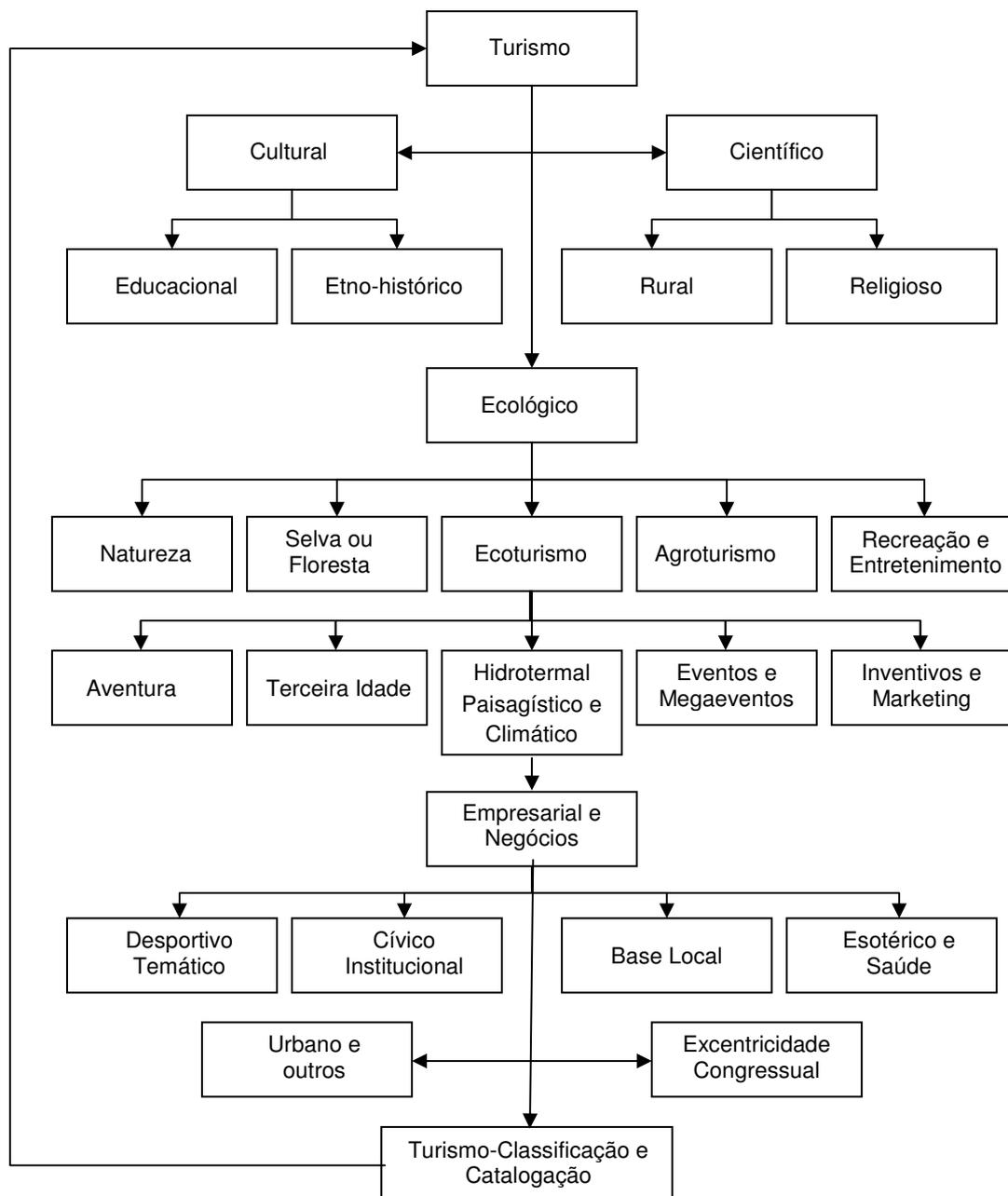


Figura 1 - Classificação das tipologias de turismo.

Fonte: BENI (1994), Adaptado pelo Autor (2005)

*15 SCHOPPA, R. F. **150 anos de trem no Brasil**. Votorantim – SP, Milograph, 2004. 196 p.

2.5 Turismo e populações locais

Não basta que uma área apresente grande potencial representado por seus atrativos naturais e culturais, para que seja considerado um Pólo Turístico. Sem dúvida, a existência desses atrativos é fundamental, mas é preciso que eles estejam atendidos por facilidades, como via de acesso, serviços de hospedagem, alimentação e informação; além da disponibilidade de infra-estrutura, serviços e roteiros adequados, é fundamental a vontade política dos dirigentes em buscar o desenvolvimento local, através da gestão dos empreendimentos na sua dinâmica, visando a possibilidade de consolidação do pólo ecoturístico¹⁶.

Para ANDRADE (2001), na geografia critica, o espaço geográfico é compreendido como um produto de relações contraditórias da acumulação de capital, isto é, a forma como a sociedade interage é que vai definir o espaço. Portanto, o espaço é dinâmico e se altera conforme se alteram as relações entre os agentes produtores (Estado proprietário de terra, incorporadores, trabalhadores, sociedade civil e outros). O espaço acaba incorporando as contradições das classes em determinado momento, visto que são condição e resultado das atividades sociais. Como esclarece MORAES (1994), “nosso objetivo deverá ser um processo social deferido ao espaço terrestre, logo, nossa teorização deverá se inscrever dentro de uma teoria geral da sociedade”. Em outras palavras, a geografia crítica não aceita autonomia do espaço, o espaço é materialidades sociais, sendo produzido pelo trabalho do homem e pela sociedade da qual faz parte, opinião esta compartilhada por ABREU (1994, p. 257).

No caso do desenvolvimento do turismo, ele está freqüentemente associado à esfera da economia, em que dificilmente se faz referência ao espaço social, do qual se podem retirar os indicadores do que chama de qualidade de vida. Entendido como fenômeno social atual, o turismo não pode ser encarado apenas como vocação econômica para o desenvolvimento de certas regiões. É necessária uma reflexão crítica sobre o apoio aos projetos turísticos, bem como normalização e controle dos atos que impliquem danos ao ecossistema, seja em dimensão econômica, ambiental ou sociocultural¹⁷.

ABREU (1994, p.257), reforça essa opinião, afirmando que:

¹⁶ Id.,

¹⁷ CORIOLANO. Turismo como ética 2004. p. 362.

... o espaço geográfico irá refletir, obviamente, tanto sua estrutura como a sua dinâmica, como é da sociedade que o espaço geográfico recebe sua forma e conteúdo, a compreensão total só será possível se estiver acoplada a compreensão da sociedade. Esta, por sua vez não é imutável. Portanto, toda compreensão que obtemos do espaço será sempre (necessariamente) historicamente determinada, isto é, estarão sempre relacionadas ao grau de desenvolvimento a que chegaram, nesta sociedade, as forças produtivas, relações de produção e cultura¹⁸.

O turismo rural está mais integrado nos aspectos do patrimônio, que pode abranger não só a própria natureza, como a cultura popular, a arquitetura, a gastronomia e os modos de vida. É aquele que se desenvolve no meio rural, tendo como principais motivações os elementos próprios desses ambientes. Em termos, pode-se dizer que o turismo rural não só é aquela atividade turística que se pratica no espaço rural, mas também que, necessariamente, mantém implícita estreita relação com as populações locais (GARCIA CUESTA, 1996, p.51-56) descritos em anexo quadro 2 p. 160-165.

(...) embora a vida rural deva ser, com toda a razão, a mais humilde, mansa e inocente: no entanto, a experiência cotidiana mostra que onde qualquer ramo de manufatura é realizado, a palavra de Deus tem seu valor; onde o comércio não floresce aí a palavra de Deus não passa de uma canção agradável: se de vez em quando é ouvida, raramente, porém, é obedecida¹⁹

2.6 Turismo rural

Segundo Organización de Cooperación y Desarrollo Económico – OECD (1994) há seis fatores que devem estar presentes nas zonas rurais para facilitar o desenvolvimento do turismo: valor cênico, como montanhas, costas, ilhas lacustres, rios e paisagens de interesse especial, bosques de espécies caducifólias e mistas; - características especiais da flora e da fauna; ativos culturais, edifícios, povoados, aldeias e lugares históricos, e/ou patrimônio étnico; instalação esportiva, como: caça, pesca, esqui, montanhismo, trilhas e outras; facilidades de acesso a um grande número de pessoas; mecanismos eficientes de promoção, comercialização e administração. Esses fatores não são exclusivos, considerados potenciais e podem ajudar no planejamento.

¹⁸ Id.

¹⁹ KEITH, T (2001, p. 298-299). Um crítico comenta a paisagem campestre ideal descrita na poesia inglesa em meados do século XVII: “não há virtualmente nenhuma menção a limpar a terra, derrubar árvores, podar, cortar a machadadas, cavar, mondar, erradicar ervas daninhas, marcar a ferro, castrar, abater, salgar, curtir, fazer cerveja, cozinhar, fundir, forjar, moer, cobrir de colmo, fazer cercas e tapumes, plantar sebes, reparar caminhos e transportar. Quase todas as coisas que alguém faz no campo constituem tabus”. TURNER, J. *The politics of landscape*. Oxford, 1979, p. 165.

Para IRVING (2002), não há uma definição universal aceita para o turismo rural (CROSBY; DARIES, 1993; CROSBY; MOREDA, 1998); o que dificulta esse conceito é o próprio termo “rural” (CROSBY; DARIES, 1993). Por muito tempo considerou-se o rural como o oposto ao urbano; na atualidade, as estreitas inter-relações reconhecidamente existentes entre estes dois âmbitos tornam difícil manter tal posicionamento, em especial quando se trata de espaços com maiores densidades populacionais - os níveis macro (continente europeu) e micro (uma cidade e a área urbana) - como também em relações as regiões mais desenvolvidas. Tem-se como exemplo a França, cujas elevadas concentrações humanas e boas vias de comunicações permitem alta mobilidade e constantes intercâmbios entre o rural e o urbano, em anexo quadro 2 A - página 130.

No Brasil, a grande dimensão do território e o acesso a muitas regiões permitem, a cada uma dessas áreas, continuar com suas singularidades; o rural mantém sinais de identidade que permitem sua caracterização: campo econômico, predomínio da agricultura e pecuária; social, prevalência de redes sociais primárias; e paisagem, maior presença de elementos naturais.

Para RUSCHMANN *et al.* (2004), embora a expressão rural, seja utilizada como sinônimo por alguns autores, o turismo rural deve ser entendido como uma das modalidades de turismo que podem ser desenvolvidas no meio rural. Assim, a modalidade turística (turismo rural) não deve ser confundida com o termo que designa a região onde se desenvolvem, no caso, as áreas rurais.

Também é nítida e latente a diferença entre hotel-fazenda e fazenda-hotel. A primeira se caracteriza pela estrutura tipicamente hoteleira localizada no meio rural, enquanto a segunda é uma propriedade rural, comprometida com a produção agropecuária, que se estruturou para receber visitante. Assim, essas modalidades de turismo no espaço rural devem ser consideradas diferentes, sendo a segunda entendida como “turismo rural”.

O turismo no espaço rural, na atualidade, tornou-se uma atividade popular nas últimas décadas do século XX. É um tema com complexidade que necessita de medidas cautelosas, já que os impactos produzidos nas comunidades rurais podem-se apresentar como pontos fortes e fracos ou perversos, caso não sejam obedecidas às exigências técnicas.

A utilização do campo para o descanso, por pessoas dos grandes centros urbanos, acontecia com frequência na Grécia e em Roma. No século XIX, e na consolidação do sistema capitalista, as primeiras manifestações turísticas foram os deslocamentos das classes favorecidas para os passeios rurícolas; nos campos e nas montanhas aumentam a procura da tranquilidade da paisagem e das condições saudáveis que ali existiam.

Segundo BOTE GOMEZ (1992), nos anos 50 e 60, no limiar das manifestações do turismo de massa integrado a sol e praias, o rural como âmbito de descanso tem destaque. Os movimentos migratórios vultosos campo-cidade que caracterizam esse período vão ter sua réplica, com o deslocamento inverso no período de férias: os que emigram retornam para seus lugares de origem, para se encontrar com amigos e familiares.

2.7 Turismo religioso

Comprova-se que o meio rural é uma referência importante para o descanso há bastante tempo, principalmente quando nas cidades acelera-se o ritmo de vida. Quando pressa, ruídos e contaminações atmosféricas passam a constituir características da vida cotidiana, surge a necessidade de fugir para aqueles espaços que representam exatamente o contrário, ou seja, o meio rural. É nele que se encontra a paz, tranquilidade, natureza e repouso.

De acordo com GAZETA DO POVO (2004), há o turismo relacionado à fé. O turismo religioso está em alta: no Estado do Paraná o segmento movimenta mais de 600.000 mil pessoas por ano. Os principais pólos são: Festa de Santa Rita de Cássia, na cidade de Lunardelli, no norte do Estado; a festa do Bom Jesus da Cana Verde, na cidade de Siqueira Campos, no mês de agosto; a festa de Nossa Senhora do Rocio, que leva milhares de fiéis à cidade de Paranaguá no mês de novembro. Em Lunardelli, município de 4.000 habitantes os festejos recebem mais de 600 ônibus que levam cerca de 60.000 peregrinos e arrecada anualmente R\$ 8 milhões. Outro município que integrou o roteiro turístico religioso (roteiro divino) é Pirai do Sul, com a festa de Nossa Senhora das Brotas, padroeira da Rota dos Tropeiros, no mês de dezembro.

Cumprido, entretanto, contextualizar essa crescente “chamada” da natureza, não só considerando o desenvolvimento do mundo urbano, mas também os avanços em termos de mobilidade das pessoas e as modificações quanto às suas expectativas. Primeiramente, é inegável que a melhoria dos meios de transporte facilita o deslocamento e torna possível percorrer distâncias médias em tempo muito mais reduzido. Abrem-se assim novos territórios para a exploração. Em segundo lugar, as altas cotas de produtividade alcançadas pela indústria e a elevada rentabilidade, conseqüente do turismo, levaram à redução das horas de trabalho e à ampliação daquelas dedicadas ao lazer. Em alguns países, em vez de um único período de férias, há um esquema seccionado; são “férias de curta duração”, com disponibilidade de tempo suficiente para a realização de viagens não longas. A multiplicidade deste tipo de “mini-férias” permite alternar características dos destinos, para

satisfazer algumas vezes às ânsias de cultura; em outras, sobressai as de contatos com a natureza; e, ainda, ocorre as de reencontro com a família.

O que se enfatiza é a idéia de que o mundo rural passou a constituir, definitivamente, uma das motivações do turismo na contemporaneidade (IRVING, 2002). Cumpre agora torná-lo capaz de competir, com êxito, com outros tipos de destinos turísticos (IRVING, 2002).

Em nenhum momento o turismo rural foi concebido como uma atividade alternativa (GARCIA CUESTA, 1996). Sempre se falou do seu papel complementar; uma das funções que lhe atribuíram foi a da manutenção das terras de cultivo, tanto por razões econômicas, como culturais e ambientais. Houve quem efetivamente vinculasse o trabalho da terra à acolhida de visitante, originando o chamado agroturismo, o qual incorpora a possibilidade dos hóspedes participarem das atividades de exploração (IRVING, 2002).

Segundo SILVEIRA (2001), a partir da década de 80, o turismo rural iniciou a expandir-se por várias regiões do Brasil. Atualmente, embora ainda não se disponha de dados estatísticos que permitam fazer um mapa preciso da distribuição do turismo no país, pode-se indicar aquelas regiões em que há maior oferta e demanda, e também mais infraestrutura voltada para esse segmento. No sul do Brasil encontram-se as principais regiões de turismo rural, principalmente nos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, por suas próprias características econômicas, culturais e religiosas – com forte presença da agropecuária na economia regional e com traços étnicos marcantes na formação étnico-cultural - tem havido o estímulo para resgatar e valorizar o modo de viver e de produzir das populações rurais. O Turismo religioso esta explicitado no quadro 1.

Quadro 1 - Turismo religioso

Itens	Religioso	Místico
Objetivo	Busca de fé	Troca de energia.
Objetivo específico	Necessidade de contatos com locais santos sagrados	Busca o autoconhecimento e renovação das energias.
Itens mais valorizados	Facilidade na infra-estrutura, como acessos, sinalização, comunicação, saneamento dos lugares santos.	Preservação da natureza.
Preço	Procuram locais com preços mais econômicos.	Não está preocupado com o valor a ser gasto.
Gastos	Adquirem com mais facilidade “ <i>souvenirs</i> ”, artesanatos que lembrem o local visitado.	Valoriza o conforto e a boa comida, mas não é adepto da aquisição de lembranças.
Meio de transporte	Ônibus, vans, kombis, outros transportes coletivos.	Jipes, carros, motos e ônibus (mas não com intuito de excursão).
Hospedagem	Ocupa os meios de hospedagens convencionais, como hotéis.	Busca hospedagem não-convencional como: pousadas, retiros, mosteiros, “ <i>camping</i> ” etc.

Quadro 1 - Turismo religioso (continuação)

Itens	Religioso	Místico
Tempo de permanência	Valoriza o tempo, as atrações turísticas ficam em segundo plano, pois o que interessa são os locais sagrados ou santos.	Permanência não determinada, que pode ser de longa ou curta duração, dependendo muito do acesso, “energia” e preservação do local visitado.
Serviços usados	Podem utilizar guias de turismo, agências de viagens, transportadoras.	Pode utilizar guias especializados no turismo ecológico.
Diferencial	Turismo mais caracterizado como viagem de massa. Costuma viajar com um guia espiritual que, no caso, se caracteriza por religiosos.	Turismo não-convencional valoriza situações peculiares, como a natureza e o contato com guias especializados no assunto. Não costuma viajar através de pacotes turísticos.

Fonte: MOLETTA (2003)

2.8 Política de turismo e desenvolvimento local

A concepção de turismo rural é ampla e tem papel fundamental no desenvolvimento regional, com promoção dos benefícios importantes para a coletividade. O desenvolvimento local como expressão de crescimento sustentável, a partir da base e apoiado por instâncias superiores, é um dos conceitos com mais ampla aceitação nos últimos tempos, quando se fala de soluções para as comunidades que vivem na zona rural (ALBURQUERQUE, 1998).

O turismo, em tal contexto, surge como um dos motores mais potentes para pôr em funcionamento as idéias que promovem a ascensão de um determinado local. O turismo é uma atividade que permite criar riqueza, sem necessidade de grandes investimentos, com a possibilidade de manter ocupações e costumes tradicionais. A carência de recursos humanos capacitados, comum em muitas comunidades rurais, inibe sua participação nos processos turísticos e, por isso, devem ser superados com ajuda de agentes especializados em desenvolvimento local (IRVING, 2002). Contudo, a prática de outras atividades complementares, desde os desportos, gastronomia, entre outros, contribui para a criação de novos postos de trabalhos mais qualificados.

O planejamento deve ser a fórmula utilizada para alcançar os propósitos no turismo rural, o qual deve ser concebido como uma atividade de pequena escala e deve propiciar incremento na qualidade de vida dos moradores locais. Pode ter uma função muito importante no âmbito do desenvolvimento local, porém sua presença tem de emergir inserida num conjunto mais amplo, que não do simples fenômeno turístico.

Segundo SILVEIRA (2001), a importância do turismo como atividade econômica tem contribuído para o surgimento de diversas iniciativas direcionadas para o seu desenvolvimento. Boa parte das ações está voltada para a promoção do turismo pelos

benefícios econômicos que ele pode gerar, como divisas para os governos, novos investimentos privados, bem como emprego e renda para a população em geral.

O turismo é visto como uma ferramenta para alavancar economias nacionais, regionais e locais. No Paraná, a partir de 1996, o governo do Estado definiu, como ação prioritária, a implantação do que se denomina “Projetos Regionais de Turismo” (ECOPARANÁ, 1999). Esses projetos, agrupados com vários outros programas e ações, compõem a atual política de turismo no âmbito estadual, como também as atividades voltadas para a exploração do turismo rural, do ecoturismo e turismo cultural na Região Metropolitana de Curitiba - RMC.

A proposta de criar um anel de turismo na região por meio da implantação de roteiros turísticos, que explorem os recursos naturais e culturais das localidades integradas no espaço metropolitano, aliando o uso turístico à preservação ambiental e à geração de empregos e renda para as populações locais, vem corroborar em favor da importância desse projeto. Nessa perspectiva, o turismo passa a integrar a estratégia de planejamento e gestão dos espaços que circundam a zona urbano-industrial formada pela grande Curitiba.

Por um lado, não resta dúvida de que num momento em que o mundo do trabalho e da produção vem passando por profundas transformações, tornam-se muito importantes as iniciativas que visam criar mercados, dinamizar economias locais e gerar emprego e renda para as populações, por meio do incentivo a setores como o turismo.

Conforme SILVEIRA (2001), a implementação, desde 1996, do Programa Nacional de Turismo (PNMT) tem como objetivo fomentar o desenvolvimento turístico sustentável²⁰ nos municípios brasileiros, com base na sustentabilidade econômica, social, ambiental e cultural e política (EMBRATUR, 1998). Outro exemplo é a criação, em 1998, pelo governo federal, de uma linha de financiamento para a expansão do turismo rural por meio do programa Crédito Rural, administrado pelo Banco do Brasil (CARVALHO, 2000). Esse programa tem como finalidade dar apoio financeiro, mediante abertura de crédito, a investimentos que visem ao beneficiamento, ao processamento e à comercialização da

²⁰ Em abril de 1968, um grupo de 30 pesquisadores de diversos países reuniu-se na Academia Lincei, em Roma, para analisar a situação presente e futura do Homem. Por sugestão do industrial italiano Aurélio Peccei, foi criado, em 1968, o Clube de Roma. O clube lançou o relatório *The limits of Growth*, denominado Relatório Meadows, coordenado por Donella e Dennis Meadows. O documento chocou a opinião pública, mas os propagadores do crescimento econômico conseguiram minimizar o seu teor, acusando os seus autores de alarmistas e catastróficos. Apesar de seu conteúdo chocante, o relatório é uma advertência, pois não fazer nada em prol do meio ambiente é contribuir para o aumento dos riscos ambientais. Grinevald (1993) afirma que “na história das idéias, o Relatório Meadows pode ser comparado aos livros *De Revolutionibus*, de Copérnico, e *A Origem das Espécies*, de Darwin. A mensagem foi bastante evidente: um meio ambiente finito impõe limitações ao crescimento econômico, no qual estão inseridas a demografia, industrialização, exaustão dos recursos minerais e poluição.

produção agropecuária e de produtos artesanais fabricados por famílias rurais, inclusive a exploração do lazer no espaço rural.

É notório afirmar que, para o Brasil, o desenvolvimento do turismo rural é um processo neófito, como também as políticas públicas voltadas ao fomento dessas atividades surgidas com a Política Nacional do Turismo, em 1995.

2.9 Rota turística e pontos turísticos

Segundo SILVEIRA (2001), de acordo com as documentações dos órgãos governamentais (ECOPARANÁ/COMEC/EMATER, 1999) foram projetados roteiros turísticos. No quadro 2 é explicitada a proposta de novo roteiro turístico (circuito), incluindo o VFSE para integrar o turismo a outros setores da atividade socioeconômica, que são: setores do turismo - serviços turísticos, eventos e conferências, aventura e divertimento, transporte, atrações, setor hoteleiro e acampamentos, setor de alimentação, comércio e viagens; estes integrados ao desenvolvimento da Infra-Estrutura Turística de atrações com: equipamentos, atrações naturais, históricas e culturais, realizações técnicas e científicas, e eventos (EMBRATUR, 2001). A distribuição do circuito turístico no Estado está demonstrado no quadro 2, no qual se nota vários locais contemplados com o circuito turístico.

Quadro 2 - Circuito turístico do Estado do Paraná

Região	Circuito	Local
Rota dos Mananciais	Trentino Rural na Serra Caminho do Mar pela Graciosa	Piraquara Quatro Barras
<i>Karst</i>	Italiano de Turismo Rural Tamandaré de Turismo Rural Verde que te Quero Verde Roteiro das grutas	Colombo e Bocaiúva do Sul Almirante Tamandaré Campo Magro Rio Branco do Sul
Região Oeste	Estrada do Mato Grosso Caminho do Vinho e Circuito Ucraniano de turismo Rural Circuito Polonês de turismo rural	Campo Largo São José dos Pinhais Araucária
Tijucas do Sul (proposta, 2005)	Estrada Velha Joinvile-Curitiba e Estrada do Litoral BR 276. <i>Vivat Floresta Sistema Ecológico Protector Naturae</i> – VFSE	Curitiba, São José dos Pinhais e Tijucas do Sul

Fonte: SILVEIRA (2001) - Adaptado pelo Autor (2005).

2.10 Pólos turísticos

A integração ao Pólo Turístico²¹ e às Rotas Turísticas no Estado são aspectos positivos - notadamente o VFSE e a zona rural -, uma vez que se trata de espaços, cuja exploração turística já vem ocorrendo há alguns anos, tendo em vistas as ações, atividades integradas aos turismos culturais, científicos, rurais e ecoturismo.

Do conjunto de ações explicitadas procura-se apontar os impactos do turismo como uma das potencialidades econômicas; suas atividades poderão provocar, no futuro, a alguns setores e locais do Estado e/ou do município, a descaracterização de culturas, o consumo desmedido de recursos naturais, culturais, especulação imobiliária desordenada, degradação ambiental na ocupação do solo, com uma turistificação não planejada das paisagens e dos espaços geográficos.

Soma-se a isso as seguintes afirmações para a necessidade de se melhor avaliar os efeitos do crescimento turístico local e regional e no primeiro Planalto Paranaense:

- 1) Estabelecer e fazer organizar a atividade turística para que ela aconteça de maneira sustentável e, com desdobramento dessa idéia;
- 2) Utilizar o patrimônio natural e cultural em benefício dos habitantes, fazendo que os locais identifiquem na natureza e na sua história fontes de renda a serem preservadas, sobretudo as florestas plantadas, especialmente em matas ciliares.

No Brasil, especificamente a partir do início da década de 1990, vem aumentando a preocupação em analisar os procedimentos de expansão do turismo regionalizado com desenvolvimento, planejamento estratégico e gestão. Segundo EMBRATUR (2001), foram identificados 96 pólos²² de ecoturismo, isto é, em 26 Estados da federação, multiplicam-se os estudos que buscam compreender as variáveis²³ e dimensões do turismo e os processos de desenvolvimento regional dessas atividades.

²¹ A implantação de um pólo baseia-se na gestão de três setores da sociedade: poder público, iniciativa privada e a sociedade civil organizada (EMBRATUR, 2001, p. 96).

²² Consideram-se as áreas onde as atividades ecoturísticas vêm sendo desenvolvidas com sucesso, sendo promovidas por um número viável de agentes, locais com condições naturais especiais, mas poucas atividades devido à falta de infra-estrutura e organização (EMBRATUR, 2001). A REGIAO SUL está classificada como 8 Pólos turísticos, e o Estado do Paraná integra com os Pólos PR 1 - Pólo Paranaguá/Graciosa, 4 municípios: Paranaguá, Guaraqueçaba, Antonina e Morretes; PR 2 - Pólo Campos Gerais, 4 municípios: Ponta grossa, Castro, Carambeí e Tibagi; PR 3 - Pólo Costa Oeste, 3 municípios: Itaipulândia, Foz do Iguaçu e São Miguel do Iguaçu (EMBRATUR, 2001).

²³ Translado - constituem a rede de estradas e caminhos de um país por meio dos quais se deslocam os fluxos turísticos para completar seus itinerários. Estada - são superfícies alongadas, em geral, paralelas as costas de mares, rios, ou lagos.

2.11 Planejamento e implantação - Pólo turístico

Para o processo de desenvolvimento do ecoturismo no Brasil a EMBRATUR & IEB (2001) desenvolveu um modelo teórico de avaliação dos pólos turísticos e de seus elementos. Trata-se de uma ferramenta de fácil aplicação. A matriz de avaliação proposta procura retratar as diversas realidades que compõem um determinado cenário, indicando que as ações que possam vir a ocorrer irão se refletir em todo um conjunto ou em suas partes. Pode ser aplicada mais de uma vez, a medida que ações propostas forem-se concretizando, para monitorar a evolução do pólo, registrando a situação em diferentes momentos.

O pólo é composto por elementos intrinsecamente relacionados, a proposta atribui a cada elemento um peso relativo, de forma que possa obter uma interpretação qualitativa e expressa em gráfico as condições do lugar e identificar os tipos de ações a serem implementadas em prol do desenvolvimento. A matriz pode ser aplicada nos diferentes elementos e territórios que compõem o pólo ecoturístico, os dados da avaliação parcial consolidados em matriz única para todo o pólo.

Indicadores estabelecidos para avaliação: atrativos ecoturístico; visitação; infraestrutura de apoio ao ecoturismo; serviço de apoio ao ecoturista; áreas protegidas; políticas públicas direcionadas ao desenvolvimento turístico-ambiental da região.

2.12 Avaliação dos pólos turísticos

Para cada um dos critérios de avaliação CICATUR/ENBRATUR (2001), acredita-se que o modelo que não apresenta complexidade, e, que possa contribuir na direção correta do planejamento, como um instrumento auxiliar na formação de ações e posturas que venham a responder as carências e aos problemas identificados. Para cada um dos itens de avaliação foram estabelecidos critérios de pontuação, atribuindo-se “notas”, em números inteiros que podem variar de (0) zero a (3) três. A nota zero significa a inexistência do fator considerado; por exemplo à inexistência de políticas públicas para o desenvolvimento turístico do pólo. A nota três equivale à condução de excelência máxima do fator que está sendo analisado.

A importância de cada um dos seis itens dos indicadores estabelecidos é relativo a cada caso específico e deve ser ponderado cuidadosamente pelo grupo gestor. Na avaliação dos itens atrativos consideram-se dois fatores: características e as condições existentes para a visitação turística. A avaliação dos atrativos será feita a partir da média ponderada entre as duas pontuações; características referem-se geralmente a beleza, à

originalidade, a importância ambiental e cultural como também o que representam como apelo e incentivo à visitação e recebem:

- Nota 1, os atrativos comuns, isto é, aqueles que podem ocorrer em outros lugares;
- Nota 2, os atrativos significativos, os que ocorrem mais raramente, ou que apresentam características mais específicas e diferentes da média encontrada;
- Nota 3, aos atrativos exclusivos, aqueles que são únicos, só ocorrendo naquele determinado lugar ou se apresentando com formas e extensões inusitadas.

I - As condições que o atrativo apresenta para receber o turista referem-se ao estado da infra-estrutura de apoio no local de visitação evidenciadas por:

- Nota 0, para os atrativos sem nenhuma infra-estrutura;
- Nota 1, para os atrativos abandonados e de condições precárias para atender à visitação, isto é, sem qualquer tipo de controle, suporte à atividade ecoturísticas, colocando também em risco a sua própria preservação;
- Nota 2, aos atrativos em condições inadequadas de visitação, aqueles que já foram objetos de algumas ações, visando o controle ou que apresentam serviços e equipamentos de apoio à práticas ecoturísticas, porém em condições inadequadas frente à demanda vigente.
- Nota 3, aos atrativos em condições adequadas de visitações, aqueles que atendem às necessidades da demanda da atualidade.

II - Para o item visitações foram consideradas três variáveis: a quantidade de público visitante, a origem da demanda e sazonalidade, e a avaliação deverá ser feita a partir da média ponderada das três pontuações.

Portanto, a quantidade se refere à estimativa de fluxo de visitante no pólo em relação a capacidade de carga, podendo se atribuir:

- Nota 0, para ausência de visitação;
- Nota 1, para a quantidade excessiva de visitantes;
- Nota 2, para a quantidade com potencial de crescimento;
- Nota 3, para a quantidade adequada.

É notório que a origem da demanda diz respeito ao lugar de proveniência da maioria dos turistas que visitam o pólo; esse item pode receber;

- Nota 1, na percepção quando a demanda é somente de origem local;
- Nota 2, somente quando o pólo recebe visitantes locais e de origem regional;
- Nota 3, quando a visitação inclui turistas de origem internacional.

A indicação de sazonalidade refere-se à frequência com que os atrativos do pólo são visitados e podendo receber:

- Nota 1, com visitação esporádica e ou regular;
- Nota 2, a visitação em temporadas, ou feriados prolongados;
- Nota 3, a visitação constante o ano inteiro.

III - Para o item infra-estrutura, refere-se às condições de acessibilidade e circulação, infra-estrutura e serviços urbanos, considerando-se o pólo como um todo e poderá ser atribuída:

- Nota 0, para a completa falta de infra-estrutura;
- Nota 1, quando a infra-estrutura apresenta-se precária, deteriorada, isto é em estado de abandono;
- Nota 2, para infra-estrutura inadequada, ou seja, quando realizados investimentos e obras, mas de maneira inadequados, insuficientes relacionados à demanda de visitação;
- Nota 3, quando apresenta infra-estrutura adequadas, que atenda às necessidades da demanda da atualidade.

IV - No item serviços, esse se referem à qualidade, variedade dos serviços de hospedagem, alimentação, como outros específicos para o ecoturismo, guias locais, aluguel de equipamentos, poderá ser avaliados:

- Nota 0, a ausência de serviços apresenta-se completa;
- Nota 1, nesse caso quando os serviços são precários;
- Nota 2, quando os serviços são inadequados e insuficientes;
- Nota 3, apresenta serviços adequados e suficientes à oferta.

V - Para as áreas protegidas, considera-se a existência de mecanismo legais de proteção ambiental específicos para determinadas áreas e ecossistemas do pólo turístico podendo se atribuir:

- Nota 0, não existindo nenhuma área protegida;
- Nota 1, para as áreas protegidas em número insuficiente ou não regularizadas;
- Nota 2, nas áreas protegidas em processo de regularização;
- Nota 3, para as áreas protegidas e regularizadas.

VI - políticas públicas, refere-se a existência de ações e ou programas governamentais direcionados ao desenvolvimento do turismo regional onde se situa o pólo turístico, com os benefícios resultantes à comunidade local. Quando da existência de políticas públicas as notas podem ser atribuídas da seguinte forma:

- Nota 0, a completa ausência de políticas públicas;
- Nota 1, para políticas públicas incipientes;
- Nota 2, para as políticas públicas em processo de implementação;
- Nota 3, a consolidação e implementação das políticas públicas.

A eficiência das políticas públicas refere-se ao modo como o resultado destas ações tem revertido em benefício das populações locais e significam:

- Nota 1, quando os benefícios locais são insignificantes;
- Nota 2, para benefícios locais irregulares;
- Nota 3, para os benefícios locais significativos.

2.13 Histórico da formação local

Tijucas do Sul é uma cidade marcada por acontecimentos históricos, e um deles é especialmente triste à lembrança do povo do lugar: a Revolução Federalista de 1893, do qual foi palco do teatro de operação de guerra.

Nos séculos XVII e XIX, o Paraná passou a ser servido pelo Caminho de Viamão, ligação entre as regiões Sul e Sudeste do Brasil. A rota dos tropeiros conduzia gado das terras gaúchas para as feiras de Sorocaba (SP). O Viamão deu origem à algumas cidades paranaenses, como a Lapa, Curitiba, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Piraí do Sul e Jaguariaíva (GAZETA DO POVO, HISTÓRIA DO PARANÁ - Formação Territorial, 2003).

Os caminhos do Peabiru: em meados do século XVI, os europeus chegaram ao interior do Paraná e encontraram uma rede de Caminhos denominada Peabiru, aberta pelos índios na era pré-cabraliana, rota continental que ligava o Oceano Atlântico ao Pacífico, principal tronco que saía de São Vicente (SP), entrava nas terras paranaenses pelo Vale do Assungui, região de Castro, rios Ivaí, Cantu e Piquiri, atingindo o rio Paraná. Peabiru tinha vários ramais; o de Santa Catarina e o do litoral paranaense foram largamente utilizados pelos conquistadores, como ilustra o mapa da figura 2.

2.14 Roteiro turístico histórico e cultural

De acordo com SETU/PR (2005), no circuito e Rotas Turísticas no Paraná estão contemplados o Caminho de Tijucas do Sul e Caminho dos Ambrósios, ainda não implantado com sinalizações urbanas, postos de informação, porém existe política pública de interesses municipal e distrital para sua efetiva implementação. Um dos obstáculos é a carência de hospedarias, pousadas e divulgação mais ampla de sua relevância regional e nacional.

Segundo SILVEIRA (2003), esses roteiros têm como objetivo integrar o potencial turístico na RMC, com os equipamentos, serviços, infra-estrutura de apoio ao turismo a serem implantados. Cada roteiro terá seu próprio traçado, com base em eixo principal constituído por vias de acesso, distritais, municipais, estaduais e federais, onde estão concentrados os locais de interesse turístico, como: propriedades rurais, vinícolas, hotéis-fazenda, pousadas restaurantes, parques, pesque-pagues, cachoeiras, grutas, cavernas, áreas de florestas e outros. Os demais atrativos poderão ter acesso por vias secundárias ou ramais; a infra-estrutura de apoio ao uso turístico, com sinalizações adequadas, postos de informações, equipamentos urbanos (telefone, paradas para ônibus), como o serviço de segurança e de atendimento ao turismo.

Os roteiros propostos poderão ser integrados com ligações que facilitem a diversificação da oferta, dos atrativos, e o uso da infra-estrutura existente. Para melhor integração, os roteiros obedecerão a critérios que garantam a qualidade e o bom atendimento, como a identificação dos pontos turísticos, adoção de um selo como identificação dos produtos de consumo regionais (artesanatos, produtos típicos, embalagens), sinalização turística, realização de eventos (feiras, festas) com intuito de promover os produtos regionais; estabelecimentos de parcerias entre municípios e Estado e divulgação e promoção dos roteiros utilizando a mídia, conscientização entre as comunidades locais (ECOPARANÁ; COMEC; EMATER, 1999; SILVEIRA, 2002).

2.15 O caminho dos Ambrósios

Dentre os nove roteiros turísticos propostos pelo Estado do Paraná para integrar um megaprojeto turístico do Estado, incluiu-se no presente trabalho o roteiro dos Ambrósios para inseri-lo no turismo paranaense, pelas suas potencialidades, especialmente pela presença do **VFPSE** [grifo meu], integração e participação deste no processo de gestão dos circuitos turísticos.

Entre os diversos caminhos indígenas destacam-se o caminho do Peabiru, que do litoral paulista chegava até a Bolívia e Peru e diversas trilhas que ligavam o litoral aos campos do “além serra”. No Estado do Paraná têm-se as utilizações de várias trilhas, sendo as mais importantes: caminho da Graciosa, caminho do Itupava, caminho do Arraial Grande/Caminho dos Ambrósio a Morretes (FERREIRA, 1999).

“Este campo limita-se com o de São José dos Pinhais com os quais se confundia e misturava. Os dois formavam uma única área de extensão dos campos de Curitiba. Especificamente os Ambrósios se espraiavam até a Serra Geral que os dividia das baías de Guaratuba e da Babitonga, e, como foi dito, ligava-se ao norte com São José dos Pinhais”.

Muitos pesquisadores historiadores e arqueólogos citam que as áreas geográficas dos Estados do Paraná e Santa Catarina foram trilhadas pelos indígenas que habitavam essas terras por muitos séculos e as utilizavam como rotas para coleta de animais e de alimentos para sua manutenção, como os recursos marítimos (mariscos, pescados) e produtos de origem florestal, como os frutos de espécies nativas e pinhões encontrados no Planalto Curitibano. Posteriormente, os espanhóis e portugueses adentraram as matas e subiram a Serra do Mar, seguindo essas trilhas indígenas. É presumível que os primeiros viajantes a utilizarem estas trilhas foram os bandeirantes, nas travessias para o transporte de metais preciosos (ouro, prata).

No século XVI os espanhóis já tinham o domínio a oeste do Tratado de Tordesilhas, desembarcam na região²⁴ Baía de Babitonga (São Francisco do Sul). Para EHLKE (1973), “Caminho dos Ambrósios ou das Três Barras” utiliza relatos e crônicas como a do Padre Raulino *Reitz*, da cidade de Brusque, que nas suas investigações admite ser o caminho dos Ambrósios contíguo ao do Rio das Três Barras, até o Porto da Barra, seguindo as embarcações para São Francisco do Sul (CORAIOLA, 2002).

Segundo MOREIRA (1975), a denominação Campos dos Ambrósios tem sua origem em uma planta aromática endêmica na região da Serra do Mar, da família das compostas, semelhante à outra com a mesma denominação existente nos campos em Portugal.

Na obra “As Sesmarias no Paraná Século XVIII” existe uma descrição da primeira sesmaria da região dos Ambrósios, que, com 1x3 léguas de extensão, pertencia a Manoel Pinto do Rego, na região entre o Rio da Una (de Una) até o morro do Araçatuba, que, vindo

²⁴ 1504, o navegador francês *Binot Palier de Goenvile* permaneceu na região por 6 meses em convívio com os índios Carijós e, chegando até os campos do planalto em 1515/1553 aportaram na baía várias expedições espanholas, destacando a do “Cabeça de Vaca”, 1540 até a foz do rio Guaçu, no Rio Paraná. Rota utilizada por estes, saía de Santa Catarina até o planalto paranaense

de Santos, tinha o intuito de fixar morada e criar gado vacum (RITTER, 1980). Para GRZEGORCZYK (2003), o Caminho dos Ambrósios deve ser pensado como memória da população de Tijucas do Sul e do Estado do Paraná, desde o fechamento do Caminho em 1854.

No século atual, o “**Caminho dos Ambrósios e o Tropeirismo**” [grifo meu] apresentam ampla importância para novos empreendimentos na administração do turismo, na ótica particular, municipal, estadual e regional.

A figura 3 apresenta trechos do Caminho dos Ambrósios, Belezas Cênicas e representantes dos Guaranis que visitam o local como propriedade de seus antepassados.



Fonte: O autor (2004).

Figura 3 - Fotos do Caminho dos Ambrósios.

(...), campo dos Ambrósios, possivelmente o caminho que recebia esta denominação de “Estrada de Três Barras” (GRZEGORCZYK, 2003), *apud* SANTIAGO; MOREIRA (1975)”.

2.16 Características das tipologias florestais no âmbito regional

As porções que correspondem a floresta nativa e as diferentes tipologias florestais para a área de ocorrência da floresta com Araucária encontram-se na tabela 2-A (Anexo A página 131), onde são apresentadas as Tipologias Florestais que ocorrem na região, mostrando os quatro estágios de sucessão da floresta.

Segundo PÉLLICO NETTO (1971), EDUARDO (1974) e FUPEF (1978), o processo de colonização e exploração madeireira e expansão das áreas agrícolas conduziu à progressiva redução da Floresta Ombrófila Mista no território paranaense. Ao final da década de 1970, apenas 3.166 km² dos pinhais nativos haviam restado, ou seja, cerca de 4,3% da área originalmente coberta pela Floresta Ombrófila Mista do Paraná MAACK, UFPR-CPF e FUPEF (1981).

Para o MMA (2004), as florestas em estágio inicial de sucessão apresentam poucas lianas; em termos de epífitas, às vezes mostram uma abundância média. A altura média das árvores maiores é de 9 metros, com variação diamétrica entre 5 e 20 cm. A *Araucaria angustifolia* pode ocorrer com abundância baixa ou média, tendo os indivíduos mais altos até 16 metros de altura e diâmetro de 15 a 40 cm.

As principais espécies observadas foram: *Allophylus edulis*, *Campomanesia xanthocarpa*, *Casearia obliqua*, *Clethra scabra*, *Cupania vernalis*, *Drimys brasiliensis*, *Ilex paraguariensis*, *Lamanonia speciosa*, *Mimosa scabrella*, *Myrcia rostrata*, *Nectandra lanceolata*, *Ocotea puberula*, *Piptocarpha angustifolia*, *Piptocarpha axillaris*, *Prunus sellowii*, *Psidium cattleianum*, *Rapanea ferruginea*, *Schinus terebinthifolius*, *Solanus* sp., *Syagrus romanzoffiana*, *Symplocos tenuifolia*, *Zanthoxylum rhoifolium*, *Casearia sylvestris*, *Cordyline dracenooides*, *Mollinedia* spp., *Rapanea umbellata* e *Sapium glandulatum*. No contato com a Floresta Atlântica ocorrem ainda *Alchornea sidifolia*, *Cupania oblongifolia*, *Thibouchina pulchra*, *Thibouchina sellowiana* e *Cabraela canjerana*.

A floresta em estágio médio apresenta uma quantidade maior de epífitas e lianas. A altura das árvores maiores varia de fragmento para fragmento de 9 a 15 m, com variação diamétrica entre 5 e 50 cm. As principais espécies encontrada nesse estrato são: *Alchornea iricurana*, *Campomanesia xanthocarpa*, *Casearia obliqua*, *Casearia sylvestris*, *Cupania vernalis*, *Gochnatia polymorpha*, *Ilex brevicuspis*, *Ilex theezans*, *Ilex dumosa*, *Lythraea brasiliensis*, *Matayba elaeagnoides*, *Mimosa scabrella*, *Myrcia rostrata*, *Nectandra lanceolata*, *Ocotea porosa*, *Ocotea puberula*, *Piptocarpha angustifolia*, *Piptocarpha axillaris*, *Podocarpus lamberti*, *Prunus sellowii*, *Psychotria sessilis*, *Rapanea ferruginea*, *Rapanea umbellata*, *Schinus terebinthifolius*, *Solanum sanctae-catharinae*, *Syagrus romanzoffiana*, *Vernonia discolor* e *Weinmannia brasiliensis*.

Na regeneração e no sub-bosque são freqüentes *Allophylus edulis*, *Campomanesia xanthocarpa*, *Casearia sylvestris*, *Clethra scabra*, *Cyathea corcovadences*, *Cyatea cetosa*, *Drimys brasiliensis*, *Erythrina falcata*, *Erythroxylum argentinum*, *Eugenia uniflora*, *Ilex paraguariensis*, *Matayba alaeagnoides*, *Mollinedia* sp, *Ocotea odorifera* e *Strychnos brasiliensis*. A *Araucaria angustifolia*, quando presente, ocorre com um pequeno número de indivíduos de até 20 metros de altura e diâmetro de 30 a 60 cm.

A floresta em estágio avançado apresenta poucas lianas e muitas epífitas. Geralmente possui dois estratos: o superior, com altura média de 20 metros e diâmetro das árvores de 20 a 60 cm, onde, embora com baixa freqüência, ocorrem indivíduos emergentes de *Araucaria angustifolia* com altura de 22 metros e diâmetro de 30 a 70 cm. Acompanhando o pinheiro ocorrem *Matayba eleagnoides*, *Nectandra megapotamica*, *N. grandiflora*, *N. lanceolata*, *Ocotea diopyrifolia*, *Ocotea pulchella*, *Ocotea porosa*, *Ocotea puberula*, *Ocotea nutans*, *Blepharocalyx salicifolius* e *Cedrela fissilis*.

No estrato médio, com até 14 m de altura e diâmetro de 10 a 40 cm, são observadas *Campomanesia xanthocarpa*, *Casearia obliqua*, *Casearia sylvestris*, *Cinamomum sellowianum*, *Cupania vernalis*, *Gochnatia polymorpha*, *Ilex paraguariensis*, *Ilex theezans*, *Ilex brevicuspis*, *Laplacea fruticosa*, *Myrcia rostrata*, *Myrcia ciliolata*, *Ocotea odorifera*, *Piptorcarpha axillaris*, *Podocarpus lamberti*, *Prunus sellowii*, *Psychotria sessilis*, *Rapanea umbellata*, *Roupala brasiliensis*, *Styrax* sp. e *Vernonia discolor*.

Na regeneração e no sub-bosque ocorrem *Alophylus edulis*, *Campomanesia xanthocarpa*, *Casearia decandra*, *Citrinella congonha*, *Cupania vernalis*, *Cyatea setosa*, *Myrcia hatschbachii*, *Drimys brasiliensis*, *Eugenia uniflora*, *Geonoma elegans*, *Ilex paraguariensis*, *Jacaranda puberula*, *Machaerium minutiflorum*, *Matayba elaeagnoides*, *Mollinedia* spp. *Myrcia rostrata*, *Rapanea umbellata*, *Roupala brasiliensis*, *Sebastiania brasiliensis*, *Sorocea bomplandi* e *Strychnos brasiliensis*.

Nas áreas de maior altitude no contato com a Floresta Atlântica, as florestas são de menor estatura, atingindo até nove metros, com predomínio das seguintes espécies: *Psychotria sessilis*, *Clethra scabra*, *Myrcia rostrata*, *Prunus selowii*, *Symplocos glandulosos-marginata*, *Casearia sylvestris*, *Rapanea umbellata*, *Tibouchina sellowiana*, *Casaria obliqua*, *Inga sessilis*, *Schinus terebinthifolius*, *Ilex taubertiana*, *Lamanonia speciosa*, *Ilex brevicuspis*, *Ilex theezans* e *Sapium glandulatum*.

Outras formações importantes são as matas ciliares, sendo as mais significativas as dos rios da Várzea e Iguaçu. Essas florestas sobrevivem em condições edáficas especiais, onde os solos são freqüentemente inundados pelos rios. A espécie dominante é o branquilha (*Sebastiania commersoniana*), que corresponde a aproximadamente 60 a 80%

da composição da vegetação; ocorreram também pequenos grupamentos de coqueiros (*Syagrus romanzoffiana*), e, nos locais brejosos, *Erythrina uruguensis*, *Symplocos uniflora*, *Daphnopsis racemosa*, *Myrceugenia regneliana*, *Duranta vestita* e *Vitex megapotamica*.

2.17 Teoria e sistemas integrados ao desenvolvimento do turismo

Para ACERENZA (2002), a teoria estabelece as bases conceituais para a organização do conhecimento interdisciplinar e representa, portanto, um marco de referência coerente que permite identificar os elementos componentes e interatuantes de dados fenômenos, bem como as funções, relações e interações desses com seu ambiente. Entende-se por interação, aqui, a influência recíproca que cada um dos elementos exerce sobre o desenvolvimento do outro.

É precisamente por esse motivo que a teoria geral dos sistemas é considerada um instrumento válido para a análise de um fenômeno complexo como o turismo e que, como indicado, está intimamente ligada a uma série de disciplinas.

O conceito de sistema permite o estudo científico dos mais diversos estados operacionais e de múltiplas estruturações simples ou compostas, fáceis ou complexas, do que resulta sua utilidade teórica e prática..., e indica... O conceito de Turismo indubitavelmente existia desde épocas muito remotas, mas sua utilização está rigidamente limitada porque faltavam métodos e meios adequados para poder manejar as múltiplas variações correlativas que implica o fazer cooperativo, uma função mediante numerosos, diversos e aleatórios elementos interatuantes (CUERVO, 1967; ACERENZA, 2002).

As ciências modernas, a computação eletrônica e a matemática modificaram favoravelmente essa situação; com base na teoria dos conjuntos, elas estabeleceram como postulado que:

O turismo é um conjunto (um grande conjunto bem definido de relações, serviços e instalações, gerados em virtude de certos deslocamentos humanos).

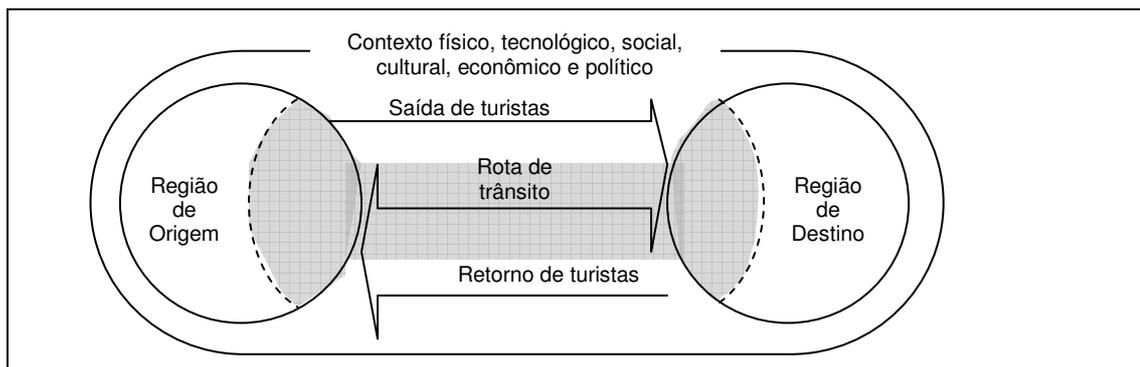
Segundo LEIPER (1981)²⁵ citado por ACERENZA (2002), os seguintes subconjuntos, dentro desse grande conjunto denominado turismo foram identificados:

- Transporte, em todas as suas formas.
- Alojamento, também em todas as suas formas.
- Serviços de alimentação, em toda a sua gama.
- Estabelecimentos comerciais relacionados.

²⁵ LEIPER, N. Toward a cohesive curriculum in tourism; the case for a distinct discipline. *Annals of Tourism Research*, v. VIII, n. 1, p. 74, 1981.

- Centros de lazer e de diversão.
- Serviços complementares, tais como agências de viagens, guias de turismo, empresas que alugam automóveis, e outras atividades.

Integrando esse modelo na prática, no caso do turismo nacional (Brasileiro), pode-se citar como exemplo a cidade de Curitiba e seu entorno, como a RMC, geradora de destino turístico, que criou uma rota de trânsito por meio da qual os turistas se movimentam usando diversos meios de transporte disponíveis figura 4.



Fonte: LEIPER (1981), adaptado pelo autor (2005).

Figura 4 - O sistema turístico básico.

2.18 A segmentação do turismo - mercado turístico na atualidade

A estratificação é usada para designar as categorias, classes sociais e econômicas que participam da demanda por turismo; essas diversas classes socioeconômicas comumente justapõem-se à semelhança da pirâmide social, proporcionando as possibilidades de dividir essa demanda em estratos, adotando a terminologia consagrada que a denomina simplesmente de Turismo (Figura 1).

A melhor maneira de estudar o mercado turístico é por meio da sua segmentação, que é a técnica estatística que permite decompor a população em grupos homogêneos, e também da política de marketing, que divide o mercado em partes homogêneas, cada um com seus próprios canais de distribuição, motivações diferentes e outros fatores. Essa segmentação, em diferentes países, possibilita o conhecimento dos principais destinos geográficos, dos tipos de transporte, da composição demográfica dos turistas, e da situação social, escolaridade e estilo de vida, entre outros elementos (OMT, 1978; ANSARAH, 2001; DIAS, G. 1992; BENI, 2004).

O turismo na Atualidade, Segundo MINISTÉRIO DO TURISMO (2005), o Instituto Brasileiro do Turismo - IBT confirma que o turismo internacional no Brasil crescerá acima da média mundial no ano de 2004, enquanto o setor registrou no mundo um aumento de 15%.

Dados globais produzidos pela EMBRATUR mostram que 4.724.623 turistas estrangeiros visitaram o País em 2004, contra 4.090.590 em 2003, um incremento de 15,49%. Segundo dados do Banco Central-BC (Janeiro de 2004) acusava a entrada de US\$ 3,222 bilhões com o turismo internacional no Brasil. No ano anterior 2003 foram US\$ 2,479 milhões - 29,97% a mais; consideram-se gastos realizados no câmbio oficial e com cartões de crédito internacionais, não incluídas as transações extra-oficiais. Para EDUARDO SANOVICZ (2005), em 2004, o crescimento de turista havia sido de 8,12% em relação a 2003, ao passo que o de entrada de divisas foi de 8,52% (www.turismo.gov.br/br/conteudo/ver.asp?17.05.2005).

Para ERMIRIO DE MORAIS (2005), o setor em 2003, quando o turismo mundial cresceu apenas 1%, a expansão em 2004 foi expressiva, consolidando com os resultados (World Tourism Organization, 2004), o que será bom para o emprego. O turismo emprega 10% da força de trabalho mundial e gera US\$ 3,5 trilhões por ano. O Brasil tem tudo para ser um grande pólo de turismo. O Plano de Nacional de Turismo – PNT prevê aumentar o número atual de visitantes estrangeiros de 4 milhões para 9 milhões e gerar US\$ 8 bilhões até 2007, criando um adicional de 1,2 milhão de postos de trabalho (www.bye.com.br/reportagem.asp?; de 18.02.2005).

Entre os sul-americanos, destacam-se os argentinos, com 204.977 visitantes e os totais seguidos dos paraguaios com 33.747 turistas e 3,44% do total. A presença de europeus, que foi também expressiva, tem como principais destaques os espanhóis e franceses (37,735), alemães (25.913), italianos (21.819), ingleses (19.314) e holandeses (10.367). “Isso mostra que o segmento de ecoturismo tem grande apelo com os turistas conclui o diretor da EMBRATUR. Continua em ritmo de crescimento a visita de japoneses com (15.026) turistas, a China 11^º emissor, com (12.368) turistas”.

O setor de turismo no Estado do Paraná e a estimativa da participação dos turistas visitantes, dados estatísticos do turismo no Estado. Indicadores de produtos turísticos, segundo Governo do Estado do Paraná, Embratur. O quadro 3 explicita distribuição do fluxo dos turistas no ano de 2003.

Quadro 3 - Demanda turística do Estado do Paraná no período de 1999 a 2003

Indicadores	1999	2000	2001	2002	2003
Total de demandantes	2.827.146	4.158.185	5.670.614	5.552.244	6.210.930
Permanência Média (dias)	2,5	2,5	3,9	3,6	3,8
Gasto Médio Per Capita/dia (US\$)	58,8	47,6	37,8	45,0	47,8
Receita Gerada (US\$)	415.590.462	554.202.938	835.961.916	899.463.470	1.124.000.285

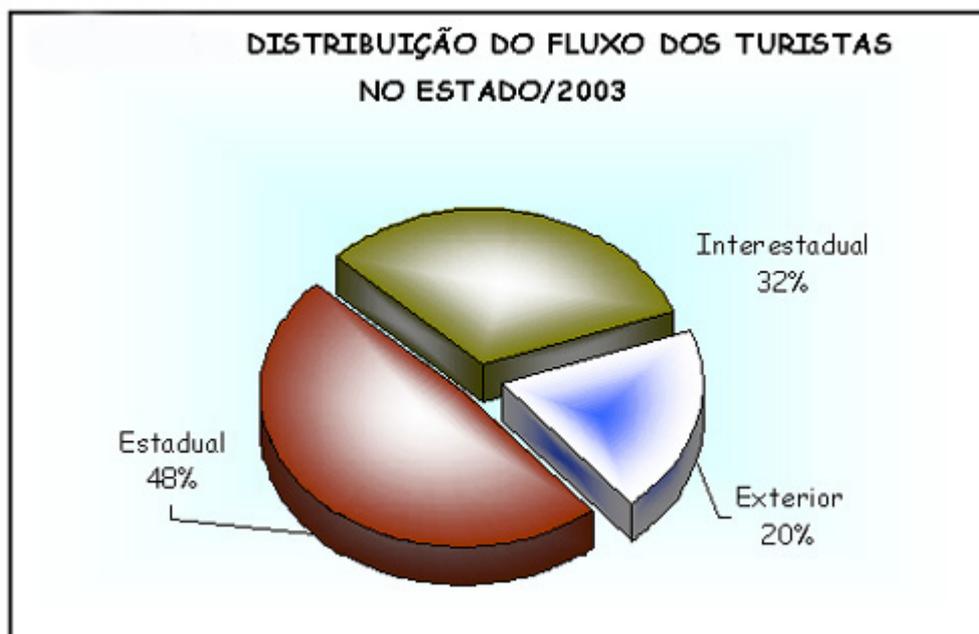


Figura 5 - Distribuição do fluxo de turismo no Estado do Paraná/2003.

Este estudo já possui uma série histórica de mais de 10 anos nas cidades de Curitiba e de Foz do Iguaçu, sendo também realizado no Litoral há 8 anos. Tem como objetivo coletar informações estatísticas sobre a demanda turística nas cidades/locais pesquisada para avaliar seu impacto econômico e delinear seu perfil.

Os Indicadores de Turismo têm o objetivo de demonstrar a situação atual do turismo no Paraná, tomando como base o fluxo de demandantes. Essas informações são coletadas junto à hotelaria, aos terminais aéreos, rodoviários e ferroviários, bem como aos principais atrativos turísticos do Estado.

2.19 Instrumentos de medidas do turismo na economia

As ações e projetos da OMT e sua evolução histórica consideram a avaliação dos efeitos do turismo na economia e classifica essas fases em três categorias, a saber conceitua e define:

- a) conceituação e classificação das estatísticas do turismo significado econômico;
- b) estimativas da econômica do turismo, a partir das contas nacionais;
- c) a proposição de metodologia específica de avaliação do impacto econômico do turismo e Conta Satélite de Turismo - CST²⁶.

²⁶ Segundo a OMT: Cuenta satélite de turismo (CST): cuadro conceptual. Madrid, 1999, 149 p.

- Classificação das estatísticas do turismo - a partir de 1973 a 1980, o Conselho da Sociedade das Nações Unidas recomendou uma definição de “turistas internacionais”, para fins estatísticos, definição esta que, posteriormente (reunião em Dublin, 1950), foi ligeiramente modificada pela IUOTO - (União Internacional de Organizações Oficiais de Viagem).
- No ano de 1953 - A Comissão de Estatística da ONU estabelece um conceito de “visitante internacional”.
- Na década de 60 (1963), na conferência da ONU sobre turismo e viagens, a IUOTO propõe a distinção dos termos visitantes, turistas e excursionistas, proposta esta aprovada pela Comissão de Estatística da ONU em 1968.
- No ano de 1978, a Comissão de Estatística da ONU aprova as diretrizes provisionais dessas estatísticas do turismo internacional.
- A proposta e os avanços do método da CST nas décadas seguintes (1991/2000).
- No ano de 1993, a Comissão de Estatística da ONU adota as recomendações propostas pela OMT na Conferência de Ottawa relativas às definições e classificações uniformes do turismo e sobre a Classificação Internacional Uniforme das Atividades Turísticas - CIUAT.
- No ano de 1994, a ONU e OMT publicam um informe com essas definições. Por seu turno, em 1992, na OCDE iniciam-se as análises das contas econômicas do turismo, resultando em proposição e normas de 1997.
- No mesmo ano, o Comitê de Turismo de OCDE apresenta uma primeira proposta da CST para os países membros, assim como a *Eurostat* - Escritório de Estatística da Comunidade Européia.
- Também se destaca o setor privado da WTC - Conselho Mundial de Viagens, que, com metodologia diversificada, centra as demandas dos gastos dos visitantes.
- No Brasil houve ênfase nos convênios firmados entre a EMBRATUR/OMT, recebidos apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, estes realizados em 1989/1990, como em estudos para avaliação dos impactos do turismo contaram com a participação de consultoria técnica da própria OMT. O projeto de pesquisa consistiu no estabelecimento de modelo de avaliação dos impactos econômicos do turismo, os quais foram baseados nos sistemas de contas nacionais, matriz de insumos e produtos de 1980. As análises desses elementos procuram desenvolver os cálculos das estimativas da participação relativa do turismo nos principais agregados macroeconômicos do País.

2.20 Turismo como sistema

O turismo pertence ao setor terciário da economia e é de grande importância para o desenvolvimento de regiões economicamente deprimidas, particularmente porque, para as populações periféricas locais aos parques, desencadeia: ingresso de recursos financeiros, aumento de atividades comerciais, instalação de infra-estrutura de comunicações, serviços e transporte, incremento do número de empregos, melhoria das condições de vida e elevação do nível cultural (SILVA, 1996).

O setor primário abrange as atividades que se ocupam da produção de matérias-primas, obtendo-as da superfície da terra, ou extraindo-as, como ocorre com a mineração, ou, ainda, explorando a capacidade e energia próprias da natureza para obter produtos naturais, no caso das atividades agropecuárias.

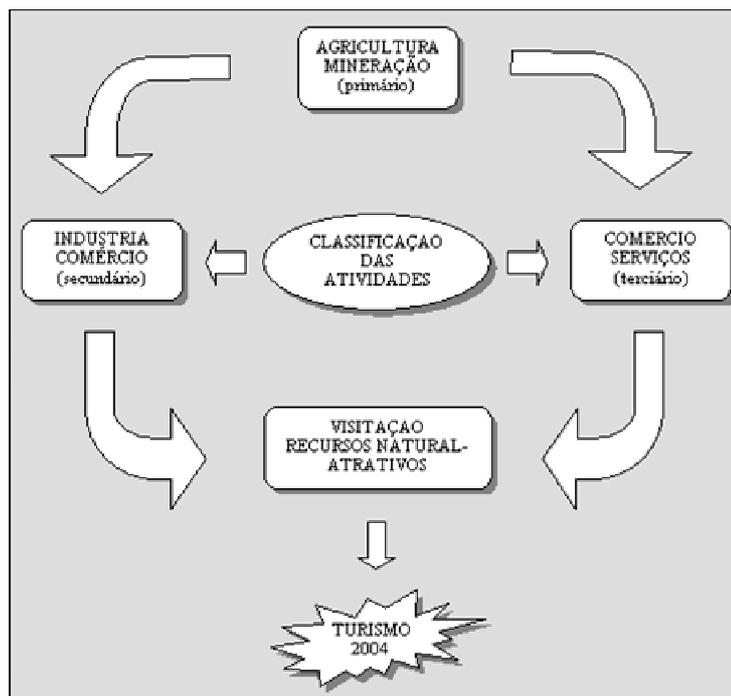
O Setor secundário compreende os processos industriais, que se alimentam de produtos naturais, provenientes do setor primário, para obter outros bens, passíveis de serem elaborados com o concurso da criatividade e da imaginação do homem para satisfação de suas necessidades.

Como afirma CASTRO LESSA (BOULLÓN, 2002), o setor terciário refere-se a: (...) certas necessidades atendidas por atividades, cujo produto tem expressão material^{*27}. A importância desse campo de atividades, que compreende, por exemplo, transportes, educação, lazer, justiça etc. e uma variadíssima gama de serviços, justifica a existência de outro setor.

O turismo não o extrai como na mineração, nem o produz, como a agricultura, portanto o turismo não “explora” os atrativos naturais só os “utiliza”, mediante visitas para desfrutar da natureza.

Nos últimos anos, novos enfoques para o estudo do turismo têm sido desenvolvidos, como análise de um fenômeno complexo integrado a uma série de disciplinas, com enfoque nas disciplinas de Economia, Geografia, Sociologia, Administração, Política, Engenharia Florestal, Administração, Ciências Biológicas, Veterinária, Urbanismo, e nas demais que integram ações, com o funcionamento por meio de teorias e um conjunto de elementos a realizar funções determinadas, como mostra a classificação das atividades produtivas nos três setores (LEIPER, 1981 citado por ACERENZA, 2002; BOULLÓN, 2002; BENI, 2004). A visão da inserção do turismo nos setores produtivos está apresentada na Figura 6.

²⁷ Se mudar a expressão material por expressão física, a idéia é melhor compreendida. LESSA. *Introducción a la economía*. México: Siglo XXI, 1981. p. 18



Fonte: Adaptado pelo autor (2004).

Figura 6 - O sistema básico do turismo nos setores produtivos.

2.21 A potencialidade do turismo religioso em Tijucas do Sul

Foram selecionadas seis capelas com maior número de visitante, de acordo com informações do vigário da paróquia, entrevista Padre Renér (2004), e também coleta de dados na Prefeitura. As demais dezoito (18) capelas têm frequência normal, não apresentando flutuações constantes nas visitas.

Para que o desenvolvimento do turismo ocorra de forma equilibrada, faz-se necessário estabelecer critérios para a utilização dos espaços. O sucesso para o turismo religioso ou místico pode-se relacionar com três tipos de público: terceira idade (melhor idade) e adeptos da religiosidade local e municipal e da RMC.

2.22 A imagem do lugar

As pesquisas têm desenvolvido alguns modelos descritivos em relação ao processo de informação que contém certas imagens sobre o destino turístico, como é o caso do modelo mostrado no Quadro 4, por meio do qual é possível identificar a origem e os principais canais de comunicação que podem influenciar a criação da imagem de um determinado lugar. Essa influência pode chegar a uma pessoa por meio de:

- Conhecimento e experiências pessoais de viagens anteriores ao lugar.

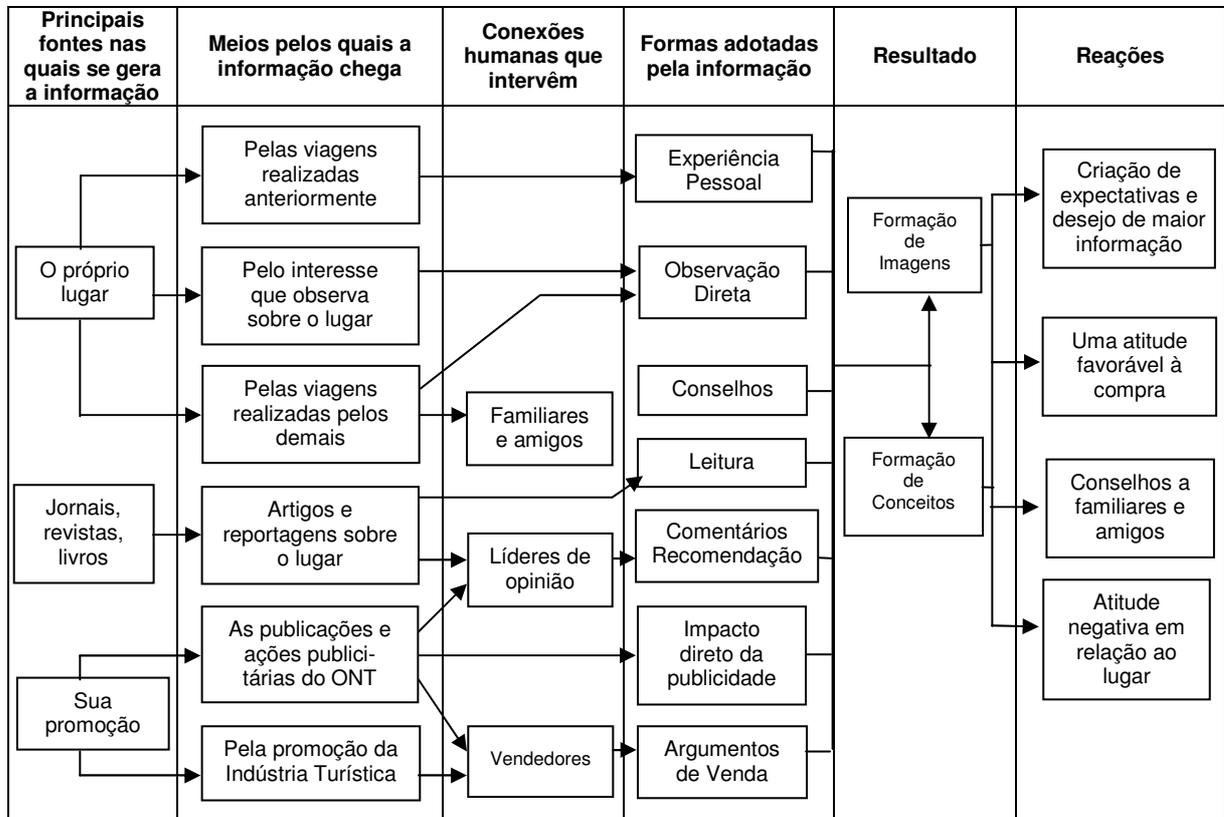
- Interesse de outros pelo lugar.
- Informações e conselhos de familiares e amigos.
- Artigos e reportagens sobre o lugar nos meios de comunicação social.
- Publicações e ações publicitárias realizadas pelos organismos nacionais de turismo.
- Dados e ações de vendas realizadas pelos organizadores de viagens.

As informações recebidas contribuem para a criação de certas imagens, que, por sua vez, podem dar origem a diferentes reações, a saber: a criação de certas expectativas pessoais e o desejo de obter maiores informações sobre o lugar que se pretende conhecer; a adoção de uma atitude favorável de compra; a sugestão da viagem a familiares e amigos; e a adoção de uma atitude negativa em relação ao lugar.

A atitude favorável à pessoa passa à segunda fase do processo de decisões e está relacionada à análise das vantagens comparativas dos destinos turísticos (ACERENZA, 2002). Esse processo está apresentado no Quadro 4, com as principais fontes nas quais são geradas as informações.

A imagem é um tópico que desperta muito interesse e preocupação por parte de quem deseja efetuar uma venda. Pergunta-se freqüentemente: “Qual é a nossa imagem?”; “Qual é a imagem da concorrente?”; “Como melhorar a nossa imagem para atrair mais consumidores?”. A administração estratégica da imagem é um conceito utilizado no marketing para o fim específico de alavancagem nas vendas de produtos.

Quadro 4 - Processo de informação, mediante o qual são criados as imagens e conceitos de destino turístico.



Fonte: ACERENZA (2002), adaptado pelo autor (2005).

KOLTRE (1965) e SÁ (2002) definem a Administração Estratégica da Imagem como sendo:

(...) o processo constante de procurar a imagem de um local entre seu público, segmentar e visar sua imagem específica e seu público demográfico, posicionando os benefícios do local para apoiar uma imagem existente ou criar uma nova (imagem) e transmitir esses benefícios para o público alvo.

2.23 Características da paisagem rural e o potencial turístico

No espaço rural sul-brasileiro duas variáveis determinam a diferenciação e caracterização da paisagem: a *topografia* e o *uso do solo* associado ao caráter sociocultural.

A topografia apresenta duas configurações: uma representada por relevos predominantemente planos e os suave-ondulados, e a segunda por relevos movimentados, formados por vales e elevações com declividades mais acentuadas.

No uso do solo, têm-se três situações: na primeira verifica-se o aspecto extensivo do uso (normalmente pastagens rurais); a segunda o aspecto intensivo (monoculturas, latifúndios), em ambos os casos notabilizada a monotonia paisagística; e a terceira o aspecto diversificado destas pequenas e médias propriedades, com atividades agrícolas comerciais e de subsistência, com presença de traços étnicos (culturais marcantes), sendo, nesse caso, notabilizada a diversidade paisagística.

A paisagem rural classifica-se em duas subtipologias básicas: 1) a paisagem campestre²⁸ e 2) a cultivada²⁹, com suas respectivas descrições.

Para o turista a paisagem torna-se, então, um indicador privilegiado de como ele está realmente mudando de lugar, pois é ele um produto da sociedade e da cultura que se desenvolve em toda parte. Reforçando ainda este caráter, *Nogué i Font* afirmam que paisagem é um produto social, o resultado de uma transformação coletiva da natureza, a projeção cultural da sociedade em um determinado espaço.

Portanto, paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas. A paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico e, portanto, um recurso de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística (SANTOS, 2001).

Conforme SANTOS (2001), o ser humano percebe e vivência as paisagens e a elas atribui significados e valores. A percepção individual da paisagem é um ato criativo em que uma mesma cena observada por várias pessoas produz diferentes paisagens em cada uma delas, estando aquele condicionado a três fatores básicos (JORDANA, 1992):

- Fatores inerentes ao próprio indivíduo - forma de observar, capacidade imaginativa, mecanismos de associação de imagens etc;
- Fatores educativos e culturais condicionantes - influência da sociedade e de seus padrões sobre o aprendizado cultural e estético do indivíduo;

²⁸ A paisagem campestre é identificada em espaços abertos, com topografia predominante plana e extensa (campos), ocupada por vegetação gramínea normalmente utilizada como pastagens naturais, havendo ainda agrupamentos (“capões”) ou alinhamentos de mata natural dispersos ou ao longo de cursos d’água. As demais atividades humanas (benfeitorias) estão localizadas espaçadamente no espaço considerado. O que imprime o caráter “campestre” ou de “campo” a esse tipo de paisagem é a característica pouco acidentada do relevo, a visualização ampla sem barreiras visuais e o aspecto extensivo e monótono do uso do solo.

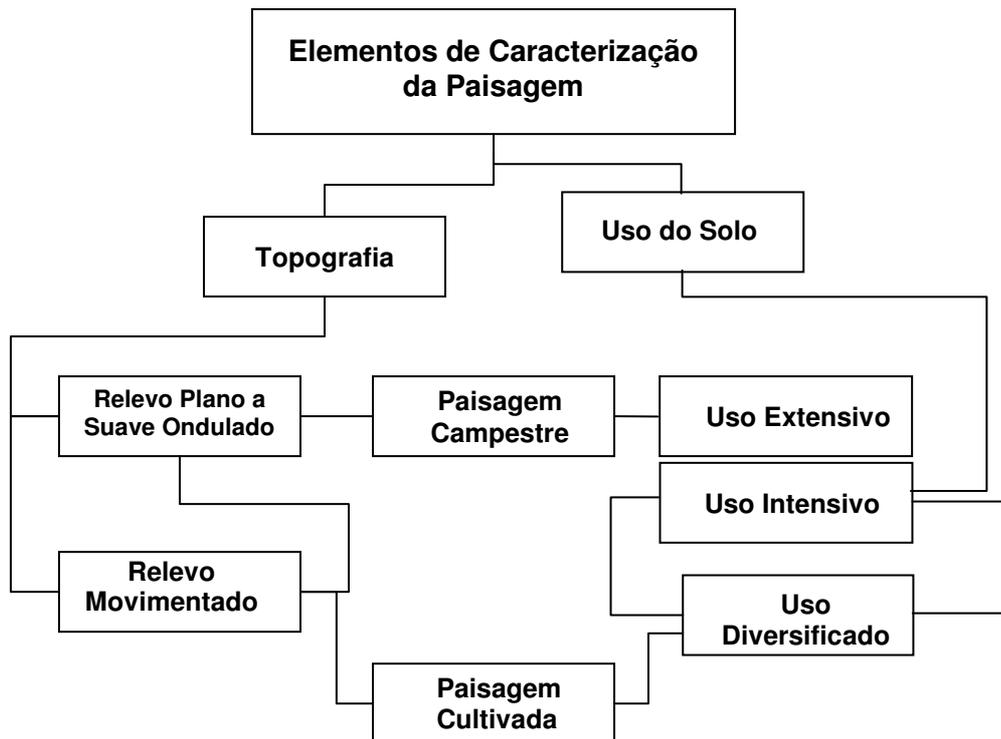
²⁹ A paisagem cultivada é identificada também em espaços abertos e extensos, com topografia predominante plana, assim como em áreas mais acidentadas (vales, encostas) e com extensões e conformações espaciais variadas, onde predomina o uso tipicamente agrícola do solo, tanto na forma de agricultura tradicional diversificada como de agricultura moderna intensiva (geralmente monoculturas). O caráter dessa paisagem é definido pelo uso agrícola mais diversificado e intensivo do solo (RODRIGUES, 2001).

- Fatores emotivos, afetivos e sensitivos - relações do observador com o meio (familiaridade, conhecimento, tendência emocional devido a associações pessoais, entre outros).

A percepção da paisagem é, portanto, a influência pelas próprias características fisiológicas do ser humano, pelo seu caráter e personalidade e, também, por suas influências sociais e culturais.

Segundo RODRIGUES & SANTOS (2001), a visão assume um papel predominante na percepção humana da paisagem, e os elementos básicos de sua percepção visual são:

- a) A *paisagem*, composta de formas naturais e humanizadas.
- b) A *visibilidade*, zona física de visão entre o observador e a paisagem.
- c) O *observador*, o agente da observação.
- d) A *interpretação*, análise realizada pelo observador sobre o conteúdo e o significado da cena observada. A figura 7 mostra os elementos de caracterização da paisagem rural em espaços abertos com a topografia predominantemente plana, assim como as mais acidentadas, entre outras.



Fonte: RODRIGUES & PIRES (2001).

Figura 7 - Caracterização e tipologias de paisagem rural.

2.24 Políticas de Turismo no Estado do Paraná

O turismo no Paraná não se desenvolveu de maneira linear e ponderada, ao contrário, seu percurso foi marcado por iniciativas isoladas e constantes sujeições a diferentes órgãos. A subordinação a esses organismos e suas diferentes formas de atuação cessou somente no ano de 2002, com a criação de uma secretaria única e independente para o turismo.

Os seguintes dados e fatos, extraídos da Política Estadual de Turismo (SECRETARIA DE TURISMO DO PARANÁ - SETU, 2003, p. 9 -11), retratam essa caminhada pela criação de uma história que pudesse relatar as origens da gestão do turismo no Estado.

As primeiras tentativas de organizar e incentivar o turismo no Paraná datam do período de 1932-1945, quando um grupo de curitibanos tentou estabelecer na Ilha do Mel um clube aquático. Nesta mesma época criou-se o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), que incluía em sua diretoria um diretor de turismo, cuja incumbência era promover as belezas naturais do Estado, selecionando zonas de interesse turístico e dotando-as da necessária infra-estrutura para um perfeito entrosamento entre o homem e a natureza. Foi nessa ocasião que se construiu o Hotel Cassino, em Foz do Iguaçu, o primeiro empreendimento voltado exclusivamente para o turismo no Estado. Em 1953 foi criada a Câmara de Expansão Econômica (CEE) em substituição ao DEIP. Esta manteve a Divisão de Turismo, subordinada à Secretaria do Governo. Suas ações estavam ligadas à divulgação de pontos turísticos e à continuidade das obras iniciadas pelo antigo DEIP.

Em 1966, elaborou-se, por intermédio do então Departamento de Turismo – vinculado à Secretaria de Viação e Obras Públicas – um Plano Geral de Turismo, mas que não chegou a ser implantado, principalmente por falta de verbas para o setor. Após este Departamento de Turismo, foi criada a Secretaria Extraordinária do Comércio e Indústria e o Turismo passou a ser vinculado a ela mesma, por curto espaço de tempo, ficando integrado à Secretaria do Governo em 1969, a da criação de um Conselho Estadual de Turismo (CEPATUR) e da Empresa Paranaense de Turismo -PARANATUR).

A PARANATUR tem como objetivo fomentar a indústria do turismo no Paraná, atendendo às diretrizes formuladas pela CEPATUR. Ela foi, ainda, a primeira organização pública do turismo no Paraná, voltada ao planejamento da atividade e não apenas à sua divulgação. A PARANATUR foi extinta em 1989 e substituída pela Fundação de Esporte e Turismo (FESTUR), que por sua vez foi transformada em Autarquia Estadual, com a denominação de Paraná Turismo em 1991. A Paraná Turismo também esteve vinculada à Secretaria de Esporte e Turismo (1995) e a Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo

(2001), mantendo-se como entidade autárquica estadual, dotada de personalidade jurídica de direito público, com patrimônio e receita próprios, autonomia administrativa e financeira.

Em 30 de dezembro de 2002 foi criada a Secretaria de Estado do Turismo (SETU), órgão de primeiro nível hierárquico da administração direta do Governo do Estado, que tem como principal objetivo estruturação e o monitoramento da Política Estadual de Turismo, que será implementada através de suas assessorias, coordenadorias e grupos setoriais, como também por seus órgãos descentralizados: Paraná Turismo, Centro de Convenções de Curitiba e o serviço social autônomo Ecoparaná. A SETU tem como grande desafio desenvolver o turismo de forma sustentável, ou seja, de forma a gerar benefícios sociais, econômicos, culturais, políticos e ambientais nos núcleos em que se desenvolve. Para isso, conta com uma coordenadoria de planejamento turístico, que tem como competências a promoção do turismo, com atuação em nível estratégico de definição de políticas, gestão institucional, na definição de estratégias para implementação dos programas.

2.25 O município de Tijucas do Sul

As indústrias no município de Tijucas do Sul são pouco expressivas, existindo 3 serrarias, 1 indústria de compensados, 2 estruturas de concretos, 2 de postes, 2 de erva mate.

Comércio: considerado de pequeno porte, somente para atender à demanda da população local, porém existe ainda expressivo deslocamento de pessoas a São José dos Pinhais e Curitiba, para realizar suas compras.

Serviços: possui alguns essenciais para atender a população, de acordo com suas necessidades básicas.

A produção do município pauta-se: no pinus, frango de corte, fumo, milho, batata-das-águas e das secas, mandioquinha salsa e abóbora, madeira e outros produtos locais. Considera-se que no município de Tijucas do Sul não é transformadas a produção, com exceção de um pouco de milho (farinheira) e erva-mate.

À exceção do frango, fumo e madeira pinus, em que se verifica comercialização com integradores e empresas do ramo, os demais produtos são comercializados na porteira do produtor; poucos produtores têm e usam emitir nota fiscal de produtor. Não existe no município associação de produtores ou cooperativas.

Dada a incipiente existência de indústrias, o nível de emprego é baixo, o comércio e serviços também empregam pouco e a Prefeitura Municipal absorve boa parte da mão-de-obra local. As principais explorações, que servem como parâmetros econômicos da

sustentação ao desenvolvimento econômico local e empregos, são: madeira (pinus), frango de corte, milho, fumo, batata das águas e das secas, mandioquinha-salsa, abóbora, cogumelo e champignon. A agricultura, que é ou deveria ser o principal empregador do município, em função de 80% da população residente trabalharam no meio rural, não o é por ser ela operada em base familiar.

Estima-se que 80% dos imóveis rurais não são escriturados e, quando o são, não possuem o registro do imóvel. Esse problema é considerado, provavelmente, o principal entrave ao desenvolvimento do município, pela inviabilidade de acesso ao crédito rural.

- Números de produtores atuais: 1.020 (um mil e vinte).
- Estratificação dos produtores: mais de 70% são pequenos produtores/proprietários.
- Evolução de concentração da terra. A grande maioria das terras continua nas mãos dos pequenos proprietários, familiares, que engloba o maior contingente da população municipal.

Nas comunidades de Campina, Campo Alto, Matulão e Várzea, onde a agricultura é pouco praticada e desenvolvida, ocorre maior concentração de pobreza. O analfabetismo é alto e a taxa de analfabetos no município está em torno de 15%.

Segundo IBGE (2005), os indicadores de saúde, referentes ao ano de 2002, indicam: taxa de mortalidade infantil de 28,57 por 1.000 nascido vivo; a taxa de internação por infecção respiratória aguda em menores de 5 anos de idade é de 25,29 por 1.000; a taxa de mortalidade de mulheres por câncer de colo de útero zero é (0) e por câncer de mama 1; a taxa de internação por acidentes vasculares cerebrais é de 41,07 por 10.000; a média de consulta médica nas especialidades básicas por habitante/ano é de 1,66 (preconizado pelo Ministério da Saúde: 1,5); a taxa de mortalidade materna é zero; o coeficiente de mortalidade por tuberculose é por 0; 10.000 habitantes; e a cura dos casos de tuberculose: 100%. A presença significativa de jovens no meio rural, isto é, percebido com mais detalhes nos últimos dois anos de acordo com o PRONAF. Além dessas observações, o retorno do jovem para o meio rural é alto: eles foram para a cidade e estão voltando para a propriedade dos pais (EMATER, 2004).

Esta unidade municipal está situada na porção sudeste do Estado do Paraná. A atividade agrícola adotado pela população tradicional é o de subsistência, com lavouras de milho, mandioca, banana, criação de pequenos animais. As atividades de reflorestamento são de grande importância no município pela geração de empregos.

Foi observada uma população rural de 80%, e nos imóveis e urbanos de 20%. A estratificação dos produtores, cerca de 70% são pequenos produtores e proprietários, com um número de produtores 1.020.

Um dos indicadores de distribuição de renda mais freqüente empregados é o Índice de Gini. Sua popularidade deriva da relativa facilidade de entendimento de seu significado e por sua aderência a uma série de propriedades entendidas como interessantes nos estudos sobre distribuição de renda, sobretudo o cumprimento do Princípio de Pegou-Dalton. A medida assume o valor mínimo de 0 (zero), situação de igualdade perfeita da distribuição de rendimentos a uma sociedade, e valor máximo de 1 (um), situação de extrema desigualdade, em que apenas um indivíduo ou família se apropria de toda renda disponível. Na realidade, em situações empíricas concretas dificilmente o índice atinge seus valores extremos e cifras de 0,5 - como as atingidas pelo Brasil - já são tidas como representativas de um grau de extrema perversidade distributiva.

Em relação ao uso atual dos solos, observou-se que o manejo e conservação dos solos são inexistentes; o uso do fogo em algumas propriedades de pequenas áreas é usado na prática de preparo do solo; quase não é usada a adubação verde. Em muitas áreas, quando na destoca da vegetação (explorada), não se preserva a Mata Ciliar em torno das nascentes.

- **Agrotóxicos:** nas atividades dos pequenos produtores é usado o agrotóxico, não levando em consideração os perigos que ele pode causar à saúde do operador e ao meio ambiente (água).

No caso dos grandes produtores, que são poucos, percebe-se um descuido deles com relação à preservação da saúde e do meio ambiente (água e solo).

- **Cobertura Florestal:** ainda existem extensas áreas de florestas, englobando áreas de preservação, que atingem o montante de 17.000 hectares da APA de Guaratuba, com uma programação de ampliação de uma APA municipal de 8.000 hectares, com o objetivo de preservar as áreas de mananciais hídricos das nascentes do Rio da Várzea.

O estado de conservação das estradas rurais e vicinais é bom; há eletrificação rural em 100% das residências; serviço de água é deficiente quanto à distribuição e qualidade em algumas das 29 comunidades distritais, como em Postinho, Campestre e Saltinho. O serviço de saneamento apresenta deficiências no meio rural devido ao destino dado aos dejetos e às águas servidas - igualmente acontece na sede do município, por não possuir rede de saneamento eficiente.

Atendimento à população:

- **Serviços públicos:** posto de saúde, bem como escolas e transporte escolar para todos os níveis educacionais de ensino fundamental, primário, médio e superior, são bem servidos.
- **Serviços cooperativos:** quanto aos pontos de distribuição de insumos, ocorrem deficiências, devido à inexistência de associações de produtores e cooperativas, razão pela qual eles têm de enfrentar uma margem de lucro alta praticada pelos comerciantes locais. Fonte: EMATER-PR Julho, (2004). Segundo Eng^o Agrônomo - JOSÉ A. RIGHETTO - Gerente regional. Unidade de Tijucas do Sul.

2.26 Interpretações de trilhas turísticas

Para as atividades contemplativas da paisagem, pode ser empreendida a partir da extensão e largura das trilhas. Com a distribuição dos visitantes em grupos, todos juntos e acompanhados por guias, pode-se garantir menor impacto no ambiente, conforto pessoal, assimilação das informações transmitidas. MAGALHÃES (2002) recomenda, para matas densas, trilhas com até 2 m de largura, um número médio de 15 turistas por grupo e uma distância de 200 m entre os grupos caminhando nas trilhas, mas esses parâmetros podem ser reavaliados. Trilhas para função de observação de pássaros, ou animais nativos, segundo o ornitólogo Henrique R. Nobre³⁰, devem ser percorridas por um número mínimo de duas pessoas (em caráter de segurança), ou por um número ideal de quatro pessoas, mantendo-se uma distância de até 300 m entre os grupos, a fim de preservar as características do ambiente de observação sem perturbar o *habitat* natural, MAGALHÃES (1993).

As técnicas para interpretação de trilhas não devem ser limitantes aos programas específicos para tal; devem caracterizar linguagem própria, refletir as condições específicas de cada unidade de conservação, conduzir as conversas de tal forma à não fugir do tema, usar exemplos reais para comunicar as idéias, incluir todas as informações pertinentes e falar com clareza e polidez, inteirar o visitante de todos os recursos que existam na área (ARREGUI, 1975, citado por SILVA, 1996; HYPKI; LOOMIS JUNIOR, 1981)

Segundo SILVA (1996), os métodos de interpretações de trilhas são: caminhadas dirigidas, auto-dirigidas e caminhadas auto-dirigidas com placas e painéis interpretativos.

³⁰ Segundo MAGALHÃES (2002), Diretrizes para o turismo sustentável em municípios; p. 138-139.

- Caminhadas dirigidas - considera-se um método ideal de interpretação, pois estabelece afetiva comunicação entre o intérprete e o público e pode ser planejada em horas específicas do dia;
- Caminhadas auto-dirigidas são colocados rótulos numerados ao longo do percurso das trilhas, com folheto explicativo e numeração correspondente;
- Caminhadas autodirigidas - com placas - utiliza-se de placas que tenham letras ou entalhes, despertem o interesse do visitante nos recursos naturais mais importantes.

2.27 Conhecendo as ervateiras

Uma visão sobre as ervateiras existentes no município de Tijuca do Sul - PR, que usam a erva-mate como matéria-prima, por ser uma das espécies florestais relevantes na economia regional e para o turismo, será apresentada a seguir, através da caracterização dos Barbaquás.

Para MAZUCHOWSKI (1989), o Barbaquá é dotado de um sistema de conduto subterrâneo, feito geralmente de tijolos e com 10 a 20 m de comprimento. Esse conduto apresenta suave declividade (cerca de 5%) e a boca de entrada (onde é feito o fogo) mede 1 metro e serve de fornalha. A extremidade mais elevada se abre numa “boquilha” (*fastigio*) de 60 a 70 cm, por onde sai o ar quente.

As bocas têm chapas de ferro para proporcionar a irradiação, evitando, assim, o calor direto. O chão é de tijolos e circulado por um pequeno muro, com duas portas que servem para o controle da temperatura. O Barbaquá funciona como uma verdadeira estufa.

No Barbaquá de pequena capacidade, a boquilha é única, localizada no centro desse. Nas instalações maiores, essa é dupla ou tripla, em ramificações menores, distribuídas no pavimento, sob a ramificação que recebe a erva. Cerca de dois palmos acima de cada boca encontra-se uma chapa de ferro suspensa, ou apoiada sobre tijolos, que tem a finalidade de uniformizar a temperatura no interior do Barbaquá. Sobre o arcabouço do Barbaquá são colocados os ramos de erva, como se fosse uma cobertura, e aí se processa a secagem apenas pelo calor irradiado, e não por contato direto das labaredas. Na região, os Barbaquás tipo Brasileiro e o Paraguaio são os usados. E na região existem apenas duas ervateiras, ambas em pleno funcionamento.

2.28 Matéria-prima: impactos e resíduos

O princípio da gestão e utilização sustentável dos recursos agro-florestais gera matérias-primas econômicas e constituem-se de força de trabalho, de pesquisa e de emprego. A matéria-prima não utilizada, como lixo de cascas, o lixo urbano, as sobras de exploração agropecuária, industrial e de mineração, é considerada resíduos ou Matérias-Primas não Utilizadas - MPñU.

Segundo RUSCHMANN (2002), no Brasil os impactos ambientais do turismo ecológico não têm sido estudados de forma sistemática, e as ocorrências aqui citadas são frutos de observações empíricas, (relatórios de grupos de ambientalistas, de guias ecológicos e de empresários que organizam as viagens). Além disso, utilizou-se de dados relativos a estudos realizados em outros países da América Latina, BOO (1993) - Belize, Costa Rica, República Dominicana, Equador e México, cujos produtos ecoturísticos apresentam semelhanças marcantes como os do Brasil, tanto na organização dos programas, como nos impactos que provocam nos meios naturais e socioculturais.

Os impactos negativos em ambientes naturais, de acordo RUSCHMANN (2002), podem ser avaliados a partir das seguintes origens:

- Lixo nas margens dos caminhos e das trilhas, nas praias, nas montanhas, rio e lagos;
- Contaminação das fontes e dos mananciais de água doce e do mar perto de alojamentos, provocada pelo lançamento de esgotos e lixo *in natura* nos rios e oceanos;
- Pinturas e rasuras nas rochas ao ar livre, dentro de cavernas e grutas, onde os turistas querem registrar suas passagem;
- Coleta e destruição da vegetação às margens das trilhas e dos caminhos na floresta; erosão de encostas devido ao mau traçado e à falta de drenagem das trilhas;
- Alargamento e pisoteio da vegetação, das trilhas e dos caminhos; ruídos que assustam animais e provocam sua fuga de ninhos e refúgios (ruídos: palmas, tiros, assobios, música, apitos e outros);
- Turistas que alimentam animais dóceis com produtos como conservantes - estes constituem uma dieta estranha à dieta silvestre habitual, provoca doenças e até morte;
- Lixo e abandono de comidas ao ar livre, que atraem insetos e provocam mau cheiro e favorecem a proliferação de bactérias;

- Caça e pesca ilegal, em locais e épocas proibidas;
- Incêndios nas áreas mais secas, provocados por fogueiras, faíscas de isqueiros, fósforo ou cigarros;
- Desmatamentos para construção de casa de hóspede, alojamentos e equipamentos de apoio;
- Descaracterização da paisagem pela construção de equipamentos, cuja arquitetura e uso de materiais contrastam com o meio natural;
- Descaracterização das tradições e dos costumes das comunidades receptoras, cujos ritos e mitos muitas vezes são transformados em *shows* para os turistas;
- Aumento dos preços das mercadorias e dos terrenos;
- Migrações de pessoas originárias de regiões economicamente debilitadas para os novos pólos turísticos, em busca de empregos, provocando excedentes na oferta de mão-de-obra e escassez de moradias.

O planejamento da evolução do turismo com o enfoque no desenvolvimento sustentável é uma forma preventiva e ideal para a proteção dos meios visitados, preservando a natureza, ofertando conforto e satisfação ao turista, sem agredir a originalidade das comunidades receptoras (RODRIGUES, 1997).

Segundo GAZETA DO POVO (2003) depoimento de Garcia, do Curso de Engenharia Ambiental da PUCPR, um dos grandes problemas de gestão pública enfrentados pelos municípios brasileiros é a falta de locais apropriados para a instalação de aterros sanitários nas cidades, aliados às dificuldades e ao alto custo de manutenção. A carência de programas de coleta seletiva, em centros de reciclagem do lixo, é importante como processo, pois sua reciclagem constitui hoje um mercado em potencial, porém exige treinamento adequado. Para várias entidades e estudiosos, o lixo pode ser uma oportunidade para geração de empregos e melhoria das condições ambientais numa região.

Para GARCIA, GAZETA DO POVO (2004), o aterro sanitário precisa ser muito bem estruturado para não contaminar o solo, e sua impermeabilização deve ser total. Apenas 10% das cidades têm aterros sanitários. O autor afirma, ainda, que nem 20% desse lixo está sendo tratado adequadamente, por meio de separação seletiva. Na atualidade, utiliza-se de mão-de-obra não qualificada e informal.

Conforme MELO FILHO (2003), na composição física (composição qualitativa) dos resíduos sólidos se apresentam as percentagens (geralmente em peso) das várias frações (tipos e características) dos materiais constituintes do lixo. Essas frações são matérias orgânicas, papel, papelão, trapos, couro, plásticos duros, plásticos moles, metais ferrosos,

metais não-ferrosos, vidro, borrachas, madeiras, isopor, *tetrapak* entre outros novos produtos.

A composição química está relacionada principalmente à componente orgânica e engloba a quantificação de parâmetros como: carbono, nitrogênio, fósforo, potássio, cálcio, magnésio, cobre, zinco, ferro, manganês, sódio, enxofre e outros que compõem o elenco dos micronutrientes, a relação C/N, o pH e as concentrações de sólidos totais, fixos e também voláteis.

Os processos de reciclagem diferenciam de região para região. Nas regiões Sul e Sudeste as taxas de reaproveitamento são consideradas altas, oscilam de 44% a 64%, e nas demais regiões estão em torno de 16%. No ano de 2002, papel e papelão contribuíram com 19% do peso do lixo. Caso seja picotado adequadamente, misturado aos outros resíduos, é de fácil compostagem, fonte de nitrogênio aos microrganismos; facilmente incinerados esses geram 7.200 BTUs³¹ por quilo, comparado aos 4.500 BTUs obtidos por quilo de lixo urbano como um todo (IPT/CEMPRE, 2005).

Segundo IPT/CEMPRE (2005), o Brasil recicla cerca de 35% da resina de PET; em 2002, contabilizou-se 105 mil toneladas. A taxa de reciclados de embalagens de PET, como garrafas de refrigerantes de 1 litro, 1,5 litro, 2 litros, 2,5 litros e 6 litros são produtos de ascensão comercial no Brasil, feitos de poliéster termoplástico, leve, resistente e transparente. Além de novas aplicações, como cordas, fios de costuras, bandejas de ovos, produção de resinas virgens, utiliza 30% de energia e podem ser recicladas inúmeras vezes (MELO FILHO, 2004).

2.29 Turismo e geração de resíduos

No dito consensual descrito por WILLIAM *et al.* (2001), é possível ganhar dinheiro com lixo, rebotalho e com o que é sujo e insalubre, algo de que as atividades turísticas se deram conta há décadas. RODRIGUES (1997) afirmou, sobre a coleta seletiva, que: “A reciclagem do lixo não é uma panacéia para todos os problemas do lixo”. Os melhores resultados, em cidades do mundo que fazem a coleta seletiva há dez anos, é a redução de 20% na quantidade total do lixo. O grande mérito na coleta seletiva é fazer com que a população adquira consciência a respeito dos problemas do lixo da cidade, repense a questão do desperdício, do consumismo exacerbado e exerça seu direito à cidadania com dignidade e responsabilidade.

³¹ B Th. U.: British Thermal Unit.

Na pesquisa de campo, foi possível observar que, dependendo da localização das comunidades, a quantidade e o tipo de material (lixo) e também a Matéria-Prima não Utilizada-MPñN³² são de quantidade e qualidade excelente para reaproveitamento como produto comercial.

A crise ambiental é, portanto, uma crise de razão, que não encontra significações dentro do esquema de representações da natureza social do mundo, que foi histórica, técnica e civilizatoriamente produzida (TASSARA & EDA, 1992³³).

A sustentabilidade do desenvolvimento tem limites impostos pelo atual estágio da tecnologia, pelo uso coletivo dos recursos naturais e pela capacidade da biosfera em absorver os impactos das atividades humanas e econômicas. Entretanto, a variável tecnológica pode ser trabalhada, assim como o uso dos recursos naturais, com a finalidade de minimizar os seus efeitos na biosfera.

Segundo IPT (2005), a associação de catadores de Belo Horizonte, administrada por eles próprios, consegue em média ganhar R\$ 400,00/mês com produtos reciclados. Em São Paulo, eles conseguem auferir um valor médio de R\$ 450,00 (1,5 salário mínimo). A maioria já trabalhou na economia formal, inclusive com carteira assinada.

Em essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação tecnológica e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas (BRUNTLAND, 1991).

Segundo MOTA (2001), o meio ambiente fornece um conjunto de recursos naturais às organizações por intermédio de fornecedores de matéria-prima para a cadeia de suprimento; por seu turno, a organização recebe esses materiais na forma de *inputs* e processa-os, gerando *output* (produtos) para o consumo humano e seus dejetos que, quando não reciclados, retornam para o meio ambiente. Esse, por meio de seus ecossistemas naturais, fornece diretamente à sociedade um conjunto de produtos e serviços, tais como produtos medicinais, frutas típicas silvestres, locais para lazer, recreação e prática hedônica.

Para SWARBROOKE (2000), em muitos países, as áreas rurais ocupam um lugar especial na cultura do país e na psique de seu povo. Isso não surpreende, já que é o campo que supre e abastece a mais básica necessidade humana: o alimento. O ruralismo é a semente da qual surgiram todas as civilizações. Nos países industrializados e urbanizados,

³² Terminologia utilizada pelo Prof. Dr. Carlos Garzel (2004) - UFPR.

³³ TASSARA, EDA. (1992). A programação do discurso ambientalista e a produção estratégica da dominação. Espaço e Debates, n. 35, ano XII.

as áreas rurais são vistas como mundos perdidos, nas quais a vida é simples e idílica, e atualmente oferecem parques de recreação, que os moradores podem procurar como antídoto para os males da vida urbana.

Nas palavras de BISSOLI (2000), o processo de planejamento de uma atividade turística exige estudos muitas vezes longos e onerosos, com a participação de equipes multidisciplinares e totalmente integradas. Trata-se, portanto, de uma tarefa difícil de execução, por conta da escassez de recursos diversos como: técnicos especializados e ferramentas adequadas. Exemplificando, a informação nesse caso é uma ferramenta fundamental para a auto-sustentabilidade e tomadas de decisões, até facilitando a aceitação de ações e investimento.

2.30 VIVAT Floresta para o turismo sustentável

O VFSE é uma reserva de florestas importante, por estar no domínio da Mata Atlântica, um dos mais ricos biomas ameaçado de extinção no país, com uma área de 5.084 hectares, localizado a uma distância de 50 quilômetros da cidade de Curitiba, nos municípios de São José dos Pinhais, Tijucas do Sul, Agudos do Sul, Estado do Paraná, englobando espécies raras e endêmicas de alto valor florístico e faunístico.

O VFSE, criado no ano de 1998, em acordo de cooperação técnica firmado entre a Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, através de sua mantenedora, a Associação Paranaense de Cultura - APC, e a Instituição Filantrópica Sergius Erdelyi - IFSE, entidade de direito privado, sem fins lucrativos, que desenvolve um vultoso trabalho de Ação Social e de Conservação do Meio Ambiente.

A proposta de pesquisa aqui exposta tem como temática central o estudo da viabilidade socioeconômica e ambiental, sobretudo de sua utilização como geradora de recursos, para as atividades de uso turístico interno e externo no VFSE, visando implementar um programa turístico fundamentado nos preceitos de Desenvolvimento Sustentável.

Dentre os vários tipos de turismo, destaca-se o ecoturismo como prioridade deste programa a ser implementado no VFSE. O turismo é uma atividade que consome o espaço geográfico, exige a construção de infra-estrutura, utiliza-se de recursos naturais e integra a população nativa, porém pode alterar o ambiente.

É notório explicitar que o desenvolvimento originário do fluxo de turismo pode ser benéfico para a população e para os cofres públicos, como também pode gerar impactos

para as comunidades envolvidas. Portanto, é indispensável que esse desenvolvimento seja implementado com planejamento e ênfase na minimização de impactos.

O interesse científico para o turismo está relacionado ao interesse à natureza científica sobre algum aspecto da geomorfologia, geologia, flora, fauna ou em relação aos elementos de vida e atividade humana próprios de alguma região particular (ACERENZA, 2002).

O Centro de Interpretação deve ser pensado de maneira a atender um público de ampla faixa etária, com diferentes graus de instrução e com interesses variados. Tal empreendimento pode ser localizado em áreas particulares, nas quais o proprietário tenha a intenção de desenvolver atividades turísticas (EMBRATUR, 2001).

A área possui endemismos, com destaque para os primatas e aves, que se encontram entre os grupos mais ameaçados de extinção, devido aos desmatamentos, integrando as espécies de maior porte, que necessitam de grandes áreas florestadas para sobrevivência (PAIVA, 1999; GASCON *et al.*, 2001).

A fauna dessa região sofre agressões antrópicas constantes. Os problemas para sua conservação são grandiosos, principalmente decorrentes da fragmentação florestal e da caça. Atualmente, os maiores e mais eficientes refúgios da fauna são as matas de escarpas e grandes altitudes, inacessíveis à ação do homem (PAIVA, 1999). Na figura 8 uma panorâmica da área do CETAS no fundo a Serra do Cabral.

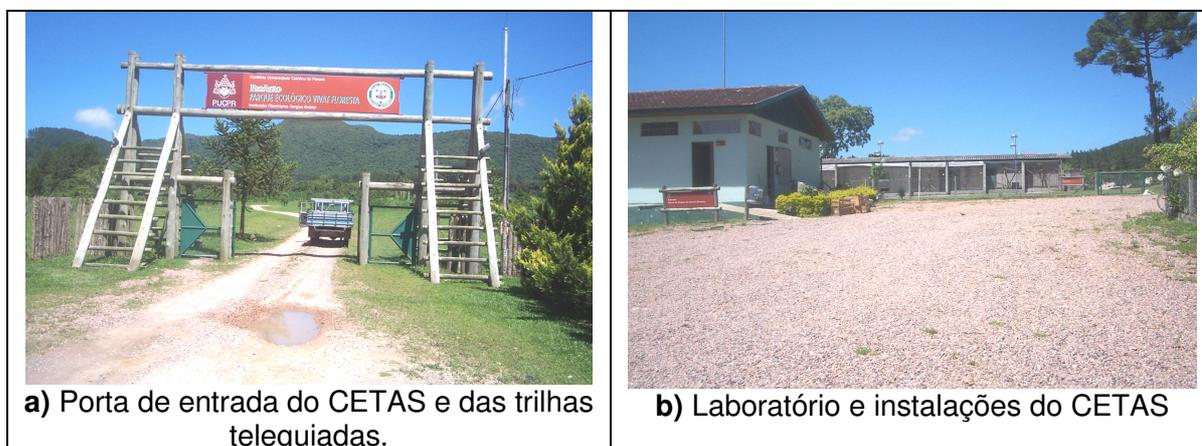


Figura 8 - Entrada do VFSE e do CETAS.

Apesar de o Turismo Ecológico na atualidade ser um ramo do turismo que utiliza os recursos naturais e culturais de um determinado lugar, ele contribui para conservá-los, buscando desenvolver o respeito pela natureza por meio do contato com o ambiente natural e promovendo o bem-estar das populações locais envolvidas.

Para RABAHY (2003), tratando do potencial e das tendências do turismo em todo o mundo, afirma que esta é a principal atividade econômica e a que mais cresce, empregando mais gente no mundo do que a totalidade da população brasileira; na atualidade, a maioria das pessoas que viaja a passeio é de ecoturistas; é um tipo de turismo em rápida expansão, apresentando, nos últimos 10 anos, taxa de crescimento de 7% ao ano.

Os pressupostos para um projeto dinâmico do VFSE são de transformação ambiental e socioeconômica, fundamentados nos preceitos de auto-sustentabilidade³⁴, preconizados na Agenda 21 Brasileira (2002) e Agenda 21 Global, que visam implementar no seu ambiente o uso da propriedade, nos moldes do manejo florestal fundamentado em múltiplas atividades ambientais e culturais integradas ao turismo. A promoção e difusão de pesquisa agroflorestal, edáfica e faunística estão relacionadas ao desenvolvimento, à restauração e ao uso sustentável das florestas.

As áreas de interesse ecoturístico do Estado do Paraná são três: as Cataratas do Iguaçu; os Campos Gerais, planalto com Florestas de Araucárias; e o litoral, com duas grandes baías e a Mata Atlântica.

A implementação do Parque, na Região Metropolitana de Curitiba, pressupõe a existência de relações socioeconômicas, o surgimento de novos empreendimentos, a construção de um novo papel social, a criação de campos radiadores de emprego, aproveitamento econômico dos recursos naturais existentes e ampliação de alternativas de hábitos das comunidades para cultivar os costumes.

³⁴ Originário do conceito duvidoso de “Desenvolvimento Sustentável”, o desenvolvimento sem sacrifício do futuro. Folha de S. Paulo. Globalização. A Cúpula em crise. S. Paulo. Caderno especial, p. 3, 14 de agosto de 2002.

3. CARACTERIZAÇÃO E PERFIL MUNICIPAL DE TIJUCAS DO SUL

A área do município de Tijucas do Sul é de 666,9 km²; a densidade demográfica é de 18,4 hab/km²; e a altitude da sede é de 875 m. A distância de Curitiba (capital) a Tijucas do Sul é de 56,1 km. A instalação do município deu-se em 1951, estando situado na microrregião do Rio Negro e mesorregião metropolitana de Curitiba (IBGE, 2005); localiza-se no primeiro Planalto Paranaense, inserido na região de domínio da Floresta Atlântica (*sensu lato*), conforme estabelece a Resolução CONAMA N.º 50/93, *Vivat Floresta* (2003).

3.1 Demografia

A demografia extraída dos estudos do IBGE está sumarizada na tabela 1 e mostra uma taxa média de crescimento anual, taxa de urbanização e a população do município, que representa 0,13% da população do Estado e 0,01% da população do País.

Tabela 1 - População por situação de domicílio - 1991 e 2000 (hab/km²)

População/Domicílio	1991	2000
População total		
Urbana		
Rural		
Taxa de urbanização	12,43%	15,06%

Fonte: IBGE (2005).

Portanto, no período de 1991-2000, a população de Tijucas do Sul apresentou uma taxa média de crescimento anual de 2,12%, passando de 10.224 no ano de 1991 para 12.260 em 2000. A taxa de urbanização cresceu 21,12%, saltando de 12,43% em 1991 para 15,06% no ano de 2000; nesse mesmo ano, a população do município representava 0,13% da população do Estado e 0,01% da população brasileira.

3.2 Educação

No que se refere à porcentagem do nível educacional da população jovem (tabela 4), a freqüência nas escolas no ano de 1991 foi de 66,4% e no ano de 2000 de 90,1% para faixa etária de 10 a 14 anos. Na faixa etária de 15 a 17 anos, para o ano de 1991 foi de 26,7 e, no ano de 2000, de 51,4%. O índice de desenvolvimento humano municipal da educação para o ano de 1991 foi de 0,705, e em 2000, de 0,818%.

A seguir será apresentado o nível educacional da população jovem (25 anos ou mais), no período de 1991 e 2000. A taxa de analfabetismo de 1991 era de 22,8%, e em 2000 de 17%. A taxa mais alta ocorreu com menos de quatro anos de estudo (58,6%), para o ano 1991 e 17,0% para o ano 2000, com menos de 8 anos de estudo, em 1991 foi de 91,0% e em 2000, de 84,9%. A média de anos de estudo no ano de 1991 foi de 3,1% e em 2000, de 3,9%. A tabela 2 mostra indicadores do nível educacional da população adulta.

Tabela 2 - Nível educacional da população jovem, 1991/2000

Faixa etária (anos)	Taxa de analfabetismo 1991/ 2000		% com menos de 4 anos de estudo 1991/2000		% com menos de 8 anos de estudo 1991/2000		% freqüentando escola 1991/2000	
	7 a 14	13,5	5,4	-	-	-	-	72,1
10 a 14	5,8	1,4	59,3	37,8	59,3	37,8	66,4	90,1
15 a 17	5,2	0,6	32,9	14,5	32,9	14,5	26,7	51,4
18 a 24	7,0	2,4	34,3	21,7	34,3	21,7	-	-

Fonte: IBGE (2005).

A tabela 3 mostra o nível educacional da população adulta (25 anos ou mais) no período de 1991/2000.

Tabela 3 - Nível educacional da população adulta (25 anos ou mais) 1991/2000(%)

População Adulta	1991	2000
Taxa de analfabetismo	22,8	17,0
Com menos de 4 anos de escolaridade	58,6	48,5
Com menos de 8 anos de escolaridade	91,0	84,9
Média de anos de estudo	3,1	3,9

Fonte: IBGE (2005).

Para o município, a dimensão que mais contribuiu para o crescimento foi a educação, com 55,7%, seguida pela renda (23,2%) e pelo índice de longevidade (21,2%). Nesse período, o hiato de desenvolvimento humano (a distância entre o IDH do município e o limite máximo do IDH, ou seja, 1) foi reduzido em 19,3%.

Segundo a secretaria de educação municipal e Prefeitura da Tijucas do Sul. As 22 escolas estudadas estão relacionadas na tabela 6. Segundo a Secretaria de Educação Municipal, constam matriculados 1.650 alunos de 1ª a 4ª séries e 3.500 na pré-escola, no

ano-base de 2003. Portanto, em 1991, a taxa de alfabetização no Brasil era de 79,93%; no ano de 2000, esta taxa de alfabetização era de 86,37% . Explicitada na relação da tabela 4.

Considera-se que as 22 escolas de primeiro e segundo graus no município de Tijucas do Sul oferecem boas condições para o desenvolvimento educacional na região.

Tabela 4 - Relação das pré-escolas e escolas municipais locais

Nome das Escolas do Município	Localidades
1) Pré-Escola Municipal Raio de Luz	Campestre
2) Pré-Escola Municipal Reino Encantado	Postinho
3) Pré-Escola Municipal Estrela Guia	Tabatinga
4) Pré-Escola Municipal Estrelinha do Amanhã	Campo Alto
5) Pré-Escola Municipal Pedacinho do Céu	Lagoinha
6) Pré-Escola Municipal Tio Jango	SEDE
7) Creche e Pré-Escola Branca de Neve	SEDE
8) E.R.M. Presidente Médici	Colono
9) E. R.M.Emiliano Pernetá	Tabatinga
10) E.R.M. Dep. Leopoldo Jacomel	Matulão
11) E. R.M. Afonso Pena	Postinho
12) E. R.M. Hermínio Cardoso	Campestre
13) E.R.M. João Maria Claudino	Campo Alto
14) E. R.M. Manoel Ribas	Campina
15) E. R.M. Tomé de Souza	Fagundes
16) E.R.M. Profa. Leovanil Camargo	SEDE
17) E. R.M. Prof ^o Francisco R. C. Sobrinho	Lagoa
18) Col. Est. Prof ^o Francisco M.L. Camargo	SEDE
19) Col. Estadual de Lagoa	Lagoa
20) Pré-Escola Municipal Cantinho da Criança	Campina
21) ProAção CRECHE SÃO FRANCISCO	Lagoa
22) Centro Poliesportivo – PUC/PROAÇÃO	Lagoa - Vivat Floresta

Fonte: Secretaria de Educação Municipal/ Tijucas do Sul - PR (2004). Adaptado pelo autor.

3.3 Renda

Na tabela 5 encontram-se os Indicadores de renda, pobreza e desigualdade. A renda *per capita* média do município cresceu 32,69%, saltando de R\$ 128,80 em 1991 para R\$ 170,91 em 2000. A pobreza diminuiu 20,57%, passando de 49,1% em 1991 para 39,0% em 2000. A desigualdade cresceu: índice de Gini³⁵ ultrapassou de 0,52% em 1991 para 0,54% em 2000.

³⁵ Índice de Gini da distribuição do rendimento nominal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, por condição de atividade na semana de referência, e índice de Gini da distribuição do rendimento nominal mensal de todos os trabalhos das pessoas de 10 anos ou mais

Tabela 5 - Indicadores de renda, pobreza e desigualdade. 1991/2000

Pobreza e Desigualdade	1991	2000
Renda <i>per capita</i> média (R\$ em 2000)	R\$128,8	R\$ 170,9
Proporção de Pobres (%)	49,1	39,0
Índice de Gini	0,52	0,54

Fonte: IBGE (2005).

3.4 Estrutura etária da população

Para o IBGE (2005), no período de 1991-2000, tabela 6, a taxa de mortalidade infantil do município diminuiu 39,26%, isto é, passou de 42,56% (1.000 nascidos vivos) no ano de 1991 para 25,85% (por mil nascidos vivos) em 2000; a esperança de vida ao nascer cresceu 2,55% / ano, passando de 64,37 anos em 1991 para 66,92 anos em 2000.

Tabela 6 - Estrutura etária. 1991 e 2000

Estrutura Etária	1991	2000
Menos de 15 anos		
15 a 64 anos		
65 anos e mais		
Razão de dependência	69,2%	62,4%

Fonte: IBGE (2005).

A tabela 7 mostra que, no período 1991-2000, a população de Tijucas do Sul teve crescimento, segundo indicadores de longevidade, mortalidade e fecundidade.

Tabela 7 - Indicadores de longevidade, mortalidade e fecundidade. 1991-2000

Longevidade, Mortalidade e Fecundidade	1991	2000
Mortalidade até 1 ano de idade (por 1.000 nascidos vivos)	42,6	25,9
Esperança de vida ao nascer (anos)	64,4	66,9
Taxa de fecundidade total (filhos por mulheres)	3,1	2,8

Fonte: IBGE (2005).

de idade, ocupadas na semana de referência, com rendimento de trabalho, segundo o sexo e a situação do domicílio - Brasil. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Portanto, o índice de Desenvolvimento Humano Municipal, explicitado na tabela 8 é de 0,716%. Para o PNUD, o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). Em comparação, se for relacionado aos demais municípios brasileiros, Tijucas do Sul apresenta uma situação intermediária: ocupa a 2.684ª posição, sendo que 2.823 municípios (51,3%) estão em situação pior ou igual, referente ao ano de 2000.

Tabela 8 - Índice de desenvolvimento humano. 1991 e 2000

Índice de Desenvolvimento Humano (%)	1991	2000
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,648	0,716
Educação	0,705	0,818
Longevidade	0,656	0,698
Renda	0,584	0,613

Fonte: IBGE (2005).

No anexo, *vide* página 138, quadro 1 A - Resumo turismo - RMC, para melhor esclarecimento está explicitado e apresentado o município de Tijucas do Sul com os demais municípios da RMC, relativos ao assunto no que se refere turismo.

3.5 Articulação institucional

A indicação que o setor de turismo todos os seus componentes devem estar devidamente sincronizados e seqüencialmente ajustados, a fim de atingir metas e diretrizes da área de atuação de cada um dos componentes a um só tempo, para que o sistema global possa ser implementado e imediatamente passar a ofertar oportunidades de pronto acompanhamento, avaliação e revisão pode-se verificado no quadro 5. BENI, (2001, p. 191). No quadro 5 explicitamos a categoria analítica, dimensão dos elementos de análise e seus componentes para inventário de turismo.

Quadro 5 - Categoria analítica e dimensão dos elementos de análise

Categoria analítica	Dimensão	Elementos de análise (Turismo)
Políticas públicas	Inventário, plano, programa e projeto	Inventário e plano municipal de turismo de base local e regional, projeto direcionado.
Recursos turísticos	Análise turística local e regional.	Atrativos turísticos, econômicos, naturais, históricos e culturais integrado a Região Metropolitana de Curitiba - RMC.
Recursos organizacional	Recursos existentes, capital humano, físico e recursos turísticos naturais, locais e regionais.	Infra-estrutura, profissionais adequados, qualificação pessoal para o setor, capacitação da Gestão Municipal, treinamento, equipe administrativa (plano de gestão) e equipe técnica. Empréstimos financeiros, orçamento, investimentos e aplicação dos recursos.
Articulação de recursos	Indicadores organizacionais; biomas, ecossistemas e fragmentos, recursos dos	Instituição, órgãos, locais, regionais e municipal; unidades setoriais, planejamento, ação, controle das atividades, posto de informação turística (portal), reconhecimento como atividade

	atores sociais locais e regionais.	econômica para o local, a região, imagens e paisagens locais, integrada à iniciativa pública e também privada. Articulação de recursos (intermunicipal/governo Estadual/Federal) e o setor privado.
--	------------------------------------	---

Fonte: Autor (2005).

3.6 Políticas públicas em turismo

Segundo HOUAISS (2004) as políticas públicas é a arte ou ciência de governar. Arte ou ciência da organização, direção, administração de nações ou Estados, aplicação desta arte aos negócios internos da nação (política interna) ou aos negócios externos (política externa); ciência política. Veja quadro 6.

Quadro 6 - Políticas públicas em turismo de base local e regional.

Plano	Programa	Projetos e Infra-estrutura
1- Plano de desenvolvimento integrado ao turismo local e regional.	1- Envolvimento da sociedade, atuação e ação política institucional.	1. Museu, CETAS, Trilhas; Observações científicas; Turismo cultural, religioso, cultural, rural; Hotéis fazenda; Pousadas; Lagos, Ecossistemas; montanhas; rios e a paisagem local.
2- O VFSE, Museu Sergius Erdelyi.	2- A infra-estrutura, serviços e recursos turísticos.	2. Grupos para atividades de turismo e eventos locais e regionais.
3- Recursos Naturais, Culturais e sociais.	3- Infra-estrutura urbana.	3. Educação de guias, integrados com a sustentabilidade ambiental e sinalização e boas vias de acesso .
4- Tijucas do Sul, Ambrósios e Região.	4- Potencial turístico	4. Ecossistemas naturais, atividades de artesanatos, recursos existentes, campanhas publicitária, apoio e realização de eventos.

Fonte: O Autor (2005).

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Material utilizado na pesquisa de campo

A relação de material apresentada a seguir foi utilizada para identificar, registrar e caracterizar os locais, produtos turísticos, setores integrados ao turismo, infra-estruturas turísticas, equipamentos turísticos; atrações naturais, culturais, históricas, culturais e científicas.

- Para as visitas *in loco*, foram usados GPS e mapas municipais e caderneta de campo, e um guia, funcionário do VFSE que acompanhou nos locais visitados (nativo da região, populares, cantor e dançarino de músicas folclóricas e mateiro), nas comunidades e no município.
- O reconhecimento das trilhas foi efetuado com um jipe e caminhadas por diversos pontos que mostravam potenciais turísticos;
- Para a pesquisa de campo foram disponibilizados um Jipe Gurgel, gravador, fitas magnéticas, máquina fotográfica digital e máquina fotográfica não-digital;
- Os materiais de campo utilizados foram: caderneta de campo, prancheta e outros instrumentos;
- A utilizado gravador (*Philipp*s) e fitas cassetes;
- Mapas da COMEC/IPARDES-PR
- A técnica para reconhecimento dos caminhos e trilhas, foi efetuada com caminhadas, observações sobre recursos naturais da fauna e da flora como também realização de entrevistas e visitas às comunidades, a saber os hábitos culturais.

4.2 Elaboração dos mapas

Inicialmente, para a elaboração dos mapas de roteiros turísticos do VIVAT Floresta Park e do município de Tijucas do Sul - PR, foram realizados levantamentos de informações cartográficas secundárias, onde foram pesquisadas em diversas instituições públicas e empresas privadas, objetivando o agrupamento de informações cartográficas, imagens de satélite, fotografias aéreas e materiais bibliográficos relacionados à área de estudo e o seu entorno.

Como resultado do levantamento, foram produzidos os seguintes materiais:

- Mapa elaborado pela Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral do Governo do Estado do Paraná através da Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba (COMEC), onde foram utilizadas imagens de satélite LANDSAT 7 TM+ de 26/09/1999;
- Mapa desenvolvido pela empresa de consultoria Silviconsult Ltda. para PANAGRO Empreendimentos Florestais Ltda. na escala de 1:30.000 elaborado em 10 de junho de 2000, onde se utilizou imagem do satélite LandSat 7 TM+, órbita/ponto 220/078 de 26/09/1999 em composição colorida 5R, 4G e 3B mais pancromática apoiados por levantamentos de campo com o uso de GPS diferencial topográfico;
- Imagem LANDSAT 7 TM+, órbita ponto 220/078 de 02/09/2002 em formato bruto;
- Carta topográfica elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em convênio com a Companhia Paranaense de Energia (COPEL) do município de Tijucas do Sul, elaboradas durante 1980 a 1991 e impressos em 1992, na escala de 1:50.000, com curvas de 20 metros de eqüidistâncias, folha SG 22-X-D-IV-4 MI 2857-4.
- Arquivos vetoriais da altimetria do VIVAT Floresta *Park*;
- Arquivos de levantamentos internos de trilhas/caminhos e outras feições do VIVAT Floresta *Park*;

Após o levantamento das informações secundárias existentes deu-se início aos levantamentos de campo que foram realizados durante o período de julho de 2004 a agosto de 2005. Utilizou-se durante os trabalhos de campo GPS de navegação de marca GARMIN, modelo 12, veja figura 9, com o qual foram registrados *waypoints* (registros de coordenadas de pontos) e *tracks* (registro de coordenadas de caminhos). Optou-se pela utilização de GPS de navegação pelo baixo custo e principalmente, conforme demonstrado na figura 9.

Seqüencialmente, os *waypoints* e *tracks* foram descarregados em micro computadores através da utilização do *software GPS Trace Maker*[®] e posteriormente convertidos em arquivo ASCII, os quais foram importados pelo *software ArcGis 8* e plotados sobre as feições levantadas durante os levantamentos de campo e das fontes secundárias de informações.



Figura 9 - Utilização do GPS de navegação, GARMIN, modelo 12 nos levantamentos de campo.

Para a caracterização geral da área de estudo, utilizou-se uma imagem do satélite LANDSAT 7 ETM+, da órbita/ponto 220/78, adquirida em 02 de setembro de 2002, com as quais se realizou a fusão das bandas 5, 4 e 3 (resolução espacial de 30 metros) com a banda pancromática (resolução espacial de 15 metros), obtendo-se, dessa forma, um produto com uma resolução espacial de 15 metros. A seguir a imagem sofreu uma correção radiométrica, de forma sistemática e associada a um sistema de projeção cartográfica, o sistema *Universal Transverse Mercator* (UTM) e o datum horizontal de referência o SAD 69.

A imagem LANDSAT trabalhada foi, no entanto, incorporada ao trabalho para dar uma visão geral da área de estudo e de sua inserção na região em que se localiza. Finalmente, os arquivos vetoriais georeferenciados foram convertidos para arquivos matriciais, onde se trabalhou com o *software Corel Draw 10* para a inclusão da simbologia e informações dos pontos turísticos, permitindo assim uma melhor formação do mapa turístico da região. Na figura 10 mapa de localização da área de estudo.

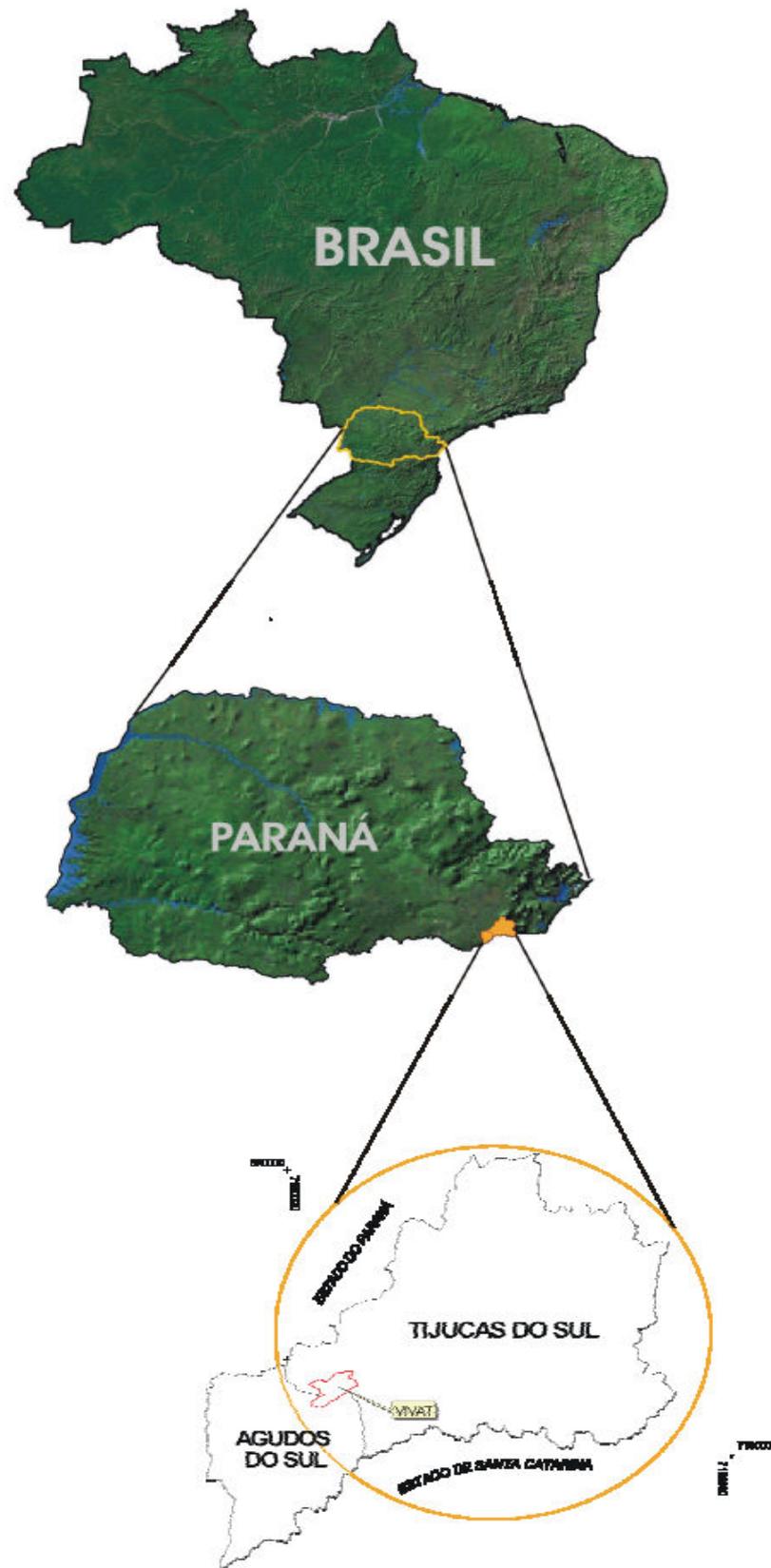


Figura 10 - Localização da área de estudo – VFPSE - *Protector Nature*.

4.3 Área de estudos

As áreas do VFPSE localizam-se entre 25° 45' e 26° 00' de latitude sul e entre 49° 20' e 49° 05' de longitude oeste, com uma altitude de 850 a 1.350 m do nível do mar, e compreende uma área de 5.084 ha, com característica montanhosa e clima subtropical; segundo a escala *Köppen*, é do tipo Cfb.

A precipitação média anual é de 1.400 mm; a temperatura máxima situa-se em torno de 35 °C, e a mínima, em torno de 3 °C. O local de estudo é o VFSE, de propriedade da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), sendo limítrofe com a cidade de São José dos Pinhais, pertencente à região Metropolitana de Curitiba, figura 10. Mapa de Localização da área de estudos figura 10 - página 85.

A vegetação enquadra-se na região de domínio da Floresta Atlântica (*sensu lato*).

As atividades econômicas são: indústria, comércio, beneficiamento de madeira e derivado e serviços, sendo que a atividade econômica principal é a agricultura, pois a população rural é de 80%.

Infra-estrutura atrativa: museu, cachoeiras, represa Vossoroca, igreja Nossa Sra. das Dores com obras sacras, chácaras; Hospedagens - hotéis, pousadas, hospitais, bancos, informação turística, entre outras atrações.

Tijucas do Sul está sobre o primeiro Planalto Paranaense, inserido na região de domínio da Floresta Atlântica (*sensu lato*), conforme estabelece a Resolução CONAMA nº 50/93, *Vivat Floresta* (2003).

O *Vivat Floresta* Sistemas Ecológicos engloba: as atividades de pesquisas acadêmicas, nas áreas de conservação e preservação da natureza; o museu incluindo esculturas e obras de artes sacras e vitrais; o CETAS; a infra-estrutura com auditório, alojamentos para estudantes e pesquisadores, quadras poliesportivas, lagos, trilhas, paisagem e observação científica da flora e fauna; como também o Centro de Informações Turísticas - CIT em Tijucas do Sul.

Em agosto de 2004, percorre-se e realizou-se as visitas, com GPS de navegação, na trilha histórica e acompanhado do historiador Gryzegorcyk. A trilha tem uma distância de 55 quilômetros, estando 45,5 no município de Tijucas do Sul - PR.

4.3.1 As atrações do lugar

Ressaltando as “Atrações de lugar” são determinadas pelas condições naturais ou pelos fatores de vida humana existentes ou situados em suas redondezas (na região receptora) e constitui o principal motivo para visita do turista. Essas classificações podem

ser de três tipos; **naturais** - referente a paisagem, e ao clima, à flora, à fauna dentre outras; relacionadas aos **usos e costumes** da população, suas manifestações culturais, incluindo vestígios de culturas antigas; e as atrações relacionadas a **infra-estrutura**, entre as quais estão as características gerais da aglomeração urbanas e as realizações técnicas contemporâneas, entre outras. Em alguns casos, estes tipos de atrações se combinam entre si e aumentam o atrativo do lugar como os destinos turísticos, ACERENZA (2002).

No entender de RODRIGUES (1997) afirma que existem duas formas de se compreender o espaço geográfico: a) decorrente da observação de sua expressão fisionômica, faz a leitura da paisagem, para o estudo do turismo, por meio de uma abordagem centrada no sujeito. Tendo em vista que o conceito de paisagem é influenciado por conotações culturais, ideológicas. “Mas apesar de ser um processo complexo que envolve uma visão de mundo, consciente e inconsciente, a leitura da paisagem é de grande importância nos estudos da Geografia do turismo, uma vez que ela, em si, é um notável recurso para a atividade turística”.

4.3.2 Geomorfologia

O Estado do Paraná é formado de escarpas de estratos e planaltos que declinam suavemente em direção W e NW. Paisagem de *cuestas* abrange o complexo cristalino abaulado num arco aberto em direção leste, num ângulo sub-reto, devido às linhas estruturais geológicas. Distinguem-se grandes paisagens e subzonas naturais no primeiro Planalto ou de Curitiba. Na parte sul, cruza-se a escarpa na estrada Curitiba-Joinville. O primeiro Planalto, o planalto de Curitiba, região montanhosa de Açungui e o planalto de Maracaná. Limita-se para o leste pela Serra do Mar, conservou-se como platô regular (escarpa de estratos de devoniano e do triássico-jurássico sedimentos paleozóicos) quase horizontais. A altitude é notadamente uniforme, numa extensão de 75 km, formando uma paisagem suavemente ondulada, com planícies de várzeas intercaladas por sedimentos fluviais e paludais do Quaternário Recente, predominando argilas plásticas pretas de húmus cru, ácidos e areias brancas (MAACK, 1981).

4.3.3 Aspectos naturais: flora e fauna

De acordo com o IBGE (1992), no Sistema de Classificação da Vegetação Brasileira, encontram-se na região as seguintes fisionomias: Floresta Ombrófila Mista Montana (floresta com araucária); Floresta Ombrófila Densa Aluvial (floresta atlântica das planícies aluviais); Floresta Ombrófila Densa Altomontana (floresta atlântica do alto das encostas);

Floresta Ombrófila Densa Submontana (floresta atlântica do início das encostas); Floresta Ombrófila Montana e Altomontana (campo de altitude e vegetação rupestre); Formação Pioneiras com influência fluvial-herbáceas arbustivas (taboais ou várzeas); Formações Pioneiras com influência arbórea (caxetais ou maricais); Fase Inicial de Sucessão (capoeiras); Fase intermediária de sucessão (capoeirões); Floresta Ombrófila Densa Montana (floresta atlântica do meio das encostas); e Reflorestamentos; Agricultura Pastagens e Outros.

(...), segundo MAACK (1968, p. 26-85), em seu mapa fitogeográfico do estado do Paraná (situação da cobertura Florestal do ano de 1965), divide em dois troncos básicos as formações de florestas com Araucárias: as regiões “das matas” e das devastadas. Na região “das matas”, as formações em que o pinheiro ocorre naturalmente subdividido da seguinte forma:

- Mato Fluvial subtropical do interior; Matas de araucárias com taquaris e palmáceas; Zonas principais de erva-mate nas regiões de araucárias; Mata secundária com predomínio de samambaias na zona de araucárias; e Zonas de cultura efetivas: esta compreende uma área de 534 km², próxima a cidade de Curitiba, onde o autor menciona como tendo havido o completo desaparecimento das associações florísticas naturais. Essas duas áreas somadas representam 57.848 km², indicados pelo autor como áreas devastadas de Florestas com Araucárias; ou seja, o que o autor denomina de “matas devastadas” não significa a ausência de Florestas, mas um mosaico de formação secundárias, inclusive de caráter florestal, o que foi descrito segundo palavras do próprio autor:

- O mato secundário da região de araucárias ocupa o maior de todos os planaltos com vegetação de regeneração natural. A capoeira jovem, freqüentemente derrubada e queimada após três ou quatro anos, dá lugar às novas plantações extensivas (rotação da terra), esgotando o solo de tal maneira, até que o mesmo dê lugar ao campo sujo ou ao samambaial. Deixando a capoeira o tempo suficiente para se desenvolver surge, após alguns anos, as primeiras árvores dentre a densa vegetação rasteira. Cita-se em primeiro lugar as espécies de tupixaba (*Baccharis* e *Symphyopappus*) com quatro a cinco metros de altura e a Uvarana (*Cordyline dracenooides*). Finalmente a mata verdadeira regenera-se a partir desta capoeira e passa a ser denominada capoeirão, no qual ocorrem novas espécies de madeira de lei que atingem 12 a 15 metros, predominando o cedro branco (*Cedrela fissilis*), canela (*Ocotea puberula* e *Nectandra megapotamica*), jacarandá (*Dalbergia variabilis*) e muitas outras árvores. É interessante a observação da ocorrência freqüente de pinheiros (*Araucaria angustifolia*), fato este que confere a capoeira importância especial. Algumas regiões de mata primitiva de araucária no primeiro planalto foram reflorestadas através de plantações de leguminosas conhecidas por Bracatinga (*Mimosa scabrella*), atualmente espalhadas sobre o terceiro planalto”.

Para o norte e oeste, tem como vizinha, entremeada pelas estepes (campos naturais) e savanas (cerrados), a Floresta Estacional Semidecidual - principalmente no norte do Paraná, cuja vegetação é constituída de espécies caducifólias, (sendo eventual a ocorrência de manchas de *Araucaria angustifolia*).

A Floresta Estacional Semidecidual irradia-se pelos vales dos rios, onde há lenta substituição das espécies do sub-bosque da Floresta Ombrófila Mista, restando como espécie remanescente apenas a *Araucaria angustifolia* (EMBRAPA, 1984; IBGE, 1990;

LEITE, 1994; REITZ & KLEIN, 1996). Abaixo de 500 metros, sua ocorrência se dá apenas nas encostas de vales e cânion de erosão nas linhas de escoamento de frio (MAACK, 1968; HUECK, 1972).

A característica da cobertura florestal é diversificada. Classifica-se domínio de Floresta Atlântica, predominando como formação de Floresta Ombrófila Mista “Floresta com Araucária” nos patamares Montanos e Aluvial (IBGE, 1992). Os fragmentos das formações florestais com mosaicos das vegetações nativas e com reflorestamento iniciado no ano de 1974 até em 1987 com espécies exóticas a cerca de mais de 7 milhões de árvores como *Pinus spp.*, *Eucalyptus viminalis* e *Araucaria angustifolia*.

A atividade correlacionada à idéia principal é a implantação de tão importante projeto de modelo de gestão integrado em uma área de perfil “rural” nos municípios de Tijucas do Sul - PR, Agudos do Sul e São José dos Pinhais, este direcionado para a sustentabilidade integrado à diversidade das práticas conservacionistas.

Estabelecendo um elo com as principais atividades desenvolvidas nestas áreas desde o limiar dos anos 70 está a prática de manejo silvicultural e comercial, sobretudo com as espécies *Pinus taeda* e *Pinus elliottii* com mais de 3.000 hectares reflorestados. Esta estrutura florestal é a base do manejo adotada pela PANAGRO - Empreendimento Florestal Ltda, que mantém a sustentabilidade do empreendimento (propriedade) na atualidade. Portanto, a diversificação de atividades constantes do projeto incorpora a intenção de produzir subsídios, objetivando difundir a área técnica do conhecimento com novas alternativas de incremento de produção, geração de renda e integrando com harmonia todos os sistemas de produção e conservação da natureza, em consonância com a sustentabilidade ambiental.

Com a finalidade de cumprir as metas propostas, está sendo desenvolvido um programa diverso de pesquisa & desenvolvimento, integrando o corpo docente e discente da PUCPR. Dentre os principais programas integrados, desenvolvem-se: viveiros florestais, cultivo de plantas medicinais, culturas de plantios experimentais, apicultura, piscicultura, cultivo de erva-mate, reflorestamentos de espécies nativas, da flora brasileira e exótica, como o reflorestamento do pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*) com mais de 200 hectares dos plantios concluídos, como também a complementação e integração de práticas de ecoturismo, com observação de animais e trilhas científicas.

Deve-se destacar o Projeto PELD/CNPq/PUCPR, que apresenta como escopo central o monitoramento da dinâmica dos principais ecossistemas florestais brasileiros, com uma principal preocupação: a Floresta Ombrófila Mista e/ou floresta com Araucária de formação predominante na área do VFSE e de todos os sistemas integrados, com o objetivo

específico de prestar apoio às instituições, como o IBAMA e a sociedade brasileira e paranaense - em ações de reabilitação de animais apreendidos em operações das ações de fiscalização, com atividades de reabilitação desses animais no CETAS, posteriormente reintrodução à natureza local, regional e até em locais diferentes do território nacional, subsidiando os zoológicos, parques e criadouros de forma geral.

Na atualidade, o parque encontra-se em plena implantação de todas suas atividades em uma área de 730 hectares, com destinação adequada para as práticas de turismo ecológico, entre outras características integradas ao turismo científico e atividades lúdicas e culturais, com viabilidade econômica e sustentável.

A pesquisa, de caráter técnico e científico, é uma das características adotadas no manejo integrado da área do parque. Deve considerar a implementação dos sistemas integrados, que serão desenvolvidas em etapas programadas e planejadas do projeto de implantação e adotando modelos inéditos, a serem estendido e posteriormente aplicadas em novas áreas, totalizando um somatório de 5.070 hectares, integrados ao desenvolvimento contínuo das atividades progressistas do VFSE. Esses integrados às ações estratégicas para consecução dos objetivos relacionados: regulamentação do ecoturismo; fortalecimento e integração interinstitucional; formatação e capacitação de recursos humanos; controle e qualidade do produto ecoturístico; gerenciamento de informações; incentivo ao desenvolvimento do ecoturismo; implantação e adequação de infra-estrutura; educação, conscientização e informação do turista; e participação comunitária integrada às suas potencialidades.

4.4 Amostra, variáveis e indicadores

No desenvolvimento desta pesquisa foram diagnosticados 58 locais e 38 comunidades e residências rurais, e os principais atrativos turísticos locais, como: parques, museu, hotéis-fazendas, cujos potenciais turísticos, recursos naturais, culturais, paisagem, turismo rural, turismo religioso, e a infra-estrutura turística existente estão integrados ao município.

As localidades visitadas totalizam 38, das quais 35 (registradas e diagnosticadas) são inerentes ao perfil da oferta turística local:

- *Vivat Floresta.*
- O perímetro urbano.
- Os distritos municipais.
- Recursos naturais e culturais.
- Atrativos culturais, naturais e a paisagem.

4.5 Metodologia para identificação dos visitantes do museu

Para melhor avaliar os atrativos turísticos da área do VFPSE com base em informações existentes, foram contabilizados os visitantes dos Livros 01 e 02 e emitidos “COMENTÁRIOS OU OPINIÃO” relativos aos anos de visitação 1989, 1990 e 1991, foi feito o processamento dos dados (Tabela Excel) da informação digitalizada e informatizada. A análise relativa a essas informações incorporou a primeira fase de funcionamento do Museu Sergius Erdelyi, durante os anos de 1989 a 1991. O museu funcionou nessa primeira fase no parque natural “Saltinho”, nas margens do Rio da Várzea, no município de Tijucas do Sul, PR.

Na figura 14 encontra-se um diagnóstico geral dos visitantes nesses três períodos anuais. A visitação procedeu de todo o Brasil, e os itens *outros* incluem as procedências não identificadas.

4.6 Variáveis e infra-estrutura

As variáveis observadas no presente estudo foram: os equipamentos turísticos, atrações naturais, história e cultura, realizações técnicas e científicas e eventos. O espaço urbano e o rural constituem parte essencial do planejamento, com algumas características específicas: as atrações turísticas, os aspectos culturais e a infra-estrutura local.

- O acesso ao município (rodovias municipais e distritais pavimentadas e com boas características de transitar);
- A infra-estrutura urbana (telecomunicações, transporte urbano, água, energia, coleta de lixo, saúde e assistência médica, sinalização de orientação e localização);
- Hotelarias (número de hotéis e pousadas: 5) - La Dolce Vita (26 apartamentos), Vila Passaredo (17 apartamentos), Haras Cartel Hotel Fazenda (20 apartamentos – nível internacional); Camping e Estâncias: Estância Mangrullo, Verdellia, Estância Ribeirão Grande, Parque Araçá, Saltinho e Estância Terras Altas – todos dispõem de serviços de camping e chalés. Contabilizam aproximadamente 250 lugares. Alojamento para Pesquisadores do ProAção PUCPR (residência estudantil): 30 lugares, entre outros hotéis fazenda e áreas de lazer que estão se instalando na região.
- Arquitetura predominante, características gerais, visualização do espaço e da paisagem, recursos naturais e culturais.
- Infra-estrutura turística.
- Centros de treinamentos.

- Mão-de-obra disponível, entre outras.
- *Camping* - 5 grandes lugares com este serviço.
- Serviços e informações técnicas.

Segundo a OMT (1996), o diagnóstico socioeconômico de um plano turístico de um plano turístico deve levar em consideração uma série de fatores que se inter-relaciona, ou seja, não deve apoiar-se exclusivamente nos aspectos turísticos pertinentes à área econômica. Deve ter abrangência social para a população local e para os visitantes. Orienta que, inicialmente, há de se considerar alguns fatores: Geração de empregos; geração de renda; Infra-estrutura urbana; investimentos privados; e abastecimento.

É notório afirma no intuito de possibilitar a compatibilização da continuidade da atividade turística, os recursos financeiros complementares poderão ser obtidos por meio da cobrança de ingressos (taxa de entrada), venda de artigos regionais e lembranças do evento, aluguel dos equipamentos necessário ao desfrute do atrativo (matérias diversos), binóculos, vestimentas especiais, vara para pescar, dentre outros. Esse procedimento pode ser viável, tendo em vista a forma de organização do espaço em trilhas e roteiros, que possibilita a delimitação da área a ser utilizada, direciona o fluxo de visitantes e facilita a fiscalização.

4.7 Análise da paisagem

As paisagens naturais são aquelas que não passaram por uma transformação profunda por causa da ação humana e conservam o funcionamento dos ecossistemas em duas composições biótica e abiótica; contam com grandes valores turísticos. Apresenta, não obstante, problemas metodológicos: a valoração estética da paisagem, desde as perspectivas contidas nos objetivos como as preferências paisagísticas manifestadas pelos usuários (OMT/MADRID, 1995).

“Quais os cenários da natureza que elevam a mente ao mais alto grau e produzem uma sensação sublime?”, indagava *Hugh Blair*, lecionando em *Endiburgo* na década de 1760: “Não é a paisagem alegre, o campo florido ou a cidade florescente, mas a montanha encanecida e o lago solitário; a velha floresta e a torrente que despenca sobre as rochas”.

Culturalmente, há uma diversidade maior que o restante do Brasil, com tipos humanos e regionais singulares e núcleos populacionais que mantêm suas raízes coloniais, o que pode ser conferido na arquitetura, culinária, religião e crenças, folclore e tradições. Grande parte dos destinos ecoturístico encontra-se ao longo da Serra do Mar, com os domínios ecológicos: Campos Sulinos, Cerrado, Costeiro e Mata Atlântica (EMBRATUR, 2002).

No planejamento é preciso que exista o pilar da sustentabilidade para o turismo: como as atividades econômicas, a sociedade local, o meio ambiente, a cultura da região e a política participativa local. Dessa forma, o turismo acarreta menos prejuízos e aumenta os benefícios.

Para viabilidade e a implantação de um projeto desta magnitude faz-se necessário a elaboração de um plano de atividades, com o objetivo de conhecer as potencialidades turísticas locais e regionais, especificando os subsídios para elaboração de diretrizes do VFSE, e avaliar as necessidades do planejamento adequado à realidade.

4.8 Trilhas turísticas locais e regionais

O VFSE dispõe de trilhas de interpretação e de observação. As trilhas são a maneira mais adequada para que cada visitante conheça e aprenda a respeito de ambientes específicos, dos ciclos naturais, do solo e das condições climáticas, assim como das plantas e animais que ali se encontram, através de uma caminhada que passa no centro (interior) desses recursos com alguns meios de auxílio durante o percurso (ARREGUI, 1975; HYPKI; LOOMIS JÚNIOR, 1981; SILVA, 1996). Para THEOBALD, WILLIAM (1994), as trilhas são extremamente importantes em quaisquer áreas protegidas ou locais ecoturístico novos ou em desenvolvimento.

Por meio de vários métodos interpretativos, desde folhetos até uso de um intérprete como guia, o visitante pode experimentar o mundo natural e seus processos *in vivo* numa trilha. A trilha de interpretação nada mais é do que um caminho previamente estabelecido, com comprimento que não deve ser maior que 1,5 a 2,0 km, em forma de círculo fechado, com ponto de partida e final coincidentes, sem cruzar outros caminhos, largura máxima de 1,20 m e passagem por diversas estações ou pontos de interesse devidamente sinalizados, onde pode existir um letreiro com figuras ou painéis e legendas interpretativas.

Na Figura 11 tem-se um exemplo de placas de identificação de espécimes florestais com fins didáticos e descritivos.



Figura 11 - Identificação de espécies florestais nativas, em parques.

4.9 Atrações naturais

As atrações naturais são as características regionais que influenciam a atração turística:

- Montanha: picos, cumes, serras, montes, morros, colinas;
- Planaltos e planícies: chapadas, tabuleiros, patamares, pedras tabulares, vales, rochedos;
- Costas ou litoral: praias, restingas, mangues, baías, enseadas, sacos, cabos e pontas, falésias, dunas;
- Terras insulares: ilhas, arquipélagos, recifes, atol;
- Hidrografia: rios, lagos, praias fluviais e lacustres, pântanos, quedas d'água, fontes hidrominerais e termas;
- Parques e reservas da fauna e da flora: nacional, estadual e municipal;
- Área de caça e pesca.

No ano de 2000, o caminho Patrimônio Histórico iniciou a ser trilhado com objetivo de pesquisa e de implementação de uma trilha histórica e turística pelos componentes da expedição João Maria Pereira (mateiro), José Hamilton Claudino (biólogo), João Maria Claudino (Prefeito municipal), GRZEGORCYK (historiador) *et al.* (entrevista em setembro de 2004).

4.10 Coleta de dados

A amostra foi constituída de 72 representantes da comunidade que habita o entorno do VFPSE. Constituí também a amostra os principais pontos turísticos e produtos encontrados na região (Museu - Sergius Erdelyi, CETAS, VFSE, trilhas, igreja matriz, caminho dos Ambrósios, monumentos, Capelas distritais, *Campings*, dentre outros). Atrativos Naturais: Lagos, Cachoeiras, rios, Montanhas, paisagem, artesanato local e regional.

4.11 Inventário da infra-estrutura turística e atrações locais

Para EMBRATUR/PMNT (2001), o planejamento para o aproveitamento na implantação de novos equipamentos e nas atrações existentes deve ocorrer a partir de avaliação criteriosa, observando os seguintes aspectos: a) quanto aos meios de hospedagens (equipamentos), b) as atrações naturais e c) história cultural, entre outros.

Os recursos turísticos existentes no município de Tijucas do Sul e seu entorno foram inventariados. O levantamento foi feito percorrendo todas as localidades, sendo também efetuadas enquête com a população, como também procurou-se registrar meios de hospedagens:

- Hotel, hotel residência, hotel de lazer, hotel fazenda, pousadas, hospedaria, albergue da juventude e *camping*.
- Serviços de alimentação e bebidas: bares, restaurantes.
- Serviços de entretenimentos e diversões: parques de diversões, cinemas, teatros, casas noturnas, clubes, parques temáticos, entre outros.
- Serviços de agenciamentos: agências de viagem e turismo, transportadoras turísticas, e outros.
- Eventos: centros de convenções e exposições, empresas organizadoras de eventos, locadoras de equipamentos e outros.
- Locadora de veículos.
- Outros serviços: informações turísticas, sinalização.

4.12 Estrutura geral do questionário

A partir das questões colocadas e avaliadas, preocupou-se investigar:

- 1) a viabilidade de pressupostos e estratégias econômicas para a utilização dos recursos dos ecossistemas de importância econômica para o VFSE;

- 2) a implantação e gestão do turismo como desenvolvimento regional - no caso do VFPSE, visando a avaliação de sustentabilidade;
- 3) potencial do estoque de recursos auto-sustentável.

Este é um trabalho que envolve uma pesquisa com as seguintes características: prática com dados secundários, com base documental, com dados criados e/ou, engendrados; aplicação de entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas; e entrevista com relatos orais (**práticos**), como utilizados em estudos qualitativos, usando informações de estudos de GONDIM (1999), LAVILLE & DIONE (1999) e LEFEVRE (2000), adaptados à situação real nos locais visitados e de depoimentos coletados, buscando informações quantitativas e também qualitativas sobre o perfil e pensamento dos habitantes da região, a infra-estrutura existente e as potencialidades turísticas para o desenvolvimento local, através de um estudo de campo, no qual visa um estudo medianamente profundo de diversas variáveis situacionais típicas.

Uma série de perguntas abertas preconizada verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistado pode acrescentar perguntas de esclarecimento (LAVILLE; DIONE, 1999). Esses autores citam algumas vantagens de um estudo de campo (p.188-96):

- Essas informações permitem interrogar rapidamente, e com menor custo, um grande número de pessoas e tratar os dados estatisticamente para deles tirar conclusões gerais;
- A flexibilidade adquirida permite obter dos entrevistados informações muitas vezes mais ricas e fecundas, uma imagem mais próxima da complexidade das situações, fenômenos, ou acontecimentos; imagem cuja generalização será, todavia, delicada e exigirá cuidado e prudência por parte do pesquisador.
- Como grande fonte geradora de hipótese, o estudo de campo serve, principalmente, aos propósitos de pesquisas exploratórias, em que a ênfase está na geração e não no teste de hipótese.

A entrevista estruturada se constrói com um questionário uniformizado, com opções de respostas determinadas. O trabalho pode ser feito por ocasião de um encontro entre o entrevistado e o entrevistador. Por outro lado, a padronização permite proceder rapidamente, a custos razoáveis e com um grande número de pessoas, facilitando o tratamento dos dados graças aos instrumentos estatísticos cujo uso ela autoriza (LAVILLE; DIONE, 1999).

Os dados coletados através das entrevistas, que levaram cerca de 15 a 20 minutos. Esta realizada anteriormente uma observação nos locais e distritos nos dias úteis da semana em que havia mais pessoas em atividades e com freqüência nos locais típicos da

comunidade. Aplicados no total 72 questionários (entrevistas), em Tijucas do Sul e seus 26 distritos, no período de outubro de 2003 a maio de 2004, e as 28 entrevistas-teste e que resultou a definição real para realizar algumas mudanças do questionário, como também serviu como teste experimental e base estrutural para realizar o trabalho. Foram processadas as 44 entrevistas, das quais foram analisados os resultados finais.

Para avaliar a Infra-estrutura que pode viabilizar o aproveitamento potencial para a exploração dos recursos turísticos existentes foram identificados os recursos do ecossistema; ambientes ecológicos; material botânico (biodiversidade); belezas cênicas; registros fotográficos; mapeamentos temáticos das áreas com potencialidade, essas georreferenciadas; diagnóstico socioeconômico; estudo do potencial e tendências para o turismo (índices de desenvolvimento humano e como subsídios para o desenvolvimento regional).

Portanto, realizada a interpretação de dados quantitativos da população e amostragem, bem como a tabulação de questionários para mensuração quantitativa das informações coletadas; também foi realizada extensa pesquisa bibliográfica sobre os paradigmas abordados.

Foi realizada uma entrevista com populares e representantes da comunidade. A área está localizada na região sudeste do Estado, município de Tijucas do Sul - RMC de propriedade da PUCPR. O questionário está apresentado na página 156 anexo A, em anexo A; a entrevista foi realizada em campo. Entrevistadas 44 pessoas para obter dados da realidade local, sobre os serviços e produtos turísticos locais.

4.13 O cenário turístico do lugar

Segundo ACERENZA (2002), a imagem pode ser descrita como uma representação mental que se tem de um determinado destino turístico, uma empresa em particular, ou dos serviços oferecidos por ela. As pesquisas têm gerado alguns modelos descritivos em relação ao processo de informação que leva à formação de certas imagens sobre o destino turístico, com possibilidade de identificar a origem, o principal canal de comunicação que pode influenciar a criação da imagem de um determinado lugar. Em síntese, é a influência que pode chegar às pessoas por meio de:

- Conhecimento e experiências pessoais de viagens anteriores ao lugar
- Interesse de outros pelo lugar.
- Informação e conselhos de familiares e amigos.

O cenário turístico do futuro, segundo EMBRATUR (2001), para conscientização da comunidade é necessário criar uma campanha com símbolos e linguagem uniforme, enfatizando os benefícios que a comunidade obterá com a definição da “Imagem Turística” específica, de um perfil diferenciado em relação aos outros municípios. Nesse sentido, é importante realizar seminários orientados para gestão e educação com as (parcerias) estaduais e nacionais, abordando os temas: o que é um cenário, por que criar um cenário, metodologia a ser utilizada na formação do cenário e a formação do cenário.

As paisagens rurais, situadas numa posição privilegiada na atualidade, como uma opção valiosa para o turismo e o desenvolvimento regional (Tabela 9), evidenciam o diagnóstico sobre os pontos fortes e fracos na perspectiva do turismo e os atrativos naturais.

Tabela 9 - Indicadores e diagnóstico da infra-estrutura em escala regional

Diagnóstico	Pontos fracos	Pontos fortes
1. Infra-estrutura existente	Em poucos lugares consolidados, escassez de alojamento, adequação, necessidades de habitações turísticas, qualidade de serviços eficientes. Posto de informação turístico. Escassez de sinalização turística	Conscientização da importância do turismo com motor de desenvolvimento local. Novas infra-estruturas de recepção. Expansão de outras zonas e municípios. Oferta de políticas públicas.
2. Recursos Humanos	Necessidade de fomentar cursos de formação e profissionais.	Aumento do número de cursos para setor/zona rural. Escolarização da comunidade, apoio institucional do PRODETUR SUL. Órgãos Governamentais.
3. Recursos Financeiros	Escassa capacidade de financiamentos próprios, necessidade de financiamentos públicos.	Propriedade privada. Empresa familiar. Financiamento privado. Políticas públicas direcionadas.
4. Suporte Tecnológico	Há setores com organização adequada. Outros de bom a mediano.	Possíveis redes de informações em áreas com programas definidos.
5. Impacto Ambiental	Não existe cota de visitantes para criar impacto. Tende-se a converter em um fenômeno de crescimento. Podem-se ter efeitos em caso de não planejamento.	Obedecer a parâmetros técnicos direcionados e de acordo com a infra-estrutura já existente.
6. Grau e Competitividade	Há ordenação direcionada do setor, necessita da ordenação educacional, estacional e ampliar os recursos turísticos.	Organizações privadas implantam normas de qualidade. Numerosos recursos turísticos inexplorados. Ampla geografia. Crescente demanda turística próxima a centro urbano.

Fonte: MANUEL OTUÑO, Fundacion General. UNAM - *Estrasburgo* (1996), adaptado pelo Autor (2005).

A expressão paisagem atualmente tem a sua origem etimológica, segundo DILGER (1993), no anglo-saxão antigo *Land scap*, depois *landschaft*, no alemão, e finalmente *landscape*, no inglês. Esse autor informa que os conceitos sobre paisagem originaram-se na época medieval na Europa e subsequente termo vem recebendo modificações no seu significado, sendo utilizado de distintas maneiras, com diferentes significados (SANTOS *et al.*, 2001).

Características indutoras da qualidade visual da paisagem – Feições e manifestações culturais: florestas e outras formações vegetais naturais remanescentes ou regeneradas; flores campestres e árvores em floração; grandes saliências naturais dos terrenos (serras, montanhas, picos); afloramentos naturais de rochas; formas esculturais do relevo; superfície de bordas de rios, lagos, com elevada naturalidade; episódios atmosféricos e climáticos (nascer/pôr do sol, nuvens geada, neve) caminhos e trilhas. As feições culturais: vistas de povoados e aldeias remotas; pontes e passagens antigas, originais ou monumentais; terras cultivadas com critérios conservacionistas; inscrições rupestres, cemitérios antigos; fortificações, templos, praças e outras construções e logradouros históricos; instalações tradicionais do meio rural (estufas, estábulos, mangueiras, moinhos, ferrarias, engenhos, alambiques e outros.

4.14 Método para a quantificação de hierarquia

Os métodos empregados para a quantificação de hierarquia são: Métodos para a quantificação de valores estéticos de uma paisagem ou de seus elementos.

A metodologia utilizada para avaliação da paisagem, construída pelos arquitetos paisagistas e outros profissionais, determinado o marco da referência para o desenvolvimento das técnicas de avaliação de atrativos turísticos. Considerando os entraves, críticas a finalidade é encontrar uma forma para empreender a análise do patrimônio turístico dos municípios; dessa maneira, determina o coeficiente de atração de cada um deles, isso indicará possibilidades de gerar benefícios econômicos para administração local, população residentes e investidores.

A avaliação final dos atrativos natural e cultural se efetiva com a aplicação de uma escala de valores a cada fator considerado. O que tem sido utilizado (a) pelas metodologias pesquisadas é uma escala de 3 pontos, que indicará, unicamente, a intensidade do fator considerado.

Para o cálculo valor turístico dos recursos será determinado pelo o produto das pontuações obtidas dos fatores interno, (Intrínsecos), externos (extrínsecos) e de estrutura Assim demonstra-se que:

$$(1) \quad VTa = \frac{X + Y + Z}{3}$$

Onde que:

VTa = valor turístico do atrativo;

X = fatores intrínsecos;

Y = fatores extrínsecos;

Z = fatores de estrutura (atrativo).

A pontuação resultante da aplicação da fórmula indicará a classificação do atrativo para o aproveitamento turístico. Sendo assim, o valor 3 significa atrativos com qualidades excepcionais e de grande significado para o valor turístico. Os valores 2,5 a 2,9 determinam os atrativos com boa qualidade, sendo de interesse para o desenvolvimento turístico. Os valores de 2 a 2,4 determinam os atrativos de boa qualidade e de interesse para aproveitamento turístico, observando-se fatores restritivos. Os valores de 1 a 1,9 determinam os atrativos com razoável qualidade e poderão ser aproveitados para a exploração turística, caso se proceda a uma avaliação, como possível correção dos fatores que contribuíram para a sua classificação. O valor 0 determina que o atrativo não deve ser considerado para o aproveitamento turístico.

A soma final de todos os valores turísticos dos atrativos de cada unidade analisada pode determinar a hierarquia do município.

- **Hierarquia 3:** → município com qualidades excepcionais e de grande significado para o aproveitamento turístico, inclusive com grau da atratividade de demanda internacional.
- **Hierarquia 2:** → município com qualidade excepcionais, importante para o aproveitamento turístico, com grau de atratividade de demanda nacional.
- **Hierarquia 1:** → município que apresenta boa qualidade atrativa com capacidade de atrair uma demanda regional e local.
- **Hierarquia 0:** → município sem mérito suficiente para o considerar comparável às hierarquia anteriores. Veja formula 2.

A fórmula aplicada para alcançar esse resultado deverá ser:

$$(2) \quad H = \frac{Vta_1 + Vta_2 + \dots + Vta_n}{n}$$

Em que :

H = hierarquia;

Vta = valor do atrativo (turístico);

n = número de atrativos.

Demonstra-se que os valores obtidos para os atrativos indicam a qualidade dos recursos, enquanto a identificação da hierarquia permite conhecer a atratividade do município em relação a outro, possibilitando ações regionais específicas e complementares CERRO (1993) & MAGALHÃES (2002).

Segundo NUCCI (2003), a utilização do método para quantificação de valores estéticos de uma paisagem³⁶ ou de seus elementos turísticos depende do NI, M e U, por exemplo.

Nível de Integridade (I)

Nível de integridade (I): é o grau relativo de condição turística natural e local, que pode ser avaliado considerando sua acessibilidade e facilidade, como: a) muito difícil e difícil acesso, b) médio, c) de baixa acessibilidade e d) baixíssima acessibilidade aos locais. Se não existir acesso ou impedimentos para a acessibilidade, o valor do fator será 4; se a condição de acesso for fácil (1). Exemplificando: acesso altamente difícil, ou sem acessibilidade por algumas pessoas (4); muito difícil, com muita dificuldade (3); moderadamente difícil e pouco acesso (2); baixa dificuldade, muito baixo (1); baixíssimo ou extremamente baixo (0).

³⁶ Paisagem implica uma percepção sensorial (essencialmente visual) e isso supõe um subjetivismo que se manifesta quando desejamos fazer qualquer valoração a seu respeito. A paisagem tem sido utilizada por um amplo número de profissionais (pintores e outros artistas, geógrafos, arquitetos, engenheiros, ecólogos, planejadores etc.) e, para cada um, ela se sujeita a múltiplas interpretações, com os correspondentes matizes disciplinares. Dessa forma, o conceito de paisagem de um ecólogo pode não coincidir com o de um arquiteto, o deste com o de geógrafo, e assim por diante. Paisagem na dimensão cultural: “é a forma espacial presente testemunho de formas passadas que podem ou não persistir” (Rodrigues, 1966). “Na dimensão estética ou visual: é o domínio do visível ou de tudo aquilo que a visão abarca” (SANTOS, 2001).

Memorização e Impressão Visual (M)

A memorização (M) é a quantificação do elemento de realce ocorrer em uma paisagem, como ocupação do espaço que se prende em nossa memória. As escalas de avaliação, de coisas a serem lembradas, situam-se entre alto valor memorável (4), até pouca razão de ser lembrado e memorável (1).

Escala de Unidade (U)

A unidade (U) é o grau de integração dos elementos a formarem o sistema, integral e harmoniosamente do local (turístico). As escalas situam-se entre unidade geral muito alta e/ou elevada (4), até a unidade geral muito baixa e, ou, baixíssima (1). Ao apresentarem mais elementos integrados com condições turísticas locais integradas com a paisagem, maior será a unidade destas. Exemplificando: elementos paisagísticos locais (EPL) muito integrados com o local (4); EPL moderadamente integrado com a paisagem local (3); EPL moderadamente baixo com a paisagem local e, ou, com baixíssima integração com a paisagem local (1).

Para o cálculo da qualidade dos valores atrativos e a quantificação de valores a partir do inventário dos produtos turísticos, como monumentos, belezas cênicas e outros, usa-se a expressão (3).

$$(3) \quad QV = \left(\frac{I + M + U}{3} \right)$$

em que:

QV = qualidade do valor;

I = nível de Integridade (condição natural);

M = memorização da impressão do valor (elementos de importância); e

U = unidade (grau de integração dos elementos/produtos).

4.15 Critérios de priorização

Com relação aos **critérios de priorização**, algumas adaptações são necessárias (tabela Anexo, 4-A página 132). Para o critério de avaliação do estado de conservação de insumos culturais, tem-se: a) análise dos insumos culturais, b) avaliação do grau de autenticidade do insumo, estabelecido em uma escala de 1 a 3. Para o critério de avaliação de fragilidade ambiental do ecossistema, ocorre: a) avaliação da suscetibilidade à mudança e b) descaracterização cultural em função da visitação. Finalmente, ao critério de avaliação da representatividade corresponderá a avaliação da originalidade do insumo, em relação às manifestações similares naquela e em outras regiões. Observa-se na Figura 12 página 83, a construção do Museu e paisagens.



Figura 12 - Vista frontal do museu, centro de visitantes, Praça dos Cronópios.

4.16 Hierarquização dos atrativos turísticos (VIVAT, Município e Região)

A Análises e hierarquização, na análise dos insumos naturais utilizou-se a metodologia citada por OMT/CICATUR (1997) e SILVEIRA (2002), sendo adotados os critérios de hierarquização e os seus aspectos sobre os impactos locais e regionais. A análise dos insumos naturais permitiu identificar no município recursos e atrativos, após a valoração, e classificar e selecionar as prioridades (recursos prioritários) para desenvolvimento do turismo regional.

Foram utilizados os critérios de hierarquização e os seguintes aspectos: a) capacidade de gerar ou não impactos locais e regionais, b) condição de utilização a que estão submetidos, possibilidades para sua utilização c) estado de conservação ecológica dos seus elementos e fragilidade dos ecossistemas onde se encontram e g) representatividade desses para a região.

4.17 Critérios de hierarquização

Foram utilizados ainda Critérios de Hierarquização, similares àqueles usados na análise dos insumos naturais, referente ao impacto da implantação do atrativo, ao apoio local e comunitário, à acessibilidade e ao grau de uso.

Os valores e características dos atrativos culturais são extremamente subjetivos. Atrativos culturais já existem, formam parte da história local, são inerentes às tradições, e costumes das populações e deverão continuar assim. Isso faz com que os critérios utilizados na avaliação fossem diferentes dos aplicados aos insumos naturais.

Para enfatizar o processo de exploração dos lugares e seus atrativos, seja pelo setor privado e público, a atividade turística apodera-se do espaço, transforma-o, agrega valores. Além disso, com ênfase na organização de ambientes artificializados³⁷ e hierarquizados, restritos as camadas social e econômica mais favorecidas da população (MAGALHÃES, 2002)

Para enfatizar e complementar esta discussão, foram apresentados trinta e oito (38) atrativos - recursos e atrativos culturais - como exemplos de espaços turísticos organizados na tabela 10. Essas características consolidadas com o desenvolvimento e demanda

³⁷ Esses fatores dizem respeito única e exclusivamente à estrutura do local do atrativo, acessibilidade (estradas ou rua asfaltadas, estradas ou rua de terra, caminho), possibilidade de acesso por todo o período do ano, transporte até o atrativo, serviços, banheiros, restaurantes. Não se deve avaliar a infra-estrutura turística do núcleo urbano como estrutura do atrativo, a não ser que o atrativo alise localize.

temporárias, paulatinamente transforma-se em recursos turísticos e são muito explorados na atualidade, portanto apresentam destaque para o desenvolvimento do turismo na região.

Descrição dos atrativos - Igreja Matriz Localizada em uma praça, na parte central da cidade mantém sua originalidade e imponência em seu estilo de basílica.

Destaca-se a arte sacra preciosidade de vitrais e mosaicos, obras de inspiração religiosa legado cultural para a região.

Os recursos turísticos relacionados na tabela 10 encontram descritos no Mapa turístico - Tijucas do Sul e do *Vivat Floresta Park*.

Tabela 10 - Hierarquização de recursos e atrativos culturais - índice de implantação

Recursos (R) e, ou, Atrativo (A)	Hierarquia (OMT)	Valor de Hierarquia (1)	Valor de Prioridade (2)	Índice de implantação (1x2+OMT)
1. Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores	3	3	3	12
2. <i>Vivat</i> Florestas Sistemas Ecológico	3	3	3	12
3. Caminhos Históricos Ambrósios, Estrada velha Joinvile a Curitiba	2	2	2	06
4. Museu	2	3	3	11
5. Turismo-religioso e capelas distritais	1	1	2	03
6. Festa cultural e municipal, feiras e eventos	3	1	1	04
7. Trilhas distritais municipais e caminhadas dirigidas e paisagens	0	1	0	01
8. Lagos	0	1	0	0
9. Hotéis-fazenda	2	1	0	02
10. Ervateiras	1	1	2	03
11. Contemplação-natureza e ecologia da paisagem	1	1	1	02
12. Vila Passaredo	2	1	2	04
13. Parque-Araçá caiaques	0	1	1	01
14. Capela de São Francisco	1	1	1	02
15. Obeliscos, obras de artes e esculturas	1	1	1	02
16. Apicultura	0	1	1	01
17. Manejo ecológico e silvicultural	2	2	1	04
18. Fonte d'água e santuários ecológicos	1	1	1	02
19. Cachoeiras, lagos, rios	1	1	1	02
20. Hotéis de lazer & eventos	2	2	2	06
21. <i>La Dolce Vita</i>	2	2	2	06
22. Propriedades produtoras de vinho	1	1	1	02
23. Danças folclóricas de São Gonçalo	1	1	1	02
24. Casarão dos poloneses	0	1	1	01
25. Casa dos Ambrósios	1	1	1	02
26. Cavalgadas	1	1	1	02
27. Haras cartel	0	1	1	01
28. Festas de aniversário do município	1	1	1	02

Tabela 10 - Hierarquização de recursos e atrativos culturais - índice de implantação (continuação).

Recursos (R) e, ou, Atrativo (A)	Hierarquia (OMT)	Valor de Hierarquia (1)	Valor de Prioridade (2)	Índice de implantação (1x2+OMT)
29. Verdelícia	0	0	1	0
30. Capril Campo Alto	0	1	0	0
31. Estância Mangrullo	1	1	1	02
32. Serra do Cabral	1	1	1	02
33. Pesque-pague	0	1	0	0
34. <i>Trekkings</i>	1	1	1	02
35. Ciclismo	0	1	1	01
36. Capela do Monge	1	1	0	01
37. Voçoroca	2	1	2	04
38. Parque-Saltinho	0	0	1	0

Fonte: Autor (2005).

Na tabela 10 é importante identificar os aspectos que permitirão que os atrativos de hierarquização possam ser integrados ao desenvolvimento turístico local, contribuindo com sua proteção e estimulando sua manifestação.

Obedecendo ao critério hierárquico, os atrativos são classificados em três prioridades (I, II e III, de tal forma que o III é prioritário sobre o II e esse é prioritário sobre o I. A ordem sugerida de desenvolvimento, além dos critérios anteriormente descritos, envolve a experiência de campo obtida pela pesquisa, quando dois atrativos se encontram praticamente empatados nas suas qualificações. Entende-se que há fatores sutis e considerados na tomada de decisões.

Na tabela 11 encontram-se os diferentes fatores que podem determinar a urgência ou não de sua implantação como atrativo turístico.

Tabela 11 - Atrativo prioritário do turismo religioso local

Recursos (R) e Atrativos (A)	Hierarquia OMT	Índice de Implantação	Ordem sugerida para desenvolvimento
1. Igreja Nossa Senhora das Dores - Matriz	3	3	1 ^a
2. <i>Vivat</i> Florestas Park - Sistemas Ecológicos	3	3	2 ^a
3. Museu Sergius Erdelyi	3	2	3 ^a
4. Manejo Ecológico e silvicultural	2	3	4 ^a
5. Caminhos Históricos Ambrósio, Estrada velha Joinvile Curitiba	2	2	5 ^a
6. Festas culturais, municipais as feiras e eventos	3	1	6 ^a
7. Viveiro florestal	2	2	7 ^a
8. Arboreto, ervas medicinais, áreas preservadas e belezas cênicas	2	2	8 ^a
9. CETAS e Santa Clara	1	3	9 ^a

Tabela 11 - Atrativo prioritário do turismo religioso local (continuação)

Recursos (R) e Atrativos (A)	Hierarquia OMT	Índice de Implantação	Ordem sugerida para desenvolvimento
10. Hotéis-fazenda	2	2	10 ^a
11. Vila Passaredo	2	2	11 ^a
12. Hotéis de Lazer & Eventos	2	2	12 ^a
13. <i>La Dolce Vita</i>	2	2	13 ^a
14. Voçoroca	2	2	14 ^a
15. Trilhas científicas	1	2	15 ^a
16. Obeliscos e obras de artes e esculturas.	2	1	16 ^a
17. Ervateira	2	1	17 ^a
18. Capela de São Francisco	1	1	18 ^a
19. Serra do Cabral	1	1	19 ^a
20. Casa dos Ambrósios	1	1	20 ^a

Fonte: Pesquisa realizada pelo Autor em 2004.

4.18 Principais igrejas de Tijucas do Sul e distritos

Na tabela 12 encontram-se as igrejas que apresentam eventos religiosos e festas populares, - as que se destacam com maior número de freqüentadores, do total de 1.846 famílias no meio rural e 10.414 pessoas residentes na área rural de uma população total do município de 12.260 habitantes, dos quais 6.466 do sexo masculino e 5.794 do sexo feminino.

Tabela 12 - As principais igrejas e capelas de Tijucas do Sul - PR.

			Igrejas mais festejadas
1. Matriz-Tijucas	N. Sr ^a . das Dores	Sede Municipal	
2. Ambrósio	N. Sr ^a . Aparecida	100 famílias	01
3. Campestre	Sr. Bom Jesus	400 famílias	02
4. Campina	São Cristóvão	250 famílias	-
5. Campo Alto	Divino Espírito Santo	250 famílias	-
6. Cangoera	São José	180 famílias	-
7. Fagundes	São Sebastião	180 famílias	-
8. Fazendinha	Sant' Ana	20 famílias	-
9. Flores	Sr. Bom Jesus	30 famílias	-
10. Lagoa	Sto. Antônio	500 famílias	03
11. Matulão	N. Sr ^a . Aparecida	100 famílias	05
12. Papanduva	N. Sr ^a . do Carmo	200 famílias	-
13. Pinhal-dos-Borges	São Miguel	40 famílias	-
14. Postinho	N. Sr ^a dos Milagres	350 famílias	-
15. Ribeirão do Meio	São Vicente de Paulo	40 famílias	-
16. Rio de Uma	Sgrd. Coração de Jesus	100 famílias	-
17. Rio Abaixo	N. Sr ^a . da Luz	100 famílias	-
18. Rodeio e Vargem	São Sebastião	90 famílias	04
19. Saltinho	N. Sr ^a . de Fátima	60 famílias	06

Tabela 12 - As principais igrejas e capelas de Tijucas do Sul - PR. (continuação)

20.Tabatinga	N.Sr ^a . do Rocio	300 famílias	-
21.Córrego-das-Pedras	S. João Batista	20 famílias	-
22.Gama	N.Sr ^a .dos Milagres	40 famílias	-
23.Lagoinha	São Pedro	300 famílias	-
24.Alto da Serra	N.Sr ^a . do Rocio	20 famílias	-
25.Xaxim	São José	50 famílias	-

Fonte: do Autor (2005).

4.19 Caracterização das espécies da fauna

Segundo MARGARIDO & SEMA/GTZ (1996), BORNSCHEIN E REINERT (2000), a fauna regional é constituída por espécies de mamíferos ocorrentes e prováveis da região, com destaque para espécies endêmicas da Floresta Atlântica, sendo 11 consideradas ameaçadas de extinção no Estado do Paraná, conforme mostrado na tabela 6 A página 133 - Espécies da fauna ocorrentes na região.

4.20 Resíduos da extração silvicultural - Casca de pinus

As cascas de pinus (MPñU) são produtos encontrados na região como resíduos sem valor econômico, estão expostos em estradas, lixões, nos córregos, segundo citação feita pela Empresa Vida Produtos Ecológicos. As cascas de pinus compostadas são comercializadas a granel por m³, sendo produto oriundo do processo de compostagem até a bioestabilização do material. Possui baixa densidade, garantindo boa aeração e boa capacidade de retenção de umidade, o que favorece o desenvolvimento das raízes. Estas são utilizadas como base na confecção de diferentes substratos para plantas, desde *plugs*, potes até recipientes maiores, proporcionando redução de custos e maior qualidade, flexibilidade aos produtores (Tabela 7A - Cascas de pinus, em anexo página. 134).

4.21 Casca de pinus bioestabilizada

São características da casca de pinus bioestabilizada:

- É produto oriundo do processo de compostagem de cascas de pinus até a bioestabilização do material.
- Possui baixa densidade, garante boa aeração, boa capacidade de retenção de umidade, favorecendo o desenvolvimento das raízes.
- É utilizada como base para confecção de substratos para plantas (Tabela 8 A, Cascas de pinus bioestabilizada – Condicionadores físicos do solo, anexo A, página 134).

4.22 Casca de pinus compostada

A casca de pinus compostada é comercializada a granel por m³. Esse material é produto de beneficiamento de resíduos do setor florestal. Atua como protetor do solo em vasos, canteiros e floreiras, sendo também utilizadas como substrato para o cultivo de orquídeas. É um produto 100% natural, que evita o ressecamento do solo, protegendo-o integralmente. O produto apresenta garantia CRA* de 45%. Informações complementares médias: pH - 6,7; matéria orgânica - 59%; densidade - 0,6%; N total - 0,45%; P₂O₅ - 0,13; K₂O - 0,19; CaO - 1,10; MgO - 0,36 (Tabela 9 A - Cascas de pinus compostadas - Anexo A, página 134).

4.23 Humoativo

O produto apresenta garantia CRA^{38*} de: 35%. Informações médias: pH - 6,7; matéria orgânica - 56%; densidade - 0,75%; N total - 0,90%; P₂O₅ - 0,80; K₂O - 0,35; CaO - 5,00; MgO - 0,45. É comercializado a granel por m³. O produto é oriundo de um processo de estabilização orgânica existente no lodo da estação de tratamento de efluentes, experimentalmente desenvolvido na Riocell, em Porto Alegre-RS. A matéria orgânica presente no lodo é constituída basicamente de fibras de madeira e lignina. Essa estabilização da matéria orgânica ocorre através da transformação de complexos orgânicos em húmus oriundo do processo de fermentação anaeróbica, seguida de compostagem aeróbica. A seguir encontra-se o resultado de análise das cascas de pinus efetuada pelo Laboratório de Agronomia da UFRGS (Tabela 10A - Anexo A, página 135).

Na área do Centro da Administração do VFSE, o lixo recebe tratamento adequado, todos os resíduos passam por uma triagem rigorosa e correta, obedecendo a parâmetros adequados; depois de separados, os produtos seguem para a reciclagem. Os de categoria orgânica são destinados à Horta do Restaurante Universitário, para uso como adubo (Figura 13 - a, b, e d).

* ³⁸ Capacidade de retenção de água .



Figura 13 - Tratamentos e adequação do lixo nas dependências do VFPSE e possível aproveitamento dos resíduos florestais locais.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Dados estudados no VIVAT e Museu - Recursos Turísticos utilizados

Os recursos turísticos utilizados no Projeto VFSE de forma a maximizar ações e resultados, maior competitividade no município e região em relação a outros destinos turísticos. A tabela 13 seguir apresenta os principais recursos utilizados no futuro projeto e podem-se formar parcerias.

Tabela 13 - Recursos turísticos utilizados VFSE

PROJETO - VFSE	RECURSOS UTILIZADOS	PARCERIAS
VFSE/CETAS	Capital humano e artesanatos	PUCPR& MSE
VFSE/MUSEU	Organização de calendário, parte organizacional e técnica	IFSE/PUCPR
Rota dos Ambrósios- Cultural	Guias e Formação de Grupos e expedição	PUCPR& SPC
Trilhas e monumentos naturais e culturais	Turismo local, pesquisa e formação de guias	VFSE & PUCPR
Workshops	Organização de eventos, culturais – ecoturismo	PUCPR & SPC
Qualidade de atendimento ao turista	Realização de treinamentos, qualificação profissional, bom atendimento ao turista	PUCPR/MSE & VFSE
Implantação de Posto de informação	Integração com outras instituições, órgãos e setor empresarial	PUCPR, VFES, SPC, MSE & SETUR-PR.
Atividades lúdicas	Turismo terceira idade, Cultural, religioso, rural e científico	PUCPR, VFES, SPC, SETUR-PR.

Fonte: Autor (2005)

5.1.1 Inventário das atrações culturais do museu Sergius Erdelyi

A identificação das obras do museu obedeceu ao critério técnico; foi realizada entrevista com o artista Sergius Erdelyi e visitas técnicas ao museu, onde foram identificadas e caracterizadas as obras de artes:

Estigmatização, detalhe; Entrada triunfal em Jerusalém, detalhe; Anúncio do Nascimento de Jesus, detalhe; 01; Arcanjo Gabriel, detalhe; Anjo com alaúde, detalhe; Anúncio do nascimento de Jesus, inteiro; Anúncio do nascimento de Jesus, detalhe 01; Anúncio de Jesus, detalhe 02; Anúncio do nascimento de Jesus, detalhe 03 Maria visita Isabel, inteiro; Maria visita Izabel, detalhe 01, Maria visita Izabel, detalhe 02. O nascimento de Jesus, inteiro; Anjo de Natal, inteiro; O nascimento de Jesus, detalhe 01; O nascimento de Jesus, detalhe 02; O nascimento de Jesus, detalhe 03; Adoração dos magos, inteiro; Adoração dos Magos, detalhe 01; Adoração dos magos, detalhe 02; Adoração dos magos, detalhe 03; Fuga para o Egito, inteiro; Fuga para o Egito, detalhe 01; Fuga para o Egito, detalhe 02; Fuga para o Egito, detalhe 03; Anjo com alaúde, detalhe; Magnificat, detalhe 01; Magnificat, inteiro; Magnificat, detalhe 02; Magnificat, detalhe 03; Magnificat, detalhe 04; Genealogia de Jesus Cristo, inteiro; Genealogia de Jesus Cristo, detalhe 01; Genealogia de Jesus

Cristo, detalhe 02; Genealogia de Jesus Cristo, detalhe 03; Genealogia de Jesus Cristo, detalhe 04; Genealogia de Jesus Cristo, detalhe 05; Genealogia de Jesus Cristo, detalhe 06; Genealogia de Jesus Cristo, detalhe 07; Pregação do Batista, inteiro; Pregação do Batista, detalhe; O batismo de Jesus, inteiro; O batismo de Jesus, detalhe; Chamada dos primeiros discípulos, inteiro; Chamada dos primeiros discípulos, detalhe; Sermão da montanha, inteiro; Sermão da montanha, detalhe; A ceia de Betânia, inteiro; A ceia de Betânia, detalhe; A entrada triunfal em Jerusalém, inteira; A entrada triunfal em Jerusalém, detalhe; Traição e prisão de Jesus, inteiro; Traição e prisão de Jesus, detalhe; Jesus perante Pilatos, inteiro; Jesus perante Pilatos, detalhe; Verônica, inteiro; Verônica, detalhe 01; Verônica, detalhe 02; A morte na cruz, inteiro; A morte na cruz, detalhe 01; A morte na cruz, detalhe 02; A morte na cruz, detalhe 03; O sepultamento de Jesus, inteiro; O sepultamento de Jesus, detalhe; Arcanjo Gabriel, inteiro; O sepultamento de Jesus, detalhe; Ressurreição, inteiro; Ressurreição, detalhe 01; Ressurreição, detalhe 02; Ressurreição, detalhe 03; Santo André, detalhe; São Pedro, detalhe; Evangelista Marcos, inteiro 01; Evangelista Lucas, inteiro 02; Evangelista João, inteiro; Apóstolo Pedro, inteiro; Apóstolo Paulo, inteiro; Apóstolo André, inteiro; Apóstolo Tomé, inteiro (SERGIUS ERDELYI, 1997, 10-135).

5.1.2 Museu diagnóstico visitante e a origem

A origem dos mosaicos remonta à Antiguidade; eles foram usados na Babilônia, mediante a adoção de cones de argila virados. Na civilização greco-romana os mosaicos foram empregados tanto em assoalhos como em muros. Os sistemas mais conhecidos são então: o “*opus sectile*”, que consistia em pedaços grandes de mármore cortados já formando desenhos, e o “*opus tessellatum*”, feito com pedacinhos de mármore, pedra e vidro, conhecidos como tesseras. No museu Sergius Erdelyi encontra-se parte de um grande acervo de obras de arte (vitais, esculturas e pinturas), acessível ao público. Inaugurado em 2 de dezembro de 2004. Os períodos de 1989, 1990 e 1991 receberam um total de 8.592 visitantes, conforme distribuição das variáveis (Figura 14). O museu está situado em uma área da APC, mantenedora da PUCRPR, área esta que também abriga o ProAção, no bairro Lagoa, Tijucas do Sul.

A Figura 14 ilustra o número de visitantes do Museu Sergius Erdelyi, nos anos de 1989, 1990 e 1991, totalizando 8.592 (oito mil quinhentos e noventa e dois). Ele está localizado na atualidade na Praça dos Cronópios no VFPSE.

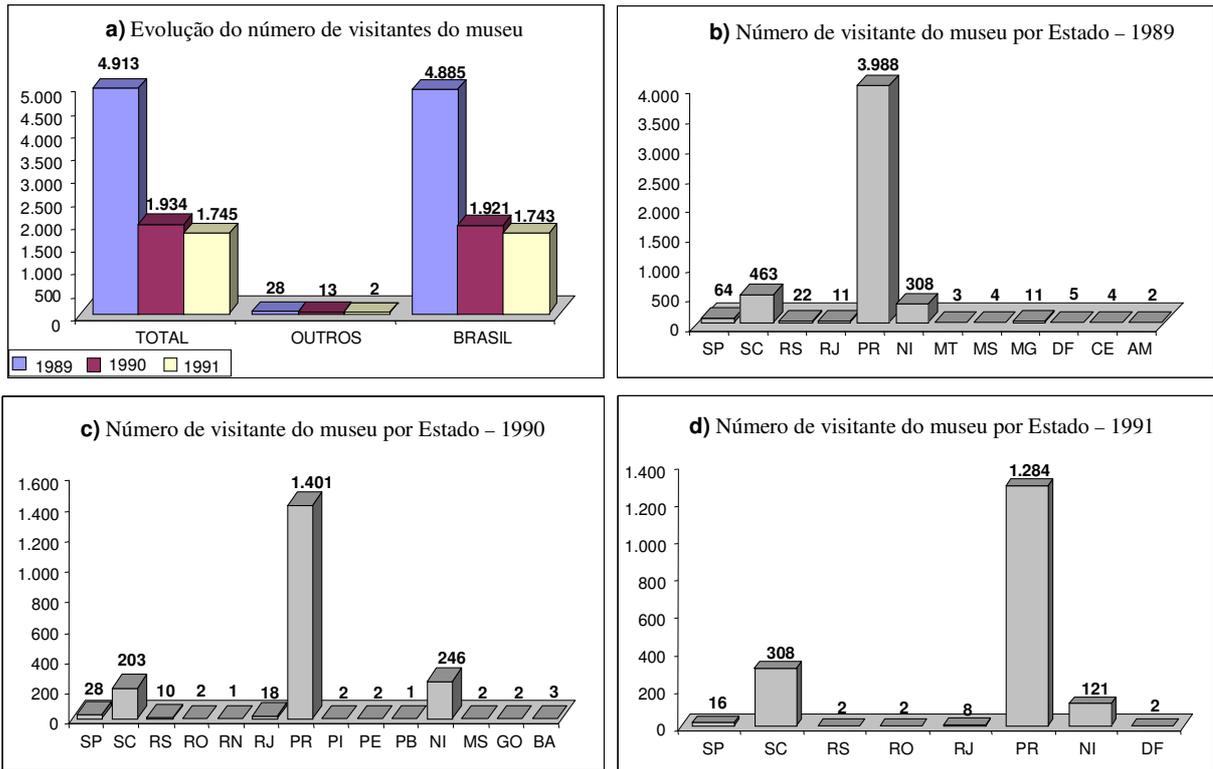


Figura 14 - Visitantes do museu.

Na figura 14b, números de visitantes para o ano de 1989, estão apresentadas a distribuição dos visitantes de 13 Estados da federação, a saber: PR, SP, SC, RS, RJ, MT, MS, MG, DF, CE, AM e os NI (não identificados). Os quatros Estados que apresentaram maior freqüência foram o PR, com 84% de visitantes; SC, com 9,48%; NI, com 6,31%; SP, com 1,31%; e MG e RJ, com 0,23%.

Para o ano seguinte, 1990 (Figura 14c), percebe-se a mesma distribuição de 14 Estados que visitaram o museu, a saber: SP, SC, RJ, RO, RN, RS, PR, PI, PE, PB, MS, GO, BA e os NI. Os quatros Estados que se destacaram foram: PR, com 72,93%; NI, com 12,81%; SC, com 10,57%; e SP, com 1,46%.

No terceiro ano, 1991 (Figura 14d), identifica números de visitantes oriundos de oito Estados, a saber: SP, SC, RS, RO, RJ, PR, NI, DF. As visitas foram interrompidas no mês de outubro por motivo de mudança do museu para sua nova sede. Os Estados que apresentaram maior freqüência foram PR, com 73,67%; SC, com 17,67%; NI, com 6,94%; e SP, com 0,92%.

Na visitaçao ao museu, nesses três anos, os Estado do PR, SC, os NI, SP e MG contribuíram com o maior número de visitantes, havendo uma pequena variaçao em SP, MG e RJ. Embora o maior número de visitas seja do Estado do PR, considera-se que o maior número de visitantes à praça dos Cronópios é oriundo da cidade de Curitiba (Figura 14).

5.2 CETAS e suas características

A proposta de gestão desta unidade do VFPSE é a hospedagem de exemplares da fauna apreendidas nas operações da Polícia Florestal e de órgão de fiscalização ambiental, com o objetivo de contribuir para a redução do tráfico de animais, dado ser alto o volume de apreensões atuais no Brasil, com carência de colaborações no recebimento e cuidado veterinário desses.

A estrutura básica abrange áreas cercadas de 2.000 m², nas quais os animais são mantidos até serem encaminhados para soltura e outras instituições. Uma variedade de animais pós-tratamento é introduzida na região; os demais são redistribuídos entre instituições de pesquisas, zoológicos, entre outras.

Os levantamentos dos dados gerados do Livro de Registro do CETAS podem ser observados na Figura 15. Os livros de registro contabilizaram os animais desde o início do seu registro e triagem para os fins de tratamentos adequados.

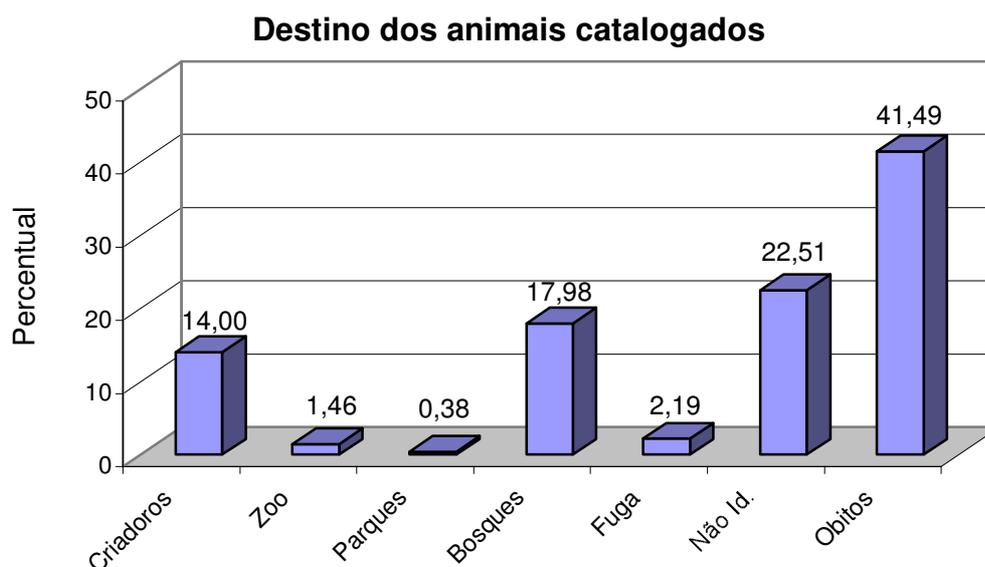


Figura 15 - Situação dos animais destinados pelo CETAS - período de 2000/2004.

O total de animais registrados e catalogados no CETAS foi de 7.186 (sete mil e cento e oitenta e seis) até final do mês de novembro de 2004. Os dados constantes na Figura 15 demonstram o destino e sua distribuição para Criadouros, Bosques, Fugas, NI e Óbitos). Para os Bosques foram 17,98% (vida livre, solturas, doações, área de preservação e reservas biológicas e outras categorias); Criadouros, 14%; Zoológicos, 1,46%; Parques, 0,38%; Fuga, 2,19% (esta ação se dá após a recuperação dos animais e, ou, no momento do tratamento, principalmente dos pássaros); NI, 22,51%; e os óbitos, 41,49% (esta

quantidade se deve à situação de maus tratos aos animais, principalmente pela prática perniciosa do tráfico e do comércio clandestino, em que os animais já chegam ao CETAS em estado de degradação ou mortos) Figura 16.

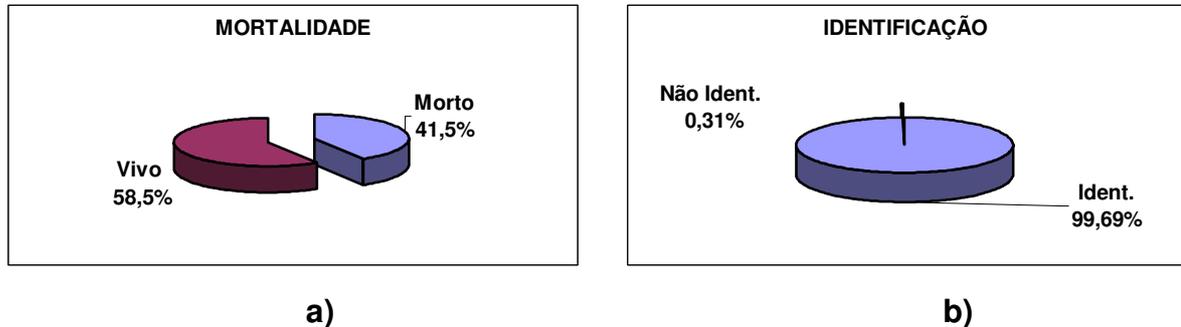


Figura 16 - Identificação e mortalidade dos animais do tráfico.

Os gráficos identificam os animais que receberam tratamentos adequados totalizam 58,5%. Quanto à mortalidade, esse percentual é de 41,5%. A Identificação atinge o valor de 99,69%, restando apenas 0,31% de NI, correspondentes aos animais raros, ou outras situações assemelhadas.

5.2.1 Estudo dos animais do CETAS e paisagens locais

Como um dos pontos turísticos na região de Tijucas do Sul encontra-se o CETAS, dada a presença temporária de variadas espécies animais advindos do tráfico, o que representa um atrativo para a visitação pública, principalmente para crianças, estudantes e pesquisadores.

Os dados coletados foram digitados e armazenados em banco de dados (planilha do *Microsoft Excel 2003*); nas análises foram usados os programas estatísticos *Excel 2003*.

Destacam-se, no contexto dos Caminhos dos Ambrósios, alguns aspectos e monumentos elucidativos que merecem ser ressaltado na região.

5.2.2 Ocorrência da Floresta de Araucária

A Floresta Ombrófila Mista está circunscrita a uma região de clima pluvial subtropical, ocorrendo abaixo do trópico de Capricórnio, em altitudes que vão de 500 a 1.200m s.n.m. nos Estados do Paraná, Santa Catarina e rio Grande do Sul, PROBIO (2004).

Áreas disjuntas ocorrem nos Estados de São Paulo e Minas Gerais, em pontos elevados da Serra da Mantiqueira e suas ramificações. Ocorre ainda na parte nordeste da Argentina, na província de Misiones, divisa de Santa Catarina (HUECK, 1935; VELOSO *et al.*, 1991).

A araucária tem seu ponto mais setentrional de ocorrência conhecida na Serra do Caparaão, fronteira entre Minas Gerais e Espírito Santo, local até onde provavelmente alcançou em períodos climáticos favoráveis do Quaternário. Há indícios que em períodos geológicos anteriores, sua área de dispersão fosse bem maior, atingindo até o nordeste brasileiro (VELOSO *et al.*, 1991).

Descrições mais detalhadas da área de sua ocorrência natural podem ser encontradas HUECK (1953), KLEIN (1960), LEITE & KLEIN (1990) e COZZO (1980). MACHADO E SIQUEIRA (1980), compilando dados de HUECK (1972) e MAACK (1968), estimaram uma área de 182.295 Km² para a extensão original nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Segundo LEITE & KLEIN (1990), esta cobria uma extensão original no Brasil de 177.600km²).

5.2.3 Mapa das trilhas turísticas

Neste trabalho foi gerado um mapa temático turístico e das trilhas existentes, destacando-se a ligação de Curitiba a Tijucas do Sul pela antiga estrada velha Joinville – Curitiba. (Figura 17).

Também estão destacados os Mapas de Roteiro Turístico do VFPSE e do município, como os cursos de água, os quais não foram destaques neste estudo, mas são importantes.

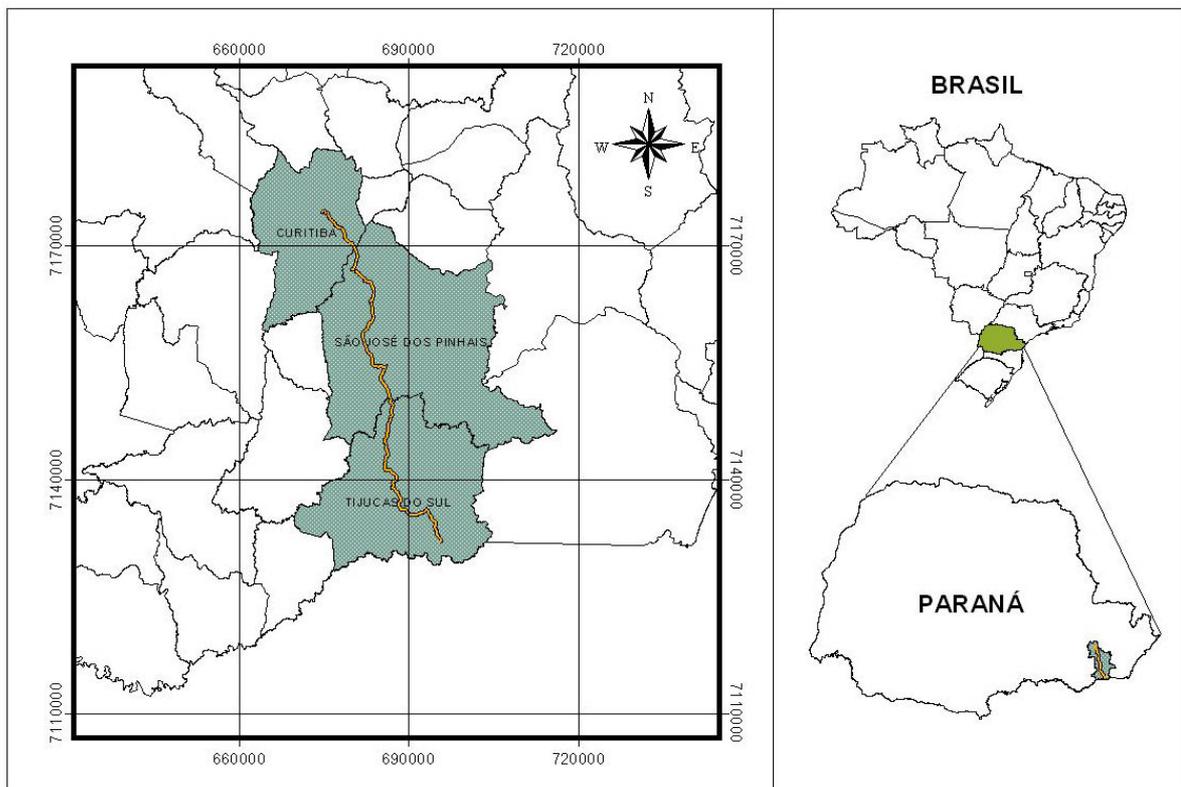


Figura 17 - Mapa ligação estrada velha de Curitiba a Joinville.

Foi realizado um caminhamento por GPS, ligando os primeiros caminhos do desenvolvimento ao complexo turístico do VFSE, como requisito cultural dos “Primeiros caminhos do desenvolvimento”, unindo a cidade de Curitiba ao VFPSE (Figura 17), como mostra o Mapa, para seguir os caminhos do Brasil. O roteiro iniciou-se na cidade de Curitiba, seguindo até São José dos Pinhais pela estrada velha Joinville-Curitiba, Baixada do rio Miringuava, Bom Jesus dos Perdões, Campo Largo das Roseiras, monumento religioso Pedro Moura, Tabatinga, Gruta do Monge, Tijucas do Sul, *Vivat Floresta*, Caminho dos Ambrósios, Trilha pré-Cabralina (Caminho dos Tropeiros), Casa do pedágio, Serrinha, rio Pirai Mirim e Reflorestamento da COMFLORESTA, ligando o complexo turístico da Estrada Bonita e Joinville. Essa caminhada é de 55 quilômetros, estando 42 quilômetros no município de Tijucas do Sul, área limdeira ao complexo do VFSE.

Na Tabela 14, indica o grau de valoração dos recursos e atrativos turísticos ofertados pelo VFPSE.

Tabela 14 - Atrativos prioritários do VFSE

Recursos (R) e, ou, Atrativo (A)	Grau de valoração			Índice de qualidade do
	Integridade	Memorização	Unidade	
1. VFSE – Museu	3	3	3	3
2. CETAS	2	2	2	2
3. Programa de estudos turísticos	3	2	2	2,5
4. Caminhadas dirigidas com interpretação	1	0	1	1
5. Trilhas observação de animais etc.	1	0	3	2
6. Manejo Eco-Silvicultural	2	1	1	2
7. Observatório Serra do Cabral	1	0	1	1
8. Contemplação-ecologia da paisagem	1	2	1	2
9. Arboreto e ervas medicinais	1	0	1	1
10. Capela de São Francisco	1	1	2	2
11. Obeliscos e obras de artes	2	3	1	3
12. Ermida	1	1	1	1,5
13. Viveiros e apicultura	0	0	1	0
14. Quadras poliesportivas e auditório	0	0	1	0
15. Fontes d'águas e santuários ecológicos	1	0	1	1
16. Lagos	0	1	1	1

Fonte: Melo Filho (2005).

5.2.4 Atores sociais entrevistados residentes na região - Tijucas do Sul

Foram entrevistadas 72 pessoas, com renda econômica e cultural diferentes. Na primeira etapa do questionário foram entrevistadas 28 pessoas, em caráter experimental; na segunda etapa, já com o objetivo definitivo da pesquisa, foram entrevistadas 44 pessoas com as mesmas características socioeconômicas e culturais, nos distritos e na sede municipal.

5.2.5 Locais identificados

Foram registrados 16 pontos turísticos na área do VFSE, são 38 no município de Tijucas do Sul, conforme apresentado na tabela 14 página 97, referente ao município. Quanto aos recursos turísticos, foram contabilizados 16 recursos turísticos, e 20 atrativos turísticos prioritários.

No mapa roteiros turísticos (Figura 20 página 107), foram incluídos, os equipamentos e atrativos urbanos, equipamentos e atrativos rurais, atrativos naturais e atrativos históricos culturais, manifestações populares, equipamentos e serviços turísticos, infra-estrutura existente e roteiro turístico.

O museu Sergius Erdelyi surgiu no início da década de 1990 no Recanto Saltinho, em Tijucas do Sul. O artista Sergius Erdelyi, austríaco de múltiplos talentos, residente há 30 anos em Tijucas do Sul, há bastante tempo planeja reunir parte de seu grande acervo de obras de arte (vitrais, esculturas e pinturas) em um museu acessível ao público.

O primeiro museu construído em madeira e cobertura de telhas fibrocimento pintadas com motivos ornamentais idealizados pelo próprio artista, e inaugurado em 24 de fevereiro de 1999. Esse museu funcionou até 2001, período que recebeu a visita com registro formal de 8.592 visitantes no total, para os anos de 1989, 1990 e 1991. Um novo museu construído na área da Associação Paranaense de cultura, mantenedora da PUCPR, área esta que também abriga o ProAção, em Tijucas do Sul. Em estreita colaboração com o professor Clemente Ivo Juliatto, Reitor da PUCPR, apresentado vários projetos de museus; portanto, escolheu-se um projeto do próprio artista. A construção iniciada em março de 2003 e sua conclusão se deram no ano seguinte. Localiza-se na Estrada São Marcelino *Champagnat*, s/n, bairro Lagoa, Tijucas do Sul PR.

Foi realizada uma análise com base em elementos estruturais, conjunturais e qualitativos do CETAS, como infra-estrutura, Livro de Registro da Triagem de Animais, constando nome, procedência, data de entrada e saída, registro e destinos dos animais recebidos. Esse Centro é administrado pelo Pró-Reitoria Comunitária da PUCPR, integrado em parceria estabelecida com o IBAMA, a Associação Paranaense de Cultura - APC e a Instituição Filantrópica Sergius Erdelyi - IFSE.

As atividades realizadas no CETAS objetivam a recuperação, tratamento, triagem e proteção de animais das classes: Mamária, Reptalia e Aves da Fauna Brasileira.

Os animais, depois do registro e catalogação, recebem tratamento adequado e cuidados veterinários até a sua reabilitação e destinação ao ambiente adequado, natural ou ambiente controlado (criadouros, zoológicos, entre outros).

Segundo informações coletadas *in loco*, o CETAS/PUCPR/ENTREVISTAS (2004) oferece uma vultosa colaboração para práticas acadêmicas de caráter técnico-científico para as aulas ministradas nos cursos de Medicina Veterinária, Zootecnia, Biologia e pós-graduação em diversas áreas do conhecimento integrado à conservação; oferece ainda treinamento para profissionais e estudantes de outros Centros de Ensino, pesquisa e de instituições universitárias nacionais e internacionais, obedecendo a parâmetros de administração e rigor técnico.

Em Tijucas do Sul há um museu, que está inserido no complexo do VFSE. Esse museu recebe visitação, desde 1989, de pessoas de todo o Estado do Paraná. A pesquisa de campo mostrou que 24 localidades registraram até nove visitas, e o total de visitantes foi de 2.579, revelando, desse modo, o potencial desse atrativo. Por esse motivo, foi realizado um inventário das obras do **MUSEU SERGIUS ERDELYI** [grifo do autor], já citado.

O processo de caracterização utilizado para o levantamento desses recursos e atrativos culturais foi sistemático, passando nas comunidades distritais através de visitas a cada um dos locais e avaliando, observando, realizando anotações com os entrevistados, fotografando e utilizando o GPS (sistema de posicionamento global, do inglês *global position system*) para melhor localizar esses empreendimentos, as localidades e a infra-estrutura existente.

A atribuição de valor e apreciação das características dos atrativos culturais são extremamente subjetivos; estes já existem e formam parte da história local, são inerentes às tradições e costumes das populações, integrados ou não ao turismo.

A técnica de obedecer a critérios de hierarquização, sugeridos por OMT e CICATUR, constantes na Tabela 2A, Anexo A, página 130, que fornecem subsídios para a diferenciação objetiva das características e os graus de hierarquia e importância entre os atrativos e permitem uma avaliação da intensidade da atratividade, estabelecendo uma ordem para priorizar o desenvolvimento do turismo, conforme metodologia citada por OMT/CICATUR (1999), citado por SILVEIRA (2002). A tabela 15 caracteriza os empreendimentos e recursos turísticos local e dos distritos, as atividades e a infra-estrutura.

Tabela 15 - Recursos e atrativos turísticos - Tijucas do Sul e entorno

Empreendimento	Local e Distrito	Atividades	Infra-estrutura
VFSE	Lagoa	Museu, trilhas, turismo científico, cultural e lúdico etc.	Sede Administrativa, Alojamento Universitário, quadra poli-esportivas e Atendimento médico.
Caminho dos Ambrósios	Tijucas a Joinvile-SC	Patrimônio Histórico, Natural e Arqueológico, Rios, paisagens nativas	Trilhas, pré-histórica em processo de implantação, acampamento.
La Dolce Vita	Rio do Una	Lazer & Eventos, Barcos, Tirolesa, Trilhas, etc.	Lazer & eventos, Barcos, piscina, tirolesa, e esportes.
Vila Passaredo	Estrada do Rio Abaixo	Lazer & Eventos ginásio de escalada e tirolesa, auditório e trilhas.	Hotel de Lazer & eventos, Barcos, piscina e escaladas.
Haras Cartel	Campo Alto	Passeio de cavalos, hotel-fazenda.	Lazer & Cavalgadas e Natureza, trilhas, etc.
Estância Mangrulho	Vossoroca-BR 376	Pescarias, chalés, Passeios de Barco e de <i>jetski</i> .	Pousadas, chalés, pescas, passeio de barcos, <i>Jetski</i> etc.
Parque Araçá	Serra da Araçatuba	Trilhas e chalés e piscinas naturais	Chalés, pousadas e trilhas, piscinas, montanhas, camping
Estância Ribeirão Grande	Estrada Municipal Agudos do Sul	Pesque-pague e outras atrações	Chalés, restaurantes etc.
Verdelicia	BR 376	Agricultura orgânica e alimentação natural	Restaurantes, Chalés, Atividades lúdicas, e Restaurantes e Trilhas
Carril Campo Alto	BR 376	Curso de laticínios etc.	Cursos de laticínios, chalés e hotel
Estância Terras Altas	BR 376	Ponto fraco em organização.	Hotel, restaurantes, pesque-pague.
Recanto Saltinho	Saltinho	Ponto fraco - processo de decadência.	Camping, restaurante, cachoeira, parque (Fraco).
Chácara São José	BR 376	Pesque-pague, cachoeiras etc.	Pesque-pague, restaurante, passeios lúdicos.
Tijucas do Sul	Sede Municipal e Distritos	Obras sacras, Igreja Nossa Senhora das Dores, festas populares e distritais etc.	Restaurantes, obras de arte sacras, festas religiosas, artesanatos, museu, Ambrósios, história.

Fonte: do Autor (2005).

A tabela 15 apresentada é um indicador dos principais itens do trabalho da pesquisa de planejamento e gestão do turismo regional e local (pólo turístico), inventariado os recursos disponíveis na região, como um dos principais indicativo, descritos no Mapa turístico página 107, como também explicitado nas (Tabelas Anexo, 4-A e 5-A, página 132).

Deste modo, as informações específicas coletadas serão lançadas e divulgadas diretamente no programa de visitação do roteiro turístico do *VIVAT Floresta* como do Município de Tijucas do Sul. Todas as informações de interesse público e ao turismo serão tratadas e publicadas em folhetos e informativos disponível ao turista.

5.2.6 Valoração da casca de pinus *in natura*

De acordo com os resultados obtidos as cascas de pinus não utilizada foi avaliada em R\$ 30,00 a R\$ 50,00 a tonelada. Uma caçamba cheia nos descascadores custa de (R\$ 12,00 a R\$ 15,00); pode-se utilizar a moagem, ou trituração da casca do pinus, para cobertura de caminhos, jardinagens, paisagismo bem como em canteiros de mudas, como substratos de vaso, em trilhas, e outras opções, a serem determinadas conforme sua utilização. Essas cascas MPñU são classificadas em três tipos:

a) Cascas maiores - são usadas para forrar parede, construir luminárias e outras utilidades.

b) Casca de lascas media - são utilizadas para cobertura de canteiros, trilhas de forro de jardins, cobertura de solo para evitar transpiração, ampliar o embelezamento e a estética. É também usada na cobertura de substratos de vasos ornamentais, forração para reduzir a umidade, em tipos específicos de culturas hortigranjeiras e em paisagismo de logradouros públicos etc.

c) Cascas menores, ou já em processo de desagregação - são utilizadas nas coberturas de canteiros de verduras e hortaliças e em forros, para reduzir a umidade. Na região não se tem a prática de utilizá-las para energia (queimam-na a céu aberto para se livrarem do entulho e lixo de acúmulos), só as utilizam para auxiliar no início de alguma combustão em trabalhos caseiros. A combustão libera muitas resinas, prejudicando os fornos ou utensílios, como panelas, tachos, fogões e outros.

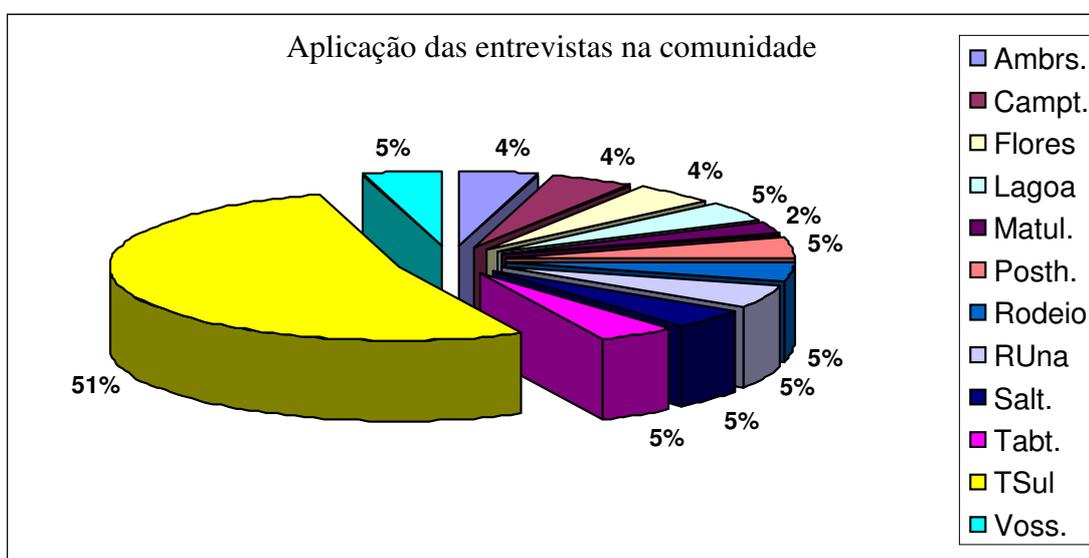
Para saber o valor dos produtos, foram visitadas 10 floriculturas em Curitiba, cujos preços médios dos produtos são:

- Cascas de pinus, saco, (embalagens de plástico) de 8 kg - R\$ 8,50.
- Fibras de cascas, saco (embalagens de plástico) de 1 kg - R\$ 3,50.
- Clipes de madeira, saco (embalagens de plástico) 15 kg - R\$ 10,80.

5.3 Moradores entrevistados

5.3.1 Locais amostrados

No município de Tijucas do Sul, nas comunidades (distritais) onde foram realizadas entrevista, observou-se uma distribuição uniforme de participantes nas 12 (doze) localidades visitadas, diferenciando apenas na sede municipal, com 51% do número de entrevistados. O menor índice de participação ocorreu na comunidade de Matulão, por essa ser uma das mais distantes e pouco expressivas do município, como mostra a Figura 18.



Fonte: Dados Coletados pelo Autor (2004).

Figura 18 - Aplicação das entrevistas nas comunidades/gráfico.

Foi apresentada ainda uma relação das 12 comunidades nomeadas e uma análise das entrevistas, por local de origem (Figura 18).

5.3.2 Caracterização sobre idade e escolaridade

Na Figura 19 estão apresentadas as observações das classes de idade mais representativas, em duas situações bem definidas, com percentual de 35% numa faixa etária de 21 a 30 anos, considerada aquela em que as pessoas apresentam o máximo de sua capacidade produtiva. Na segunda situação, em uma faixa etária de 31 a 40 anos, o percentual é de 32%, sendo, portanto, significativa a força de trabalho na região. O percentual mais baixo foi de 2%, correspondente à faixa etária de 81-90 anos. Nesta parte

da caracterização das idades e escolaridades (Figuras 19c, d) apresentou as classes de idade e grau de escolaridade.

O grau de escolaridade, avaliado em seus parâmetros, mostrou bom nível cultural. Pode-se considerar como ótimo em relação a outros municípios brasileiros em que o número de pessoas com nível superior é de 39%; em segundo lugar encontra-se o primeiro grau, com 25%; e, finalmente, o segundo grau completo, com 20%. Na Figura 16 a, foram feitas observações sobre o sexo dos entrevistados. Como a população masculina é de 6.466 homens residentes e a feminina de 5.794, no gráfico por entrevistados, foi superior o número de pessoas do sexo masculino.

Nas entrevistas observou-se grande número de pessoas do sexo masculino (68%), remanescendo 32% do sexo feminino. A infra-estrutura dos locais turísticos foi identificada por 81% dos entrevistados; 9,1% deles não a conhecem, e os remanescentes (9,1%) deixaram de responder sobre este item.

Nota-se uma ótima perspectiva por parte dos moradores; a Figura 19f, relaciona o turismo como oportunidade de emprego e potencial positivo na região.

Na Figura 19 e, relativo à geração de empregos, observa-se que 93,2% dos entrevistados têm a percepção que o turismo constitui uma ótima fonte de oportunidade para ocupação de mão-de-obra na região, e apenas 6,8% não acreditam nessa possibilidade. O turismo como um potencial positivo no município e na região foi avaliado em 79,55% pelos entrevistados; o restante e (11,4%) não respondeu e 9,1% não se manifestou.

Na Figura 19g está apresentado o conhecimento dos locais turísticos pelos habitantes do município: 88,6% manifestou-se favoravelmente e os remanescentes (11,4%) não conhecem. O turismo como processo de desenvolvimento foi identificado por 77,3% dos entrevistados positivamente, enquanto 20,5% não se manifestou-se e os restantes (2,3%) não respondeu sobre a questão.

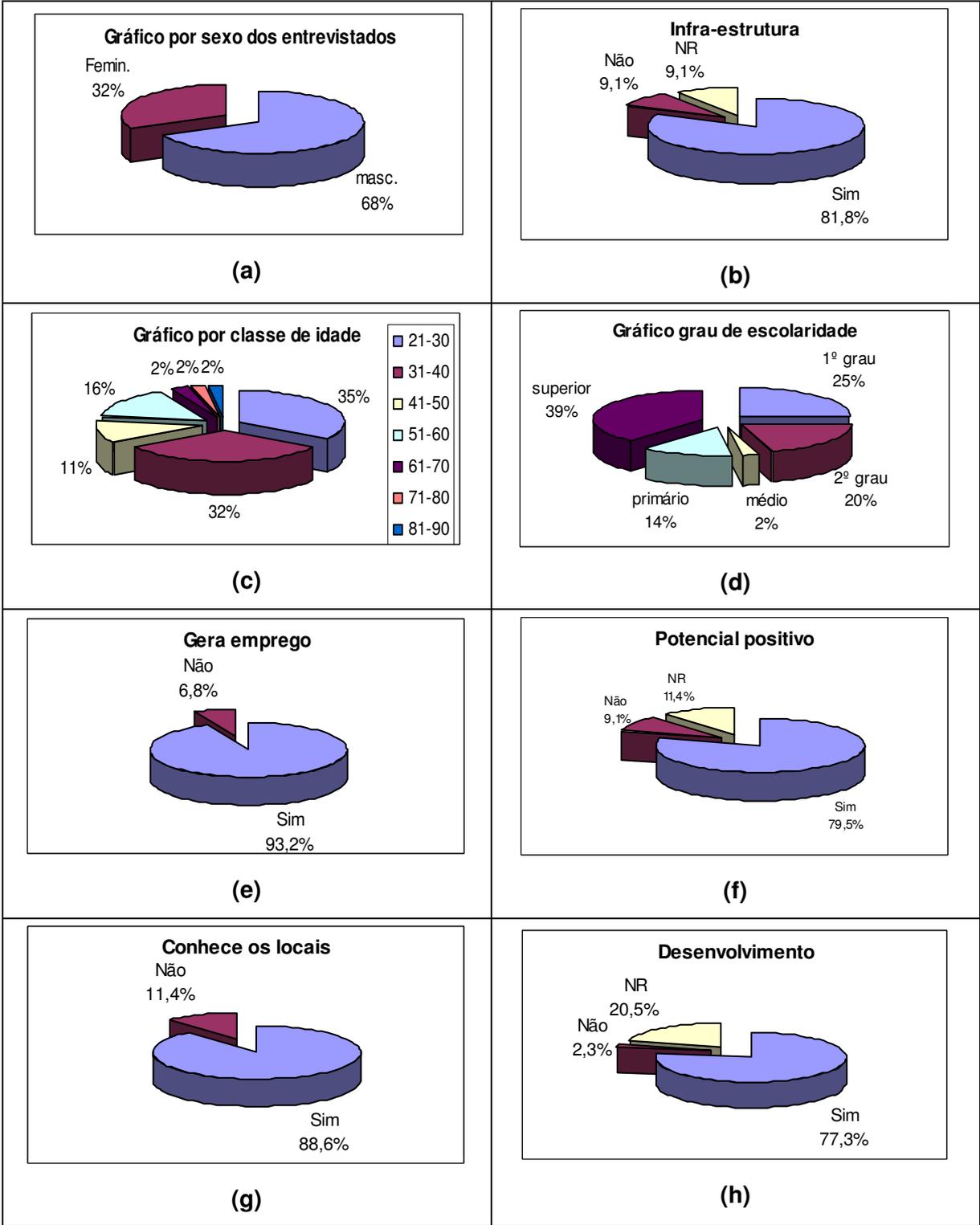


Figura 19 - Caracterização da comunidade.

5.3.3 Descrição do questionário

As entrevistas abertas e semi-estruturadas foram realizadas com questionário apresentado para a identificação, caracterização e conhecimento da população sobre o turismo local, direcionado aos observadores (moradores do município de Tijuca do Sul e distritos), com o objetivo de avaliar e diagnosticar o turismo de base local, como também gerar a tabulação das entrevistas realizadas e observações *in loco* (Tabela 16).

Para a aplicação do questionário, procedeu-se a entrevistas com os munícipes, dirigindo-lhes uma série de perguntas abertas, realizadas verbalmente em uma ordem prevista: Por quê? Como? Você pode dar-me um exemplo? (LAVILLE; DIONNE, 1999).

A aplicação do questionário foi realizada de duas formas: na primeira foram efetuadas 30 entrevistas em caráter experimental, a título de abordagem piloto, e na segunda fase foram feitas 44 entrevistas, em caráter definitivo, com a estrutura elaborada a partir da abordagem experimental, englobando aspectos relevantes de todo o município.

Tabela 16 - Entrevistas abertas e semi-estruturadas

PROCEDIMENTOS - Análises entrevistas abertas, semi-estruturada:								
Identificação	Idade	Escol.	Local	Infra-estrutura	Conhece os locais	Gera empregos	Desenvolvimento	Potencial Positivo
1	85	Superior	Lagoa	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
2	54	Superior	Lagoa	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
3	55	Médio	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
4	25	Superior	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
5	52	2º grau	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
6	33	Superior	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
7	28	1º grau	TSul	Sim	Sim	Sim	-	Não
8	28	Superior	TSul	Sim	Sim	Sim	-	Não
9	31	Superior	TSul	São	Sim	Sim	Sim	Sim
10	50	Primário	TSul	São	Sim	Sim	-	Sim
11	35	Superior	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
12	55	2º grau	TSul	Sim	Sim	Sim	-	Não
13	29	Superior	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
14	56	Primário	TSul	Não resp	Não	Não	-	Não
15	23	2º grau	TSul	Não	Sim	Não	Sim	Sim
16	36	Superior	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
17	46	1º grau	TSul	Não resp	Não	Sim	Sim	Sim
18	68	Primário	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
19	52	2º grau	TSul	Sim	Sim	Sim	-	-
20	28	Superior	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
21	35	Superior	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
22	30	Superior	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
23	52	Superior	TSul	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
24	42	1º grau	TSul	Não	Sim	Sim	Sim	Sim

Tabela 16 - Entrevistas abertas e semi-estruturadas (continuação)

PROCEDIMENTOS - Análises entrevistas abertas, semi-estruturada:								
Identifi- cação	Idade	Escol.	Local	Infra- estrutura	Conhece os locais	Gera empregos	Desenvolvi- mento	Potencial Positivo
25	78	2º grau	TSul	Não resp.	Não	Sim	-	-
26	45	Primário	Salt.	Sim	Sim	Sim	Não	-
27	35	Primário	Salt	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
28	40	Superior	RUna	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
29	29	2º grau	RUna	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
30	30	1º grau	Voss.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
31	27	1º grau	Voss.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
32	25	1º grau	Matul.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
33	21	Superior	Campt.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
34	38	Superior	Campt.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
35	31	2º grau	Ambrs.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
36	50	2º grau	Ambrs.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
37	40	1º grau	Tabt.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
38	33	2º grau	Tabt.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
39	24	1º grau	Post.	Não resp.	Sim	Não	-	-
40	39	1º grau	Post.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
41	28	1º grau	Rodeio	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
42	35	1º grau	Rodeio	Sim	Sim	Sim	-	-
43	36	Superior	Flores	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
44	27	Primário	Flores	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: dados coletados pelo autor - abril a novembro de 2004.

5.3.4 Mapa - Roteiro Turístico VFSE e municipal

Na figura 20, encontra-se o mapa do roteiro turístico - VFPSE e Tijucas do Sul -PR. (temático). Descrição dos atrativos e localização.

MAPA DO ROTEIRO TURÍSTICO

VIVAT FLORESTA PARK

Tijucas do Sul - PR

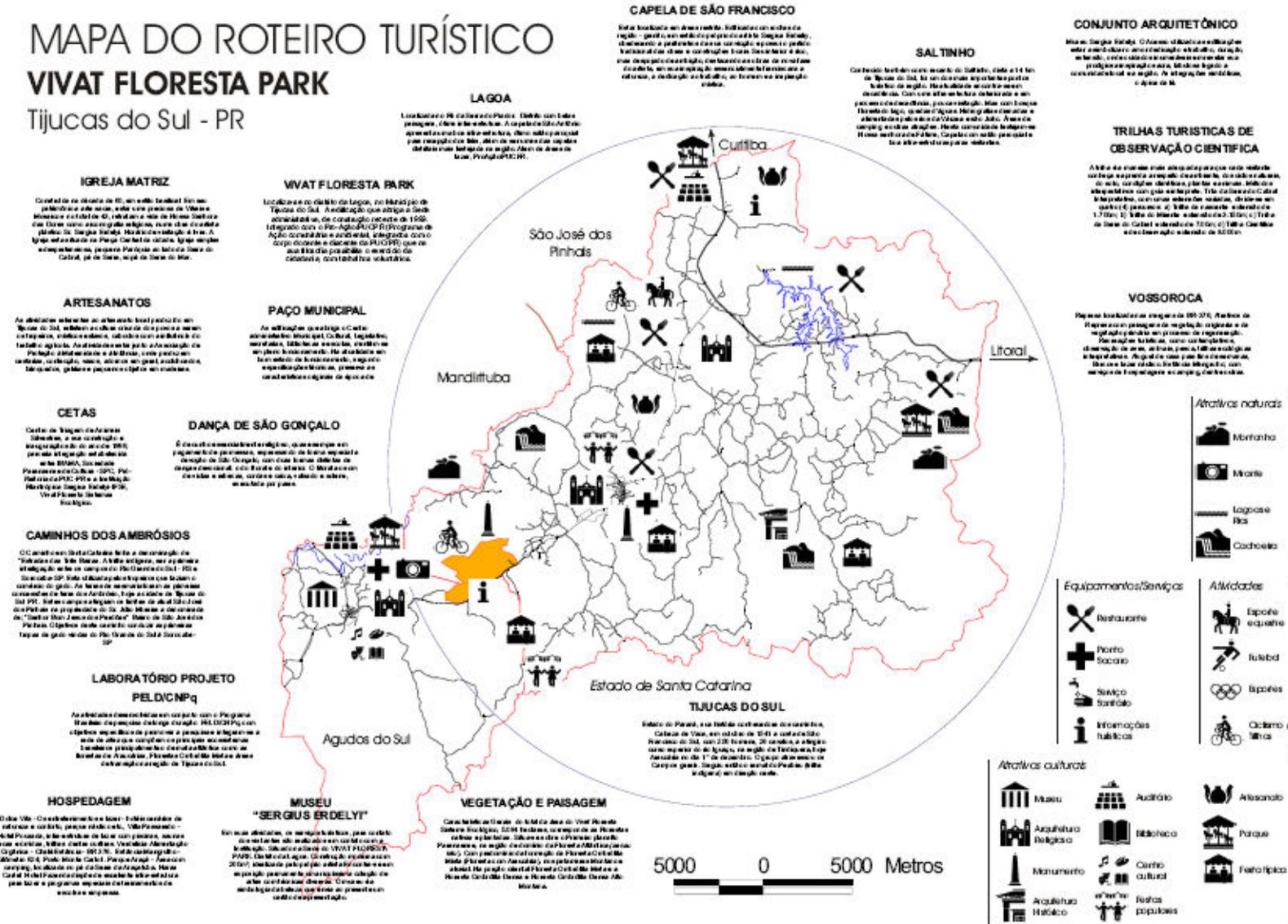


Figura 20 - Mapa de roteiro turístico.

MAPA DO ROTEIRO TURÍSTICO

VIVAT FLORESTA PARK

Tijucas do Sul - PR

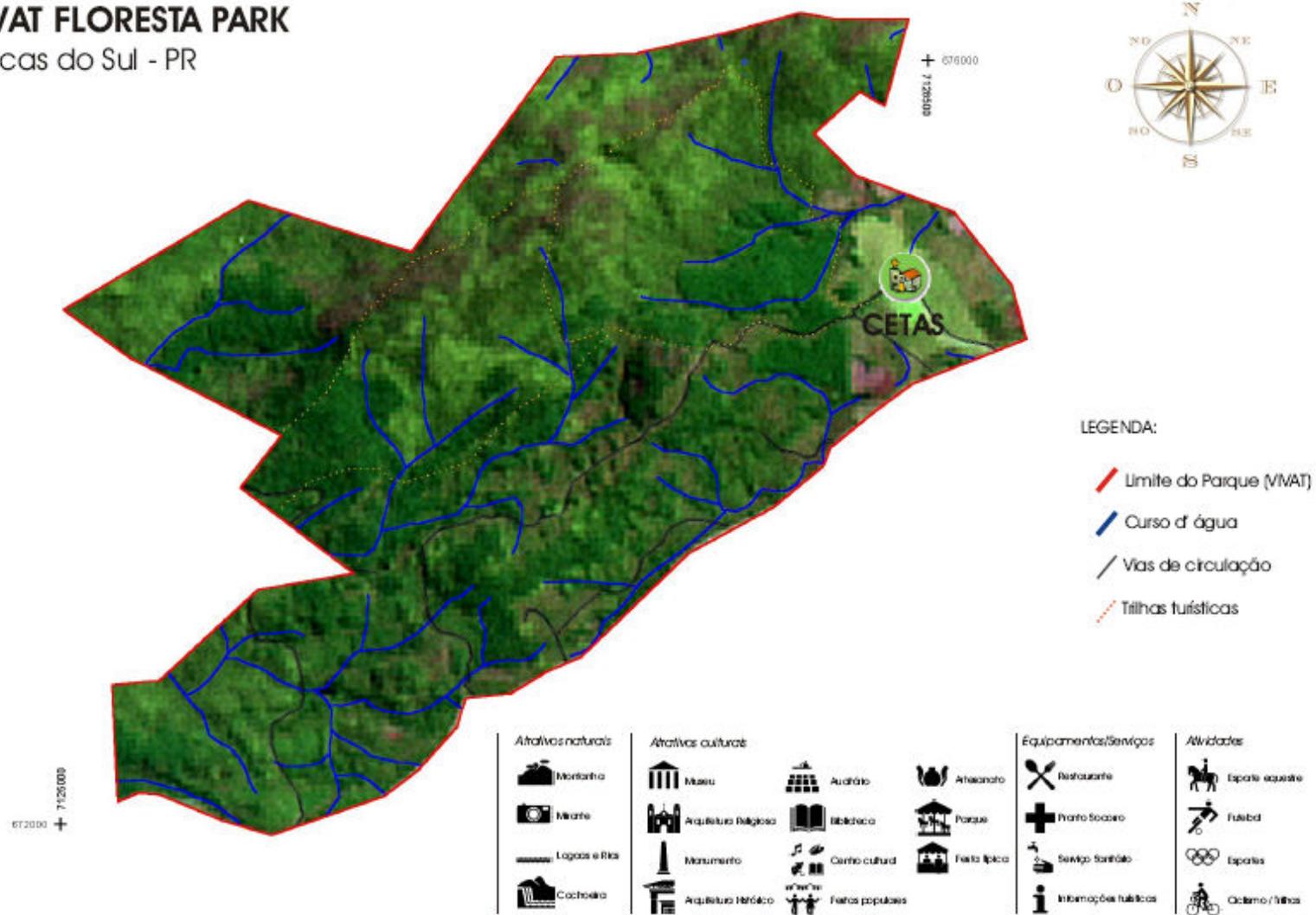


Figura 21 - Mapa das trilhas, no VFPSE.

5.3.5 Trilhas turísticas mapeadas

As quatro trilhas detectadas na área do VFPSE, de acordo com o Mapa Temático, foram nomeadas e determinadas de acordo com a sua localização, características, belezas cênicas e naturais encontradas, como também acessibilidade, frequência de visitas dos habitantes do lugar ao do morro do pico na Serra do Cabral. Esse lugar apresenta uma panorâmica de toda a região, com paisagem espetacular da Serra do Mar e de municípios vizinhos.

Trilha A - Trilha da Serra do Cabral (Trilha Grande) com uma extensão de 7.800 metros, tempo da caminhada de 4,00 a 4,30 horas. Apresenta bastantes obstáculos.

Trilha B - Trilha da Santa Clara (Trilha Média) com extensão de 6.800 metros. Tempo de duração da caminhada de 3,00 a 3,30 horas.

Trilha C - Trilha das Gralhas (Trilha Pequena) com extensão de 3.200 metros. Tempo de duração da caminhada de 2,00 a 2,30 horas.

Trilha D - Trilha da Contemplação da Natureza (Trilha das Nascentes) com extensão de 1.700 metros. Tempo de duração da caminhada de 1,30 a 2,00 horas.

5.3.6 Implicações deste estudo para o ecoturismo

As ofertas brasileiras dos produtos turísticos respondem às estratégias prioritárias que integram os negócios e os investimentos de grandes empresas do setor no Brasil.

As maiores ofertas de atrações turísticas encontram-se na região Nordeste, grande pólo de atrações procurado pelos turistas estrangeiros; em 2005 recebeu 5,8 milhões de visitantes, o Brasil tende a responder por uma parcela cada vez maior do potencial para gerar cerca de R\$ 94 bilhões para a economia nacional. Pode crescer R\$ 222 bilhões até 2010, com 4,2% do crescimento real na próxima década, representando 3,8% do PIB. Os fatos se comprovam em um momento em que o Brasil oferece um turismo de qualidade gerador de divisas; com isso, justifica e confirma a hipótese postulada de produtos, caracterizada pelo potencial turístico da região estudada.

A oferta de serviços no turismo aumenta na caracterização das áreas de atuação, ainda não orientada para o suprimento dos mercados externos e internos. Portanto, esses resultados significam que o crescimento dinâmico nas áreas de atuação necessita de orientação adequada dos agentes diretos e indiretos dos serviços turísticos.

A demanda e oferta dos produtos turísticos nos pólos de atração requerem grandes investimentos. Essas características regem o mercado dos produtos naturais, culturais e da paisagem e sugerem que o setor deva incrementar a modernização dos sistemas turísticos básicos e a adoção de novas técnicas e aprendizagem para um atendimento excelente do mercado.

As potencialidades turísticas locais e regionais apresentam dados favoráveis, como é o caso de Tijucas do Sul - PR, que se enquadra no espaço rural sul brasileiro, onde há uma fisionomia da paisagem propriamente associada ao caráter sociocultural.

Os resultados sugerem algumas mudanças nas políticas públicas e econômicas. Um aumento nos investimentos empresariais ao setor, com objetivos de aumentar o potencial de crescimento da economia local, regional é fundamental. Isto justifica porque na análise dos diagnósticos socioeconômico, características da paisagem local e do potencial turístico são comprovadamente relevantes para consolidar os produtos turísticos e agregar valores aos produtos locais, no sentido de promover o desenvolvimento do turismo regional.

Tudo isso leva à conclusão de que a participação brasileira na identificação das localidades onde a prática do ecoturismo é crescente e a realização de inventários das características, das potencialidades, da infra-estrutura de apoio disponível, das instituições para desenvolver, identificar e avaliar os pólos de desenvolvimento do ecoturismo aumentam a procura por esses serviços no mercado interno.

Cabe aos órgãos oficiais reguladores a implantação de medidas que visem incentivar os interessados no planejamento das atividades ecoturísticas, com subsídios que poderão auxiliar o planejamento dessas atividades em seu município, propriedades ou empreendimento, ferramentas para a escolha de parcerias públicas e privadas, a implantação de projetos de manejo ecoturístico, a evitar atraso do desenvolvimento socioeconômico das regiões receptoras e evitando perdas de divisas do país.

O fomento e os incentivos econômicos, bem como as capacitações, são necessárias ao desenvolvimento sustentável e à sustentação do desenvolvimento econômico, com a geração de lucros e expansão de mercado.

A manutenção desses processos de desenvolvimento como mecanismo apropriado ao quadro brasileiro atual ocorre concomitantemente em escala regional: o econômico, o ambiental e comunitário. O que se pode é aproveitar as potencialidades naturais de cada região e implementar políticas públicas que visem o desenvolvimento do setor turístico integrado aos recursos naturais e regionais na consecução dessas atividades.

Deve-se destacar que ações estratégicas para encadeamento das atividades ecoturísticas, como: regulamentação, interação institucional, capacitação de recursos

humanos, qualidade do produto, gestão, adequação de infra-estrutura e participação da comunidade, agregação de valores aos produtos, modernização de infra-estrutura, são políticas a serem implementadas e desafios a serem solucionados pelo setor.

6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Com base nos resultados encontrados neste estudo conclui-se:

De acordo com a metodologia de hierarquização empregada na pesquisa, os atrativos turísticos de maior relevância para a população regional são: A Igreja matriz, o Vivat Florestal Sistema Ecológico - *Protector Naturae*/VFSE.

A área do VFSE oferece características qualitativas para a implantação de atividades multidisciplinares cujo tema seja o turismo. Com destaque para o: ecoturismo, educação ambiental, pesquisa da vida silvestre e atividades lúdicas integradas ao turismo da melhor idade, desenvolvimento de atividades pedagógicas e artesanatos.

Com relação à infra-estrutura turística da VFSE verificou-se que o mesmo apresenta: centro de visitantes com equipamentos e serviços; sede administrativa; loja de artesanatos; centro de educação ecológica, cursos de extensão sobre o tema; quadras poliesportivas; alojamentos para estudantes; restaurante universitário; serviços de atendimento médico; sanitários extras e em pontos estratégicos e bebedouros.

À implantação do VFSE, no conceito de turismo sustentável, a região contempla os elementos de composição de destinos turísticos e cumpre as exigências e objetivos, disponibilizando: atrações, setor hoteleiro/acampamentos, aventuras e divertimento, serviços turísticos, transporte, setor de alimentação e infra-estrutura para sediar eventos e conferências, bem como recursos humanos e suporte técnico.

No planejamento local e regional, os prováveis impactos do turismo de caráter econômico são positivos, como a geração de empregos, diversificação da economia, desenvolvimento regional, desenvolvimento da infra-estrutura e melhoria da qualidade de vida da população.

No VFSE foram encontrados 16 atrativos turísticos. Já a região conta com 14 empreendimentos turísticos com atividades constantes e infra-estrutura de excelência. Pela metodologia de hierarquização detectou-se 38 atrativos turísticos, culturais e naturais; e, 20 atrativos de turismo religioso.

As áreas que integram a paisagem apresentam destaques relevantes nos aspectos elucidativos como: o Caminho dos Ambrósios, as fisionomias da paisagem natural e as trilhas mapeadas.

Na economia regional relacionou-se os setores integrando ao turismo e são eles: setor agrícola, de informação, comércio e serviços e o florestal. Cerca de 93% dos entrevistados têm percepção de que o turismo é ótimo para absorver a mão-de-obra na

região. O setor primário se destaca na produção de matérias-primas, na formação da imagem do lugar, na percepção e caracterização da paisagem.

Verificou-se a implementação de políticas públicas integradas, as quais fomentam às variáveis do processo de planejamento e de implantação de um pólo turístico regional, gerador de empregos, renda e capacitação profissional.

E, por fim, recomenda-se:

Estabelecer as rotas, pontos, roteiros e corredores turísticos.

Construção do Portal de Turismo e do Centro de Interpretação e Informações Turísticas³⁹.

Melhoria das vias de acesso para todo o município e região com sinalização dos atrativos turísticos.

As trilhas devem ser implementadas com fins educativos e de observação científica para dinamizar as práticas educacionais de ecoturismo.

Realizar estudo para definir a capacidade de carga do VIVAT.

Mapear e identificar as espécimes florestais, medicinais, as plantas de valor paisagísticos e alimentícios, a fauna local ao longo da trilhas e nos pontos de visitação.

Construção de um mirante na Serra do Cabral (Santa Clara) no estilo dos trabalhos de arte do Sr. Sergius Erdelyi, do obelisco com tema ecológico e pontos de observações da fauna e paisagem.

Colocar as placas informativas na área do CETAS, onde há o cultivo de plantas medicinais, o viveiro florestal, bosques, pátios, jardins e passarelas de passeio entre outros.

Criação de um local de plantio de árvores nativas, coleção de espécimes florestais da flora local, regional e nacional que seja denominado de *ARBORETUM*.

Empreender na formação de recursos humanos para atuação nos serviços demandados pelo turismo.

Padronizar as técnicas de identificação dos animais do CETAS por meio digital.

Sugere estabelecer uma nova gestão técnica e administrativa para o CETAS, com o intuito de torná-lo auto sustentável.

Tratamento adequado do lixo, no sentido de implementar um processo de educação ambiental e de comercialização das sucatas.

³⁹ Centro de informação é um local onde os visitantes encontram um quadro detalhado das características físicas, biológicas, econômicas e sociais da área em questão. Utilizando as mais variadas formas de comunicação, como painéis, fotografias, mapas, estandes e informações fornecidas por pessoal habilitado e por computadores, pode ser apresentado um quadro bastante amplo dos atrativos locais, de modo que os visitantes sejam orientados a utilizá-los.

A implementação do ecoturismo na região possibilitará o aprimoramento do processo de planejamento turístico, enaltecer as atrações existentes, incorporar os roteiros turísticos, consolidar os valores cênicos (montanhas, rios e paisagens) bosque de espécies caducifólias, características especiais da flora e fauna, e a paisagem rural do município. O turismo rural integrado ao patrimônio abrange a natureza, a cultura popular, a arquitetura, a gastronomia e os modos de vida da população rurícola local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauricio de In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). A CIDADE E O URBANO São Paulo: EDUSP, 1994

AGENDA 21 BRASILEIRA - ações Prioritárias/Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional. Decreto presidencial em 26/02/1997.MMA/PNUD V.I ,II. Brasília DF 2002.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Teoria Geral do Turismo. In ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (org.). Turismo: como aprender, como ensinar, São Paulo: SENAC, 2001.

ACERENZA, M. ÁNGEL. Administração do turismo: conceituação e organização. Bauru – SP: EDUSC, 350 p., 2002.

ACERENZA, M. ÁNGEL. Administração do turismo: conceituação e organização. Bauru – SP: EDUSC, 198 -199 p., 2002.

ACERENZA, M. ÁNGEL. Administração do turismo: conceituação e organização. Bauru – SP: EDUSC, 198 -199 p., 2002.

_____ Administração do turismo: conceituação e organização. Bauru – SP: EDUSC, 350 p., 2002.

ALBUQUERQUE, F. Desenvolvimento econômico e local e distribuição do progresso técnico. Fortaleza: Banco do nordeste, 1998.

ANDRADE, R. V. de (2001 p.6). O processo de produção dos parques públicos de Curitiba. Curitiba: Departamento de GEOGRAFIA. UFPR. Tese de Mestrado.

ARREGUI, J. O. La interpretación y el desarrollo de los Parques Nacionales. Valdivia: Universidad Austral de Chile, 1975. 51p.

AULICINO, M. P. Alguns impactos sócio-econômicos da atividade turística sobre municípios paulista. São Paulo, 1994.113p. Dissertação de (Mestrado) Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Pulo.

BARROS, N. C. C. Manual de geografia do turismo: meio ambiente, cultura e paisagem, Recife: Editora Universitária, 1998.

BENI, MÁRIO CARLOS. Caracterização da natureza dos fluxos para classificação da demanda por turismo – São Paulo: Escola de Pós-graduação de Ciências sociais, Fundação Escola de Sociologia e Política de S. Paulo, 1981 (Tese de mestrado).

BENI, MÁRIO CARLOS. Análise estrutural do turismo 10^a. Ed. Atual. – São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 51-62p., 2004.

BENI, MÁRIO CARLOS. Análise estrutural do turismo 10^a. Ed. Atual. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 424-437 p., 2004.

BELTÃO, OTTO di. Turismo: a indústria do século XXI. Osasco: Editor Novo Século, 2001.

BENEVIDES, IRELENO P. Turismo e PRODETUR: Dimensões e olhares em parceria. Fortaleza: EUFC, 166 p.,1998.

BISSOLI, M. Ângela. M. A. Planejamento turístico municipal com suporte em sistema de informação. 3. ed. Ed. Futura. São Paulo, 170 p.: 2002.

BISSOLI, M. Angela. M. A. Planejamento turístico municipal com suporte em sistema de informação. 1a. ed. Ed. Futura. São Paulo, 170 p.: 1999.

BENEVIDES, IRELENO P. Turismo e PRODETUR: Dimensões e olhares em parceria. Fortaleza: EUFC, 26-86 p., 1998.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. Nosso Futuro Comum: Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2^a. Ed. Rio de Janeiro: Editora Da Fundação Getúlio Vargas, 1991.430 p.

BOO, E. Wanted: comprehensive modelos If ecotourism. Tour & Travel News. Going Green. P.10-11, oct. 25, 1993

BOO, E. Ecotourism: 1990 a.The Potentialis and Pitfalls, vol. 2 Washington,D.C Tour & Travel News. Going Green. P.10-11, oct. 25, 1993.: World Wildlife Fund.

BOTE GOMEZ, V. Turismo en espacio rural: rehabilitacion del patrimonio sociocultural y de la economia local. Madrid: Editorial popular, 1992.

BOULLÓN, ROBERTO C. Planejamento do espaço turístico; tradução Josely Vianna Bapista. - Bauru SP: EDUSC, 278 p.; 2002.

BOULLÓN, ROBERTO C. Curso de Planificación física Del turismo, Definición de términos. México: CICATUR-OEA, 1981.

BOULLÓN, ROBERTO C. Planejamento do espaço turístico; tradução Josely Vianna Bapista. - Bauru SP: EDUSC, p. 30-35; 2002.

BORNSCHEIN, M. R.; RENERT, B. L. Aspectos da fauna e flora da área de interesse do projeto de desaquecimento global na APA de Guaratuba, PR. Curitiba, 50 p., 2000.

CARLOS GARCIA, M.; Voz do Paraná. Jornal de Atualidade Científica e qualidade de Vida. Ano 47 – n.º 776 – Ed. Quinzenal. p., 8-9, 2003.

CARVALHO, M. A.; SILVA, C. R. L. *Economia Internacional*. São Paulo: Saraiva, 2000.

CARVALHO, N.S. Turismo e Hotelaria desenvolvendo a economia. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. (Org.). Turismo: teoria e práticas. São Paulo. Atlas, 2000 376 p.

CERRO, F. L.; MINISTERIO DE INDUSTRIA E COMÉRCIO Y TURISMO – MICYT. *Técnicas de evaluación del potencial turístico*. Madrid: Centro de Publicaciones Del Ministerio de Industria Comercio y turismo, 1993.

CHACEL, F. M. o INVENTÁRIO NO PLANEJAMENTO DA PAISAGEM. In Recursos Naturais, Meio Ambientes e Poluição. Rio de Janeiro: IBGE, p., 47-53. 1977.

COBRA, MARCOS. Marketing de Serviços: Turismo, Lazer e negócios, 2ª. Edição. São Paulo: Cobra, p. 68-69. 2001.

CORAIOLA, M. A. S. O turismo e a importância do Tropeirismo na origem dos municípios de Castro, Tibagi e Telêmaco Borba – PR. Monografia – IBPEX. Curitiba, 2002.

CORIOLOANO, L. (org). Turismo com ética. Fortaleza: UEC, 1998.

CORREIA, M. Pio. Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das exóticas Cultivadas. Vol. Ia VI. Brasília, IBDF- M. A., 1984.

COZZO, D. Distribución fitogeográfica em la Argentina de Arucária araucana y A. angustifolia. IN: Problemas florestas do gênero Araucária . Encontro da IUFRO, Curitiba, Anais. Curitiba: Fupef, p.1 – 3, 1980.

CROSBY, A. & DARIES, J. O. El desarrollo turístico sostenible em el médio rural. Madrid: CEFAT, 1993.

CROSBY, A. & ADELA MOREDA. Desarrollo y Gestion del turismo em Areas Rurales. Editora Centro Europeo de formación Ambiental y Turistica: Madrid. s/d.édio rural. Madrid: CEFAT, 1998.

CRUZ. Q. C. Política de Turismo e território. São Paulo: Contexto, 2000. 167p.

_____ & MOREDA, A. Dessarollo turístico sostenible em el m

CUERVO S., RAIMUNDO, El turismo como medio de comunicación humana. Depatamento de turismo do Governo de México, 1967.

DELAGÉ. JEAN-PAUL, As Etapas da Consciencialização. In BEAUD, M. & CALLIOPE; MOHAMED L. Estado do Ambiente no Mundo. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

DIAS, G. F. Educação ambiental: princípios e práticas. São Paulo, Gaia, 1992, 399p.

_____ Dizionario della Língua Italiana. Le Monnier - Firenze. Nona restampa; aplile 1978 p., 2578.

DOMINGOS DE AZEVEDO. Grande Dicionário. Francês - Português. 4ª. Edição. Livraria Bertrand – Lisboa, 1952 p., 1409.

DUTHOG, J. & ROUSÉ, Dicionário Encyclopedique pour tous Nouveau petit Larouse – 1968. J. Librairie Larouse Paris 1975. p., 1030.

ECOPARANÁ/COMEC/EMATER. Projeto Região Metropolitana; versão preliminar. Curitiba, 1999.

ECOPARANÁ. (1999). Planejamento do desenvolvimento do turismo no Estado do Paraná. Curitiba. .

EDUARDO, R.P. A madeira em Santa Catarina História do Brasil. UFPR, 1974. Dissertação de Mestrado. 171 p., 1974.

EHLKE, CYRO. A conquista do planalto catarinense (1ª. Fase). Bandeirantes e tropeiros do “Sertão de Curitiba” LAUDES, Curitiba. 1973. 193 p.

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISAS AGROPECUÁRIAS. Atlas do Meio Ambiente do Brasil. Editora Terra Viva, Brasília, 1994, 183 p.

_____ ECOTURISMO NO BRASIL, ed. Letras Brasileiras Florianópolis SC, EMBRATUR, p.60 2002.

EMBRATUR. Guia para Oficinas de Treinamento dos agentes Multiplicadores e dos Monitores . OMT EMBRATUR Brasília. Programa Nacional de Municipalização do Turismo. Brasília: EMBRATUR, 2001.214 p

EMBRATUR. Notícias do turismo. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/br/conteudo/ver.asp?conteudold=3006&id=188>>. Acesso em:17 maio 2005.

EMBRATUR/IEB. – Pólos de Desenvolvimento de Ecoturismo no Brasil nas regiões Sul e centro-Oeste. EMBRATUR, Brasília. DF, 1998.

ENTREVISTA concedida pelo Sr. Sergius Erdelyi. Sede do Museu Localidade Lagoa. Município de Tijucas do Sul. 22 de novembro de 2004.

ENTREVISTA concedida pela Professora Luciana Batalha do Curso de Veterinária PUCPR Sede do Museu Localidade Lagoa. Município de Tijucas do Sul. 14 de dezembro de 2004.

ENTREVISTA concedida pelo Professor Alexandre Koehler. Professor Assistente da PUCPR. No CETAS. Localidade Lagoa. Município de Tijucas do Sul. 14 de dezembro de 2004.

ENTREVISTA concedida pelo Professor Antônio Escola Municipal. Sede do Município Localidade Tijucas do Sul. 28 de Abril de 2004.

ENTREVISTA concedida por populares, funcionários da Prefeitura Municipal de Tijucas do Sul Sede do Município. Tijucas do Sul. 29 de Abril de 2004.

ENTREVISTA concedida por populares, e Sr. Leonel dançarino de folguedos de São Gonçalo, poeta, cantador nos festejos religiosos na Localidade Campeche - Município. Tijucas do Sul. 6 de Abril de 2004.

ENTREVISTA concedida pelo Professor Arilson CEFET/ Tijucas do Sul, Candidato a Vice-prefeito. Sede do Município. Localidade Tijucas do Sul. 6 de maio de 2004.

ENTREVISTA concedida pelo Sr. Prefeito Municipal João Maria Galdino. Sr. Secretário de turismo da Prefeitura de Tijucas do Sul. Prof. Hamiltom Galdino. Sede do Município. Localidade Tijucas do Sul. 8 de maio de 2004.

ENTREVISTA concedida pelo Sr. João Maria (Mateiro) no Caminho dos Ambrosio, Professor de História/Pesquisador Grzegorcyk . Sr. Secretário de Turismo da Prefeitura de Tijucas do Sul .Prof. Hamiltom Galdino. Sede do Município. Localidade Tijucas do Sul. 8 de maio de 2004.

ENTREVISTA concedida pelos Sr. Gerentes (Proprietários) das Pousada, Hotéis Fazenda e empreendimentos turísticos da região no Município Março a dezembro de 2004.

ENTREVISTA concedida pelos populares, comerciantes, profissionais, Padre Rener - Vigários da Paróquia -, empresários nas comunidades/Distritos visitados. Município Março a dezembro de 2004.

ENTREVISTAS, *Vivat Floresta sistemas ecológicos: Protector Nature*. p. 21 (2003).

ERDELYI, SERGIUS. NO PRINCIPIO ERA O VERBO: O Evangelho segundo os vitrais de Sergius Erdelyi. 2ª. Edição – Curitiba: Champagnat, 156p.,1997.

_____EMATER. Tijucas do Sul Julho de 2004.

FERRAZ, J. A. Regime jurídico do turismo campinas: Papyrus, 1992 162p.

EXAME. Almanaque – Mundo em Dados. Editora Abril cultural. São Paulo – SP. 2003.

FERREIRA, J. C. V. O Paraná e seus municípios – Cuiabá 20^a ed. 520p., 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed., ver.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____ FOLHA DE SÃO PAULO - Página Especial 1. FABIO GIORDANO. O Conceito Ambiental de Corredor Ecológico. Fuvest, 5 de Agosto de 2004 p. 2.

_____ FOLHA DE SÃO PAULO – Opinião, BRESSER PEREIRA, L. C. O estadista brasileiro do século 20. 26 de Agosto de 2004 p. A - 3.

_____ FOLHA DE SÃO PAULO – A cúpula em crise. Caderno Especial p. 3 14 de agosto de 2002.

FONTANA, R. Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa Editora Domingos Barreira - Porto Portugal. 1971 p., 1812-1813.

FUNDAÇÃO GENERAL, Universidade Autónoma de Madrid. Curso Superior de Desarrollo Territorial, 1996.

FUPEF-FUNDAÇÃO DE PESQUISAS FLORESTAIS DO PARANÁ. *Inventário Florestal do pinheiro no Sul do Brasil*. Relatório Final, Curitiba, 1978. 327p.

FURTADO, CELSO. O Longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 36-37., 1999.

GARCIA CUESTA, J. El turismo rural como fator diversificador de rentas em la tradicional economia agrária. *Estúdios Turísticos*, n. 132. 1996. p., 51-66.

GASCON, C.; LAURENCE, W. F.; LOVEJOY, T. E. Fragmentação florestal e biodiversidade na Amazônia central. In GARAY, I.; DIAS, B. *Conservação da Biodiversidade em ecossistemas tropicais: avanços conceituais e revisão de novas metodologias de avaliação e monitoramento*. Petrópolis: Editora Vozes, p.112-127, 2001.

_____GAZETA DO POVO Desenvolvimento e qualidade de vida da Capital Paranaense, forças e contrastes. 2004; 4 de Setembro, p. 3-4.

_____GAZETA DO POVO. Economia. 2003, 26/10. p. 5.

_____GAZETA DO POVO. PRARANÁ – Rota turística mostra vida dos tropeiros. 2003, 7/12. p. 5.

_____GAZETA DO POVO. Desenvolvimento Qualidade de vida da capital paranaense força contrastes 2004. 4/09 p, .3.

_____GAZETA DO POVO. Fé no Turismo. 25/09 p, .10. 2004.

_____GAZETA DO POVO - História do Paraná. Formação territorial,. Coordenação Francisco Camargo. Curitiba - PR. p.3-8 27/10/2003

GIUSEPPE MEA. DICIONÁRIO EDITORA - Dicionário de Português Italiano. Porto Editora Ltda. Portugal. 1999 p., 1172 GONDIM, I. (org.) Pesquisa em Ciências sociais: o projeto da dissertação de mestrado. Fortaleza: EUFC, 1999 146 p.

GONDIM, LINDA MARIA DE PONTES (Org.) Pesquisa em Ciências Sociais: o projeto da dissertação de mestrado. Fortaleza: EUFC, 1999. 146 p.

GRINEVALD, J. As Etapas da Consciencialização. In BEAUD, M & CALLIOPE; BOUGUERRA, MOHAMED L. Estado do Ambiente no Mundo. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

GRZEGORCZYK, I. O CAMINHO DOS AMBRÓSIOS: rumo ao conhecer para preservar. Monografia. Curitiba 2003. 49 p.

GUIA para Oficinas de turismo dos Agentes Multiplicadores do Programa Nacional de municipalização do turismo/Elaborado pela Gerência de programas Nacionais; Supervisão de projetos de Descentralização. Brasília: EMBRATUR, 2001. 214 p.

_____HISTÓRIA DO PARANÁ. Formação Territorial. Almanaque p., 7 In Gazeta do Povo (2003).

http://www.vida-e.com.br/vida_s-residuos.asp.26/8/2005.

<http://www.turismo.gov.br/br/conteudo/ver.asp?.17.05.2005>. (Ermírio de Moraes. 2005)

[Htp.www.bye.com.br/reportagem.asp?](http://www.bye.com.br/reportagem.asp?;); 18.02.2005

<http://www.turismologia.com.br/noticias.asp?auto=72> (18.02.2005).

<http://www3.pr.gov.br/noticias.setu/noticiasmais.php?noticia=7> (13.05.2005).

<http://www.diplomaciaenegocios.com.br/ntc.asp?Cod=84'20/09/2006>.

IBGE; IPEA; UNICAMP. Caracterização e tendências de rede urbana no Brasil. São Paulo, 1999.

IBGE – FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Manual técnico da vegetação Brasileira*. RIO DE JANEIRO, 1992, 91p.

HYPKI, C. .& LOOMIS JÚNIOR, T. E. Manual para la interpretación del ambiente em áreas silvestres. Turrialba: CATIE, 1981. 38p. (Informe Técnico, 15).

HOUAISS, ANTÔNIO. Dicionário Houaiss da língua portuguesa Rio de Janeiro, RJ. Editora Objetiva Ltda. 2925p. 2004.

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.phpnomemun=Tijucas%20do%20Sul&cod...>
19/04/2005.

HUEC, K. *As florestas da América do Sul*. Brasília; Editora da Universidade de Brasília, 1972. 466 p.

_____. *As florestas da América do Sul*. Brasília; Editora da Universidade de Brasília, 1972. 466 p.

HUECK, K. Distribuição e habitat natural do pinheiro-do-Paraná (*Araucária angustifolia*). Bol. Fac. Fi. Ciênc. Univ. S. Paulo - Botânica 10: 1-24, 1953.

_____. ICLEI - The International Council for Local Environmental Initiatives. The local Agenda 21 Planning Guid. Ottawa. Canadá. 1996.

IPARDES - INSTITUTOS PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONOMICO E SOCIAL **Cadernos estatísticos Municipais – Guaratuba, São José dos Pinhais e Tijucas do Sul** . Curitiba: IPARDES , 2002.

INSTITUTOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS ETNOLOGRÁFICO PARANAENSE. Boletim Especial, v. XXII. Curitiba: A. M. Cavalcanti, 1974.

IPT/CEMPRE, homepage: www.cempre.org.br. Julho de 2005.

_____.OEA/SER.K. III,18.1. XVII Congresso Internacional de Turismo San José, Costa Rica 1997.

IRVING, MARTA DE AZEVEDO. Turismo: desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura, p. 115 -116.2002.

IRVING, MARTA DE AZEVEDO. Turismo: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura, p. 36, 2002.

IUOTO - International Union of Official Travel organization. The impact of international tourism on the economic development of the developing countries. EUA, Secretaria Geral das Nações Unidas, 1975.

JANNUZZI, P. M. de Indicadores sociais no Brasil – Campinas, SP: Editora Alínea, 2001. 141p.

JGNUCCI@BR.INTER.NET. Curso de Extensão – Introdução ao Planejamento Físico – Territorial do Turismo (Org.) Prof. Dr. João C. Nucci. UFPR. 2003.

JORDANA, J.C. C. *Introducción al paisaje: metodología de valoración*. (Apostilla). Curso de Mestrado em Engenharia Florestal/UFPR. Curitiba, PR. Convenio com a Universidade de Cantábria, Espanha. Curitiba, 1992. 92p.

KEITH, T. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-800. – São Paulo: Companhia das Letras. p., 288-360. 1998.

KLEIN, R. M. Importância e fidelidade das lauráceas na “Formação de araucária” de Estado de Santa Catarina . Insula. Boletim do Horto Botânico. Florianópolis, 1974. P. 1 – 19.

_____ O aspecto dinâmico do pinheiro brasileiro. *Sellwia* 12: (12) 17-44, 1960.

KOTLER, P. & ARMSTRONG, G. *Introdução ao marketing*. Rio de Janeiro, LTC, 1995.

LAGE, B.H. G.; MILONE, P. C. Impactos socioeconômicos globais do turismo. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. (Org.) – *Turismo: teoria e prática*. São Paulo. Atlas, 2000. 376 p.

LAVILLE, C. & DIONNE. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. - Porto Alegre: Editora: Artes Médicas Sul Ltda.: Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 186-196.; 1999.

LEÃO, Ermelino Agostinho de. *Dicionário histórico e Geográfico do Paraná e Curitiba: Graphica Paranaense, 1926-1929*.

LEFEVRE, J. (org.).- *Caxias do Sul: EDUSC, 2000. 138 p.*

_____ UFRGS/RS. *Laboratório de solos. Departamento de Agronomia. Porto Alegre, RS.*

LEITE, P. & KLEIN, R. M. N. *Vegetação* . In. *Geografia do Brasil – Região Sul* . Rio de Janeiro, IBGE, Vol. 2, 1990, 419 p.

_____ *Vegetação* . In. *Geografia do Brasil – Região Sul* . Rio de Janeiro, IBGE, Vol. 2, 1990, 419 p.

LEITE, P. F. *As diferentes unidades fitoecológicas da região sul do Brasil – Proposta de Classificação*, Curitiba, Dissertação, 1994. 160 p.

LEIPER, N. 'Towards a cohesive curriculum in tourism; The case for a Distinct discipline'. *Annals of Tourism Research*, v. VIII, n. 1, 1981.

MAACK, Reinhard. *Geografia Física do Estado do Paraná – 2ª. Ed. – Rio de Janeiro: J.Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981.*

_____ *Geografia Física do Estado do Paraná – 2. Ed. – Rio de Janeiro: J.Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná,*

1981.

MAACK, R. O aspecto fitogeográfico atual do Paraná e considerações sobre o problema do reflorestamento. In: Anais do primeiro Congresso Florestal. Curitiba 1953. P. 149 – 158

MACHADO, S.S.; SIQUEIRA, J. D. P. Distribuição natural da araucária angustifolia (Bert.) O. Ktze. In: Problema florestal do gênero Araucária. Encontro da IUFRO, Curitiba, Anais. Curitiba: Fupef, p.4-9, 1980.

MAGALHÃES, C. F.: (*et e al.*) DIRETRIZES PARA UMA POLÍTICA NACIONAL DE ECOTURISMO. Brasília: EMBRATUR, 1994.p. 19.

MAGALHÃES, C. Freitas - Diretrizes para Turismo sustentável em Municípios . São Paulo: Roca, 2002. 187 p.

_____ - Diretrizes para Turismo sustentável em Municípios . São Paulo: Roca, 2002. 187 p.

_____ - Diretrizes para Turismo sustentável em Municípios . São Paulo: Roca, 2002. 187 p.

MAGALHÃES, S. (Coord) Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo. Brasília: EMBRATUR, 1994. 48p.

MAGALHÃES (*et e al.*). Caminho da Roça; proposta metodológica. Secretaria de Estado de ciência e tecnologia (MG), Publicação técnica do Instituto de Geociências Aplicadas (IGA) MG, 1993.

MANUEL ORTUÑO - Concejal de Relaciones Institucionales. Ayuntamiento de Madrid. Turismo, médio ambiente y empleo. ESTRASBURGO, 1986.

MARGARIDO, T. C. Mamíferos ameaçados de extinção do Paraná. In **Lista vermelha dos animais ameaçados de extinção do Paraná**. Curitiba: SEMA/GTZ,. p. 1-45. 1995.

MAZUCHOWSKI, J.Z. Manual da Erva-Mate (*Ilex paraguayensis St. Hill.*) EMATER -Paraná. 124p. 1989.

MMA - Ministério do Meio Ambiente. A floresta com araucária no Paraná: conservação e diagnóstico dos remanescentes florestais - Fundação de Pesquisa Florestais do Paraná; apoio; Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade biológica Brasileira – PROBIO; (org.). P. R. CASTELLA *et all.* Brasília DF; Ministério do Meio Ambiente, p., 174 - 175.; 2004

MELO FILHO, B. GIONGO, M. A. ACCO, M. & KOEHLER, H. S. In Anais / 3º Simpósio Latino-americano sobre manejo Florestal; comissão editorial Paulo Renato Schneider, César Augusto Guimarães Finger. - Santa Maria: UFSM/CCR/Programa de Pós Graduação em Engenharia Florestal, 2004 p. 95-99.

MELO FILHO, B. In Estudos florestais ambientais (edit.) WATZLAWICK, LUCIANO FARINHA, MARIO TAKAO INOUE. Irati - PR: UNICENTRO, 2003 p. 172-174.

MESQUITA, J. DE C. Dicionário. Edição da Livraria do Globo. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo. 1945 p., 1.Desafios e vantagens competitivas. – São Paulo: Aleph, 139 p. 2002.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Instituto Brasileiro do turismo . 2005.

MINISTÉRIO DO TURISMO. <http://www.brasil.gov.br/indicadores> 2006.

MOLETA, V. & GARCIA, R. Turismo: Tendências e Novas Tecnologias Porto Alegre: SEBRAE/RS. vol. 3. 2001

MOLETA, V. Turismo Religioso. Porto alegre: SEBRAE/RS. vol. 9. 2003.

MOLETA, V. & KARIN L. Turismo Rural. 3ª. Edição. Porto alegre: SEBRAE/RS. vol. 6, 2002

MORAES, A. C. B. de., MAUAD, F. F. Revista Turismo & Desenvolvimento. 2001, Vol. 1, nº 2,137-145.

MORAES, A. C. R. Meio ambiente e ciências humana. São Paulo: HUCITEC, P. 57,1994.

MOREDA, A. Desarrollo y gestión del turismo en áreas rurales y naturales. Madrid: CEFAT, 1998.

MOREIRA, JULIO ESTRELA – Caminhos das comarcas de Curitiba e Paranaguá. Curitiba. 1975.

MOTA, JOSÉ AROUDO. – o valor da Natureza; Economia e política dos recursos ambientais. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. 200 p.

NOSSO FUTURO COMUM/Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. – Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. 430 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (1996). Lo que todo gestor turístico debe saber. Guia práctica para el desarrollo y uso de indicadores de turismo sostenible. Madrid: Organización Mundial del Turismo.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC AND DEVELOPMENT. “Tourism Policy and international Tourism in OECD Countries 1991-1992”, Paris, 1994.

_____ OMT. (1999). Changes in leisure time. The impact on tourism. Madrid: World Tourism Organization.

_____ OMT. Efectos del turismo em la economia. Madrid, Secretária Geral da OMT, 1978, 89p.

_____ OMT. Cuenta Satélite de Turismo (CST): Cuadro conceptual. Madrid, 1999, 149p.

_____ OMT. *Planejamento para o desenvolvimento de turismo sustentable em nivel municipal*, Madrid, 1996.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DEL TURISMO. Lo que todo gestor turístico debe saber: Guia práctica para el desarrollo y uso de indicadores de turismo sostenible. Madrid, 1997.

_____. Internacional tourism overview. Madrid, OMT, 1995.

PADILLA, D. L. T. El turismo: fenómeno social. México: Fondo de Cultura Económica, 1980.

PAIVA, M. P. Conservação da Fauna Brasileira. Rio de Janeiro: Interciência, 260 p. 1999.

PÉLLICO NETTO, S. Recursos florestais do Sul do Brasil. *Floresta* 3(2):68-74, 1971.

_____ Pólos de ecoturismo: planejamento e gestão. São Paulo Editora Terragraph. EMBRATUR, 163 p. 2001.

_____ Pólos de ecoturismo: planejamento e gestão. São Paulo Editora Terragraph. EMBRATUR, p 17, 2001.

_____ Pólos de ecoturismo: planejamento e gestão. São Paulo Editora Terragraph. EMBRATUR, p,. 1097-110, 2001.

Prefeitura Municipal de Tijucas do Sul/Secretaria Municipal de Educação. Relatório de atividades. 2004.

RODRIGUES, A. B. & PIRES, P. S. Turismo rural práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, p.117-132, 2001.

RODRIGUES, A. B.; *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PNMT. Guia para Oficinas de Treinamento dos agentes Multiplicadores e dos Monitores. OMT.EMBRATUR, 1998.

RABAHY, W. ABRAHÃO. Turismo e desenvolvimento: estudos econômicos e estatísticos no planejamento. Barueri, São Paulo: Manole, p. 61, 2003.

_____ Turismo e desenvolvimento: estudos econômicos e estatísticos no planejamento. Barueri, São Paulo: Manole, p. 61, 2003.

_____ Turismo e desenvolvimento: estudos econômicos e estatísticos no planejamento. Barueri, São Paulo: Manole, p. 61, 2003.

REITZ, R & KLEIN, R. M. Araucariáceas. Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí; Herbário Barbosa Rodrigues, 1996. 63 p.

RIGHETTO, JOSÉ AMÉRICO. Diagnóstico com parâmetros econômicos. EMATER. Gerencia Regional Tijuca do Sul. Julho de 2004.p. 2.

RITTER, MARINA LOURDES. As Sesmarias do Paraná no século XVIII. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo. Curitiba, IHGE, 1980. 250 p.

RITTER, MARINA LOURDES. As Sesmarias do Paraná no Século XVIII. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo. Curitiba, IHGE, 1980. 250 p.

RODRIGUES, Adyr A.B. (Org) Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: HUCITEC, 1997.

RODRIGUES, Adyr A.B. (Org) Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: HUCITEC, 87-210p.,1997.

RODRIGUES, Adyr A.B. PIRES, S.& (Org) Turismo rural: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, p. 117 – 132., 2001.

REINALDO, D. & RODRIGUES, M. de A. Fundamentos do Turismo: conceito, normas e definições. Campinas SP: Editora Alínea, 129-212p., 2002.

REINALDO, D. & RODRIGUES, M. de A. Fundamentos do Turismo: conceito, normas e definições. Campinas SP: Editora Alínea, 21-63p., 2002.

RODERJAN, C. V.; GALVÃO, F. ; KUNIYOSHI, Y.S.; HATSCHBACH, G. ; KIRCHNER, F.F. Levantamento da vegetação da Área de Proteção Ambiental – APA de Guaratuba. Curitiba: Departamento de Silvicultura e manejo, UFPR, 78. 1996.

RONALDO, T. Dicionario técnico. Italiano-Português V. II. Centro de Studi lá Romana. Rio de janeiro – RJ. 1984 p., 1218.

_____, ROTA DOS TROPEIROS – Emoção, fé e aventura. AMCG/SEBRAE/ECOPARANÁ, Secretária de estado do Turismo do Paraná. 43 p., 2004.

RUSCHMANN, Van M. SOLHA, K. T. (org.). Turismo: uma visão empresarial. Barueri, SP: Manole, 2004 p. 47-66, 2004.

RUSCHMANN, D. TURISMO E PLANEJAMENTO SUSTENTÁVEL; a proteção do meio ambiente. São Paulo. Papirus Editora. 2002. p 62-64. (Coleção turismo.) [1997].

RUSCHMANN, D. Van de M. O Turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In ALMEIDA, J. A; FROEHILICH, J. M; RIEDL, M. (Orgs.). Turismo rural e desenvolvimento sustentável. 2. ed., Campinas-SP, 2000. (Coleção turismo).

SANTOS, MILTON. Por uma Globalização: do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro Record, p. 23, 2000.

SANTOS, M. Quem somos? Para onde estamos indo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 2000. Caderno idéias, p. 5

SÁ, R. B. VIANNA DE. A imagem do Brasil no Turismo: construção, desafios e vantagem competitiva. São Paulo: Aleph, 139p. 2002.

SEMA/GTZ. Lista Vermelha de Animais Ameaçados de Extinção no Estado do Paraná. Curitiba, PR 1995.

SCHOPPA, R. F. 150 anos do trem no Brasil Editora Milograph. 196p.2004.

SETU/PR Calendário oficial de eventos turísticos do Paraná. Governo do Estado do Paraná - Secretária de Estado do Turismo. Paraná Turismo, 2005. 211p.

SECRETÁRIA DE TURISMO DO PARANÁ - SETU, 2003 p.9 -11.

SANTOS PIRES & RODRIGUES, Adyr A.B. (Org) Turismo rural: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, p. 124., 2001.

SEMA/GTZ. **Lista de Animais Ameaçados de Extinção no Estado do Paraná**. Curitiba, PR, 1995b.

SEMA – SECRETÁRIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS. Levantamento de fauna da planície litorânea da Área de proteção Ambiental de Guaratuba. Curitiba, PR, 187 p. 1996.

SILVA, F. Mamíferos silvestres do rio Grande do Sul. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. 246 p. 1996.

SILVA, L. Ecologia: manejo de áreas silvestres. – Santa Maria: MMA/FNMA/FATEC, 1996.

p., 117-178.

SILVEIRA, M. A. T. (2003 p. 6). Turismo, políticas de ordenamento territorial e desenvolvimento. Um foco no Estado do Paraná no contexto regional. São Paulo: FFLCH, Tese de Doutorado.

SILVEIRA, M. A. T. Turismo, políticas territoriais e estratégias recentes de desenvolvimento. Regional no Brasil: uma aproximação ao tema. Revista turismo e desenvolvimento. 2001, Vol. 1 n.º 2, 121-135p.

SILVEIRA, M. A. T. (2003 p., 78). Turismo, políticas de ordenamento territorial e desenvolvimento. Um foco no Estado do Paraná no contexto regional. São Paulo: FFLCH, Tese de Doutorado.

SILVEIRA, M. A. T. Política de turismo oportunidades ao desenvolvimento local. (2002 p. 133-149).

SILVEIRA, M. A. T. (2003 p., 78-81) Turismo, políticas de ordenamento territorial e desenvolvimento. Um foco no Estado do Paraná no contexto regional. São Paulo: FFLCH, Tese de Doutorado.

SISTEMA Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC: lei nº 9.985, de 18 de julho de 2004; decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2005. 5. ed. Aum. Brasília: MMS/SBF, . 56p. 2004.

SWARBROOHE, JOHN. Turismo sustentável: setor público e cenários geográficos, vol. 3/(tradução Ester E. Horovitz). São Paulo: Aleph, 2000.114p.

_____, Sostenibilidad del Turismo Mediante la Gestion de sus Recursos Naturales y Culturales in XVII Congreso Internacional de Turismo. San José da Costa Rica, 1997.

TASSARA, EDA. 1992. A propagação do discurso ambientalista e a produção estratégica da dominação. Espaço e debates, 35, ano XII.

THEOBALD, 1994. THEOBALD, WILLIAN. F. (org.) Global toruism: the next

TORRES & LOPES. J. DO C. Multiplicadores de renda e emprego para as regiões Norte e Nordeste. In Turismo Brasileiro: textos selecionados, IPEA/USP, Seriem Relatórios de

Pesquisas, 26. São Paulo, 1983.

TOCHTROP, I. & HERBERT, C. Dicionário alemão. Português – Alemão. 3ª. Ed. Globo. Rio de Janeiro - Porto Alegre. São Paulo – 1952 p., 463.

VELOSO. H. P.; RANGEL- FILHO, A. L.R.& LIMA, I. C. A. Classificação da vegetação brasileira adaptada a um sistema Universal. Rio de Janeiro. IBGE/DERMA, 124 p.1991.

VEIGA, J. E. D. Cidades imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas, Autores associados, 2002, 340p.

WILLIAM, F. (ORG.), São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, p.31. 2001.

WILLIAM, F. (ORG.), São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 27-66p., 2001.

ANEXO A

Tabela 1A - Quantificação das tipologias - florestas de araucárias

Classe	Área de Floresta (ha)	% do Total de Floresta
Floresta em Estágio Inicial de Sucessão	43.331	16,02
Floresta em Estágio Médio de Sucessão	37.979	14,04
Floresta em Estágio Avançado de Sucessão	2.722	1,01
Floresta com Predominância de Pinheiro	3.499	1,29
Reflorestamento	9.020	3,34

Fonte: MMA (2004).

Tabela 2A - Valoração da hierarquia e atrativos (OMT/CICATUR)

Hierarquia	Característica
3	É todo atrativo turístico excepcional e de grande interesse, com significação para os mercados turísticos internacionais, capazes de, por si, motivar importantes correntes de visitantes, atuais ou potenciais.
2	Atrativos com aspectos excepcionais em um país, capazes de motivar uma corrente atual ou potencial de visitantes dos mercados internos e externos, seja por si só, ou em conjunto com outros atrativos contíguos.
1	Atrativos com alguns aspectos expressivos, capazes de interessar aos visitantes oriundos de lugares distantes, dos mercados internos e externos, que tenham chegado à área por outras motivações turísticas, ou de motivar correntes turísticas locais (atuais ou potenciais).
0	Atrativos sem méritos suficientes para serem incluídos nas hierarquias superiores, mas que formam parte do patrimônio turístico, com elementos que podem complementar outros de maior hierarquia, no desenvolvimento e funcionamento de qualquer das unidades do espaço turístico que, em geral, podem motivar correntes turísticas locais, em particular a demanda de recreação popular.

Fonte: OMT/CICATUR (2004).

Tabela 3A - Espécies floresta ombrófila mista/RMC/PR

Nome Científico	Nome Vulgar
<i>Lithraea brasiliensis</i> (Vell.) Engl.	Bugreiro
<i>Ilex dumosa</i> Reissek	
<i>Ilex theazans</i> Mart.	Pimenta
<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hill.	Erva-mate
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bert.) O. Kuntze.	Pinheiro-do-paraná
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	Jerivá
<i>Piptocarpha angustifolia</i> Dusén	Vassourão-branco
<i>Vermonia discolor</i> (Sprengel) Lessing	Vassourão-preto
<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	Caroba
<i>Tabebuia alba</i> (Cham.) Sandwith	Ipê-amarelo
<i>Dalbergia brasiliensis</i> Vogel	Jacarandá
<i>Maytenus alaternoides</i> Reissek	
<i>Clethra scabra</i> Pers.	Carne-de-vaca
<i>Cyatea</i> sp.	Xaxim
<i>Sloanea lasiocoma</i> K. Schum.	Sapopema
<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Müll. Arg.	Tapiá
<i>Sapium glandulatum</i> (Vell.) Pax	Leiteiro
<i>Sebastiania commersoniana</i> (Baill.) L.B. Sm. & Downs	Branquinho
<i>Casearia decandra</i> Jacq.	Cafezeiro-do-mato
<i>Citronella paniculata</i> (Mart.) R.A. Howard	Citronela
<i>Nectandra grandiflora</i> Ness.	Canela-amarela
<i>Nectandra megapotamica</i> (Spreng.) Mez	Canela-branca
<i>Nectandra saligna</i> Nees	Canela
<i>Ocotea pretiosa</i> Benth. & Hook. F.	Canela-sasafrás
<i>Ocotea puberula</i> Ness.	Canela-guaicá
<i>Ocotea</i> sp.	Canela-garuva
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira
<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Dedaleiro
<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	Canjarana
<i>Cedrela fisillis</i> Vell.	Cedro
<i>Albizia</i> sp.	Farinha-seca
<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	Bracatinga
<i>Myrsine ferruginea</i> Sprengel	Caraporoca
<i>Eugenia</i> sp.	Batinga-vermelha
<i>Myrceugenia</i> sp.	Cambuí
<i>Myrcia hatschbachii</i> D. Legrand	Caingá
<i>Myrcianthes gigantea</i> (D. Legrand) D. Legrand	Araçá-vermelho
Não Identificado	Guamirim
<i>Pimenta pseudocaryophyllus</i> (Gomes) Landrum	Craveiro
<i>Campomanesia xanthocarpa</i> O. Berg.	Guabiroba
<i>Eugenia involucrata</i> DC.	Cerejeira
<i>Gomidesia</i> sp.	
<i>Myrceugenia regnelliana</i> (Berg) L. et. Kausel	Guamirim-cascudo
<i>Myrcia rostrata</i> DC.	Guamirim-chorão
<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch	Carvalho-brasileiro
<i>Prunus brasiliensis</i> (Cham & Schl.) Diétr.	Pessegueiro-bravo
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Mamica-de-porca
<i>Allophylus edulis</i> (St. Hill.) Radlk	Vacum
<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Camboatá
<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	Miguel-pintado
<i>Solanum</i> sp.	Peido-do-diabo
<i>Symplocos glanduloso-marginata</i> Hoehne	Maria-mole
<i>Gordonia fruticosa</i> (Schrad.) H. Keng	Santa-rita
<i>Lamanonia speciosa</i> (Cambess.) L.B. Sm.	Guaraperê
<i>Vitex megapotamica</i> (Sprengel) Moldenke.	Tarumá
<i>Drimys brasiliensis</i> Miers	Cataia
Não Identificado	Cuvitinga

Espécies Florestais: 136.

Fonte: Koehler e Péllico Netto (1998).

Tabela 4A - Valoração dos critérios de hierarquização e priorização dos recursos e atrativos do município

Utilizar		Valores	1	2	3
CRITÉRIOS	HIERARQUIZAÇÃO	Impacto local e regional	Baixo impacto	Impacto médio	Impacto significativo
		Apoio local e comunitário	Para a comunidade é indiferente	Apoio razoável	Apóia muito
		Acessibilidade e condição atual de uso	Muito usado ou visado	Utilizado, mas em boas condições	Acessível mas sem uso
	PRIORIZAÇÃO	Estado de conservação	Deteriorado e requer recuperação	Em regular condições de conservação	Bem conservado ou virgem
		Fragilidade do ecossistema	Muito frágil	Medianamente resistente	Sem muitos problemas para o uso
		Representatividade regional do atrativo	Bastante comum no município	Bastante comum na região	Bastante raro e valioso

Fonte: CICATUR/EMBRATUR (2001)

Tabela 5A - Valoração dos critérios de priorização

Utilizar		Valores	1	2	3
CRITÉRIOS	HIERARQUIZAÇÃO	Impacto local e regional (=)	Baixo impacto (=)	Impacto médio(=)	Impacto significativo (=)
		Apoio local e comunitário (=)	Para a comunidade é indiferente (=)	Apoio razoável (=)	Apóia muito (=)
		Acessibilidade e condição atual de uso (=)	Muito usado ou visitado (=)	Utilizado, mas em boas condições (=)	Acessível, mas sem uso (=)
	PRIORIZAÇÃO	Grau de autenticidade	Com sensível influências deteriorado e requer recuperação	Com fracas influências, requer recuperação	Sem influências e bem conservado
		Susceptibilidade à mudança e descaracterização cultural em função da visitação	Muito frágil (=)	Medianamente resistente (=)	Sem muitos problemas para o uso (=)
		Originalidade do insumo, em relação às manifestações similares naquela e em outras regiões	Bastante comum no município (=)	Bastante comum na região (=)	Bastante raro e valioso (=)

Fonte: CICATUR/EMBRATUR (2001)

Tabela 6A - Espécies da fauna ocorrentes na região

Família	Espécies	Nome Comum
DIDELPHIDAE	<i>Monodelphis scallops</i>	Catita
MURIDAE	<i>Delomys dorsalis</i>	Rato-do-mato
MURIDAE	<i>Oxymycterus quaestor</i>	Rato-do-brejo
ERETHIZONTIDAE	<i>Sphiggurus villosus</i>	Ouriço-cacheiro
DIDELPHIDAE	<i>Chironectes minus*</i>	Cuíca d'água
ECHIMYDAE	<i>Kannabateomys amblyonyx*</i>	Rato-do-bambu
FELIDAE	<i>Puma concolor*</i>	Puma, suçuarana
FELIDAE	<i>Leopardus tigrinus*</i>	Gato-do-mato-pequeno
FELIDAE	<i>Leopardus wiedii</i>	Gato-maracajá
FELIDAE	<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguatirica
FELIDAE	<i>Panthera onça</i>	Onça, onça pintada
TAPARIDAE	<i>Tapirus terrestris</i>	Anta, tapiri
TAYSSUDAE	<i>Tayassu pecari</i>	Queixada, porco-do-mato
AGOUTIDAE	<i>Agouti paca</i>	Paca
LEPORIDAE	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Coelho, tapiti
MUSTELIDAE	<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra

Fonte: Espécies ameaçadas de extinção no Estado do Paraná (1996). Margarido (1995).

Tabela 7A - Cascas de pinus

Cascas de pinus bioestabilizada condicionador físico de solos		Humoativo agrícola condicionador/fertilizantes/solos	
Parâmetro	Média	Parâmetro	Média
pH em água	8,0	pH em água	6,5
Umidade-105 °C-%	49	Umidade a 75% °C - %	56
Densidade	0,6	Carbono Orgânico - %	44
Matéria orgânica - %	59	Densidade	0,9
Cinzas - %	40	P ₂ O ₅ - %	0,8
N total - %	0,56	K ₂ O - %	0,36
P ₂ O ₅ - %	0,14	N total - %	1,0
K ₂ O total - %	0,3	CaO total - %	2,5
Cão total - %	2,00	MgO total- %	0,45
MgO total	0,5	B total - mg/kg	11
Condutividade elétrica – mS/cm	0,528	Cu total - mg/kg	40
Capacidade máxima de Retenção de umidade-%	58	Zn total - mg/kg	83
		Condutividade elétrica - µS/cm	1,3

Fonte: Laboratório de Análise de solos da Faculdade de Agronomia da UFRGS/Porto Alegre-RS.

Tabela 8A - Cascas de pinus bioestabilizada - Condicionadores físicos de solos

Parâmetro	Média
pH em água	8,0
Umidade a 105 °C - %	49
Densidade	0,6
Matéria orgânica %	59
Cinzas - %	40
N total - %	0,56
P ₂ O ₅ total - %	0,14
K ₂ O total - %	0,3
CaO total - %	2,00
MgO total - %	0,5
Condutividade elétrica – mS/cm	0,528
Capacidade máxima de retenção de umidade - %	58

Fonte: Laboratório de análise de solos da Faculdade de Agronomia da UFRGS – Porto Alegre/RS.&
http://www.vida-e.com.br/vida_s-residuos.asp.26/08/2005.

Tabela 9A - Cascas de pinus compostadas - Informações complementares médias (CRA 45%)

pH	6,7
Matéria orgânica	59%
Densidade	0,6
N total	0,45%
P ₂ O ₅	0,13
K ₂ O	0,19
Cão	1,10
MgO	0,35

Fonte: Laboratório de análise de solos da Faculdade de Agronomia da UFRGS – Porto Alegre - RS.

Tabela 10A - Humoativo - Informações complementares médias (CRA 35%)

pH	6,7
Matéria orgânica	56%
Densidade	0,75
N total	0,90%
P ₂ O ₅	0,80
K ₂ O	0,35
Cão	5,00
MgO	0,45

Fonte: Laboratório de análise de solos da Faculdade de Agronomia da UFRGS Porto Alegre - RS.

QUESTIONÁRIO APLICADO PARA IDENTIFICAÇÃO, CARACTERIZAÇÃO E CONHECIMENTO DA POPULAÇÃO SOBRE O TURISMO LOCAL

1. Bom dia (Boa tarde, olá).
 2. Como você entende a palavra turismo na atualidade?
 3. Você conhece locais turísticos em Tijucas?
 4. Você pode caracterizar, distinguir, citar 3 ou mais locais?
 5. Como é o local?
 6. Que motivos levaram a conhecer estes locais?
 7. Condição para a visitaçãõ?
 8. Apresenta dificuldade para chegar, acesso?
 9. Há alguma limitação, acessibilidade, fácil e difícil?
 10. Que contribuição traz ao município ou à região?
 11. No município tem centro de informações turístico ou centro de visitante
 12. Você conhece trilhas turísticas sinalizadas no município?
 13. Conhecem os empreendimentos turísticos da região, hotéis, pousadas?
 14. Você conhece lojas que vendem artesanatos
 15. Você gostaria de fazer alguma sugestão? Quais ?
 16. Tem conhecimento de algum museu no município.
 17. Você conhece as atividades da PUCPR (ProAção) em Tijucas.
 18. Você tem conhecimento sobre a Revolução Federalista?
 19. E o Caminho dos Ambrósios, Peabiru, Tropeiros, já ouviu falar?
 20. Você tem algum ponto ou assunto que gostaria de falar que não foi perguntado?
- Local da realização das entrevistas: foram feitas todas na sede do município.

Fonte: O Autor. (2005).

Tabela 11A - Tabulação da entrevista realizada e observações *in loco*

Turismo	Entrevistados e comentário	Número de resposta por entrevistados
1. Entende	Passeio - 05 Viagens - 03 Descanso - 05 Férias - 02 Não respondeu - 04	15
2. Conhece	Sim - 10 Não - 05	10
3. Citar	Não sabe - 01 Saltinho - 05 Cachoeiras - 04 Pesque-pague - 06 Museu (outros) - 03	18
4. Como é o local	Bonito - 06 Interessante - 03 Divertido - 03 Acolhedor - 02 Não sabe 05	14
5. Motivos	Passear - 04 Descansar - 04 Conhecer - 02 Distração - 03 Levar a família - 03	16
6. As condições	Boa 02 Média - 03 Precisa melhorar - 02 Agradável - 02 Muito bom - 01	10
7. Difícil acesso	Não- 03 Pode melhorar - 04 Mediano -01 Fácil - 03 Bom asfaltar - 02	13
8. Contribui com município	Emprego - 08 Diversão - 01 Comércio - 03 Lazer - 02 Não sabe - 01	15
9. Centro de Informação Turísticas	Prefeitura - 05 Não sabe - 03 Não conhece - 01 ProAção - 03 Ouvir falar - 01	12
10. Trilhas de turismo no município	Não - 06 Ouvir falar - 03 Conhece - 04	09

	Prefeitura - 02 Não sabe - 01	
--	----------------------------------	--

Continua...

Tabela 11A - Tabulação da entrevista realizada e observações *in loco* (continuação)

Turismo	Entrevistados e comentário	Número de resposta por entrevistados
11. Conhece trilhas turísticas	Falam que tem - 03 Não - 05 Conhece - 05 Prefeitura - 02 Não sabe - 01	10
12. Conhece hotéis e pousadas	Ouve falar que sim - 02 Trabalho e conheço - 02 Não sei - 04 São muito caros - 04 Falam que sim - 01 Tem algum - 01	06
13. Artesanatos e vendas	ProAção/PUC - 06 Prefeitura - 04 Associação - 04 Ouvir falar - 03 Não sabe - 01	17
14. Alguma sugestão	Deve-se divulgar - 04 Cronograma e roteiro - 03 Planejar - 03 Organizar melhor - 04 Não sabe - 02	14
15. Conhece algum museu no município	Sim - 06 ProAção - 03 Ouvir falar - 02 Não - 02 Não sabe - 02	09
16. Conhece o ProAção/ PUC	Conhece - 05 Fomos atendidos - 03 Atendimento médico - 03 Veterinário - 02 Escola - 02	15
17. Revolução Federalista	Ouvir falar - 06 Sabe da história - 02 Tem monumentos - 01 Já leu o assunto - 01 Foi aqui em Tijucas? - 02	03
18. Fale sobre um assunto	Divulgar mais - 02 Prefeitura informar - 04 Interessante saber - 03 Não - 02 Nada a comentar - 04	09

Fonte: O Autor (2005).

Quadro 1A - Resumo Turismo/RMC

MUNICÍPIO (população, distância da capital)	INVENTÁRIO TURÍSTICO	ÓRGÃO MUNICIPAL DE TURISMO	PLANO MUNICIPAL DE TURISMO	PNMT (FASES)	CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO	MUNICÍPIOS (DN 432/02)	
						Turísticos	Com Potencial Turístico
Adrianópolis Pop. 7.007 hab. Distância da Capital: 133km	X*						
Agudos do Sul Pop. 7.221 hab. Distância da Capital: 73km	X	X		1ª e 2ª fases	X		
Almirante Tamandaré Pop. 88.277 hab. Distância da capital: 17 km	X	X	X	1ª, 2ª e 3ª fases – Passo II	X	X	
Araucária Pop. 94.258 hab. Distância da capital: 27 km	X	X		1ª e 2ª fases		X	
Balsa Nova Pop. 10.153 hab. Distância da capital: 42 km	X	X	X	1ª, 2ª e 3ª fases – Passo III	X		X
Bocaiúva do Sul Pop. 9.050 hab. Distância da capital: 40 km	X*	X (Cultura)		1ª, 2ª e 3ª fases – Passo II	X		X
Campina Grande do Sul Pop. 34.566 hab. Distância da capital: 31 km		X		1ª e 2ª fases	X	X	
Campo Largo Pop. 92.782 hab. Distância da capital: 32 km	X	X	X	1ª, 2ª e 3ª fases – Passo III	X	X	
Campo Magro Pop. 20.409 hab. Distância da capital: 10 km		X		1ª e 2ª fases			
Cerro Azul Pop. 16.352 hab. Distância da capital: 87 km		X (Educação, Cultura e Esportes)					

Colombo Pop. 183.329 hab. Distância da capital: 19 km	X	X		1 ^a , 2 ^a e 3 ^a fases – Passo II		X
Contenda Pop. 13.241 hab. Distância da capital: 48 km		X (Ag. e Meio Ambiente)		1 ^a e 2 ^a fases		

Continua...

Quadro 1A - Resumo Turismo/RMC (continuação)

MUNICÍPIO (população, distância da capital)	INVENTÁRIO TURÍSTICO	ÓRGÃO MUNICIPAL DE TURISMO	PLANO MUNICIPAL DE TURISMO	PNMT (FASES)	CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO	MUNICÍPIOS (DN 432/02)	
						Turísticos	Com Potencial Turístico
Dr. Ulysses Pop. 6.033 hab. Distância da capital: 170 km							
Fazenda Rio Grande Pop. 62.877 hab. Distância da capital: 19 km		X		1 ^a e 2 ^a fases			
Itaperuçu Pop. 19.344 hab. Distância da capital: 37 km		X					
Lapa Pop. 41.838 hab. Distância da capital: 71 km	X	X		1 ^a , 2 ^a e 3 ^a fases – Passo III	X	X	
Mandirituba Pop. 17.540 hab. Distância da capital: 45 km							
Pinhais Pop. 102.985 hab. Distância da capital: 07 km				1 ^a e 2 ^a fases			X
Piraquara Pop. 72.886 hab. Distância da capital: 22 km	X	X		1 ^a e 2 ^a fases			X
Quatro Barras Pop. 16.161 hab. Distância da capital: 31 km		X		1 ^a , 2 ^a e 3 ^a fases – Passo II		X	
Quitandinha Pop. 15.272 hab. Distância da capital: 72 km		X (Desenv. Econ.)		1 ^a e 2 ^a fases			X
Rio Branco do Sul Pop. 29.341 hab. Distância da capital: 33 km	X*	X		1 ^a e 2 ^a fases			

São José dos Pinhais Pop. 204.316 hab. Distância da capital: 15 km	X	X	X	1 ^a , 2 ^a e 3 ^a fases - Passo III	X	X	
Tijucas do Sul Pop. 12.260 hab. Distância da capital: 62 km		X		1 ^a e 2 ^a fases	X		
Tunas do Paraná Pop. 3.611 hab. Distância da capital: 87 km	X						

Fonte: PARANATUR (2005).

Quadro 2A - Descrição conceitual dos tipos de turismo – classificação das tipologias de turismo, BENI (2004) WILLIAM. F.THEOBALD (2001), BISSOLI (1999) & ACERENZA (2002), EMBRATUR (2001).

<p>2A.1 TURISMO RURAL - Processo de deslocamento de pessoas a espaços rurais, com roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para fruição dos cenários e instalações rurícolas – nesse sentido, há autores que se valem da expressão turismo no meio rural para incluir o agroturismo IRVING (2002), Moleta (2002) & RUSCHMANN (2004).</p> <p>O turismo rural tem suas características bem definidas. Como permanência, utilização de equipamentos, pode-se apresentar instalações de hospedagem em casas de antigas colônias de trabalhadores, imigrantes dos distintos períodos agrários do Brasil; como: sedes de fazendas, casas de engenhos dos ciclos do café, cana-de-açúcar, tipificam o patrimônio histórico-arquitetônico, étnico-cultural dos estados brasileiros, também propriedades modernas, complexos turísticos, hotéis-fazenda, particularmente direcionadas aos turistas que buscam lazer e recreação em atividades agrossilvipastoris.</p> <p>Há duas vertentes que identificam o turismo rural: primeira, na experiência consolidada em vários países e no Brasil, no desenvolvimento de oferta de serviços de lazer, hospedagens em propriedades rurais produtivas, com a introdução do turismo rural como alternativa do aumento de renda, agregação do valor do imóvel rural, fixação do trabalhador no campo, nas pequenas, médias e grandes propriedades. Quando o turismo passa a ser a principal fonte de renda, explicita o conceito de turismo rural.</p> <p>A segunda, nos casos de propriedade não produtiva com instalações receptivas, com valor histórico-patrimonial, arquitetônico da época, adaptadas absorve parte de uma demanda diferenciada. Podem-se incluir modernos hotéis-fazenda, acampamentos de férias para jovens, idosos, edificadas nas áreas rurais com destacados valores cênico-paisagísticos. Esta atividade turística vem sendo considerada alternativa de substituição viável às áreas turísticas em processo de saturação, principalmente em países europeus de tradição receptiva.</p>
<p>2A.2 AGROTURISMO - Processo de deslocamento de pessoas a espaços rurais, com roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para fruição dos cenários, observação, vivência participação nas atividades agro-pastoris, SWARBROOKE (2000).</p> <p>Com destaque de dois grandes aspectos que distinguem do turismo rural; primeira produção agropastoril em escala econômica representando maior fonte de rendimento da propriedade, o turismo como receita complementar; segundo as atividades agrossilvipastoris constituem em si mesma o principal diferencial turístico. Os turistas, para viver autênticas experiência da vida campesinata, poderão ou não participar da rotina diária da propriedade.</p> <p>Em destaque, a atividade turística deve obedecer a parâmetros de ocupação conforme capacidade de carga, suporte produtivo da propriedade, caso contrário, comprometerá qualidade e quantidade do produto, considerando o desejo do visitante em querer saber sobre os métodos, técnicas de manufaturas, interfere na relação de trabalhos, provocando atrasos ou avarias nos bens produzidos.</p> <p>Instalações e equipamentos mantêm-se na forma original, tal qual utilizados por proprietários e trabalhadores; caso ampliados para acomodar os visitantes, deverão conservar as mesmas características arquitetônicas.</p>
<p>2A.3 TURISMO DE AVENTURA - Processo de deslocamento de pessoas para espaços naturais, com ou sem roteiros programados, ausência ou insipiência de equipamentos receptivos, motivados pela ação exercida pelo desconhecido e desejo de enfrentar situações de desafio físico e emocional. Com múltiplas formas de treinamento, sobrevivência na selva, locais inóspitos, não desbravados e contatos com culturas primitivas. No Brasil esse tipo de turismo vem sendo praticado na floresta Amazônia, pantanal mato-grossense, chapadas do planalto central, lençóis maranhenses. Denominado também de turismo de risco (<i>risk tourism</i>) e turismo forte (<i>hard tourism</i>).</p>
<p>2A.4 TURISMOS CLIMÁTICO E HIDROTHERMAL - O principal produto turístico é constituído pela qualidade terapêutica do clima das águas e termas.</p>

2A.5 TURISMO PAISAGÍSTICO E HIDROTERMAL - O principal produto turístico é a paisagem, os aspectos cênicos da natureza, compreendem todos os locais em que características geográficas, ecológicas e mesológicas, são combinadas, parte principal do fator de atração.
2A.6 TURISMO DESPORTIVO - Processo de deslocamento de turista aficionado das distintas modalidades esportivas, que aflui a núcleos esportivos tradicionais com calendários de eventos ou a núcleos que eventualmente cediam olimpíadas, competições, torneios; tem como principal produto turístico o esporte.
2A.7 TURISMO CULTURAL - Processos de deslocamento de turista a núcleos receptores; oferecem como produto essencial o legado histórico do homem em diferentes épocas, representado pelo patrimônio, acervo cultural encontrado nas ruínas, monumentos, museus e obras de arte.
2A.8 TURISMO ETNO-HISTÓRICO-CULTURAL - Processo de deslocamento de turistas nacionais e internacionais, que se deslocam a centros na motivação de suas origens étnicas locais, regionais, legado histórico-cultural e ascendência comum. Incluem-se aqueles que se deslocam com objetivos eminentemente antropológicos, para conhecer <i>in loco</i> as características etno-culturais dos povos que constituem interesse de suas observações MOLETA (2001)

Quadro 2A - Descrição conceitual dos tipos de turismo – classificação das tipologias de turismo, BENI (2004) WILLIAM. F.THEOBALD (2001), BISSOLI (1999) & ACERENZA (2002), EMBRATUR (2001) (continuação)

2A.9 TURISMO TEMÁTICO - Desde a década de 50 com a instalação da Disneylândia, e do Disneyworld na década de 70, desenvolve-se u fluxo turístico dirigido à fruição, recreação em espaços temáticos, que continua ampliando modelo no planeta com instalação, serviços, equipamentos, que reproduzem diferencial na natureza, cultura, tecnologia, proporções futuristas além de reconstituírem por meio de engenhosos processos mecânicos, hidráulicos, eletro-eletrônicos cenários, ambientes de épocas da história conhecida, permitindo os visitantes a conhecer, viver, experiências, sensações emoções induzidas, situações inéditas ao seu alcance.
2A.10 TURISMO EDUCACIONAL - Processo da retomadas de práticas utilizadas na Europa e EUA por colégios, Universidades, e, também no Brasil por inúmeras escolas que concites organizar viagens culturais com acompanhamento de Professores especializados da própria instituição de ensino com programas de aulas e visitas aos locais históricos, de interesse educacional dos estudantes. Atualmente poucas instituições mantêm esta prática pedagógica ao exterior, expandem-se às viagens regionais, nacionais com a mesma finalidade, incluindo os estudos de ecossistemas e os aspectos do meio ambiente. Viagens culturais internacionais assumem maior dimensão com as associações especializadas no intercâmbio de estudantes de vários países, alojando-se em casas de família como segundo lar por período variável de 6 meses a um ano. Há autores que não consideram o intercâmbio familiar como componente do tráfego turístico. Modalidade esta que vem se ampliando no Brasil, como o programa <i>Students Travel Bureau</i> - SBT oferecem viagens aos estudantes portadores de carteira internacional de 1 a 3 meses, para o aprendizado de idiomas, com tarifas aéreas, serviços de alojamento a baixo custo, inclusive em seus deslocamentos nos países de destino.
2A.11 TURISMOS CIVICO INSTITUCIONAL - Processo de visitas em instalações de monumentos pátrios e órgãos governamentais, exemplo de Brasília – DF, como em outras capitais, províncias, estaduais, cidades relevantes históricas do país.
2A.12 TURISMO RELIGIOSO – Refere-se ao deslocamento de peregrinos, com destino aos centros religiosos, motivados pela fé em distintas crenças. Demanda com características únicas. Alguns autores não a consideram nos estudos do Turismo. Os peregrinos assumem um comportamento de consumo turístico, pois utilizam equipamentos, serviços com estrutura de gastos semelhantes à dos outros tipos de turismo. A variável de permanência, no caso, estará integrada ao tempo de duração das cerimônias, ritos e celebrações religiosas MOLETA(2003).
2A.13 TURISMO EMPRESARIAL OU DE NEGÓCIOS - Refere-se aos deslocamentos executivos, homens de negócios, turistas potenciais, que afluem aos grandes centros comerciais cosmopolitas para efetuar transações, atividades profissionais, comerciais, industriais e empregando tempo livre no consumo de recreação, entretenimento, freqüência de restaurantes e gastronomia típica internacional, integra o turismo antropológico, nativo, de contrato e arqueológico.
2A.14 TURISMO CONGRESSUAL - Refere-se à demanda de turistas potenciais com destino a núcleos receptores eleitos para realização de congressos, seminários de distintos assuntos especializados. Características viagem em grupos organizados e com maiores exigências de equipamentos e serviços.
2A.15 TURISMO INCENTIVOS - Refere-se às viagens programadas conferidas com prêmios, recompensam a funcionários de grandes empresas, por merecimentos obtidos por desempenhos profissionais; superação de metas de trabalho, índice de produtividade, etc. As viagens associam-se a estágios no país de origem, exterior para reciclagem, atualização em novos métodos de gestão, produção, comunicação, marketing, etc.; incluem programas culturais de recreação e lazer.
2A.16 TURISMO CIENTÍFICO - Refere-se a deslocamentos de turistas potenciais a grandes centros universitários com manifesta atuação no setor de pesquisa e desenvolvimento; caracteriza-se como turismo acadêmico, de estudos e de especialidade.
2A.17 TURISMO DE EVENTOS FIXOS, SAZONAIS, DE OPORTUNIDADE - Refere-se a constantes

realizações de calendários de eventos fixos, como férias, exposições, festas locais, regionais, estaduais, nacionais já consolidadas, como: Salão do automóvel, Festa da Uva, do Vinho, <i>Oktoberfest</i> , Festa do peão boiadeiro, Bienal do Livro, Bienal das Artes, Feira de calçados, entre outras. Os eventos sazonais são de caráter regional, geram um processo de crescente competitividade entre municípios, organizações intestinas e homogêneas de produção agrossilvipastoris, industriais, cultural, inseridas ou não nos calendários de eventos fixos, como: Festas populares, Festa do Pêssego, Festa da Laranja, Festa do caqui, Exposição de Móveis, Feiras de Antiguidades, Exposições agropecuárias, Leilões bovinos, eqüinos, caprinos, suínos, ovinos, Festas étnico-culturais, Festas das Nações, dentre outras.
Os monotemáticos referem-se aos subsegmentos do mercado consumidor, caracterizações singulares de expressão artística e cultural, como: Festival de Cinema de Gramado, Festivais de Música Popular Brasileira, da Música Sertaneja, de Danças Folclóricas, Festas de São Gonçalo, Festa do Divino, outras festividades religiosas, semanas gastronômicas, entre outros.
Há eventos de oportunidades que aparecem mais esporádicos e acompanham tendências de mercado dos setores produtivos, como: moda, decoração, hotelaria, turismo, lazer, comunicação entre outros.

Quadro 2A - Descrição conceitual dos tipos de turismo – classificação das tipologias de turismo, BENI (2004) WILLIAM. F.THEOBALD (2001), BISSOLI (1999) & ACERENZA (2002), EMBRATUR (2001) (continuação)

2A.18 TURISMO URBANO - Refere-se ao turismo receptivo; em grandes cidades, confunde-se com o lazer urbano. Conceitos têm características comuns. Diferencia o referencial do agente, ou seja, para o visitante o roteiro da oferta diferencial urbana constitui a prática do turismo urbano; para o residente, esse mesmo roteiro assume o caráter de lazer urbano, com o deslocamento da mesma oferta; ele não realiza uma viagem, pois reside no local, SWARBROOKE (2000).
Na oferta do turismo urbano, destacam-se os marcos referenciais da paisagem natural e cultural, como: parques, bosques, rios, lagos, outros como obras arquitetônicas históricas, museus, pontes, viadutos, monumentos, praças, jardins etc. Pontos nodais de turismo urbano são: enclaves sociais de características étnico-culturais (Bairro da Liberdade - SP, Brasil; <i>Chinatown</i> São Francisco, EUA); corredores cênicos que permitam leitura cultural, social, econômica, global da cidade entornam urbano, espaços de concentrações das populações residentes: praças, mercados, zonas de comércio, shoppings, ruas onde se situam lojas de grife, restaurantes, casas noturnas, teatros, entre outras atrações.
2A.19 TURISMO DE MEGAEVENTOS - grandes eventos: culturais desportivos, religiosos de características internacionais, catalisam a atenção nacional e maciço fluxo turístico, como: Copa Mundial de Futebol, Olimpíada, Jogos Pan-Americanos, Fórmula-1, Congressos Eucarísticos, Prêmio Oscar, Feira Internacional de Aviação, Salão Internacional do Automóvel etc.
2A.20 TURISMO DE SAÚDE - Há semelhanças a climático e hidrotermal, atualmente ampliando-se para caracterizar o deslocamento de pessoas com fins terapêuticos específicos e/ou alternativos voltados à estética, harmonização psicossomática, fisioterapia, reequilíbrio de funções nervosas, musculares e de desenvolvimento desenvolvidos em <i>spas</i> e <i>fitness centers</i> . Resgates das antigas estâncias hidrotermais, que estão sendo aparelhadas e ressignificadas. Para conter atividades ligadas a cronoterapia e outras medicinais desenvolvidas a partir de práticas tradicionais da Nova Era, com tecnologia e procedimentos desenvolvidos nos EUA.
2A.21 TURISMO ESOTÉRICO OU ESOTURISMO – Denominação dada a grupos de pessoas que se deslocam com roteiros programados, a visitar lugares com egrégoras (concentração de energias), como; <i>Machu Pichu</i> - Peru; Chapada Diamantina - BA; Alto Paraíso - GO; São Tomé das Letras - MG; (...), para visões de objetos voadores não identificados e outros lugares de forte apelo místico.
2A.22 TURISMO DE RECREAÇÃO E ENTRETENIMENTO - Refere-se ao deslocamento de grandes contingentes de pessoas em roteiros não programados num raio até 100 km de suas residências, na conturbação de centros urbanos, em busca de lazer, atividades recreativas como rodeios e pescas recreativas, e atualmente concentrando-se na freqüência a parques temáticos de grande apelo popular, como: <i>Beto Carreiro World</i> , <i>Wet'n Wild</i> , Parque da Mônica etc.
2A.23 TURISMO HABITACIONAL - Refere-se ao turismo de segunda residência; aproxima-se da natureza das estruturas do <i>tumesharing</i> . Imóveis particulares disponibilizados durante todo o ano para locações por <i>pool</i> imobiliário. Funciona na verdade como uma oferta permanente de alojamento em que as unidades habitacionais terão diárias de tarifas correspondentes às de um hotel.
As vantagens desse sistema locacional estão na geração quase contínua de renda aos proprietários, assegurando-lhes a cobertura das despesas condominiais, impostos, taxas. Exemplo: Gramado – RS, Torremolinos, Espanha, Miami e EUA.
2A.24 TURISMO HABITACÃO - Refere-se à locação de unidades habitacionais em casa de estilo e arquitetura de época, solares, mansões, palacetes e edificações de valores histórico-culturais no espaço urbano rural, com interiores sofisticados e de alto luxo, serviços personalizados de refinado atendimento; ocorre em países como Portugal, Espanha e França.
2A.25 TURISMO SOCIOFAMILIAR - Refere-se ao deslocamento de turista na visita a parentes, amigos a sua principal motivação da viagem; utiliza-se de meio de transporte rodoviário, hospedando-se na residência de

seus familiares e de pessoas de seu relacionamento. O conceito amplia-se para abranger duas vertentes, que mobilizam: fretamento de ônibus, equipamentos de alimentação, alojamentos; outra vertente representada por familiares, amigos que se deslocam aos grandes centros hospitalares, instituições de recuperação para visitas de pacientes em tratamentos.

2A.26 TURISMO DA TERCEIRA IDADE - Esse fluxo turístico tem com principal característica a não-sazonal idade, elege livremente seus períodos de viagem em razão do tempo disponível; de limitada capacidade aquisitiva, imposta por uma única fonte de rendimento - aposentadoria - realiza viagens incentivadas com permanência mais prolongada nas destinações e em grupos, recebendo atenção especial: na programação, acompanhamento dos roteiros, equipamentos de hospedagem, alimentação e devem dispor de atendimento médico de plantão.

Esse segmento vem crescendo quase exponencialmente no tráfego turístico mundial, em razão do aumento da expectativa de vida; em alguns países, altera o perfil da pirâmide etária.

No Brasil até recentemente inexpressivo em termos estatísticos, esse segmento vem conquistando seu nicho no mercado, impulsionado por uma política de incentivos do governo e pela especialização de empresas.

Quadro 2A - Descrição conceitual dos tipos de turismo – classificação das tipologias de turismo, BENI (2004) WILLIAM, F.THEOBALD (2001), BISSOLI (1999) & ACERENZA (2002), EMBRATUR (2001) (continuação)

2A.27 TURISMO HEDONISTA - Processo de fruição da viagem pelo prazer de viajar. Os praticantes vivenciam e introjetam no corpo e na mente todas as expressões dos ambientes, culturas visitadas, com grau de liberdade bastante flexível, geralmente não adotado pela maioria dos turistas.

2A.28 TURISMO ALTERNATIVO - Pode-se envolver muita das definições anteriores, como aquelas atividades realizadas com impacto do meio ambiente. Na medida em que estas vão sendo estabelecidas e conceitualmente melhor definidas, e passa ser conhecido com precisão, do gradual surgimento de métodos, processos de planejamento e gestão.

2A.29 TURISMO ESPECIALIZADO PARA NOVOS SEGMENTOS DE CONSUMO – Refere-se aos grupos sociais que, isolavam-se ante a coerção social imposta pelos costumes tradicionais, invariavelmente preconceituosos de comportamento, hoje com participação livre do mercado de viagens, lazer, turismo de entretenimento.

Estimulados por um natural agrupamento, seja em clubes desportivos, casas noturnas, comércio dirigido e crescentes sites e *chats* na Internet, os denominados GLSs, que englobam gays, lésbicas e simpatizantes, transformistas e outros, vêm conquistando, no sistema de turismo, espaços próprios em complexo turísticos litorâneos ou de montanha, deslocando-se muitas vezes em fretamento de meios de transporte aéreo e rodoviário, como até de cruzeiros marítimos, para vivenciar experiências e fantasias comuns.

Nesse turismo especializado, poderiam ser incluídos os naturalistas que, pela própria filosofia e estilo de vida, requerem espaços, instalações e equipamentos resguardados e de acesso controlado.

Inserem-se naturalistas que estão compreendidos no turismo ecológico e no ecoturismo, como os observadores de pássaros, insetos, borboletas e outros exemplares, fotógrafos da natureza, aficionados que buscam nos roteiros que escolhem a companhia da flora e da fauna. Pessoas portadoras de deficiências físicas, muitas menos por questões de convivência normal e muito mais pela necessidade de espaços, instalações, equipamentos diferenciados, constituem segmento de desenvolvimento.

Um mercado em fase de expansão é o turismo para *singles* (pessoas sós), que buscam nos roteiros que escolhem companhia de alguém do mesmo sexo, ou de outro, para encetar relacionamentos sociais, sendo observado preponderantemente nos grandes conglomerados urbanos.

2A.30 TURISMO EXENTRICIDADES - A tipologia aponta tendências de estabelecimento de fluxo específico de turistas para locais determinados. Conceitue apenas um registro de sua existência, formado por subtipos, caso do turismo funerário, observados nos cemitérios de Gênova – Itália; *Ricoleta* - Buenos Aires - Argentina; comunidade negra de Nova Orleans atrai visitantes por motivos individualizados.

Um subtipo ou pré-tipo, Turismo espacial, empresas norte-americanas que vendem por antecipação reservas no ônibus espacial para viagens orbitais, com o avanço tecnológico, até para a lua. Prenunciam tipos futuros de turismo, pesquisador atento deve assinalar já com que limitada liberdade que homem tem pela frente, proporcionada pela tecnologia e pelos sonhos dos que fazem o universo em expansão do turismo desconhece seus próprios limites.

2A.31 TURISMO DE JOGO OU DE CASSINISMO - apesar de alguns planejadores entenderem que o jogo organizado constitui fator importante do processo de expansão da demanda do Turismo, é uma dentre as muitas alternativas da oferta do entretenimento; dessa forma, labora um erro quem afirmar que o jogo é atração turística. Atividades que giram muitos interesses econômicos, dado o alto nível de renda de seus praticantes, estrutura de equipamentos e apoio sofisticados, diversidade de oferta de recreação, entretenimentos de elevado custo. A inclusão desse tipo de demanda justifica-se em que a moderna tendência considera o jogo objeto de discussão de projetos de sua implementação no País, incentivador da criação de novos pólos turísticos.

2A.32 TURISMO ENDÓGENO - Esse tipo é conhecido de turismo de aproximação, de base local, socialmente

responsável e de turismo de contatos.
2A.33 TURISMO VIRTUAL - Contrariando os princípios básicos e de turismo – é o deslocamento físico, atualmente ocorre o deslocamento virtual, inserção imediata, via <i>web</i> , dos visitantes em diferenciais, referenciais da oferta natural, cultural de outros países, oferta agregada e representada pelos equipamentos, instalações, serviços de alojamento hoteleiros, alimentação, recreação e entretenimento. Viagem “virtual”, de um lado seleciona previamente roteiros, temas para planejamento da viagem real. Embora não substitua a experiência em vivo, propicia navegação por <i>sites</i> de locais que, normalmente, se apresenta de difícil acesso em roteiros clássicos dos pacotes turísticos.
Representado pela crescente oferta de <i>e-busines</i> , <i>e-marketing</i> , <i>e-commerce</i> , tem-se o <i>e-tourism</i> ; aponta para a necessidade de pesquisas específicas e circunstanciadas do mercado virtual. Nada mais avançadas que as conquistas da informática com introdução da tridimensionalidade por hologramas, associadas às experiências sensitivas artificiais, processos alucinógenos monitorados; objeto da ciência <i>fiction</i> , virá substituir a fruição da realidade concreta, BENI (2004)

Quadro 2A - Descrição conceitual dos tipos de turismo – classificação das tipologias de turismo, BENI (2004) WILLIAM. F.THEOBALD (2001), BISSOLI (1999) & ACERENZA (2002), EMBRATUR (2001) (continuação)

2A.34 TURISMO ECOLÓGICO - Deslocamento de pessoas para espaços naturais, com ou sem equipamentos receptivos, motivados pelo desejo e necessidade de fruição da natureza, observação passiva da flora, fauna, paisagem, aspectos cênicos do entorno. Incluem-se observação participante e interativa com o meio natural, nas caminhadas, escaladas, desbravamento e abertura de trilhas, <i>rafting</i> , esportes radicais, como <i>canyoning</i> , <i>off-road</i> e rapel.
Soma-se a essas atividades o exercício eventual da caça, pesca e excursões programadas em pontos geográficos de interesse turísticos: rios, ilhas, montanhas, chapadas, grutas, cavernas, minas e jazidas.
O turismo ecológico pode ser também denominado de turismo ambiental (<i>environmental tourism</i>) turismo da natureza, verde, campestre (<i>cottage tourism</i>), sertão ou silvestre (<i>wilderness tourism</i>), selva ou de floresta (<i>jungle tourism</i>), férias na natureza (<i>nature vacation</i>).
2A.35 ECOTURISMO - Deslocamento de pessoas a espaços naturais delimitados e protegidos pelo Estado ou controlados em parcerias com associações locais. Pressuposto planejamento e controle da área de uso sustentável de seus recursos naturais e culturais, por meio de estudos de impactos ambiental, estimativa da capacidade de carga e suporte do local, monitoramento e avaliação constantes, plano de manejo e sistema de gestão responsável.
No Brasil, as áreas de conservação e proteção ambiental ainda não dispõem de uma política integrada e de planejamento estratégico de uso e ocupação direcionados especificamente para o turismo.
Incluem-se também nesse tipo o bioturismo, ecoaventura, ecocaminhada, turismo suave (<i>soft tourism</i>), turismo natural, de baixo impacto (<i>low impact tourism</i>), nativo, ambientalmente favorável e turismo responsável.
2A.36 TURISMO SEXUAL - Durante muito tempo relutou-se em incluir esse tipo, por acharmos que, segundo a legislação vigente, são contravenções penais as importunações ao pudor, a vadiagem, crimes favorecimento da prostituição, a casa e outras edificações de prostituição, o rufianismo, tráfico de mulheres. Mas a literatura vem usando essa tipologia, BENEVIDES & PRODETUR (1998).
Os principais países emissores de turistas sexuais são Alemanha, Grã-Bretanha, França, EUA, Espanha, Coréia do Sul, Japão. No Brasil, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (BRAPIA) recebeu entre 1997 e 2000 oitenta denúncias de turismo sexual, com o Rio de Janeiro e Ceará, ocupando os primeiros lugares, seguido do Rio Grande do Norte. Embora não haja muitas fontes de dados disponíveis, sabe-se pelos relatos de pesquisa que essa modalidade de turismo vem crescendo, notadamente no Nordeste.
Países pobres apresentam maior taxa do crescimento do turismo sexual, junto com aqueles que utilizam práticas do sexo com crianças e adolescentes para ganhar vitalidade – no caso, os tailandeses que têm este hábito cultural, bem como outros países asiáticos.
O sexo por computador está se expandindo rapidamente. Embora haja mercado de crescimento célere na estimulação sexual computadorizada, cada vez associada com a tecnologia da realidade virtual, maior parte da atividade sexual via computador ocorre em linhas de conversa, seja em <i>chats</i> em salas reservadas ou não, seja com derivação espontânea de interações pessoais, cada vez mais temerosos de contágio e agressão pessoal, indivíduos procuram alternativas para expressar sua sexualidade e, em nossa cultura de superestimação simbólica, o computador oferece avenidas para fantasia sexual principalmente, porque a interação não é visual, as identidades podem ser ocultadas, BENI (2004) e PRODETUR(1998).
2A.37 TURISMO PEDAGÓGICO - Processo de explicar o ciclo produtivo do café, além de outras atividades, como trilhas, para facilitar o aprendizado dos visitantes, passo a passo como o café é cultivado e transformado em bebida. (www.belavistafazenda.com.br . ABAC, (2004)
TURISMO E LAZER: Alimentos e bebidas, arte e decoração, esportivos, artigos para beber, assinaturas, autos e acessórios, bijuterias, câmeras, casa e utilidades, CDs e músicas, curso e educação, eletrodoméstico,

eletrônicos, filmes em DVD e VHS, flores e jardinagens, informática, jóias e relógios, leilão, livros, papelaria e escritórios, roupas e acessórios, saúde e beleza, serviços, telefonia etc. (<http://shopping.uol.com.br> 06/08/2004).

2A.38 TURISMO MÓRBIDO: Eis o que é explorar o turismo mórbido. O conde inglês *Earl Spencer*, irmão da princesa Diana, morta em 1997, planeja transformar o quarto que era de Lady Di em uma hospedagem de luxo. A suíte está localizada em *Northamptonshire*, ao preço de US\$ 57 mil por noite ISTO É Dinheiro (2005).

2A.39 TURISMO FERROVIÁRIO: Passeio turístico histórico cultural de Trem a vapor, ou passeio de Maia Fumaça pelas históricas ferrovias Brasileiras. Na atualidade, o passeio de trem a vapor são grandes atrações que relembram o Brasil colonial e das primeiras Estradas de Ferro construídas em 1852, onde tinham como ponto inicial e final a cidade de Petrópolis (RJ), SCHOPPA (2004)

Quadro 3A - Espécimes vegetais de valor econômico e medicinal

<p>3A.1 CRAVEIRO – Pimenta <i>pseudocaryophyllus</i> (Gomes) Landrum – Arbusto ou árvore pequena de ramos pubescentes enquanto jovens; folhas ovado-oblongas, agudas dos dois lados, até 8 centímetros de comprimento, rígidas, penninervadas, glabras na página superior e sericeo-argenteas na inferior, pedúnculos compridos, axilares, alternos; flores dispostas em cimeiras axilares ou quase terminais; fruto baga ovóide coroada pelos quatro lobos obtusos do cálice. – Fornece madeira dura e aromática; a casca exsuda uma substância aromática; as folhas secas e destiladas dão 6% de óleo essencial aromático e condimentar com a densidade, a 13 °C – 0,949, próprio para perfumaria; os botões florais (“cravinho do mato”) enquanto verdes têm aroma e sabor idênticos aos do <i>Amono</i>, das Antilhas, sendo conhecido no comércio pelos os nomes de “cravo do México” e “pimenta do México”; quando se desenvolvem completamente, os frutos tornam-se muito polposos, açucarados e mucilaginosos, sendo comestíveis e de sabor muito agradável. – Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Syn.: <i>Anga-iba-antam</i> ou <i>Anhayba-atã</i>, dos Guaranys; Canela branca, <i>C. Brava</i>, Chá da Terra, <i>C. de louro</i>, <i>Inhuybatan</i>, decerto corruptela dos primeiros mencionados; Louro da terra. CORREA, PIO; vol. II. 428 p., 1984.</p>
<p>3A.2 ERVA-MATE – <i>Ilex paraguariensis</i> St. Hill. – Árvore, arvoreta ou muitas vezes arbusto, até 15 m. de altura (em Santa Catarina), inteiramente glabra, lenho novo seco de cor cinzento-escura, castanho-escura ou preta, lenho mais velho cinzento, amarelo-castanho ou castanho.</p>
<p>FOLHAS de limbo finamente coriáceo até coriáceo, (3-) 5 – 8 cm de comprimento x (20-) 3,0- 4,0 (4,6) cm de largura, obovada até largamente obovada, margem irregular, sub-distinta, grossa, menos vezes finamente crenadas, ocasionalmente crenado-crenuladas, ápice obtuso ou arredondado, algumas vezes com um múcron curto ou largo, base aguda, longa-aguda ou cuneada, decorrente pelo comprimento do pecíolo, no secar verde, oliváceo-verde ou castanho por cima, mais pálido por baixo, nervuras laterais sub-obsoleteas até aparentes por cima e por baixo, nervuras laterais sub-obsoleteas até aparentes por cima e por baixo, não pontuadas: pecíolos às vezes um pouco gibosos na base 7- 15 (-17) mm de comprimento.</p>
<p>INFLORESCÊNCIAS – Geralmente fasciculadas, nascidas sobre lenho velho, de rebentos totalmente florais, axilares nas folhas.</p>
<p>FLORES FEMININAS 4-5, raramente 6-meras e pediculadas, um pedúnculo curto com 3 flores é muito raro: FLORES MASCULINAS 5,5-7,0 mm de diâmetro, dispostas como as femininas ou às vezes, os lobos ovados, obtusos, eciliados são maiores que o tubo; pétalas 2,0 - 2,5 mm de comprimento x 1,5-2,2 mm de largura, ovados até suborbiculares, nervuras prominentes; anteras ovais mais curtas que os filamentos cilíndricos e engrossados: pistilódios e subglobosos até ovóide, estreitados no ápice, estigma falta; flores ♀ como as ♂ 3 em tamanho e perianto; estaminódios mais curtos que os pétalos, anteras estéreis ovadas até cordadas, muito mais curtas que os filamentos achatados e engrossados na base; ovário ovóide, na 1/5 parte superior estreitados até curto à semelhança do estilete, protuberância estigmática larga, ca. ¼ do diâmetro do ovário, os estigmas semidistintos descem da parte superior do ovário.</p>
<p>FRUTO – Baga-drupa preta quando seca ou menos vezes escuro-vermelho-negra, negra ou opaca, sublísa até rugosa, globosa ou ovóide - globosa, 4,0-5,5 mm de diâmetro, estigma pontuado, discóide-pontuado ou pontuado-subcoronado; mesocarpo copioso, glutinoso. PIRENOS 4, raramente 5, trígonos, dorsalmente 3-7. Estriados - estriadulados e sulcados - sulcatulados, lateralmente igual e profundamente marcados, com 2-5, geralmente 3-pqares de estrias ou sulcos, ventralmente uma estria ou sulco opaco, grosso, duro e protuberante, 3,9-4,1 mm de comprimento x 22-2,7 mm de largura.</p>
<p>NOMES VULGARES – Erva-mate, congonha, congonha, erva-congonha, <i>Ongoin</i>, <i>Caáguacu</i>, congonha-grande, orelha-de-burro, caá, erva-piriquita.</p>
<p>FENOLOGIA – Floresce de setembro até dezembro. Período predominante: outubro. Frutos – maduros: dezembro até março.</p>
<p>OBSERVAÇÕES ECOLÓGICAS – Arvoreta ou árvore vastamente difundida por toda a região dos Pinhais e,</p>

portanto características do Planalto e da formação da Araucária.
Espécie ciofita e seletiva higrófila, cresce preferencialmente nas associações mais evoluídas dos pinhais, onde predominam a <i>Ocotea porosa</i> (Nees) L. Barroso (Imbúia), a <i>Sloanea lasionea</i> K. Schum. (Sapopema) e menos frequentemente nas associações caracterizadas pela <i>Ocotea pulchella</i> Mart. (Canela lajeana).
Prefere terrenos úmidos, compactos e pouco íngremes, onde põe, vezes, formam agrupamentos bastante densa e muito característica, como claramente pode ver nos terrenos planos de Mafra, Canoinhas e Porto União.
Desbastando-se o estrato arbustivo e parcialmente a sub-mata dos pinhais e imbuiais, constata-se paulatinamente o crescimento de um grande número de plantas novas de ERVA MATE, formando aos poucos, denso agrupamentos produzindo os conhecidos "ervais", tão comuns e característicos nos pinhais do 2º Planalto. Nestes ervais as folhas e raminhos da Erva mate são cortados de 3 em 3 anos, para a confecção da "erva-mate, cujo decoto é tomado como chá ou chimarrão, uso muito difundido por todo o planalto do sul do Brasil, Uruguai e Argentina. EMATER/MAZUCHOWSKI (1989)".

Continua...

Quadro 3A - Espécimes vegetais de valor econômico e medicinal (continuação)

ÁREA DE DISPERSÃO - Santa Catarina: Nos municípios de Abelardo Luz, Bom Retiro, Caçador, Campos Novos, Canoinhas, Catanduvas, Dionísio Cerqueira, Faxinal dos Guedes, Jacinto Machado, Mafra, Monte Castelo, Palhoça, Palma Sola, Papanduva, Porto União, Rancho Queimado, São Joaquim, São Miguel do Oeste, Urubici, Videira e Xanxerê.
Brasil: Estados do Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Bolívia, Argentina e Uruguai.
UTILIDADE - O uso desta planta como bebida e estimulante já era conhecido pelos aborígenes antigos da América do Sul. Em túmulos pré-colombianos no Peru foram encontrados folhas de erva-mate ao lado de alimentos e objetos, o que prova seu uso entre os INCAS.
Mate vem da palavra quíchua "matí" significa cuia, cabaça. O uso da cuia e da bomba com que se toma esta erva em infusão ainda hoje é largamente usado.
Os aborígenes brasileiro chamava a Erva de "Caá" (erva) cujas folhas empregavam para prevenir doença e fadiga. Pesquisas modernas encontraram em suas folhas apreciável quantidade de ácido pantotênico tão comum no alimento da rainha da abelha (geléia real).
A exploração do mate no Brasil se deve ao fechamento dos portos do Paraguai pelo ditador Francia, que levou os países vizinhos a procurá-la no Brasil, onde foi desde então (primeira metade do séc. 19) explorado até hoje no sul do Mato grosso, oeste e sul do Paraná, oeste de S. Catarina e norte do Rio G. do Sul.
Propriedades principais do mate são: Estimulante: como tal age benéficamente entre nervos e músculos. Diurético: favorece a diurese, sendo também de grande proveito nas moléstias da bexiga. Estomáquico: facilita as digestões e suaviza os embaraços gástricos. Sudorífero: benéfico nas constipações e resfriados. A cafeína que contém atua em casos de cólicas renais, neurastenia, depressões nervosas, fadigas cerebrais em geral. Facilita o trabalho intelectual. Em uso interno e externo (cataplasmas) curou antrases e úlceras crônicas, (MAZUCHOWSKI, 1989, p. 27-35).
3A.3 CARVALHO-BRASILEIRO - <i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch. O nome popular de carvalho da espécie brasileira deve-se à semelhança de sua madeira com a do carvalho europeu, em dureza e cor. Essa <i>Roupala</i> apresenta, durante o seu desenvolvimento, dois tipos de folha. Quando jovem ou em rebroto, as folhas são compostas, pinadas: com a idade, elas vão-se tornando do tipo simples. O indivíduo pode, também, apresentar ambas as formas.
ECOLOGIA: As flores são polinizadas por beija-flores e insetos. Adequada ao plantio em florestas alternadas ou em capoeirões, com fim de preservação permanente.
DESCRIÇÃO BOTÂNICA: Árvore de grande porte, até 30 m de altura, com fustes retos e longos, de até 1,0 m de diâmetro. Casca castanho-acinzentada, áspera, descamando em placas irregulares. Folhas compostas, pinadas, com folíolos oblíquo-ovados, serrados, em número variável, até a formas simples, alternas, coriáceas, elípticas de bordo serrado, de até 14 cm de comprimento pó 8 cm de largura, tomerntosas, ferrugíneas nas jovens. Inflorescências do tipo cacho de até 20 cm de comprimento. Flores hermafroditas, tetrâmeras, brancas, de cerca de 1 cm de comprimento por 1,4 cm de largura.
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Brasil (Bahia, Minas Gerais e Distrito Federal até Rio G. do Sul), Paraguai e Bolívia.
USOS: Espécie com alto potencial ornamental para paisagismo urbano. Madeira pesada, de 1.080 kg/m³, de cor róseo-violácea até pardo - avermelhada. Usada em construção civil e naval, móveis, marcenaria em geral, peças de resistência e como lenha de boa qualidade.
FENOLOGIA: Floração: outubro-fevereiro. Frutificação: abril-junho.
PROPAGAÇÃO-CULTIVO: Regenera-se bem em matas alteradas. Semeadura imediata logo após a liberação

das sementes dos frutos em canteiros sombreados. Germinação em 10-60 dias. Repicagem para recipientes individuais em 4-6 semanas após a germinação. Plantio definitivo após 9 meses, com crescimento moderado, EMATER/MAZUCHOWSKI (1989).

Continua...

Quadro 3A - Espécimes vegetais de valor econômico e medicinal (continuação)

<p>3A.4 CEREJEIRA - <i>Eugenia involucrata</i> DC. - ARBUSTO ou árvore mediana de 10 a 15 metros de altura com raminhos novos, às vezes pubérulos: hipânito ovarial das flores seríceo. FOLHAS novas comumente vestindo os ramos floríferos, submenbranáceas e evênias, oval-oblongas a oblongas quase sempre um pouco obversas e freqüentemente um pouco acuminadas com o ápice obtuso. Medem de ordinário até uns 6 cm de comprimento por 1-2 de largura com a base cuneada e decorrente no pecíolo de 3-10 mm. Nos exemplares bem adultos ou frutíferos, as folhas são cartáceas, com veias prominulas e proporções maiores, freqüentemente em S. C de 7 cm ou pouco mais de comprimento. PEDÚNCULOS uniflores de 1-3 cm nascendo para as bases desnudas de ramos jovens com uma bráctea tectriz sublinear caduca ou fugaz, de uns 7 mm. As bractéolas florais destes pedúnculos são muito grandes e geralmente estreitas, escondendo os alabraztos; possuem mui freqüentemente forma ovada subcordada de 10 -12 mm de altura, mas não poucas vezes chegam a 15 mm ou muito raramente mais: no altiplano catarinense se observam exemplares com bractéolas muito mais estreitas, ovado-oblongas, parecidas aos sépalos. Estes são oblongos e pouco aguçado-obtusos, retos e obovado-oblonga, bem como os restos da flor: medem freqüentemente 8 - 12 mm de comprimento por 3,5 de largura. FRUTOS oblongos, coroados pelos sépalos endireitados e às vezes com restos das bractéolas em sua base. Método prático de reconhecer a árvore de tronco reto, casca lisa-mulata, com ramos rijos ascendentes, formando copa estreita e alongada, provida de densa folhagem verde-escura de 5 – 10 cm de comprimento. As folhas novas submenbranáceas de coloração verde-clara, cobrindo os ramos floríferos, as bractéolas florais muito desenvolvidas, são características que muito contribuem para a identificação fácil da árvore. Durante a época da frutificação, os frutos glabros, de coloração negro-vinácea quando maduros, de forma obovada ou obovado-oblonga, bem como os restos das bractéolas foliáceas em sua base, caracterizam decididamente esta árvore, REITZ & KLEIN (1996).</p>
<p>OBSERVAÇÕES ECOLÓGICAS – árvore de vasta dispersão por quase todo planalto catarinense, abrangendo a maior parte da Zona dos pinhais e a zona da mata branca, ao longo do Rio Uruguai e seus afluentes.</p>
<p>Espécie seletiva hidrófila, não muito freqüente nas matas primárias, se encontra nas submatas mais desenvolvidas dos pinhais (sobretudo em se tratando de imbuiais) e na mata branca do oeste catarinense, situada em solos úmidos e não muito acidentados. Ocorre ainda nas ilhas de pinhais, existente na Zona da mata pluvial atlântica.</p>
<p>Muito rara nas associações primárias da matas atlânticas, sendo geralmente encontrada na subsera ou fugida do cultivo.</p>
<p>Freqüentemente cultivada por causa dos seus frutos muito saborosos, nos 3 Estados do sul do Brasil.</p>
<p>Área de dispersão - S. Catarina: Nos municípios de Brusque, Caçador, Ibirama, Itajaí, Itapiranga, Jaborá, Lacerdópolis, Lauro Muller, Uruganga, Rancho Queimado, Rio do Sul, São Miguel do Oeste, Turvo e Xanxerê.</p>
<p>BRASIL - Minas Gerais, Paraná, R. Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo.</p>
<p>UTILIDADES - Os frutos são muito saborosos, sendo freqüentemente vendidos nos mercados. Alcançam o tamanho de 13x15 mm a 19x23 mm Seus troncos fornecem ótima lenha. (PIO CORREIA p. 106 -111).</p>
<p>3A.5 CANELA-AMARELA - <i>Nectandra grandiflora</i> Ness. - Lauraceae. Características e potencialidades. Árvore de 15 - 20 m de altura, com 60–m 80 cm DAP. Tronco reto e tortuoso, casca áspera e marrom; ramificações grossas e abundantes, formando copa larga e desinflorada, folhas discoloradas (verdes-escuras em cima e ferrugíneas embaixo). Parece tratar-se de espécies mesófitas, apresentando ampla e expressiva freqüência nas submatas dos pinhais e também nas matas latifoliadas do 2^o e 3^o Planaltos.</p>
<p>MADEIRA - suave e moderadamente pesada, leve para serrar e trabalhar; cor amarelo; utilizada na construção civil, mata-juntas, esquadrias, obras internas, forro, taboado em geral. Pouco se conhece sobre seu comportamento. (p. 223).</p>

3A.6 CANELA-GUAICÁ - *Ocotea puberula* Ness. – Lauraceae. Segundo Reitz, Klein e Reis (1978), árvore de 15 a 24 metros de altura e diâmetro de 40 a 60 cm na altura do peito:

TRONCOS - geralmente bastante retos, cilíndricos: Casca; cinzenta pouco rugosa, esgalhamento largo, porém esparso, formando copa arredonda ou achatada; Folhas alternas, simples cartáceas, subcoriáceas ou coriáceas, as adultas glabras, lâmina elíptica, elíptico-lanceolada, base aguda e ápice mais ou menos acuminado; medem comumente de 10 -12 cm de comprimento e 3 – 4 cm de largura, perlinérvias, com nervuras secundárias distanciadas, em ambas as faces prominulo-reticuladas, pecílo de 2 a 3 cm de comprimento.

INFLORESCÊNCIAS - em densas panículas axilares, bem menores que as folhas, medindo comumente 4 cm de comprimento; FLORES cremes de tépalas largamente ovais; FLORES MASCULINAS com anteras subovais de base truncada, ápice de agudos obtusos; estaminóides abortivos; gineceu diminuto, estéril, estipuliforme; FLORES FEMININAS de anteras diminutas retangulares, estéreis; ovário glabro, subgloboso, de setílete um pouco mais longo que o seu comprimento; estigma discóide, grande negro, CORREA, PIO: vol. II. 428 p., 1984.

Continua...

Quadro 3A - Espécimes vegetais de valor econômico e medicinal (continuação)

FRUTO - uma baga subglobosa, toda exserta de 6 – 7 mm de diâmetro, mucronulada no ápice, de cúpula planas e pequenas, coroadas pelos rudimentos de perianto; pedículo muito engrossado”.

FENOLOGIA - Floresce durante os meses de maio a agosto, frutificando no verão, principalmente nos meses de novembro e dezembro.

DISPERSÃO - Árvore de ampla dispersão no Estado do Paraná, sendo porém mais expressiva na região de ocorrência do pinheiro-do-paraná e na meia encosta atlântica da Serra do Mar. No Brasil, é encontrada desde o Rio de Janeiro até o R. Grande do Sul.

DESCRIÇÃO DA MADEIRA - Cerne e albúrnio indistintos, com coloração creme-acetinada: grã-direita irregular a reversa, textura média, brilhante; gosto e odor indistinto. A 12% de umidade apresentou peso específico em torno de 0,45 g³m (madeira leve). Sua retratibilidade e resistência mecânica apresentaram resultados baixos. Resiste moderadamente ao apodrecimento e a insetos. Apresenta dificuldade quanto ao tratamento com produtos preservativos.

EMPREGO - A espécie não apresenta problema no desdobro de toras, porém é difícil de plainar e lixar dando um acabamento superficial ruim (áspero e felpudo), em consequência da grã, o que limita o seu uso. Pela sua resistência mecânica, podem ser utilizadas na construção civil leve, construções internas, marcenaria, móveis baratos, caixões de carroça e embalagens em geral, EMATER/MAZUCHOWSKI (1989).p. 55-61.

XAXIM - *Cyatea* sp.- Arbórescentes, CAUDICE com raizame adventício, de um palmo até 1 m de diâmetro, e até cerca de 5 m de altura, no alto densamente revestido de cerdas longas amarelo-ruivas; PECIOLOS – robustos na base com tufo de cerdas amarelo-ruivas, mais para cima pilosos quando novos, depois glabros, angulosos, de poucos cm a um metro de comprimento por vezes; LÂMINAS coriáceas rígidas, oblongas, na face inferior finamente pilosas depois perfeitamente glabras, tripinatisssectas até 1,60 m x 0,50 cm; PINAS sésseis, imbricadas e um pouco segregadas, alongado-lanceoladas, acuminadas, as inferiores mais ou menos encurtadas; PÍNULAS sésseis lineares, ereto-patentes, contíguas, quando estéreis profundamente pinatipartitas, quando férteis pinatisssectas ou pinatipartitas até uma ala estreitíssima, 4,5 x 1cm, sendo as férteis um pouco mais estreitas; SEGMENTOS crenados-serrados; NERVURAS livres pinadas nos segmentos, 4 – 5 de cada lado, simples ou as inferiores furcadas; SOROS abundantes acobertados por indúcio semi-orbicular duro, extroso e por alva de crena da margem introsa; ESPOROS tetraédricos, 40- 47,5 micra. **Nome vulgar** – xaxim, xaxim-bugio.

OBSERVAÇÕES ECOLÓGICAS – Estas crescem preferencialmente em lugares pantanosos nas serras da região, também em encostas serranas excepcionalmente em banhados das baixadas. Nos campos de cima da serra em araucarietos por vezes forma uma matinha de andar inferior com troncos grossos e geralmente com outros fetos crescendo nela como epífitos. O crescimento desta espécie é muito lento por isso os troncos altos e grossos certamente levam centenas de anos para se formarem. É uma espécie inconfundível pelo tronco com camadas mais ou menos grossas de raízes adventícias. Na região, o substrato é usado para a cultura de orquídeas. Estado do Paraná, Lapa, S. J. dos Pinhais, Curitiba, Guarapuava, Piraquara, Ipiranga, Campo Largo, Terra Boa e outros.

ÁREA DE DISPERSÃO - Guatemala, Venezuela, Equador; Brasil; S. Catarina, R. G. do Sul, Paraná, S. Paulo, R. de Janeiro e Minas Gerais. Mais de 100 espécies das quais umas 50 da América, umas 25 africanas e malgaches e mais de 40 espécies da região do Pacífico e Ásia austral, CORREA, PIO; vol. II. 428 p., 1984

Quadro 4A - Descrição dos locais estudados

<p>4A.1 VIVAT FLORESTA PARK - Localiza-se no distrito da Lagoa, no município de Tijucas do Sul. A edificação que abriga a sede administrativa é de construção recente (1999). Integrado com o ProAção/PUCPR (Programa de Ação comunitária e ambiental, integrados com o corpo docente e discente da PUCPR) que na sua filosofia possibilita o exercício da cidadania, com trabalhos voluntários, trazendo ação para a comunidade composta por um centro de atendimento médico, hospitalar, veterinário e de assistência social, além de quadras poliesportivas e vestuário.</p>
<p>Funciona com escritório na sede da Instituição Filantrópica Sergius Erdelyi - IFSE, com ótima infra-estrutura com acervos e informação técnica e científica para consulta de qualquer pessoa interessada(s) (PUCPR, 2003).</p>
<p>4A.2 MUSEU “SERGIUS ERDELYI” - Em suas atividades, os serviços turísticos, para contato dos visitantes são realizados em contato com a Instituição.</p>

Continua...

Quadro 4A - Descrição dos locais estudados (continuação)

<p>Situado na sede do VIVAT FLORESTA PARK. Distrito da Lagoa. Construção moderna com 200 m², idealizada pelo próprio artista⁴⁰, pátio de enormes proporções. Encontra-se em exposição permanente uma riquíssima coleção de artes com técnicas diversas como: colagem, pintura a óleo, película no vidro, acrílico, acrílico e colagem sobre isopor, óleo sobre <i>cartoon</i>, laca sobre madeira, arte de computação gráfica, pinturas digital, acrílico sobre fórmica, pigmento e acrílico sobre fórmica, pigmento acrílico sobre vidro, acrílico sobre poliéster, óleo sobre fórmica, laca sobre papel, acrílico sobre eternite, acrílico sobre pano, acrílico sobre vinil, mosaicos de vidros, mosaicos de vidro sobre alumínio, pintura hinterglas e mosaicos sobre vidros Distingue-se como uma das mais importantes edificações do conjunto arquitetônico. Imensa beleza a guardar dezenas de ilustrações reproduzidas os fantásticos incalculáveis obra artística; cuidados infinito e grandioso das representações maiores e o maravilhoso dos pormenores. O museu é a simbologia da beleza que envia ao presente um cartão de apresentação.</p>
<p>Onde o brilho das cores penetra na alma e aí deixa a doce luz do verbo que “<i>ere no princípio</i>” e que “<i>se fez carne</i>” e que aqui se faz o vidro e cor e luz, apud Diniz Mikosz. SERGIUS ERDELYI (1997. 156 p.).</p>
<p>4A.3 CETAS - Centro de Triagem de Animais Silvestres, a sua construção e inauguração são do ano de 1999; parceria integração estabelecida entre IBAMA, Sociedade Paranaense de Cultura - SPC, Pró-Reitoria da PUC-PR e a Instituição Filantrópica Sergius Erdelyi-IFSE, <i>Vivat Floresta Sistemas Ecológico</i>, (2003, p. 32). As primeiras ações a fomentar as atividades foi a partir de julho de 1999. Atividades de receber animais da fauna apreendidos em operações de fiscalização ambiental, estes das classes: Aves; Mamalias; Reptilias - com uma vultosa quantidade de indivíduos, diversidade de família, ordem e subordem. A unidade se dar como pioneira em colaborar no recebimento e cuidados veterinários dos animais vítima do tráfico dos exemplares da fauna Brasileira apreendidos pelos órgãos de fiscalização Ambiental federal, estadual, municipal e colaboradores. Dar-se nesta unidade o aprendizado de técnicas e práticas científicas para os cursos da PUC-PR, além de contribuir com o treinamento, a outras instituições nacionais e internacionais. Após a recuperação, tratamentos são posteriormente encaminhados para Instituições com perfil adequado como: Zoológicos, Parques, Universidades, Criadouros e Soltos no ambiente natural condizente. Atividades com trilhas teleguiadas, observações de animais silvestres no ambiente natural, Paisagem das vegetações nativas, reflorestamento, paisagem da Serra do Cabral, nascentes, mirantes, educação ambiental e ecoturismo com orientação e técnicas didáticas e pedagógicas sobre os ecossistemas regionais.</p>
<p>4A.4 CONJUNTO ARQUITETÔNICO - Museu Sergius Erdelyi. O acesso utilizado as edificações estar a simbolizar o amor dedicação e trabalho, duração, extensão, onde cuidados inumeráveis em revelar suas prodigiosas inspirações sacras, fabulosas legado a comunidade local e a região. As integrações simbólicas, o ápice da fé. Estar o Museu Sergius Erdelyi; localizada em um conjunto arquitetônico de estilo específico do artista com a Praça “CRONUS SOLARIS”, representada por figuras escalonares, obeliscos, jardins e a Ermida esta construída em pedras de granito com sua beleza sacra com vitrais e ajardinamentos. Em todo este bellissimo conjunto mantém seus sítios/plantas, basicamente com os mesmos de estilo de construção harmonizando toda a paisagem local e natureza regional. Todos integrados em um mesmo sitio turístico - Sede Administrativa, Museu, Ermida, Quadras Poli-esportivas, Lago, Vestuários, Residências Acadêmicas e</p>

⁴⁰ Sergius Erdelyi nasceu na Antiga Iugoslávia, atual Sérvia e Montenegro, em 1919. Formou-se em Eng^a. Mecânica e está radicado no Brasil desde 1953. Tem também estudos no campo artístico, realizado em Viena e em Zagreb. Apresenta suas obras em diversas exposições coletivas no Brasil e no exterior; é uma das atividades apresentar obras de arte (vitrais, esculturas e pinturas); possui obras em acervos de museus e de coleções particulares no Brasil e em vários países, entre os quais Áustria, Estados Unidos e Alemanha.

Alojamento Universitário, Residências para Professor, Pesquisadores, Refeitório, Auditório e Salas de Conferências.
4A.5 TRILHAS TURÍSTICAS DE OBSERVAÇÃO CIENTÍFICA - A trilha é a maneira mais adequada para que cada visitante conheça e aprenda a respeito de ambiente, dos ciclos naturais, do solo, condições climáticas, plantas e animais. Através de métodos interpretativos com guia e interprete.
O Espaço direcionado para atividade turística com – atrativos turísticos, equipamentos e serviços indispensáveis ao desenvolvimento da atividade e infra-estrutura de apoio turístico e atrações. Trilha da Serra do Cabral – Interpretativa, com umas extensões variadas, divide-se em quatro (4) percursos: a) Trilha da nascente – extensão de 1.700 m; b) Trilha do Mirante – extensão de 3.150 m; c) Trilha da Serra do Cabral - extensão de 7.00 m; d) Trilha Científica e de observação – extensão de 8.000 m; com percurso maior e com objetivos de observações de animais e contemplação da paisagem.
SENAC (1999) - As trilhas são extremamente importantes em qualquer área protegida e raramente recebem atenção que necessitam nas áreas protegidas e locais ecoturísticos ⁴¹ novos e em desenvolvimento.

Quadro 4A - Descrição dos locais estudados (continuação)

4A.6 CAPELA DE SÃO FRANCISCO - Está localizada em área restrita. Edificada com rochas da região - granito, em estilo do próprio do artista Sergius Erdelyi, obedecendo a parâmetros da sua convicção e possui o partido tradicional das obras e construções locais. Seu interior é rico, mas despojado de ambição, destacando as obras da nova fase do artista, em sua inspiração essencialmente franciscana a natureza, a dedicação ao trabalho, ao homem e a inspiração mística. Singela e aconchegante, a capela de São Francisco, apesar de não possuir luxuosos ornamentos que possam lhe conferir notoriedade, pode-se considerar um legado de fé e devoção de uma parcela menos abastada da população local e regional.
4A.7 VIVEIRO FLORESTAL - Com aplicação de técnicas integradas ao centro de pesquisa florestal, com a Casa do Mel. Com estrutura e logística de instalações completas, escritórios, área de preparos de ensacamentos de embalagens, depósitos almoxarifados, ferramentas, canteiros de mudas em quarentenas, estufas totalizando em torno de 2.000 m ² de áreas utilizadas para estas atividades. Desde julho de 2000 está registrado e licenciado como produtor de sementes e mudas pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná – SEAB. Objetivo como desenvolvimento de atividades didáticas, pesquisa para os cursos de Agronomia e de áreas afins, cursos de extensão universitária com difusão nas escolas locais, regionais e programas comunitários. Capacidade de produção de 75.000 mudas anual das espécies nativas Araucária angustifolia dentre outras com apoio operacional e integração com a PANAGRO.
4A.8 SETOR DE APICULTURA - A casa de mel está localizada às margens de um lago próximo aos bosques florestais. Na atualidade realizam o processamento e manipulação do mel coletado, centrifugado e comercializado com os produtos apícolas, própolis e derivados. Obedecem-se as exigências do Ministério da Agricultura e o sistema de Inspeção Federal. Neste local são desenvolvidas atividades relacionadas às práticas apícolas, nos laboratórios para experimentação – aulas teóricas e práticas com integração aos cursos de Zootecnia, veterinária. As abelhas são da espécie <i>Apis mellifera</i> , e abelhas silvestres da fauna regional.
4A.9 LABORATÓRIO DO PROJETO PELD/CNPq - As atividades desenvolvidas em conjunto com o Programa Brasileiro de pesquisa de longa duração - PELD/CNPq; com objetivos específicos de promover a pesquisa e integram-se as redes de <i>sites</i> que compõem os principais ecossistemas brasileiros principalmente o de mata atlântica, como as florestas de Araucárias, Florestas Ombrófila Mista e áreas de transição na região de Tijuca do Sul – com estudos constantes de uma rede amostral e parcelas permanentes em remanescentes primários, secundários, sucedâneos aos plantios de <i>Pinus</i> sp. Trabalhos estes desenvolvidos nas áreas do <i>Vivat</i> Floresta Sistemas Ecológicos.
4A.10 VEGETAÇÃO E PAISAGEM - Características Gerais – do total da área do <i>Vivat</i> Floresta Sistema Ecológico, 5.084 hectares, corresponde as Florestas nativas e plantadas. Situa-se sobre o Primeiro planalto Paranaense, na região de domínio da Floresta Atlântica (<i>sensu lato</i>). Com predomínio da formação da Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária), nos patamares Montano e aluvial. Na porção oriental Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Ombrófila Densa e Floresta Ombrófila Densa Alto Montana. Os principais acessos são pelas rodovias BR 376 e Rodovia PR 281. a região apresenta um mosaico entre alguns relictos primários, com espécies de valor nobre como Imbuia (<i>Ocotea porosa</i>) e o Sassafrás (<i>OCOTEA ODORIFERA</i>), Vegetação secundária, reflorestamentos de <i>Pinus</i> spp., <i>Eucalyptus</i> spp., <i>Araucaria angustifolia</i> , com áreas de pastagens.
PAISAGEM - Em sua maior parte o Estado do Paraná é formado de escarpas de extratos e planaltos que declinam suavemente em direção W e NW. Paisagem de “cuestas” abrange o complexo cristalino abaulado num arco aberto em direção leste. A capital do estado do Paraná representa o planalto de Curitiba, Primeiro Planalto, topografia ondulada até montanhosa, limite entre mato e campo, é drenada por rios de meandros que transpõem a escarpa devoniana por meio de portas de rompimento. (Durchbruchspforten, watergaps e/ou

⁴¹ Descrever umas três ou quatro referências. Unificar.

boqueirão) e de canais subterrâneos, Maack (1981). Ao percorrer paisagens e os diversos meio ambientes o ser humano realiza um corte com a natureza em seu estado “puro” ao interpretar e relatar o que viu. A Natureza, quando observada por olhos humanos, é medida pela cultura. As paisagens e os ambientes percorridos não são apenas os naturais, mas também os culturais; paisagens urbanas, naturais ou híbridas povoam a terra. Qualquer descrição da mais simples natureza pode ser feita sob enfoques culturais, artísticos, científicos ou mercadológicos, acontece com as viagens e o turismo (CORIOLANO, 1998).

Quadro 5A - Descrição do mapa turístico municipal e regional

<p>TIJUCAS DO SUL - Estado do Paraná, sua história conhecedora dos caminhos, Cabeza de Vaca, em outubro de 1541 a costa de São Francisco do Sul, com 250 homens, 26 cavalos, atingiu o curso superior do rio Iguaçu, na região de Tindiquera, hoje Araucária no dia 1^o de dezembro. O grupo atravessou os Campos gerais. Seguiu então o ramal do Peabiru (trilha indígena) em direção oeste. A tropa descansou nas nascentes do rio Cantu. Em seguida Cabeza de Vaca abandonou o caminho do Peabiru e, tomando um ramal (indígena que do litoral paulista chegava-se a Bolívia e Peru) para o sul, transpôs o alto Piqueri e o rio Cobre, atingindo em janeiro de 1542 o rio Iguaçu nas proximidades da foz do Cotejipe. As rotas utilizadas por estes desbravadores que saindo de Santa Catarina a atingir os campos do Planalto⁴² Paranaense consequentemente o Caminho dos Ambrósio, que em Santa Catarina tinha a denominação de “Estradas das Três Barras”. A trilha indígena ser a primeira ligação entre os campos do Rio Grande do Sul-RS e Sorocaba-SP. Os campos (Ambrósio) atingiam os limites da atual São José dos Pinhais na propriedade do Sr. Júlio Moreira a denominada com denominação de; “Senhor Bom Jesus dos Perdões – Bairro de São José dos Pinhais”. O caminho foi utilizado oficialmente na Revolução Federatista. Quando a terceira Brigada de artilharia adentra o caminho saindo de Santa Catarina para combater os revoltosos no ano de 1893. Tijucas do Sul - Travou-se os combates em 11 a 19 de janeiro de 1984. Os primeiros habitantes da região são do século XVII, em busca das atividades auríferas e criação de gado. Em 1882 foi estabelecida a freguesia de Ambrósio, 1893 foi palco da revolução federalista.</p> <p>A cidade teve sua emancipação no ano de 1951, Lei Estadual Nº 790 de 14 de novembro do ano de 1951. Desmembrada da São José dos Pinhais, recebendo o nome de Tijucas do Sul (Tijucu), lugar de solo mole, pantanoso, atoleiro, charco, pântano, lameiro. População – total de 12.616 habitantes dista 56,1 quilômetros de Curitiba, atividades econômicas principais; agricultura, pecuária, silvicultura, turismo. Área do município 686km². Dividida em distritos regionais, apresentando um perfil com adequação para o turismo rural, totalizando 23 distritos com infra-estrutura e socioeconomia com aproveitamento dos recursos regionais com desenvolvimento integrados as atividades para o manejo florestal e silviculturais, produtos madeireiros, reflorestamentos de <i>pinus spp</i>; e agropecuária. A hidrografia localizada - Alto Rio Negro Paranaense, drenada pelos rios: Várzea, Rio Negro, e Rio São João, estes são os principais.</p> <p>A cidade dispõe dos serviços turísticos: festas populares, bancos, comércio, festas religiosas, restaurantes, Escolas, praça, artesanatos - produtos regional, posto de gasolina.</p>
<p>5A.1 IGREJA MATRIZ - Construída na década de 60, em estilo basilical. Em seu patrimônio a arte sacra, é uma preciosidade de Vitrais e Mosaicos – no total de 43, retratam a vida de Nossa Senhora das Dores como a iconografia religiosa, numa obra do artista plástico Sr. Sergius Erdelyi. Horário de visitação é livre. A Igreja esta situada na Praça Central da cidade. Igreja simples e despretensiosa, pequena Paróquia ao lado da Serra do Cabral, pé de Serra, sopé da Serra do Mar. Encontra-se uma das mais preciosas coleções de mosaicos em forma de vitrais. As obras de inspiração religiosa legado para a comunidade, para região e para o Estado do Paraná, tesouro de arte e oração.</p>
<p>5A.2 CENTRO ADMINISTRATIVO MUNICIPAL - As edificações que abrigam os Centros administrativos Municipal, Culturais, Legislativo, secretarias, bibliotecas e escolas, mantêm-se em pleno funcionamento. Na atualidade em bom estado de funcionamento, segundo especificações técnicas, preserva as características originais da época de sua construção e emancipação do município, ocorrido desde a década de 50.</p> <p>Em estilo simples da época, erigido sobre estruturas de alvenarias, guarda no seu interior a história dos feitos heróicos, focos da resistência legalista durante a revolução em 1894. Tijucas do Sul, elo do CAMINHO DOS AMBRÓSIO, utilizado oficialmente por brigadas de artilharia, oriunda de Santa Catarina, a estar no comando Gumercindo Saraiva, invade o Paraná, travou-se combates diários de 11 a 19 de Janeiro de 1984.</p> <p>Sua importância destaca-se no conjunto arquitetônico central contribuindo para que Tijucas do Sul ofereça aos seus visitantes, pesquisadores um laboratório vivo na história e na cultura.</p>
<p>5A.3 ARTESANATOS - As atividades referentes ao artesanato local, produzidas em Tijucas do Sul, refletem a cultura oriunda dos povos a serem os tropeiros, místicos eslavos, caboclos com a influência do trabalho agrícola.</p> <p>As atividades estar junto a Associação de Proteção à Maternidade e à Infância - APMI; onde produzem</p>

⁴² MOREIRA, Julio Estrela – Caminhos das comarcas de Curitiba e Paranaçuá.

cestarias, confecção, vasos, adornos em geral, acolchoados, brinquedos, geléias e pequenos objetos em madeiras. Estes produtos ficam a cargo da secretaria de Bem Estar Social, além do Centro de Artesanato na BR 276, portal de entrada de Tijucas do Sul, que vem desenvolvendo belíssimos trabalhos em cestarias, argila, confecção, conservas e produtos alimentícios dentre outros, ganhando destaques e qualidade estética de suas peças. O artesanato produzido na Tijuca encontra-se exposto na Secretaria de Bem Estar Social e no centro de atendimento ao visitante.

Continua...

Quadro 5A - Descrição do mapa turístico municipal e regional (continuação)

<p>5A.4 HOSPEDAGEM - <i>La Dolce Vita</i>. Os entretenimentos e lazer - hotéis cenários de natureza e conforto, parque náutico, barcos a remo, caiaques, equipamentos para pescarias, trilhas, eventos, convenções, encontros e treinamentos e localização privilegiada.</p> <p>Villa Passaredo - Hotel Pousado, infra-estrutura de lazer com piscinas, saunas secas e úmidas, salão de jogos, trilhas e quadras esportivas, arvoredos, rapel, ginásio de escaladas, tirolesa, atividades de treinamentos e eventos; e acampamentos, escaladas <i>indoor</i>, ampla área verde.</p> <p>Verdelicia Alimentação Orgânica - Chalé Estância - BR 376. Estância Mangrullo - quilômetro 624; Posto Monte Carlo I. Parque Araçá - Área com camping, localizada no pé da Serra da Araçatuba, trilhas Ato-guiado, prática de montanhismo, piscinas natural dentre outras atividades radicais e ecológicas. Haras Cartel - Hotel Fazenda, dispõe de excelente infra-estrutura para lazer e programas especiais de treinamentos de escolas e empresas.</p>
<p>B) DANÇA DE SÃO GONÇALO - É de cunho essencialmente religioso, quase sempre em pagamento de promessas, expressando de forma especial a devoção de São Gonçalo, com duas formas distintas de danças devocionais: do litoral e do interior. O litoral, ao som de violas e rebecas, cordas e caixa, valsado e solene, executada por pares. O do interior, caso de Tijucas do Sul - PR, dançado ao cumprimento de promessas ao som de duas violas, com alternância e reverências ao altar, palmeados e sapateados, dançadores organizados em duas filas, durante a função toda uma noite.</p>
<p>C) CAMINHOS DOS AMBRÓSIOS – O caminho, em Santa Catarina, tinha a denominação de “Estradas das Três Barras”. A trilha indígena foi a primeira interligação entre os campos do Rio Grande do Sul - RS e Sorocaba-SP. Foi utilizada pelos tropeiros que faziam o comércio do gado. As terras de sesmaria foi a primeira concessão de terra dos Ambrósio, hoje a cidade de Tijucas do Sul – PR. Estes campos (Ambrósio) atingiam os limites da atual São José dos Pinhais na propriedade do Sr. Júlio Moreira a denominada de; “Senhor Bom Jesus dos Perdões” – Bairro de São José dos Pinhais. As principais atividades são a criação de gado e engorda por haver comércio em Curitiba e na Província de São Paulo. Objetivos deste caminho conduzir as primeiras tropas de gado vindas do Rio Grande do Sul à Sorocaba-SP. O caminho foi utilizado oficialmente na Revolução Federalista. Quando a terceira Brigada de artilharia adentra o caminho oriundo de Santa Catarina para combater os revoltosos no ano de 1893. Tijucas do Sul⁴³ - Travaram-se os combates em 11 a 19 de janeiro de 1984.</p>
<p>D) AMBRÓSIOS - Ponto histórico – onde inicia a entrada da antiga trilha (Caminho dos Ambrósios). Neste Distrito, com uma população em torno de 100 famílias, encontra-se um casarão de madeira, em estilo polonês; há uma tradicional capela, onde os moradores cultuam Nossa Senhora Aparecida.</p>
<p>E) ALTO DA SERRA - Um pequeno distrito, comunidade Cultuam em sua capelinha Nossa senhora do Rocío. Região com belas paisagens nas proximidades do primeiro planalto Paranaense; apresenta um belo panorama da paisagem.</p>
<p>F) CAMPESTRE - Este distrito dista 7 quilômetros da sede do município com boa infra-estrutura, como: pesque-pague Bom Jesus (tanques de pesca), lanchonetes, áreas de lazer, uma comunidade bem organizada - 390 famílias. As festas religiosas que cultuam ao Sr. Bom Jesus é considerada a segunda mais importante da região. Salão paroquial com boa infra-estrutura para receber os visitantes.</p>
<p>G) CAMPINA - Este Distrito também uns dos bens estruturados, habitação esta em torno de 200 famílias, com a Capela de São Cristóvão, com infra-estrutura ótima, salão paroquial, churrasqueira. Algumas atividades estão relacionadas com as indústrias que estão se instalando no local.</p>
<p>H) CAMPO ALTO - Estância Terras Altas, localizada na BR 376, quilômetros 669 (Tijucas do Sul), sentido Joinvile Curitiba. Realiza atividades integradas com hospedagens, trilhas nas matas nativas, riachos cachoeirados, quedas d'águas, dentre outras atrações naturais.</p>
<p>Haras Cartel Hotel Fazenda (Tijucas do Sul). Com serviços de restaurantes, bares executivos, salão de festas</p>

⁴³ Tijucas do Sul (Tijuco), lugar de solo mole, argiloso, pantanoso, atoleiro, charco, pântano, lameiro.

e de eventos, programas de treinamentos para escolas e empresa, atividades de cavalgadas noturnas, passeio de Jipe, corrida de aventura, tiroleza, rapel. Arena para leilões e eventos, pista hípica (provas de marchas), balizas, tambor, rodeios esportes diversos, pistas para treinamentos, chalés suítes, vaquejadas e provas funcionais.

I) CHACARA RAUTH - Localizada na BR 376, quilômetro 668, sentido Joinvile – Curitiba. O Capril Campo Alto localiza-se neste Distrito de Campo Alto. Produção de laticínios de caprinos, trilhas, caminhadas, cursos de manejo com caprinos, fabricação de queijos e derivados.

Quadro 5A - Descrição do mapa turístico municipal e regional (continuação)

J) CANGOERA - Região com belezas cênicas inquestionáveis, panorama amplo do primeiro planalto Paranaense. Capela de São José em estilo de construção que possui o partido das igrejas antigas do século XIX, apesar da sua dimensão e simplicidade. Apresenta boa infra-estrutura para receber os fiéis e visitantes. Comunidade em torno de 180 famílias; considera-se um Distrito bem estruturado.
L) CÓRREGO DAS PEDRAS - Com uma pequena comunidade em torno de 15 famílias. Os festejos religiosos neste distrito realizam-se na Capela de São João batista, com infra-estrutura do salão paroquial.
M) FAGUNDES - Distrito simpático, com uma comunidade em torno de 180 famílias. A capela do local é a de São Sebastião, bem estruturada; apresenta infra-estrutura adequada para recepção dos fiéis em seus festejos no salão paroquial.
N) FAZENDINHA - Neste distrito os moradores cultuam Sant'Ana; local simples, com infra-estrutura adequada para as festas religiosas com salão paroquial.
O) FLORES - Comunidade em torno de 30 famílias. A Capela do Senhor Bom Jesus. Segundo o Sr°. Vigário Padre Rener, é uma das capelas com maior frequência pelos fiéis na região; o culto ao padroeiro do distrito é considerado uma das festas mais freqüentadas. Apresenta boa infra-estrutura e grande salão paroquial para recepção aos fiéis.
P) GAMA - Neste distrito os festejos são na Capela de Nossa Senhora dos Milagres; apresenta boa infra-estrutura de salão paroquial para recepção dos fiéis. Comunidade organizada e interessada em desenvolver atividades lúdicas para a comunidade, além de pesque-pague - Wile e outras atrações.
Q) LAGOA - Localizada no Pé da Serra do Piador. Distrito de belas paisagens, ótima infra-estrutura. Pode-se considerar um dos mais bem estruturados. A capela de São Antônio apresenta uma boa infra-estrutura, ótimo salão paroquial para recepção dos fiéis, além de ser umas das capelas distritais mais festejadas na região. Além de áreas de lazer, ProAção/PUCPR, áreas de recreação e pesque-pague do Wile, dentre outras atividades.
R) LAGOINHA - Distrito relativamente um dos mais habitados, em torno de 300 famílias, bem estruturado. Festeja-se na Capela de São Pedro as festas sacras do Distrito; considerada umas das mais freqüentadas, além de fogueiras, quadrilhas, a infra-estrutura existente é considerada ótima para recepção dos fiéis, casa paroquial, salão de festas, churrasqueiras para integra-se as alegorias diversas. Como ponto turístico o casarão antigo dos poloneses, construída toda em madeiras.
S) MATULÃO - Trilha municipal Serra da Araçatuba – A trilha tem extensão de 3.600 m e altitude de 1.680 m; visitaçao convencional e ecologicamente orientada e sinalizada. Trilhas de diferentes graus de dificuldade, acompanhadas de condutores. Saída da chácara Parque Araçá, localizada na base da Serra da Araçatuba, disponibiliza infra-estrutura de camping e hospedarias. Paisagens exuberantes e vista de panorâmica da paisagem. Região de relevo íngreme com fragmentos de Floresta Ombrófila Densa Montana, e porções em estágio inicial e intermediário de sucessão.
T) PAPANDUVA - Neste distrito, considerado também como um dos mais bem organizados, além de sua infra-estrutura encontra-se a Capela de Nossa Senhora do Carmo, com bom salão paroquial e outras atrações para os festejos religiosos. Uma comunidade em torno de 200 famílias.
U) PINHAL DOS BORGES – Pequena comunidade, em torno de 20 famílias. Com a capela de São Miguel e salão paroquial para recepção dos fiéis.
V) POSTINHO - Um dos distritos com bom contingente populacional, em torno de 300 famílias. Encontra-se a capela de Nossa Senhora dos Milagres, com boa infra-estrutura, e ótimo salão paroquial para recepção dos fiéis, além de atrações turísticas naturais, como: Cachoeira da comunidade do Postinho.
X) RIBEIRÃO DO MEIO - Neste distrito está localizada a Capela de São Vicente de Paula, com boa infra-estrutura para recepção dos fiéis, considerado mediano, com 40 famílias.
Y) RIO ABAIXO - Nesta comunidade cultua Nossa Senhora da Luz, com ótimo salão paroquial para recepção dos fiéis. Nesta comunidade os moradores são produtores de vinho, e sucos de frutas, como maracujá, além de apresentar outras atrações como grandes empreendimentos turísticos, Pousada Passaredo etc.
Z) RIO DE UNA - Neste distrito festeja-se o Sagrado Coração de Jesus; apresenta boa infra-estrutura, com salão paroquial para a recepção dos fiéis, comunidade mediana, em torno de 100 famílias, além de outro empreendimento turístico sofisticado na região, como: <i>La Doce Vita</i> .
AI) RODEIO - Capela do Monge - No trecho que seguia do Rio de Una até o rio Três Barras, nascente de o Olho-d'água, historicamente um monge que se saciou bebendo nesta fonte; hoje, Capelinha do Monge. Seguindo para a localidade dos Ambrósios, (Fazenda do Sr. Nhonho Camargo), até a Serra do Quiriri, Serrinha, Distrito de São João do Piraí, Estrada do Cambajuba, chegando à Estrada antiga do antigo cemitério dos Martins, Piraizinho, Plantio de <i>Pinus</i> spp. - CONFLORESTA, para alcançar o vão de passagem já as margens do rio Piraí-Guaçu Continuam em direção aos limites dos municípios de Rio Negro, limites dos Estados Paraná e Santa Catarina, para o alto Quiriri, onde se pode encontra a pavimentação em pedras do Caminho dos Ambrósios e especificamente Campo dos Ambrósios.

Quadro 5A - Descrição do mapa turístico municipal e regional (continuação)

BI) SALTINHO - Conhecido também como recanto do Saltinho – dista 14 km de Tijucas do Sul – foi um dos mais importantes pontos turístico da região. Na atualidade encontra-se em decadência. Com uma infraestrutura deteriorada e em processo de decadência, recebe pouca visitação, mas tem bosque florestado lago, quedas d'águas. Hidrografias drenadas e alimentadas pelos rios da Várzea e São João. Áreas de camping e outras atrações. Nesta comunidade festeja-se Nossa senhora de Fátima; capela com salão paroquial e boa infra-estrutura para visitantes.
CI) TABATINGA – Portal de entrada de Tijucas do Sul. Considerado um dos distritos mais industrializados; também se festeja a fé de Nossa Senhora do Rocio.
DI) XAXIM – Considera-se um dos menores distritos do município de Tijucas do Sul, uma das principais atrações é o festejo a São José pelo mês de março. Dentre os festejos esta capela é uma das mais dinâmicas e com boa infra-estrutura de salão paroquial para os festejos da comunidade.
EI) VOSSOROCA – Represa localizada nas margens da BR-376. Atrativos da Represa com paisagens da vegetação originária e da vegetação primária em processo de regeneração. Recreações turísticas, como contemplativos, observação de aves, animais, pesca, trilhas ecológicas interpretativas. Aluguel de casa para fins de semanas, barcos e lazer náutico. Estância Mangrullo; com serviços de hospedagens, camping, esportes náuticos, <i>jetski</i> , passeio de barcos, pescarias; localizada às margens da represa Vossoroca.
FI) SÃO JOÃO DO PIRAÍ - Cachoeira do Abarracamento e belas paisagens da serra, isto é, do primeiro Planalto Paranaense.
GI) VERDELÍCIA - Localizada na BR 376, quilometro 641 (Tijucas do Sul, sentido Joinvile Curitiba). Realiza atividades integradas com agricultura orgânica, alimentação natural, serviços de restaurantes, café colonial. Quadra de esportes, lagos e belezas e paisagens trilhas, passeio e culto a natureza, com visitação a paisagens florestais naturais.
HI) ERVATEIRA – A fábrica de erva-mate está localizada no distrito de Tabatinga (Descrição).

Fonte: O autor (2005)

Quadro 6A – Eventos, Programas e Acontecimentos.

Nominação:
1. Turismo Religioso nas comunidades - Tabela 14, pág.; Quadro 02 pág.; número 35.
2. Festa do Carneiro - Igreja Matriz. Data: mês de maio, segunda quinzena.
3. Festa de Inverno - Data: mês de julho.
4. Festa das Flores. Data: mês de agosto.
5. Feira do Livro - Secretaria de Educação Municipal, mês de setembro.
6. Festa do Aniversário do Município - Período 14 de Novembro.
7. Festival de Música Popular e Sertaneja de Tijucas do Sul. Período novembro.
8. Festa Religiosa em homenagem a Nossa Senhora Das Dores data: mês de setembro.
9. Realizações Diversas - Estas com atividades nos Distritos que integram o Município.
10. Festas Etno-Culturais - Eventos promovidos pelos grupos folclóricos e religiosos. Os Tijuquenses; festejam suas crenças nas 23 comunidades distritais, cada uma cultiva sua tradição religiosa, dispoendo de salões paróquias e infra-estruturas adequadas para os festejos, Exemplificando as danças e folguedos.
11. Danças de São Gonçalo e cantorias

Fonte: O autor (2005)

ANEXO B



a) Centro de atendimento ao turista



b) Creche São Francisco



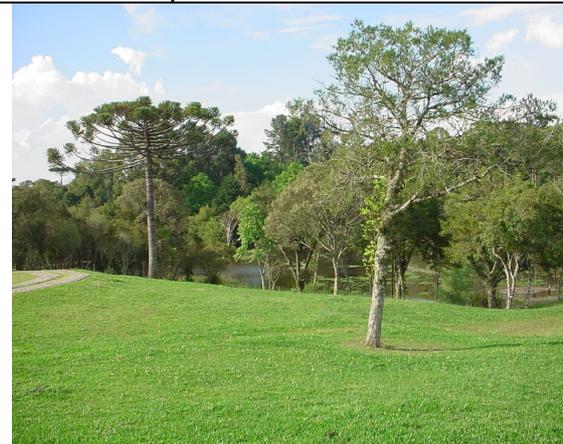
c) Vista do lago próximo ao museu



d) Vista frontal do museu



e) Visita de crianças à Ermida



f) Panorâmica da área de recreação

Continua...



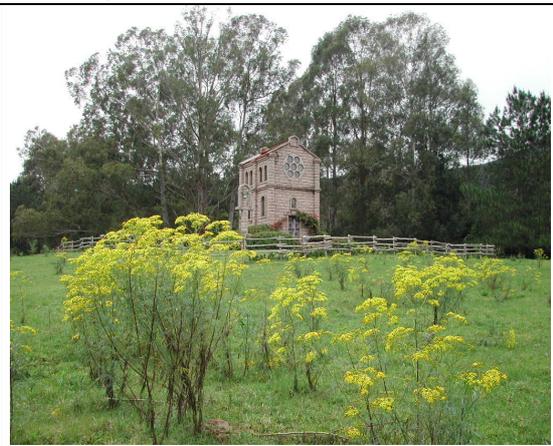
g) Museu ainda em construção



h) Panorâmica da infra-estrutura local



i) Pista de acesso à Praça do Museu



j) Capela de São Francisco



k) Cultura de *Apis mellifera*



l) Panorâmica da Serra do Cabral

Continua...



m) Panorâmica das trilhas internas



n) Habitação típica da região



o) Detalhes da construção do museu



p) Obeliscos nas trilhas



q) Cultivo de plantas nativas



r) Práticas silviculturais

Continua...



s) Bosque de plantio de araucária



t) detalhe da vista frontal do museu



u) Animais em tratamento no CETAS



v) Animais vida livre



x) Panorâmica de Tijucas do Sul



y) Comunidade dos Ambrósios